

LEANDRO JOSÉ CLEMENTE GONÇALVES

**A Revolução em Assuntos Militares no Contexto da Guerra de
Secessão Americana (1861-1865).**

FRANCA
2015

LEANDRO JOSÉ CLEMENTE GONÇALVES

**A Revolução em Assuntos Militares no Contexto da Guerra de
Secessão Americana (1861-1865).**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Franca, como pré-requisito para a obtenção do Título de Doutor em História. Área de Concentração: História e Cultura Política.
Orientador: Héctor Luis Saint-Pierre

FRANCA
2015

Gonçalves, Leandro José Clemente.

A revolução em assuntos militares no contexto da Guerra de Secessão Americana (1861-1865) / Leandro José Clemente Gonçalves. – Franca : [s.n.], 2015
203 f.

Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.
Orientador: Héctor Luis Saint-Pierre.

1. Estados Unidos -- Historia -- Guerra Civil -- 1861-1865.
2. Tecnologia militar. 3. Industria belica. I. Título.

CDD – 973.7

LEANDRO JOSÉ CLEMENTE GONÇALVES

A Revolução em Assuntos Militares no Contexto da Guerra de Secessão Americana (1861-1865).

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Franca, como pré-requisito para a obtenção do Título de Doutor em História.

Área de Concentração: História e Cultura Política.

Orientador: Héctor Luis Saint-Pierre

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____

Dr. Héctor Luis Saint-Pierre.

1oExaminador: _____

2oExaminador: _____

3oExaminador: _____

4oExaminador: _____

Franca, ____ de _____ de 2015

*À minha amada esposa, Karina,
e aos nossos meninos, Murilo e Heitor.*

Agradecimentos

Em primeiro lugar, minha amada família votuporanguense, meu pai, Edgard (*in memoriam*), minha mãe, Benedita, meus irmãos, Carlos Cesar (*in memoriam*), Marco Aurélio e Daniela, cujo apoio, moral e material, amor e incentivo foram indispensáveis para chegar a este ponto de minha vida carregando tamanhas felicidades. Em Franca, constitui uma nova família com minha esposa, Karina, e nossos amados filhos, Murilo e Heitor, cujo apoio, amor e estímulos foram tão grandes, que arrisco dizer que sem eles não teria o devido senso de responsabilidade para chegar até aqui. Nesta nova família, quero, ainda, agradecer meus sogros, Afonso e Marlene, não somente pelo apoio material, muitas vezes financeiro, mas porque, paciente e amorosamente, cuidaram de meus filhos, como se fossem os seus, quando os estudos me exigiam sacrifícios em nosso convívio e impediam de dar-lhes a devida atenção. Todos os meus cunhados, cunhadas e sobrinhos também são responsáveis por minhas conquistas.

Em segundo lugar, quero agradecer ao professor Dr. Héctor Luis Saint-Pierre não somente por ter sido meu orientador no mestrado e doutorado, com paciência, amizade incondicional e grande interesse, mas também por sua presença na minha vida, desde minha graduação, que foi decisiva para que eu desenvolvesse meu grande amor pelo estudo da História Militar e pela profissão de professor e pesquisador. Héctor foi, é e será um exemplo e um “norte” a seguir!

No Gedes-Unesp e na Abed (Associação Brasileira de Estudos de Defesa) grandes amigos e mestres foram indispensáveis para a correção de rumos, não somente trabalho, mas na vida. Entre eles, os professores (as) Suzeley Kalil Mathias, Eduardo Mei, Samuel Soares, Alexandre Fuccille, Braz Batista Vas, José Miguel Arias Neto, Paulo Loyola Khulmann, Fernando Velôzo Gomes Pedrosa, entre muitos outros. Fica, por fim, mas não menos importante, meu agradecimento aos muitos colegas de profissão que, com contagiante confiança, sempre me animaram a seguir adiante nos momentos mais difíceis e desanimadores, entre estes, Alvaro Maia, Revair Camargo, Luiz Henrique Mascioli, José Luiz Ferreira, Luiz Fernando Almeida, Giovani Silva, Priscilla Cordeiro Leal, Eduardo Santos, Leonardo Faggioni, Antonio Luiz Moge, Alexandre Cauchcik, Margot Lemos Luz, Priscila Castro Pizzo, Danilo Costa, Robson Bastos, Pedro Fonseca e Andrea Urban. Todos foram fantásticos!

“[...] haverá sempre uma falha no sistema se o instrumento for de qualidade superior ao artista que o emprega.”
B. H. Liddell Hart.

GONÇALVES, Leandro José Clemente. **A Revolução em Assuntos Militares no Contexto da Guerra de Secessão Americana (1861-1865)**. 2015. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2015.

RESUMO

Os estudos desenvolvidos pelos defensores da Revolução do Armamento Raiado, da Revolução Militar e da Revolução em assuntos Militares, surgidos em diferentes momentos do século XX, conceberam a idéia de que a tecnologia seria um fator chave na transformação acelerada da guerra. Acreditamos, todavia, que embora a guerra se transforme ela não o faz de maneira acelerada, mas sim lenta e gradual, num processo evolutivo, e que esta transformação independe da tecnologia. A Guerra Civil Americana, aqui abordada como estudo de caso, pode nos revelar, por meio das fontes primárias, que muitos dos adeptos daquelas três idéias de revolução se equivocaram em sua apressada apreciação deste conflito, pois os homens e mulheres que lutaram na Guerra Civil o fizeram de maneira que nos lembra muito mais as táticas dos séculos XVII e XVIII do que uma possível nova forma de guerra, a “guerra moderna” da era industrial.

Palavras-chaves: Revolução; Guerra Civil; Tecnologia; Transformação.

Gonçalves, Leandro José Clemente. **The Revolution in Military Affairs in the American Civil War context (1861-1865)**. 2015. Thesis (Doctorate in History) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2015.

ABSTRACT

Studies made by the defenders of the Arms Raiado Revolution, Military Revolution and the Revolution in Military Affairs, arising at different times of the twentieth century, conceived the idea that technology would be a key factor in the rapid transformation of the war. We believe, however, that although the war becomes she does not accelerated way, but slowly and gradually, in an evolutionary process, and that this transformation is independent of technology. The American Civil War, addressed here as a case study, can reveal, through primary sources, many of the supporters of those three revolution of ideas were wrong in their hasty assessment of this conflict, for men and women who fought in the Civil War did so much that reminds us the tactics of seventeenth and eighteenth centuries than a possible new form of warfare, the "modern warfare" of the industrial age.

Keywords: Revolution; Civil War; Technology; Transformation.

GONÇALVES, Leandro José Clemente. **La revolución en los asuntos militares en el contexto de la Guerra Civil Americana (1861-1865)**. 2015. Tesis (Doctorado en Historia) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2015.

RESUMEN

Los estudios realizados por los defensores de la Revolución Raiado armas, Revolución Militar y la Revolución en los Asuntos Militares, que surgen en diferentes momentos del siglo XX, concibió la idea de que la tecnología podría ser un factor clave en la rápida transformación de la guerra. Creemos, sin embargo, que aunque la guerra se convierte en ella no se aceleró manera, pero lentamente y poco a poco, en un proceso evolutivo, y que esta transformación es independiente de la tecnología. La Guerra Civil Americana, se dirigió aquí como un estudio de caso, puede revelar, a través de fuentes primarias, muchos de los partidarios de los tres revolución de ideas se equivocaron en su evaluación apresurada de este conflicto, para los hombres y mujeres que lucharon en la Guerra Civil tanto hizo que nos recuerda las tácticas de los siglos XVII y XVIII que una posible nueva forma de guerra, la "guerra moderna" de la era industrial.

Palabras clave: Revolución; Guerra Civil; Tecnología; Transformación.

SUMÁRIO

Introdução	11
Capítulo 1 - DA REVOLUÇÃO DO ARMAMENTO RAIADA À REVOLUÇÃO EM ASSUNTOS MILITARES	
1.1 – Revolução do Armamento Raiado	18
1.2 – Revolução Militar	19
1.2.1 – O Exército Permanente e o Estado Moderno	21
1.2.2 – A Revolução Francesa e a Revolução Industrial	22
1.2.3 – As Guerras Mundiais (1914-1945)	24
1.2.4 – A Era Nuclear	24
1.3 – Revolução em Assuntos Militares	25
Capítulo 2 – ORIGENS DO PROFISSIONALISMO MILITAR AMERICANO	
2.1 – Origens da Guerra de 1812-1814	34
2.1.1 Desempenho das Forças Estadunidenses na Guerra de 1812	36
2.2 – Uma Era de Reformas (1815-1860): a caminho da profissionalização	39
2.3 - West Point e a Educação Militar	45
2.4 - As Reforma Calhoun e o “Sistema de Hábito de Pensamento” de Thayer	47
2.5 – Habilidade Tática do Exército	54
2.6 – A Guerra Mexicano-Americana (1846-1848)	60
2.6.1 – Taylor no Norte do México (1846-1847)	61
2.6.2 – Operações de Winfield Scott no Sul do México	65
2.7 – As Reformas da Era Davis	69
2.7.1 – Breve Resumo da Guerra da Crimeia (1853-1856)	71
2.7.2 – A Comissão Delafield de Observação Militar para a Europa	73
Capítulo 3 - A GUERRA CIVIL DE 1861 A 1863.	
3.1 – Manassas	80
3.2 – A Campanha da Península	90
3.3 – Segunda Manassas	105
3.4 – Antietam	110
3.5 – Fredericksburg	116
3.6 – Chancellorsville	121
3.7 – Gettysburg	128
Capítulo 4 - A GUERRA CIVIL DE 1864 A 1865.	
4.1 – Introdução	142
4.2 – Plano de Campanha e Efetivos	140
4.3 – A Campanha da Primavera de 1864: guerra de trincheiras	148
4.4 – A Campanha de Atlanta	165
4.4.1 – Começa a Campanha	170
4.4.2 – Destruição de Atlanta	174
4.5 – A Marcha para o Mar	175
4.6 – Petersburg	177
Considerações Finais.	186
Bibliografia.	196

Introdução

Uma questão central na História da Guerra é compreender e explicar como se processam as transformações do mais dramático dos acontecimentos que configuram a História da Humanidade desde suas origens. Essa questão ocupou nossa reflexão historiográfica e tentamos iluminá-la num caso histórico analisado nos seus mínimos detalhes recorrendo a fontes primárias. Nesta tese recolhemos frontalmente essa preocupação como a questão central e linha mestre da nossa reflexão. O que nos perguntamos como motivo da nossa pesquisa foi: A Guerra sofre um processo de transformação revolucionária ou gradual e acumulativo? Seria a tecnologia capaz de desencadear uma transformação revolucionária na guerra?

Para os defensores das teses da “Revolução do Armamento Raiado”, da “Revolução Militar” e da “Revolução em Assuntos Militares (RAM)”, conceitos surgidos em diferentes momentos ao longo do século XX, a mudança se dá sempre de maneira acelerada, abrupta, revolucionária e a tecnologia é o fator determinante na transformação. O cerne da nossa tese neste trabalho, todavia, é mostrar a inconsistência dessas teses baseadas em informações supérfluas ou diretamente errôneas para defender que a transformação da guerra é lenta, gradual e cumulativa, que existem tantas continuidades na guerra quanto mudanças e que a tecnologia, embora um elemento importante de transformação, não é um condicionante, decisivo ou determinante para que a mudança ocorra. A guerra não se transforma aos saltos e mesmo com a mudança, as permanências se manifestam em todos os conflitos, do contrário o estudo da história da guerra seria inútil, ou, como já disse o general estadunidense (fuzileiro naval) James Mattis, “uma compreensão real da história significa que estamos diante de nada de novo sob o sol.”¹ Em outras palavras, as mudanças se dão na guerra, mas os elementos essenciais da guerra permanecem, percebemos que há mudanças na guerra porque reconhecemos o fenômeno essencialmente imutável da guerra como o cabide dessas mudanças.

¹ Disponível em: <http://www.businessinsider.com/viral-james-mattis-email-reading-marines-2013-5>

O estudo da História Militar² vem ganhando espaço, ainda que lentamente, no meio acadêmico brasileiro. Identificamos esta expansão dos estudos de História Militar e da Guerra em geral como uma tendência com origem na Europa, e que data dos anos 1950. Nesta ocasião, as pesquisas históricas acerca da Revolução Militar contribuíram para abrir as portas do *mainstream* da historiografia à uma renovada História Militar. Os novos estudos da História Militar passaram a lidar com temas como o impacto da economia e da sociedade sobre a guerra e vice-versa. No Brasil, seu crescimento se deve a uma lenta e gradual superação de antigos ranços que eram considerados insuperáveis ao final da Ditadura Militar, em 1985. Novas gerações de historiadores brasileiros vêm se interessando por temas relacionados à História Militar e constituindo escola nos congressos da Associação Nacional de Pós-Graduação em História (ANPH) e um forte componente da Associação Brasileira de Estudos de Defesa com ativo grupo de apresentadores.

Os pesquisadores que se dedicaram ao estudo da Revolução Militar “nunca perderam de vista a necessidade de manter a discussão de questões militares proximamente atadas ao impacto que elas tinham sobre a sociedade como um todo. Este é o porque da Revolução Militar (...) ser tão importante historiográfica quanto historicamente.”³

Dos anos 1980 para cá houve um novo salto nos estudos de História Militar com o desenvolvimento do conceito de “Revolução em Assuntos Militares”, cujo foco principal é a compreensão das possíveis transformações desencadeadas no ambiente militar pela introdução de novas tecnologias. Com a rápida e estonteante vitória pelas forças da aliança de países liderada pelos estadunidenses na Guerra do Golfo, em 1991, esta impressão de que a vantagem tecnológica era suficiente para superar adversários que se dispunham a lutar de maneira convencional contra os Estados Unidos firmou-se de maneira consistente no imaginário dos defensores da RAM. Mas eles parecem ter se esquecido que a vantagem tecnológica é criada pelo intelecto humano, e este, portanto, também tem meios para anulá-la e que países que vencem guerras não o fazem nem fizeram porque eram superiores em tecnologia, mas sim pelo correto aproveitamento dos recursos (abundantes ou poucos, pouco importa) de que dispunham e conseguiram impedir que seu adversário fizesse o mesmo com os seus. Mas, fato é que os estudos acerca da RAM têm levado a um novo e revigorado interesse pela forma como a guerra se transforma e, neste sentido, pela História Militar em geral.

²Colocamos em maiúsculas porque já constitui uma disciplina historiográfica.

³MORILLO, Stephen. PAVKOVIC, Michael. **What is Military History?** Cambridge: Polity Press, 2006, p. 81.

Além destes fatores, outro elemento tem contribuído muito para o crescimento do número de interessados e de pesquisas realizadas no campo da História Militar. Jacques Le Goff já havia chamado atenção para este fenômeno nos anos 1980, quando a intelectualidade ligada à “História Nova”, desde os anos 1970, passou a compreender que há uma “história nova do fenômeno militar”, que pode e deve abarcar estudos de gênero, étnicos, econômicos, geográficos, tecnológicos, entre muitos outros.

Com o presente trabalho pretendemos contribuir com os novos estudos de História Militar, em especial tentando iluminar a compreensão do conceito de “Revolução em Assuntos Militares” por meio da constatação da sua ocorrência ou não no conflito que sangrou os Estados Unidos, a Guerra da Secessão Americana (1861-65).

Objetivos da Tese

Durante o desenvolvimento da nossa tese tentamos atingir os seguintes objetivos como forma de encadear os argumentos que constituiriam a pedra de toque da nossa tese, isto é, de que não á revolução no processo de transformação da guerra, mas uma evolução paulatina, gradual, acumulativa, seletiva que gera as novas formas que levam à vitória militar:

1. Analisar o impacto das novas tecnologias industriais do século XIX (telégrafos, energia a vapor, balonismo, armamento raiado, armamento de repetição) sobre os métodos de combate (a tática) empregados naquela guerra. Tal objetivo é um propósito inicial e preparatório para trilhar o caminho que, ora esperamos mostrar, nos conduziu ao objetivo principal, esboçado no item 2.
2. Mostrar como foram utilizados os conceitos de “Revolução Militar” e “Revolução em Assuntos Militares” para tratar daquele conflito e provar que a tecnologia, por si só, não é capaz de desencadear uma transformação, como defendem ardorosa e equivocadamente alguns dos apologistas anglo-saxões daqueles três conceitos de transformação revolucionária. Especialmente aqueles que se utilizam do conceito de RAM e que possuem fortes vinculações com a indústria bélica ou com os órgãos de defesa dos Estados Unidos, principalmente autores com fortes vinculações com o Departamento de Defesa dentro do Pentágono. Pretendemos, antes, mostrar que uma transformação na guerra é um fenômeno muito mais gradual, mais próximo de um processo evolutivo do que propriamente revolucionário, e de

amplo escopo, dependente inclusive de questões políticas, econômicas e, em especial, culturais, não somente tecnológicas.

Análise da Bibliografia sobre o Tema.

Como nosso interesse primordial se foca sobre a questão da “Revolução em Assuntos Militares” no século XIX, nossa bibliografia visará o estudo e compreensão da guerra que recentemente passou a ser vista por historiadores militares (principalmente aqueles que se especializaram no estudo dela e que se utilizaram dos conceitos e idéias criadas pelos autores do conceito de RAM) como exemplo de RAM: a Guerra da Secessão Americana ou Guerra Civil Americana, de 1861-1865.

Tal bibliografia é constituída tanto por fontes primárias (correspondências pessoais, diários e reminiscências de participantes dos conflitos, desde simples soldados até oficiais comandantes, relatórios e correspondências oficiais de combate, como a coleção *Official Records of the War of the Rebellion* quanto por estudos específicos, realizados ao longo dos séculos XX e XXI por historiadores e cientistas sociais que se dedicaram a compreender este conflito em todas as suas facetas.

Além desta bibliografia, trabalhamos também os textos que focam sobre a questão mais teórica das “Revoluções Militares” e as “Revoluções em Assuntos Militares”. O propósito da análise de tais fontes foi buscar a compreensão das principais características definidoras daqueles conceitos sobre a transformação na guerra e discutir com maior discernimento a validade da aplicação dos mesmos sobre o conflito aqui estudado. O material sobre “Revolução Militar” foi o resultado do trabalho, principalmente, de historiadores profissionais, enquanto a bibliografia sobre RAM foi produzida por analistas ligados ao Departamento de Defesa dos Estados Unidos, concentrados no Pentágono, nos anos 1990, e que não tinham formação específica como historiadores.

Material e Métodos.

Por se tratar de um estudo de História Militar, nesta tese nos dedicamos a analisar, em primeiro lugar, uma vasta bibliografia memorialística (encontrada em diários, reminiscências, correspondência pessoal e oficial, relatórios de ação e jornalismo de guerra) e

outra de fundo histórico-interpretativo, acerca da história do conflito abordado. Com a análise das memórias pretendemos mostrar até onde os participantes daquele gigantesco conflito realmente se adaptaram, ou não, às novas tecnologias industriais do século XIX que foram empregadas em combate ou na retaguarda dos exércitos, tais como a ferrovia, o transporte fluvial/naval a vapor, o telégrafo, o armamento raiado (de artilharia ou infantaria), as minas terrestres. Com os estudos histórico-interpretativos que discutimos, mostramos como os historiadores (civis e militares) especializados naquela guerra a interpretaram no século XX e no início do XXI. Neste ponto da pesquisa, nossa preocupação esteve fundamentalmente orientada para a confrontação entre a percepção que os participantes (civis e militares) tiveram sobre o impacto da tecnologia naquele conflito e a interpretação que os historiadores recentes e estudiosos da RAM fizeram sobre o mesmo fenômeno, buscando as coerências e denunciando os anacronismos.

Mais além, nos detivemos sobre a bibliografia teórica acerca dos conceitos de “Revolução Militar” e “Revolução em Assuntos Militares”. Nosso propósito foi confrontar tal arcabouço teórico com as experiências concretas da guerra e, assim, constatar se houve precipitação por parte dos apologistas da RAM em afirmar sua ocorrência nas guerras do século XIX só porque estavam ambientadas no contexto histórico da Revolução Industrial.

Organização do texto.

Distribuímos o texto de forma a apresentar os conceitos de “Revolução do Armamento Raiado” (criado por historiadores britânicos, com formação militar, veteranos da Primeira Guerra Mundial, como J. F. C. Fuller, Alfred H. Burne e Basil Liddell Hart, que conceberam a Guerra Civil Americana como o primeiro conflito industrial moderno, por conta da presença da então inovadora tecnologia do armamento com um raiado), “Revolução Militar” e “Revolução em Assuntos Militares” no capítulo inicial, como uma forma de colocar o leitor em contato com o debate conceitual que cerca o ápice da nossa tese.

No segundo capítulo, historiamos as origens do exército dos Estados Unidos no final do século XVIII, a formação do corpo de oficiais profissionais na academia militar de West Point (inclusive com a apresentação de um debate de ideias entre cientistas políticos e sociais e historiadores a respeito do desenrolar deste processo ao longo do século XIX), as experiências deste mesmo exército nas Guerras de 1812-1814 e contra o México, em 1846-

1848. Aqui também apresentamos as razões que consideramos ser as que teriam levado o exército a manter um tão pequeno efetivo (tanto de oficiais quanto de tropa) antes da Guerra Civil, e a experiência dos oficiais estadunidenses na missão de observação da Guerra da Crimeia (1853-1856), na Europa.

Nos terceiro e quarto capítulos, apresentamos dez grandes batalhas/campanhas da Guerra Civil Americana, que representaram, por diferentes motivos, momentos decisivos para os dois lados envolvidos. Dividimos o conflito em duas etapas distintas. Na primeira, representada no capítulo 3, estudamos a guerra entre 1861 e 1863, passando pela batalha de Manassas/Bull Run (1861), a campanha da Península de Yorktown (1862), e as batalhas de Segunda Manassas, Antietam (ou Sharpsburg) e Fredericksburg, todas em 1862, e Chancellorsville e Gettysburg, ambas em 1863. No capítulo 4, pesquisamos a guerra entre 1864 e 1865, analisando as Campanhas Overland, de Petersburg, de Atlanta e da Marcha de Sherman para o Mar, sendo que a Campanha de Atlanta se deu no teatro de operações do oeste (entre os Apalaches e o rio Mississippi) e a Marcha para o Mar começou no oeste e terminou no leste, provocando o desastre logístico que devastaria a economia sulista e levaria à derrota final da Confederação.

Com todo esse exercício, esperamos ter mostrado que, muito embora as novidades tecnológicas estivessem presentes na Guerra de Secessão, elas não foram acompanhadas de uma doutrina de emprego adequada, nem do treinamento dos operadores como para conseguir delas o máximo proveito, nem sequer modificaram ordens táticas apropriadas e, particularmente, não houve uma estratégia coerente que incorporasse clara e decididamente esses avanços tecnológicos na prossecução da vitória militar na guerra. Pelo qual, cremos que ficou provado que a mera presença de avanços tecnológicos, por si só, não provoca o que aqueles teóricos supõem ser uma revolução, o que permite defender a tese de que as transformações da guerra se processam pela incidência de uma série de fatores, tecnológicos, geográficos, políticos, sociais, culturais num processo gradual, de velocidade variável cumulativo muito mais próximo da evolução que da revolução.

CAPÍTULO 1

**DA REVOLUÇÃO DO ARMAMENTO RAIADO À REVOLUÇÃO EM
ASSUNTOS MILITARES**

1.1 Revolução do Armamento Raiado

Chamaremos aqui de “Revolução do Armamento Raiado” o argumento dos historiadores "modernistas" britânicos, quase todos ex militares com experiência de combate na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), com origem nos anos 1920, que defendem a tese de que a introdução dos mosquetes raiados e da artilharia raiada (possibilitando maior alcance, precisão e força de impacto que as armas de fogo anteriores) teriam revolucionado a arte da guerra. Esta revolução, segundo os mesmos, teria obrigado à infantaria a lutar em ordem dispersa no ataque ou por trás de trincheiras na defesa. Também teria aposentado o emprego da baioneta e levando a cavalaria a se retirar dos campos de batalha, inútil para enfrentar o novo fogo da infantaria. Estes analistas foram chamados "modernistas" por conta de sua fé na ideia de que aquele tipo de armamento teria dado origem ao conflito moderno, expelindo dos campos de batalha velhas táticas dos séculos precedentes para abrir caminho às táticas da guerra de trincheiras, como explica Fuller:

Na época de Napoleão, o mosquete de pederneira tinha um alcance eficaz de, no máximo, cem metros, e como era ultrapassado pelo fogo da metralha, o canhão era melhor arma. Em 1861, porém, o mosquete fora substituído pelo fuzil *Minié* com um alcance eficaz de quinhentos metros e, como tinha alcance maior do que o fogo de metralha, a tática sofreu profunda modificação. O canhão teve que recuar para trás da infantaria e transformou-se de arma de assalto em arma de apoio e o fogo de infantaria começava a quinhentos metros em lugar de cem. Os resultados de tais fogos a grande distância foram que o assalto à baioneta desapareceu, o fogo individual bem conduzido era mais eficaz do que as rajadas e, para ser completamente eficaz, exigia iniciativa individual e manobras em ordem dispersa. Duas das características marcantes da guerra foram: a inutilidade do assalto frontal e a necessidade de entrincheiramento de campanha, ambas como consequências da bala de fuzil. [...] Outras modificações foram o desaparecimento da carga de cavalaria, o papel cada vez mais preponderante do canhão raiado e o completo destronamento da baioneta.⁴

Assim como Fuller, Basil Liddell Hart lutou na Primeira Guerra e também se tornou um estudioso e teórico da arte guerra. Buscando compreender as origens da guerra de trincheiras, ele igualmente concluiu que o potencial do armamento raiado de infantaria, associado à bala cilíndrica desenhada pelo capitão francês Claude Etienne Minié, para abater alvos a distâncias maiores do que os velhos mosquetes de alma-lisa, provocou uma dramática revolução na condução da guerra. Comparando os dois tipos de armas, diz ele que

O formato da bala [Minié] [...] produziu um grande aumento de precisão e alcance efetivo. A uma distância de 400 jardas ela registrou mais de 50 por cento em acertos de tiros disparados em um alvo, comparados aos menos de 5 por cento do mosquete de percussão, que havia sido adotado apenas dez anos antes. Mesmo a distâncias acima de 800 jardas, atiradores obtinham cerca de 40 por cento em acertos. O rifle

⁴ FULLER, John F. Charles. **A Conduta da Guerra**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2002, pp. 103-105.

Minié foi usado pela primeira vez durante a campanha de 1852 na África do Sul contra os kaffirs e descobriu-se que era eficiente em dispersar pequenos corpos de kaffirs a distâncias acima de 1300 jardas. [...] o rifle Enfield foi usado na Guerra da Crimeia juntamente com o Minié, e então o substituiu, tornando-se o avanço final em armas de fogo de antecarga. [...] Um significativo efeito secundário do desenvolvimento das armas de fogo de infantaria foi a crescente limitação da ação de cavalaria. Na Guerra da Crimeia a cavalaria ainda foi capaz de conduzir seu papel tradicional, embora a um custo pesado. Na Guerra Civil Americana ela logo seria reduzida a combater desmontada em batalha [...].⁵

Gerações posteriores de historiadores aceitaram passivamente as visões dos "modernistas", como Fuller e Hart, sem se deter para analisar mais exaustivamente as fontes primárias produzidas pelos próprios atores históricos, aqueles que "estavam lá", que viram e participaram das ações que estes pesquisadores usam como exemplos, como as extensamente referidas guerras da Crimeia e da Secessão Americana. Steven T. Ross, por exemplo, que em lugar de ir às fontes, baseou-se naqueles dois autores britânicos para dizer, sobre a Guerra de Secessão, que

Dado que os dois exércitos [em luta] carregavam armas que podiam matar ou ferir a mil jardas, ataques por linhas sucessivas de infantaria em ordem unida eram sempre custosos e usualmente fracassavam. Gradualmente, oficiais e soldados começaram a divisar novas técnicas táticas tanto para o ataque quanto para a defesa. Atacantes começaram a usar formações de assalto mais abertas e flexíveis. Os defensores recorreram às fortificações de campo.⁶

O historiador Russell F. Weigley adentrou pela mesma linha analítica destes quando escreveu, também sobre a Guerra de Secessão, que: "O mosquete raiado aumentou o alcance efetivo de arma do infante de não pouco mais de 50 metros para 250, e o alcance máximo de 250 para quase 800 metros."⁷ E, um último exemplo da mesma galeria, mais recentemente, Anthony Saunders disse que

A guerra de trincheira se afirmou durante a Guerra Civil Americana, não apenas nos cercos [...] mas como um desenvolvimento da guerra aberta. Mais significativo para as guerras futuras em outros lugares, a forma e a estrutura das fortificações de campo na América eram mais avançadas do que aquelas construídas na Crimeia, refletindo não apenas o impacto que as armas raiadas portáteis e a artilharia raiada causaram sobre a guerra, mas também uma diferente filosofia a respeito do entrenchamento comprado à Europa.⁸

Todos estes pesquisadores assumiram de maneira acrítica as concepções dos ex soldados e historiadores britânicos que, na compreensível ânsia por entender as origens da guerra de trincheiras de 1914-1918, que atribuíram à necessidade da infantaria de se proteger

⁵ HART, Basil H. Liddell. *Armed Forces and the Art of War: Armies*. In: BURY, J. P. T. **The New Cambridge Modern History**. Vol. X. London. Cambridge University Press, 1964, pp. 304-305.

⁶ ROSS, Steven T. **From Flintlock to Rifle: infantry tactics, 1740-1866**. London: Frank Cass, 2006, p. 182.

⁷ WEIGLEY, Russell F. *Estratégia Americana: dos primórdios à Primeira Guerra Mundial*. In: PARET, Peter. **Construtores da Estratégia Moderna**. Tomo 1. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001, p. 557.

⁸ SAUNDERS, Anthony. **Trench Warfare, 1850-1950**. Barnsley: Pen & Sword Military. 2010, p. 49.

do fogo de metralhadoras automáticas e canhões de tiro rápido (como o 75mm francês) cavando para preservar o terreno tomado ao inimigo, retrocederam até o período de 1861-1865 e viram na Guerra Civil Americana a gênese de uma "guerra moderna" como a que testemunharam. Para eles, a experiência tecnológica americana era a precursora da guerra na Europa, pois aí estavam já as armas raiadas e o seu subproduto, as trincheiras. Nessa guerra também tinham sido empregados os balões de observação, as minas terrestres, o submarino, o navio blindado, as ferrovias, o telégrafo, e outras inovações. Fuller, Hart e outros "modernistas" se equivocaram em suas observações. Na verdade, eles tomaram em conta como pedra empírica para as suas conclusões aquelas grandes distâncias que realmente eram alcançadas pelas armas raiadas nos seus testes industriais, experimentos realizados sob condições ideais (sem chuva nem vento, com campos de visão claros, sem a excitação da batalha ou seu ensurdecedor barulho, sem fumaça ou nevoeiro, e, essencialmente, sem um inimigo respondendo ao fogo), desprezando os dados dos alcances verdadeiramente obtidos pelos soldados em batalha, onde tudo o que lhes podia atrapalhar o disparo estava cruelmente presente à sua volta.

1.2 Revolução Militar

O final da 2ª Guerra Mundial trouxe consigo uma nova e dramática realidade: a mútua destruição assegurada dos beligerantes e a possibilidade do extermínio atômico de todas as espécies sobre a Terra. A novidade nuclear engendrou em si, entretanto, novas reflexões sobre o futuro da guerra e a respeito daquilo que ela havia sido até então. Muitos "pensadores da guerra" (historiadores, filósofos, sociólogos, cientistas políticos, militares e políticos, entre outros) começaram a discursar sobre uma radical mudança na guerra, não somente de uma paz frágil para evitar a hecatombe nuclear, mas, fundamentalmente, de uma transformação na condução e realização das guerras do futuro. Surgia, então, uma nova categoria de análise, um novo conceito, para explicar o fenômeno "guerra" —não somente o que ela passara a ser, mas especialmente, as transformações pelas quais havia passado desde o início do emprego de outra tecnologia com potencial supostamente transformador no século XIV na Europa: a pólvora. Dessa forma, em 1953, nascia o conceito de Revolução Militar.

As primeiras pesquisas sobre Revolução Militar partiram de historiadores britânicos interessados nas origens e desenvolvimento do Estado moderno e do absolutismo na Europa entre os séculos XVI e XVII. O grande pioneiro deste estudo foi o professor Michael Roberts que, em 1956, apresentou este conceito no artigo "The Military Revolution,

1560-1660". O argumento apresentado na ocasião era o de que, no período tratado por ele, quatro elementos teriam desencadeado uma Revolução Militar que levaria ao fortalecimento do Estado moderno. O primeiro destes elementos era uma revolução tática, com a substituição dos enormes quadrados de soldados, conhecidos por sua designação espanhola de *tercios*, armados de lanças longas (os piques), por formações em linha de mosqueteiros (soldados armados com pesados fuzis, ou mosquetes, carregados pela boca e cuja pólvora era acionada por um pavio, ou mecha, que era segurado por uma presilha, conhecida como "cão", ligada a um gatilho), dotados de armamento individual padronizado e custeado pelo Estado. Somado a isso, o segundo elemento foi a "popularização" da cavalaria graças ao fim do uso de pesadas e caras armaduras e ao fato do Estado passar a pagar pelas montarias, assim como pela sua preservação e equipamentos necessários aos soldados. O terceiro foi a manutenção de exércitos em tempo de paz que, devido aos elevados custos para treiná-los e sustentá-los, não era financeiramente viável desativá-los durante a paz, fato que proporcionou uma transformação na ordem estratégica, pois com os novos exércitos permanentes e profissionais seria possível a busca por objetivos mais ambiciosos, como a condução de campanhas simultâneas em um ou vários teatros de operações e a procura da decisão pela batalha. Por último, o dramático aumento do impacto da guerra sobre a sociedade, tanto em virtude dos maiores custos tributários, como pela convocação de homens produtivos para a guerra e a destruição material e humana pela violência da luta em si.⁹

Outra contribuição de grande impacto ao estudo da Revolução Militar partiu de Geoffrey Parker, importante historiador da Idade Moderna, especialista das guerras espanholas dos séculos XVI e XVII. Embora ele tenha conferido uma nova vida ao estudo da Revolução Militar nos anos 1980, Parker apenas fez retroceder o período estudado por Roberts, para o início do século XVI, e deslocou seu foco de transformações surgidas na Holanda e na Suécia para a Espanha dos Habsburgos.¹⁰

Para estes e outros pesquisadores da Revolução Militar, este fenômeno seria um período de rápida mudança na forma como a guerra é conduzida, com resultados tão significativos que mudam o curso do desenvolvimento histórico muito além da esfera militar. Embora se possa discutir quando e onde ocorreram as Revoluções Militares, ou mesmo se existiram, Morillo e Pavkovic consideram que os trabalhos dos seus defensores e detratores

⁹ ROBERTS, Michael. The Military Revolution, 1560-1660. In: ROGERS, Clifford J. **The Military Revolution Debate: readings on the Military Transformation of Early Modern Europe**. Boulder: Westview Press, 1995.

¹⁰ PARKER, Geoffrey. **La Revolución Militar: innovación militar y apogeo de Occidente, 1500-1800**. Madrid: Alianza Editorial, 2002.

tiveram, pelo menos, o grande mérito de recolocar a História Militar dentro do *mainstream* da ciência História, restaurando gradualmente seu status dentro do ambiente acadêmico.

Recentemente, dois outros autores chamaram atenção ao retrocederem mais ainda a Revolução Militar ou adiantá-la para o século XVIII. O primeiro é Clifford Rogers, para quem a datação correta da Revolução seria o século XV, durante a Guerra dos Cem Anos, onde teria acontecido a revolução que levaria a primazia da infantaria sobre a cavalaria, em particular por causa do arco longo inglês e do emprego de lanças longas entre as unidades de infantaria utilizados para deter/abater a cavalaria feudal francesa em Crécy e Agincourt.¹¹ O segundo é Jeremy Black, que assenta a Revolução não em aspectos puramente tecnológicos, mas na ênfase na disciplina por parte dos exércitos europeus. Este autor defende que somente após a superação de cisões religiosas ainda próprias da Reforma Protestante e da Contrarreforma Católica é que os governos puderam organizar e disciplinar seus exércitos. Assim, desde esta perspectiva, foi a mudança social de longa duração, transformadora, mas não revolucionária, que possibilitou o melhor uso da tecnologia e não, como pensavam outros, que tivesse sido a tecnologia quem tornasse viável a mudança social.¹² Vejamos, agora, algumas das principais Revoluções Militares abordadas por seus especialistas.

1.2.1 O exército permanente e o Estado moderno.

Como foi dito anteriormente, Michael Roberts, Geoffrey Parker, Clifford Rogers e outros pioneiros do estudo da Revolução Militar acreditam que as grandes transformações militares ocorreram inicialmente entre os séculos XVI e XVII. Para eles, as reformas militares introduzidas na Espanha, por volta de 1500, pelos nobres da casa de Nassau na República Holandesa e por Gustavo Adolfo no reino da Suécia, entre o final do século XVI e início do século XVII, teriam levado à constituição de imensos exércitos profissionais e permanentes e, com isso, ao fortalecimento do Estado moderno.

Tais exércitos, constituídos muito mais por infantaria do que por cavalaria, tendo seus gastos com armamentos, equipamentos, provisões, transportes, uniformes, alojamentos e treinamento custeados pelo Estado, assim como seu potente trem de artilharia de sítio, tornaram-se cada vez mais onerosos e difíceis de administrar. Colocavam, assim, uma enorme

¹¹ ROGERS, Clifford. The Military Revolutions of the Hundred Years War. In: ROGERS, Clifford. **The Military Revolution Debate: readings on the Military Transformations of Early Modern Europe**. Boulder, Westview, 1995. pp. 55-93.

¹² BLACK, Jeremy. A Militar Revolution? A 1660-1792 perspective. In: ROGERS, Clifford. **The Military Revolution Debate: readings on the Military Transformations of Early Modern Europe**. Boulder, Westview, 1995. pp. 95-114.

pressão sobre a burocracia civil que, por sua vez, precisava passar por um processo de dilatação de seu quadro de funcionários para melhor arcar com a administração militar e a arrecadação de tributos necessários à manutenção daquelas forças na paz ou na guerra. Por fim, é importante lembrar que o contingente destes grandes exércitos era constituído, principalmente, por mercenários, fato que acrescentava pressão sobre o Estado e aumentava a opressão deste sobre a sociedade para efetivar uma eficiente coleta de impostos. Assim, a primeira Revolução Militar teria conduzido ao nascimento do Estado moderno, na medida em que fortaleceu tanto seu aparato burocrático quanto o militar, reforçando ainda mais a centralização que desembocaria no Absolutismo.

1.2.2 A Revolução Francesa e a Revolução Industrial.

A partir da Revolução Francesa (1789-99) e da precedente Revolução Americana (1775-81), tornou-se possível aos governos dotarem-se de exércitos de massas de conscritos. Contra estes exércitos, as monarquias absolutistas eram capazes de colocar em campo apenas seus exércitos permanentes e profissionais de mercenários (geralmente estrangeiros) que, embora fossem considerados grandes pelos padrões que vigoravam nos séculos XVII e XVIII, eram demasiadamente pequenos e limitados quando comparados aos enxames de franco-atiradores da Revolução Francesa.

O Grande Exército napoleônico, assim como o próprio Napoleão, foi um subproduto da Revolução de 1789. A resposta continental a este desafio —e pode-se dizer assim porque a Inglaterra insistiu até a 1ª Guerra Mundial em sustentar um pequeno exército profissional, recusando-se a adotar o sistema de conscrição universal masculina— foi decorrência, principalmente, das campanhas napoleônicas na Espanha (1808-14), da Rússia (1812) e da Prússia (1813). Estas campanhas produziram uma transformação que Clausewitz rotulou como uma “guerra moderna” por engendrar o “armamento do povo”. Nas suas próprias palavras:

[...] os espanhóis mostraram [...] pela sua luta encarniçada, que o armamento geral da nação e as medidas insurreicionais podem produzir efeito numa grande escala [...], do mesmo modo, a Rússia ensinou-nos, através da sua campanha de 1812, em primeiro lugar, que um império de vastas dimensões não pode ser conquistado [...] e, em seguida que a probabilidade de êxito final não diminui sempre na medida em que se perdem as batalhas, as capitais e as províncias [...]. Além disso, a Prússia (1813) mostrou que os esforços súbitos podiam aumentar seis vezes mais as forças de um exército graça à milícia, e que esta milícia está igualmente apta ao serviço no exterior como no seu próprio país. Finalmente, estes acontecimentos mostraram todos o enorme fator que o coração e o sentimento de uma nação podem representar na produção das forças do Estado, na guerra e no combate, e, agora que os governos

aprenderam a conhecer todos esses meios adicionais, não se deve estar à espera de que os deixem inativos em guerras futuras [...] ¹³

Assim a grande Revolução Militar desencadeada pela Revolução Francesa seria marcada pela mobilização em massa (*levée en masse*) de enormes contingentes da população, com um substancial sentimento de fervor patriótico animando estas massas populares, fazendo com que o fenômeno da guerra não fosse mais considerado como um assunto de interesse exclusivo dos monarcas europeus mas, antes, como algo de interesse direto do povo.

A Revolução Industrial, por seu turno, tornou possível transportar, armar, vestir e alimentar eficientemente tais massas de soldados. Ao longo do século XIX, a industrialização cobriu a Europa e a América do Norte com ferrovias que aceleraram o deslocamento de exércitos cada vez maiores por distâncias ainda mais dilatadas do que aquelas cobertas nas campanhas militares dos séculos XVII e XVIII, e passaram a condicionar a estratégia, como nos mostra Martin Van Creveld

Já durante a década de 1850, os franceses se empenharam na construção de uma malha ferroviária projetada especificamente para fins militares, que lhes foi muito útil na guerra de 1859 contra a Áustria. Não fossem os trilhos e os fios, a guerra civil dos Estados Unidos teria sido inconcebível. O conflito de 1861.65 merece, de fato, a denominação de primeira guerra Ferroviária, já que a movimentação de ambos quase sempre dependia da disponibilidade de trilhos [...] ou tinha como fim destruir os trilhos do inimigo [...]. Só as ferrovias viabilizaram para os Federais a convocação de nada menos que 2 milhões de homens durante o conflito, façanha que, com uma população de apenas 27 milhões de habitantes dispersos por um país vastíssimo, não tivera paralelos até então. ¹⁴

Dotar um tal efetivo de soldados com moderno armamento pessoal, fardamento diversificado para as diferentes estações do ano e alimentos em conserva e desidratados em abundância de calorias para satisfazer as demandas logísticas exigidas por longas e prolongadas campanhas só foi possível graças às modernas e ágeis indústrias bélicas, têxteis e alimentícias e ao seu fabuloso desenvolvimento.

Por fim, mas não menos importante, a Revolução Industrial viabilizou comunicações de longo alcance, sustentadas pelo telégrafo elétrico, e a total transformação das marinhas da era da vela às modernas esquadras de encouraçados movidos pela força do vapor. ¹⁵

¹³ CLAUSEWITZ, Carl Von. **DA Guerra**. São Paulo: Martins Fontes, 1996, pp. 245-246.

¹⁴ CREVELD, Martin van. **Ascensão e Declínio do Estado**. São Paulo: Martins Fontes, 2004, pp. 359-360.

¹⁵ REID, Brian Holden. **The American Civil War and the Wars of the Industrial Revolution**. London: Cassell, 1999, pp. 16-31.

1.2.3 As Guerras Mundiais (1914-1945).

Inevitavelmente, as guerras do final do século XIX e da primeira metade do século XX incorporaram os elementos constitutivos das Revoluções Militares precedentes, porém, lançaram os fundamentos de uma nova transformação. Se nas guerras do século XIX, a ferrovia era um elemento condicionador do planejamento estratégico terrestre, a mobilidade conferida aos exércitos na forma do motor a combustão interna e na constituição de forças mecanizadas e blindadas, libertaria os planejadores das amarras ferroviárias. Simultaneamente, a guerra alcançaria, ainda, as dimensões aérea e submarina.

Ao introduzir o bombardeio aéreo-estratégico contra os centros urbanos industrializados, durante a 2ª Guerra Mundial, e o ataque submarino aos comboios de suprimentos, as guerras mundiais teriam intensificado a pressão da guerra sobre a sociedade e vice-versa —aliás, uma tendência que já se observava desde a Revolução Militar dos séculos XVI e XVII.

A guerra neste contexto foi, porém, marcada pela luta convencional entre forças simétricas —quase sempre com o mesmo equipamento, treinamento e comportamento do comando. Embora tenham ocorrido algumas experiências de guerra assimétrica¹⁶ durante e entre as duas guerras mundiais, esta modalidade só alcançaria a plena maturidade teórica e operacional durante os conflitos de baixa intensidade da era nuclear.¹⁷

1.2.4 A Era Nuclear.

Podemos distinguir, nitidamente, dois tipos de conflitos no período colocado entre 1945 e a primeira década do século XXI: o conflito convencional, interestatal —como é o caso das guerras árabes-israelenses de 1967 e 1973, da guerra Irã-Iraque, da guerra das Malvinas e dos conflitos do Golfo (1991) e do Iraque (2003)— e as guerras assimétricas de 4ª geração, que vêm ganhando ímpeto desde a Revolta Árabe contra a Turquia na 1ª Guerra Mundial, passando pela “guerra popular prolongada” maoísta e as guerras afro-asiáticas de libertação nacional até os atuais embates entre forças convencionais ocidentais e milícias islâmicas no Iraque e no Afeganistão. (15)

¹⁶ Caso da resistência dos etíopes contra a ocupação italiana, entre 1935 e 1942.

¹⁷ Casos das guerras na Indochina entre 1945 e 1975. A primeira foi a luta dos comunistas vietnamitas contra os colonialistas franceses, entre 1945 e 1954, a segunda foi a luta pela unificação do Vietnã, entre os comunistas do Vietnã do Norte e o governo capitalista do Vietnã do Sul, amplamente apoiado pelos Estados Unidos, entre 1965 e 1975.

Imaginava-se no final da década de 1940 que os artefatos bélicos nucleares inaugurariam uma era duradoura de paz entre as potências, pois, justamente, em virtude de seu avassalador poder destrutivo, as armas nucleares anulariam a lógica da imposição da paz pelo vencedor ao vencido, dado que os dois lados de uma guerra nuclear já poderiam estar mutuamente destruídos ao final do conflito. Contudo, houve uma explosão de conflitos assimétricos de baixa intensidade, particularmente nas regiões menos desenvolvidas do planeta, entre forças não convencionais e as de ordem mais convencional, como nos casos do Vietnã (1945-1975) e do Afeganistão (1979-1988).

Nesse sentido, assumimos aqui a perspectiva de Thomas X. Hammes sobre a guerra assimétrica de 4ª geração, quando este diz que

A guerra de quarta geração (G4G) usa todas as redes —política, econômica, social e militar— disponíveis, para convencer os tomadores de decisões políticas do inimigo de que seus objetivos estratégicos são inexecutáveis ou muito custosos para os benefícios perceptíveis. [...] Ainda enraizada na percepção fundamental de que uma vontade superior, quando adequadamente empregada, pode derrotar um poder militar e econômico maior, a G4G faz uso das redes sociais para conduzir sua luta. Diferente das gerações anteriores de guerras, ela não tenta vencer derrotando as forças militares inimigas. Em vez disso, via redes, ela ataca diretamente as mentes dos tomadores de decisão adversários para destruir a vontade política do inimigo. As guerras de quarta-geração são longas —medidas em décadas mais do que em anos.¹⁸

Totalmente diversa com relação ao conceito de Revoluções Militares, é a origem do conceito de Revolução em Assuntos Militares (RAM), apesar de ser um conceito recentemente apropriado por historiadores.

1.3 Revolução em Assuntos Militares.

Por volta de meados dos anos 1970 o Departamento de Defesa dos Estados Unidos e seus congêneres da OTAN preocupavam-se em compensar a vantagem numérica das forças convencionais da União Soviética e seus aliados do Pacto de Varsóvia, não somente com artefatos nucleares, mas especialmente com armamento convencional de tecnologia de ponta. Em 1976 o secretário americano de defesa, Harold Brown, acreditava ter encontrado a resposta para este problema numa “estratégia de compensação” que apostaria todas as suas fichas na tecnologia para superar a vantagem esmagadora das forças comunistas. Entre os dispositivos de alta-tecnologia então vislumbrados pelo Departamento de Defesa, estavam os aviões invisíveis aos radares (*stealth*), novos sistemas eletrônicos de comando, controle,

¹⁸ HAMMES, Thomas Xavier. **The Sling and the Stone**: on war in the 21th century. St. Paul: Motorbooks, 2006, p. 02.

comunicações, inteligência (sintetizados na sigla C3I) e munições guiadas de alta precisão (popularmente chamadas “armas inteligentes”).

Os soviéticos, que naquele então baseavam sua estratégia para uma eventual guerra europeia numa ofensiva blindada (com tanques e veículos blindados de transporte de tropas) em larga-escala, contando com suas próprias forças e as de seus aliados europeus orientais, passaram — principalmente graças aos estudos desenvolvidos pelos chefes do estado-maior geral, Nikolai Ogarkov (1977-84) e Segei Akhromeyev (1984-88)— a apreciar esta transformação tecnológica como uma “Revolução Técnico-Militar”. A doutrinação marxista-leninista do corpo de oficiais do Exército Vermelho lhes permitia uma imensa receptividade ao conceito de revolução nos meios militares. Mesmo com os expurgos stalinistas de 1937, o conceito de Revolução Militar vingou, em grande parte devido ao choque causado pela Blitzkrieg de 1941 e pela introdução, 1970 em diante, nas forças armadas americanas, de munições guiadas de precisão. Isto,

(...) sugeriu aos pensadores soviéticos que uma revolução tecnológica estava ocorrendo (...). Dada sua atenção —baseada em ideologia— aos fatores materiais, os soviéticos focaram sobre aspectos tecnológicos do que eles percebiam como uma “revolução técnico-militar” emergente.¹⁹

Em 1993, após o estrondoso sucesso daquelas novas tecnologias sobre as forças convencionais de Saddam Hussein na Guerra do Golfo (1991), o analista norte-americano de defesa Andrew Marshall cunhou o termo “Revolução em Assuntos Militares” (ou RMA, do inglês *Revolution in Military Affairs*), derivando-o do conceito de Revolução Técnico-Militar dos intelectuais militares soviéticos, para descrever as transformações desencadeadas pelas novas tecnologias de informação sobre a tática, doutrinas e estrutura das forças armadas.

Enquanto os soviéticos percebiam a transformação como um produto da inovação tecnológica, Marshall percebia que somente a tecnologia não seria suficiente para desencadear a mudança, havendo “(...) a necessidade de desenvolver novas doutrinas e procedimentos de emprego, táticas e formas de organização para que as novas armas pudessem demonstrar seu alcance real (...).

Piella Colom define a Revolução em Assuntos Militares e sua natureza ao afirmar que se trata de

(...) uma transformação na forma de operar dos exércitos, de conseqüências estratégicas, que pode produzir-se quando se integram e exploram novas tecnologias, táticas, doutrinas, procedimentos ou formas de organização (...) também se tem comentado que existe uma certa tendência em identificar estas revoluções como a consequência lógica da invenção de novas armas mais letais ou eficientes,

¹⁹ KNOX, MacGregor. MURRAY, Williamson. **The Dynamics of Military Revolution, 1300-2050**. Cambridge University Press, 2008, pp. 02-03.

contudo, a experiência histórica demonstra que os avanços tecnológicos por si dificilmente podem provocar uma mudança desta natureza ou alcance. Efetivamente, para que um desenvolvimento tecnológico possa resultar numa RAM, não somente é necessário transformar as estruturas, procedimentos e táticas militares, senão também a ideologia e práticas do coletivo castrense, que deve substituir os velhos costumes por novas técnicas, métodos e estilos de comando e controle das operações. Em outras palavras, a tecnologia é um elemento necessário, porém, insuficiente para explicar a gênese das Revoluções em Assuntos Militares.²⁰

Logo, enquanto a Revolução Militar seria uma transformação de amplo escopo nas relações entre Estado, sociedade, economia e forças armadas, a Revolução em Assuntos Militares ocorreria apenas no ambiente propriamente militar, conduzindo às novas formas de combate. Para os teóricos adeptos da ideia de RAM, esta pode ser apresentada tanto como uma consequência de uma Revolução Militar de amplo alcance quanto ser apreciada como um elemento desencadeador de uma Revolução Militar.

Em 1994, um artigo na prestigiosa publicação *Joint Force Quarterly* (JFQ) resumia a Revolução em Assuntos Militares da seguinte maneira

A transformação tecnológica pode revolucionar a guerra no próximo século. As nações que explorarem as emergentes tecnologias através de uma doutrina operacional inovadora e da adaptação organizacional podem obter ganhos significativos relativamente à eficiência militar. No passado, os Estados Unidos tiveram tempo suficiente para adaptar-se em meio a guerra às revoluções militares que se desenvolveram na paz. Entretanto, a proliferação da tecnologia pode não mais permitir o luxo de observar os desenvolvimentos desde a via lateral. O papel dos militares no desenvolvimento de conceitos para explorar as tecnologias emergentes será crucial para permanecermos à frente dos competidores. Os oficiais subalternos em particular precisam ser encorajados a pensar sobre implicações da emergente revolução em assuntos militares.²¹

Logo, os autores do artigo e a linha editorial deste importante periódico diretamente ligado ao Departamento de Defesa dos Estados Unidos, compreendiam a Revolução em Assuntos Militares como um subproduto do progresso tecnológico. Autores mais recentes, todavia, não adotam livremente a perspectiva da RAM exclusivamente condicionada pela tecnologia, notando que esta seria apenas uma entre suas diversas facetas. Compreendendo a RAM como uma "mudança de paradigma na natureza e conduta das operações militares", Richard O. Hundley percebeu diversas outras características definidoras das RAM.²² Sendo elas: 1. geralmente são produzidas por atores não dominantes no cenário mundial; 2. atribuem uma enorme vantagem militar aos atores que as exploram primeiro; 3. rendem dividendos às nações que não inventaram uma tecnologia inovadora; 4. não são condicionadas somente pela tecnologia; 5. aquelas RAM que implicam em novas tecnologias

²⁰ PIELLA, Guillem Colom. **Entre Ares y Atena: El Debate sobre La Revolución em los Assuntos Militares.** Madrid, Instituto Universitário General Gutiérrez Mellado, 2008, p. 42.

²¹

²² HUNDLEY, Richard O. **Past Revolutions, Future Transformations: What can the history of revolutions in military affairs tell us about transforming the U.S. Military?** Washington: RAND, 1999, p.

o fizeram a partir da combinação de várias tecnologias e não somente a partir de uma; 6. as RAM condicionadas pela tecnologia não o foram somente a partir de novas armas; 7. as RAM impulsionadas pela tecnologia são compostas por três elementos, sendo, a tecnologia, a doutrina e a organização; 8. demandam muito tempo para render frutos concretos; 9. sua utilidade militar é frequentemente controversa e duvidosa até o momento em que se prova em combate. Obviamente os apologistas da RAM acreditam que cada uma destas características pode ser historicamente comprovada.

A primeira característica pode ser exemplificada analisando-se o caso do tanque de guerra entre as duas guerras mundiais. Embora tenha sido empregado pioneiramente pelos ingleses durante a Grande Guerra de 1914-1918, foi em mãos alemãs, entre as décadas de 1920 e 1930, e utilizando-se de simulacros feitos em lona e "motorizados" com bicicletas, devido às restrições impostas pelo Tratado de Versalhes de 1919, que se desenvolveu uma doutrina operacional funcional que ao longo da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) seria copiada pelos aliados.

As 2ª e 3ª características levantadas por Hundley podem ser exemplificadas pelo poder nuclear, dado que o domínio norte-americano nesta área garantiu uma imensa vantagem aos Estados Unidos até, pelo menos, 1949, quando os soviéticos anunciaram também possuir esta tecnologia e, no segundo caso, pela metralhadora que, embora sendo uma invenção americana, foi utilizada primeiramente pelos europeus em sua conquista neocolonial da África.

A Guerra de 4ª Geração, também conhecida como Guerra Assimétrica, corrobora a quarta característica, pois os recursos tecnológicos empregados pelas forças de resistência (geralmente guerrilhas) contra seus poderosos adversários, são extremamente rudimentares, sendo que para a resistência o mais importante não é a vitória tática imediata mas, antes, o desgaste prolongado do inimigo. Como exemplos disso, poderíamos citar os atuais casos das guerras no Iraque e no Afeganistão.

Retornamos agora à Blitzkrieg alemã para nos referirmos à 5ª característica. O tanque não foi, sozinho, a chave do sucesso nazista no início da Segunda Guerra Mundial. Seu emprego só encontrou êxito no fato de ser combinado ao fogo rápido e a superioridade aérea fornecida pela *Luftwaffe* (força aérea), compondo, assim, uma RAM tecnológica desencadeada por um sistema combinado de armas e tecnologias de comunicação de ponta e não somente por uma tecnologia isolada.

O emprego do telégrafo visual *Chappé* pelos franceses durante as eras revolucionária e napoleônica, entre 1792 e 1815, e do telégrafo elétrico, da ferrovia e do

balonismo nas guerras da era industrial (casos das guerras da Crimeia, da Secessão Americana, do Paraguai e da Unificação Alemã), atestariam a veracidade da 6ª característica, pois seriam todas elas tecnologias de uso e origem civil.

As aeronaves combinadas com navios porta-aviões levaram à uma inovadora combinação tecnológica que, por sua vez, produziu uma nova doutrina de guerra naval, que ressaltava o combate além do alcance da visão dos artilheiros, como havia sido desde a era da navegação a vela, iniciada em finais do século XV, até a Primeira Guerra Mundial, e obrigou as esquadras possuidoras de tais tecnologias a adotarem o princípio organizacional das frotas combinadas, dotadas de diferentes tipos de belonaves e capitaneadas, geralmente, por um porta-aviões, exemplificariam a 7ª característica.

Por fim, as 8ª e 9ª características podem ser verificadas, também, no exemplo dos porta-aviões. Seu desenvolvimento até o amadurecimento e eficiente emprego (pelos ingleses contra a base naval italiana de Taranto, em 1940, e pelos japoneses contra a base americana em Pearl Harbor, em 1941), demandou cerca de três décadas e só teve sua validade comprovada depois de muita controvérsia entre políticos, estados-maiores militares, imprensa e opinião pública, particularmente nos Estados Unidos e na Inglaterra.

Aqueles teóricos estadunidenses da RAM que estavam firmemente aferrados à ideia de transformação pela tecnologia não foram capazes, ou não quiseram, perceber que a mera presença de um novo artefato militar, ou de origem civil com potencial emprego militar, em meio a uma dada força armada não a torna moderna. Na verdade, também precisa haver, juntamente, o desenvolvimento coerente de uma nova doutrina operacional e uma adequada organização para dar-lhe um emprego realmente eficiente. As forças iraquianas dos anos 1980 estavam entre as mais sofisticadas do Oriente Médio em matéria de equipamentos, todavia, sua doutrina operacional e sua organização lembravam as das forças europeias da Primeira Guerra Mundial. No final do século XIX, as forças ashantis e zulus conseguiram capturar várias peças de armamento moderno inglês em suas guerras contra a dominação neocolonial, contudo, não desenvolveram uma doutrina operacional e uma organização coerentes com aquelas armas e acabaram sendo subjugadas. O caso dos zulus é particularmente ilustrativo. Após destroçarem uma força britânica/sul-africana de cerca de 1200 homens na batalha de Isandlawana (22.01.1879) e capturarem farta quantidade de armas e munições, atacaram um pequeno destacamento inglês com cerca de 120 soldados no posto de Rorke's Drift, a 10 quilômetros de Isandlawana, com um resultado completamente diferente (351 zulus mortos frente a 15 mortos e 12 feridos britânicos que, mais importante ainda, conseguiram resistir e derrotar a força zulu de aproximadamente 4000 guerreiros).

Posto de outra forma, podemos afirmar que os britânicos, dotados de tecnologias superiores (entre as quais o fuzil Martini-Henri, uma arma de carregamento pela culatra e um tiro por vez, mais rápida que os anteriores mosquetes raiados de antecarga), foram derrotados em Isandlawana por conta de um dispositivo tático que havia espalhado 1200 soldados bem treinados por cerca de 1,6 quilômetros de linha defensiva, impossibilitando a concentração de fogo dos seus oponentes pela dispersão da tropa zulu. Já em Rorke's Drift, nos dias 22 e 23 de janeiro de 1879, a pequena guarnição britânica, embora completamente sitiada, contava com uma razoável fortificação de campo improvisada, defendia um perímetro bastante reduzido, também estava equipada com o mortífero fuzil Martini-Henri, porém utilizou suas armas da maneira prescrita nos regulamentos e doutrina de fogo ensinados no treinamento do exército britânico, ao passo que os zulus equipados com fuzis capturados aos mortos de Isandlawana disparavam suas armas isoladamente, sem disciplina ou doutrina coerentes com seu uso. Para Victor Davis Hanson, os zulus não tinham

[...] experiência como uma força de fuzileiros que miravam, atiravam e recarregavam armas de fogo modernas obedecendo a comandos e, quando atiravam individualmente, faziam-no de acordo com protocolos rígidos em relação ao alcance e à natureza do alvo.²³

Dessa forma, a tecnologia, por si, não é suficiente para mobilizar qualquer transformação, como querem os defensores das Revoluções em Assuntos Militares porque as condições de combate muitas vezes impedem a sua mais eficiente aplicação, assim como a presença de tropas insuficiente ou inadequadamente treinadas. Acreditamos, também, que o argumento da Revolução Militar é inviável pois, dependendo do autor, as transformações que esta historiografia apresenta se dão num espaço temporal tão longo que não poderiam ser tratadas como revoluções mas, antes, como processos evolutivos de longa duração. Por fim, os "modernistas" britânicos, propositores da Revolução do Armamento Raiado, vista como apenas mais uma RAM por importantes teóricos estadunidenses desta vertente, estão também equivocados, dado que as novas tecnologias de armas raiadas não foram capazes de modificar a tática e, menos ainda, a estratégia, como esperamos demonstrar nos capítulos 2 e 3. No capítulo 1 trataremos das experiências do exército dos Estados Unidos pré-Guerra Civil Americana, lutando contra os britânicos na Guerra de 1812-1814 e na Guerra Mexicano-Americana, além da formação e educação de um pequeno corpo altamente qualificado de oficiais profissionais oriundos da academia militar de West Point, que se revelaria insuficiente para adestrar eficientemente um novo exército de massas, uma realidade até então nunca

vivida pelos americanos. Assim, muito antes de ter provocado uma revolução ou de ser fruto de uma ampla revolução, a Guerra Civil Americana está inserida num contexto de uma lenta e gradual evolução que teve início com a introdução da pólvora nos exércitos do século XV. Não há rupturas revolucionárias na história da guerra, há sim uma longa história evolutiva dinamizada pelos enfrentamentos nos que prevalece o lado beligerante que melhor consiga adaptar sua estratégia, tática e empregos dos meios na arte da guerra.

CAPÍTULO 2

ORIGENS DO PROFISSIONALISMO MILITAR AMERICANO

Capítulo 2: ORIGENS DO PROFISSIONALISMO MILITAR AMERICANO

A Guerra que sangrou os Estados Unidos da América do Norte desde 1812 até 1814 e que o público leigo americano aprecia denominar “2ª Guerra de Independência”, foi um conflito cuja origem, em verdade, remonta às Guerras Napoleônicas. Tal guerra, ou melhor, a forma como ela foi encerrada, sem que o governo de Washington conseguisse alcançar seus propósitos, fez soar, entre as elites políticas norte-americanas e dentro da oficialidade do pequeno exército local, um sinal de alerta quanto à fraca capacidade militar do país.

Naquele momento consolidava-se a convicção de que muito precisava ser mudado nos meios militares. As humilhações a que o exército dos Estados Unidos fora submetido, entre estas, as sérias derrotas para as reduzidas e dispersas forças da coroa britânica (tanto tropas regulares do exército quanto milicianos) estabelecidas no Canadá e o incêndio e destruição de Washington (24 de agosto de 1814) pelas tropas inglesas desembarcadas dos navios comandados pelo almirante sir Alexander Cochrane. A percepção geral era de que o exército precisava ser remoldado. Mas ficava ainda a questão sobre o papel que atribuiriam às milícias estaduais constituídas por civis convocados às pressas numa situação de emergência. Outras questões que preocupavam à oficialidade e os políticos referiam-se ao tipo de mudanças que deveriam ser operadas, sobre o comando de quem deveriam ser aplicadas, de onde saíam os recursos econômicos necessários para essa mudança e, talvez o mais importante, se conseguiriam o apoio necessário para tanto por parte da população em geral e da vontade política do Congresso Federal em particular.

Tentaremos, mais adiante, ainda neste capítulo, responder a estes questionamentos. Neste capítulo como forma de introduzir esta inflexão na história militar norte-americana, nos ocuparemos de realizar uma breve explanação das origens da Guerra de 1812-14 e dos dilemas militares que ela provocou.

2.1 Origens da Guerra de 1812-14

Harry L. Coles lista a Guerra de 1812-14 como sendo uma das que provocou maior antipatia e, portanto, que contou com o menor apoio popular nos Estados Unidos. De

uma lista de dez conflitos, ela figura como a de número 7 — o sexto lugar ficou com a Guerra Mexicano-Americana, de 1846-48, da qual trataremos mais adiante, e o oitavo lugar com a Guerra do Vietnã na escala deste autor.²⁴

Como dito anteriormente, tratou-se de uma luta enraizada nas Guerras Napoleônicas, o que talvez diga pouco sobre suas causas, mas que possivelmente jogue luz explanatória sobre como ela foi conduzida do ponto de vista tático e, mais ainda, sobre as reformas militares que dela nasceriam.

Com o recrudescimento da guerra entre a França napoleônica e a Inglaterra no início do século XIX, a partir do decreto “Bloqueio Continental” napoleônico (1806) para impedir o comércio britânico com os países do Continente Europeu, a marinha real inglesa, como retaliação, impôs duras perdas à navegação americana, dado que os Estados Unidos, então aliados de Napoleão, sustentavam um comércio marítimo regular com os franceses. A marinha mercante norte-americana passou a sofrer com as abordagens e apreensões (de navios, cargas e marinheiros) conduzidas pelos ingleses no Atlântico Norte, que provocaram duros prejuízos econômicos aos americanos. Assim, em 1807, a administração federal norte-americana do presidente Thomas Jefferson estabeleceu, em resposta às apreensões conduzidas pelos ingleses, a lei de embargo ou *Non-Intercourse Act* (Lei de Não-Relacionamento) contra o governo de Londres²⁵. Os políticos ligados ao partido republicano, porém, achando o embargo uma resposta morna às provocações da Inglaterra, clamavam pela declaração de guerra contra essa potência. Além destes, a população americana estabelecida nos territórios do extremo oeste (na ocasião, uma região que se entendia dos montes Apalaches até o rio Mississippi) queria resolver seus problemas de disputa territorial contra as nações indígenas que, segundo acreditavam, eram incitadas à guerra e, simultaneamente, armadas pelos ingleses residentes no Canadá e, mais ainda, estes mesmos americanos esperavam ansiosamente uma oportunidade para avançar sobre o Canadá para toma-lo das mãos dos britânicos. Enquanto isso, no sul dos Estados Unidos, muitos eram também os que temiam e aguardavam um ataque inglês ao estratégico porto de New Orleans, no estado da Louisiana, recém incorporado aos Estados Unidos, que haviam comprado da França em 1803. Paralelamente, os políticos sulistas mais agressivos defendiam um pretense direito do governo de Washington de avançar sobre a Flórida, então propriedade da coroa espanhola, e dominá-

²⁴ COLES, Harry L. A Guerra de 1812 e a Guerra Mexicana. In: WEIGLEY, Russell F.. **Novas Dimensões da História Militar**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, vol. 2, 1982, p. 345.

²⁵ EARLE, Edward Meade. Adam Smith, Alexander Hamilton, Friedrich List: fundamentos econômicos do poder militar. In: PARET, Peter. *Construtores da Estratégia Moderna*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001, p.327.

la, dado que o governo da família Bourbon em Madri era aliado dos ingleses em sua luta contra Napoleão, e permitia que os portos da Flórida fossem utilizados como bases pelos navios da marinha britânica que abordavam navios americanos no Atlântico.²⁶

2.1.1 Desempenho das Forças Estadunidenses na Guerra de 1812

Quando a guerra finalmente eclodiu, em junho de 1812, já na administração do presidente James Madison, as organizações armadas americanas (exército, marinha e milícias estaduais) estavam completamente despreparadas para enfrentar britânicos que, até o final da guerra, em 1814, chegariam a 40.000 soldados profissionais dispostos entre o Canadá, Bermudas e Jamaica²⁷. Além disso, naquela época os ingleses contavam com alianças com várias nações indígenas que habitavam em áreas dos Estados Unidos e do Canadá.

Logo no início das hostilidades surgiu um problema constitucional gravíssimo e que alejaria o esforço de guerra americano ao longo do conflito. O reduzido contingente do exército permanente, com apenas 7.000 homens receberia uma pequena adição de apenas 5.000 inexperientes recrutas.²⁸ Neste sentido, ante a carência de um nutrido exército regular, seria de importância vital o concurso de forças milicianas. As mais organizadas e melhor armadas milícias, entretanto, estavam localizadas nas áreas mais densamente povoadas do leste e nordeste dos Estados Unidos, região denominada “Nova Inglaterra” que compreendia os Estados de Maine, New Hampshire, Vermont, Massachussets, Rhodes Island e Connecticut. Contudo, era justamente nessa região que se encontravam os maiores focos político-sociais (os políticos federalistas e o clero congregacional) de oposição e resistência à agressiva política externa de Madison e seus “falcões da guerra” (war hawks). Os governadores locais, portanto, defendiam que suas milícias deviam obediência imediata aos Estados e não à União e, portanto, seriam retidas em suas áreas para a eventual defesa desses Estados contra a eventualidade de ataque de índios e ingleses do Canadá.

Nas palavras de Coles:

De acordo com o estabelecido na Constituição a Milícia podia ser convocada a serviço do Governo Nacional para executar as leis dos Estados Unidos, para eliminar a insurreição ou para repelir uma invasão. Quando solicitado pelo Presidente a convocar a Milícia de Massachusetts, o Governador Strong, [...] disse ao Presidente que somente ele, como Governador do Estado, tinha o direito de

²⁶ DOUGHTY, Robert A..The American Civil War: the emergence of total warfare. Lexington: DC Healthy and Company, 1996, p. 06.

²⁷ Idem, ibidem, p. 09.

²⁸ Idem, ibidem, p. 06.

decidir quanto às exigências constitucionais. A solicitação do presidente foi recusada. O Governador de Connecticut assumiu a mesma posição e não quis fornecer tropas. A questão constitucional então levantada não foi solucionada até 1827, ocasião em que a Suprema Corte decidiu [...] que cabe exclusivamente ao Presidente julgar quando se concretizam as exigências para convocar a milícia.²⁹

James Monroe, que então acumulava os cargos de secretário de Estado e da Guerra, cogitou pedir que o Congresso aprovasse um ato de conscrição obrigatório. Mas, mesmo o ex-presidente Thomas Jefferson, notório apoiador da luta contra os ingleses (depois de tudo, o embargo de 1807, uma das causas desta guerra, foi sua ideia) não acreditava na viabilidade dessa medida. Na ocasião ele afirmou: “É uma tolice falar em militares regulares. É algo que não se encontra em um povo como o nosso, tão à vontade e tão feliz sem sair de casa. Poderíamos acreditar, antes, em convocação no céu, um exército de anjos.”³⁰

A situação das forças navais estadunidenses naquele momento não era muito melhor que a do exército. A marinha possuía apenas 176 navios de diversos tipos (o que significa cerca de 10% do poderio naval britânico), sem nenhum navio de linha (embarcações dotadas de mais de 80 canhões em, pelo menos, dois conveses) contando somente com 6 fragatas de grande porte, dotadas de 44 canhões cada uma, e 160 canhoneiras (pequenos navios dotados de poucos canhões e morteiros e usadas no bombardeio à fortalezas costeiras, portos e cidades litorâneas, inadequados, portanto, para o enfrentamento contra navios próprios para o combate naval) Seus efetivos, dessa forma, eram também muito pequenos, constituídos por poucos oficiais profissionais e marinheiros voluntários, todos oriundos da marinha mercante, aprendendo seu ofício na prática, já que não existiam escolas de formação de oficiais (a academia naval de Annapolis foi fundada em 1845) ou centros de instrução de marinheiros militares.³¹

Até 1813 os britânicos estiveram muito ocupados com Napoleão na Europa executando vários tipos de missões, como bloqueio aos portos e bases navais franceses, desembarques de tropas em países aliados, como Portugal e Espanha, caçando navios mercantes e esquadras de guerra francesas e, justamente por isso, os americanos conseguiram impor algumas derrotas terrestres e navais às enfraquecidas forças da coroa na América do Norte. Todavia, em 1814, com a derrota e colapso das forças francesas em toda a Europa e o exílio de Napoleão em Elba, os ingleses começam a se recuperar e concentrar suas forças para tomar a ofensiva na América do Norte. Em junho de 1814, aproveitando-se da ausência da

²⁹ COLES, Harry L.. Op. Cit.. p.349.

³⁰ Idem, ibidem, p.351.

³¹ TUCKER, Spencer C.. **Handbook of 19th Century Naval Warfare**. Annapolis: Naval Institute Press, 2000, pp.43-47.

marinha americana, da incompetência das milícias de cidadãos para enfrentar profissionais regulares (os ingleses, com 4.500 soldados e fuzileiros navais, derrotaram uma força miliciana de 6.370 homens apoiada por 470 regulares em Bladensburg, próximo a Washington)³² e da inexistência de fortalezas que pudessem proteger a baía de Chesapeake, sir Alexander Cochrane devastou a região com seus navios e tropas embarcadas e, em 24 de agosto (mesmo dia da batalha de Bladensburg), assaltou a capital americana, Washington, incendiando todos os seus prédios públicos.³³ A luta cessaria em 24 de dezembro de 1814, todavia, devido às dificuldades de comunicação inerentes ao período, o comandante inglês na Jamaica, que não havia sido informado a tempo pelas autoridades inglesas em Londres sobre o fim das hostilidades, levou a termo a operação de desembarque e ataque contra New Orleans em 08 de janeiro de 1815. Seus 7.500 soldados defrontaram-se com uma força mista de milicianos e regulares norte-americanos, sob comando do general Andrew Jackson (futuro presidente dos Estados Unidos), e acabaram sendo derrotados. Apesar desta vitória de Pirro dos americanos, a sensação que esta guerra lhes deixava era a de que suas defesas não haviam funcionado a contento e que as forças armadas, especialmente o exército, precisavam ser reformuladas urgentemente. O término do conflito faria soar, então, entre os militares e políticos dos Estados Unidos, o sinal de alerta de que era necessário reformular toda a defesa nacional, o que incluía, evidentemente, as instituições militares do país. Nascia, então, principalmente entre os militares do exército, a percepção de que o país fora pego de surpresa em sua preparação para a guerra e que o imprevisto não era um remédio eficaz e suficiente contra o perigo do enfrentamento com uma grande força europeia profissional. Parecia que tudo precisava ser feito desde o zero, pois a defesa nacional estava ainda em seus primórdios.

Nas palavras de Doughty:

[...] a fraca exibição americana na guerra de 1812 decorreu da essencial fraqueza de seu sistema militar [...]. A milícia havia provado ser desproporcional ao seu importante papel na defesa americana. O exército regular tinha feito melhor, mas ainda sofria de problemas de liderança, particularmente nos primeiros estágios da guerra. As sérias deficiências administrativas que o Departamento de Guerra demonstrou requeriam reformas substanciais e, nos anos que se seguiram, os políticos americanos tomaram medidas significativas para melhorar a situação.³⁴

O maior impulso para a mudança — na verdade, o ímpeto que daria início ao processo que culminaria na profissionalização da carreira militar entre os americanos— partiu

³² ELTING, John. *Amateurs to Arms! A Military History of the War of 1812*. New York: Da Capo Press, 1995 p. 206.

³³ *Idem*, *ibidem*, p.44

³⁴ DOUGHTY, Robert A.. *Op. Cit.*, pp. 09-10

do pessoal ligado ao Departamento de Guerra e do comando do exército. Descortinava-se, dessa forma, uma era caracterizada por profundas mudanças e reformas, ainda que de maneira lenta e gradual.

2.2 Uma Era de Reformas (1815-1860): a caminho da profissionalização

Adam Smith, em *Riqueza das Nações* foi um dos pioneiros em realizar estudos a respeito do fenômeno da profissionalização militar. Seu viés era o de que a profissionalização se deu como consequência e necessidade da própria divisão do trabalho. Diz ele:

Num estágio mais avançado da sociedade, duas causas diferentes contribuíram para tornar totalmente impossível que aqueles que partiam em campanha se mantivessem à sua custa. Essas duas causas são: o progresso das manufacturas e a evolução da arte da guerra. Mesmo quando um lavrador era integrado numa expedição, desde que ela começasse depois da sementeira e acabasse antes da colheita, a interrupção da sua ocupação não ocasionaria sempre uma diminuição considerável do seu crédito. A própria natureza faz a maior parte do trabalho. [...] Mas, no momento em que um artífice, um ferreiro, um carpinteiro ou um tecelão, por exemplo, abandona o seu estabelecimento, a sua única fonte de crédito seca por completo. [...] Quando sai em campanha [...] não tem qualquer crédito para se manter, tem, necessariamente, de ser mantido pelo público.³⁵

Ou seja, a constituição do Estado Moderno com sua estrutura burocrática altamente especializada e profissional, assim como o desenvolvimento do sistema capitalista, foram as condições de possibilidade para que os exércitos se profissionalizassem. Assim, a percepção de Adams Smith sobre o fenômeno militar é a de que se combate na guerra como se produz na economia. Ou, em suas próprias palavras:

[...]quando a arte da guerra evolui para uma ciência muito intrincada e complexa, quando a sorte da guerra deixa de ser determinada. [...] por uma simples escaramuça ou batalha, [...] quando o conflito se prolonga, normalmente, durante várias campanhas [...] torna-se universalmente necessário que a população mantenha aqueles que a servem na guerra, pelo menos enquanto aí se encontram. [...] como a arte da guerra é, sem dúvida, a mais nobre das artes, assim no decurso do progresso do seu melhoramento torna-se, necessariamente, numa das artes mais complexas. [...] Mas, para que isso se verifique, é necessário que esta arte se torne uma única e principal ocupação de uma determinada classe de cidadãos e a divisão do trabalho é tão necessária para o seu melhoramento como o é para o de qualquer outra arte.³⁶

Na segunda metade do século XX até o presente momento surgiram análises muito mais amplas em suas perspectivas, que vão além da noção de que a profissionalização

³⁵ SMITH, Adam. Inquérito sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999, p. 294.

³⁶ Idem, ibidem, pp. 295-7.

militar tenha sido um processo decorrente, exclusivamente, da evolução econômica, elas levam em consideração questões de ordem institucional, como a educação militar e a sociabilidade no meio castrense, de ordem política, como o interesse do Estado por uma força armada treinada, disciplinada e permanente para sua defesa, e de ordem cultural, como a busca por uma ciência genuinamente militar, apartada de ciências de origem e cunho mais civil. Mostraremos quatro destas análises, produzidas por especialistas norte-americanos no tema da profissionalização militar: Samuel Huntington; William B. Skelton; Matthew Moten; e Wayne Wey-Siang Hsieh.

Começamos nosso percurso com a análise daquela obra que é uma das principais referências sobre a profissionalização militar, referimo-nos ao texto “*O Soldado e o Estado*”, de Samuel Huntington. Este autor atribui as origens históricas do profissionalismo militar ao enfrentamento entre prussianos e franceses em agosto de 1808, quando o governo da Prússia proclamou:

O único título a dar direito a um posto de oficial será, em tempo de paz, o da educação e conhecimentos profissionais; em tempo de guerra, bravura e percepção exímias. De qualquer parte da nação, portanto, todos os indivíduos que possuam essas qualidades estão habilitados aos mais altos postos militares. Fica abolida toda a distribuição de classe anteriormente existente e todo homem, independentemente de suas origens, tem iguais deveres e iguais direitos.³⁷

As guerras da Revolução Francesa (1789-1799), durante as quais a França só conseguia se defender de seus inimigos absolutistas, como Áustria e Prússia, e do Império Napoleônico (1799-1815), quando as forças francesas, comandados pelo cônsul e, posteriormente (1804), imperador Napoleão Bonaparte, passam à ofensiva contra seus inimigos e invadem a maior parte da Europa, teriam produzido um primeiro impulso realmente sustentável em direção a um profissionalismo militar. Quando Napoleão impôs aos prussianos a humilhante derrota de *Jena-Auerstadt* ele contribuiu para a superação do arcaico sistema militar criado por Frederico II, o Grande. O exército de Frederico era uma força mista de mercenários estrangeiros, cuja lealdade era mantida pelo pagamento em dia, e camponeses prussianos analfabetos recrutados a força e todos submetidos a uma rigorosa disciplina sustentada pelo medo dos castigos físicos sem, portanto, nenhum elo emotivo, patriótico, ligando os soldados à instituição, à defesa do país ou ao soberano. Além disso, Frederico impôs que os oficiais de seu exército necessariamente deviam ter origem aristocrática, mais um fato que contribuía para alienar os soldados, fazendo com que vissem o serviço militar

³⁷ Apud. HUNTINGTON, Samuel P.. **O Soldado e o Estado**: teoria política das relações entre civis e militares. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1996, p49.

como um castigo enfadonho e perigoso, não como um dever patriótico de defesa do país, do povo e do Estado.³⁸

Huntington mostra, entretanto, que as reformas ardorosamente advogadas por Gneisenau e Scharnhorst só vingaram anos depois de propostas e por conta de novas condições políticas, econômicas e sociais favoráveis para que isso acontecesse. Tais condições seriam: o crescimento demográfico europeu dos séculos XVIII e XIX, o desenvolvimento tecnológico, a industrialização e o avanço do urbanismo.³⁹ Estas reformas propunham a criação de um estado-maior geral, órgão auxiliar de comando, uma idéia muito diferente daquela que era comum no século XVIII, quando se acreditava que a vitória era um subproduto de uma mente de um líder brilhante, “nascido para comandar”, como nos casos de Maurice de Saxe ou Frederico II da Prússia. O estado-maior geral era o responsável por missões como: pensar o planejamento e a condução da guerra; a organização da educação militar; o preparo do exército em tempo de paz; o tipo de armamento a ser empregado; a instrução tática e o treinamento das tropas; os estudos de estratégia, história militar, relações internacionais e cartografia. As reformas levaram, também, à criação do serviço militar obrigatório e de uma força nacional de cidadãos civis, que já tivessem cumprido seu tempo de serviço obrigatório, organizados em milícias e atuando como reserva dos soldados regulares (tal força recebeu a denominação de *Landswehr*). Por fim, talvez a mais polêmica das reformas, a implantação de critérios de promoção na carreira militar pautados pelo preparo educacional, o mérito pessoal e a antiguidade de posto, abandonando, dessa forma, o critério de nascimento ou origem de classe, imposto pelo rei Frederico II e que reservava os postos de oficiais aos filhos de famílias nobres.

As reformas, introduzidas no serviço entre 1807 e 1814, produziram as grandes vitórias prussianas de 1814-15 e do período de 1864-71. Essas reformas preconizavam basicamente os seguintes aspectos: exigências educacionais rigorosas e de elevado padrão tanto para o ingresso na academia militar (*Kriegsakademie*) quanto para o sucesso dentro dela e o progresso posterior na carreira; o serviço militar obrigatório; a criação de um estado-maior geral para controlar/orientar o exército.⁴⁰ Não obstante, após 1815, estas reformas foram seriamente contestadas por uma aristocracia militar que receava perder privilégios e, como os propositores das mudanças meritocráticas e profissionalizantes já estavam mortos ou sofriam

³⁸ HOLBORN, Hajo. A Escola Germano-Prussiana: Moltke e a ascensão do estado-maior. In: PARET, Peter. **Construtores da Estratégia Moderna: de Maquiavel à era nuclear.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, Tomo I, 2001, pp. 377-96.

³⁹ Idem, *ibidem*, p.50.

⁴⁰ MOTEN, Matthew. **The Delafield Commission and the American Military Profession.** Texas A&M University, 2000, p.06.

com o descrédito político, elas foram postergadas. A proposta de reforma só seria retomada e as medidas frutificariam rigorosamente, chamando a atenção da sociedade militar do mundo todo para a Prússia, no terceiro quartel do século XIX, com Helmut Von Moltke, “o velho”.⁴¹

No caso dos Estados Unidos, o fraco desempenho das forças armadas da nova república na luta contra os soldados e marinheiros ingleses profissionais também ativou um movimento reformista. Tal movimento, preconizava: a criação de um corpo de oficiais profissionais altamente qualificados para comandar o exército; uma academia militar que educasse estes oficiais; escolas de aplicação prática para oficiais já formados (seu intuito seria treiná-los em artilharia, infantaria ou cavalaria); um exército permanente e profissional que pudesse ser dilatado, em tempo de guerra, pelo reforço de voluntários e milícias de cidadãos; a luta política por apoio do Congresso federal ao programa de construção de fortalezas costeiras; um exército maior em tempo de paz do que aquele que havia existido até 1812. Estas reformas acabaram contemplando a criação dos três componentes fundamentais, apontados por Huntington, para originar o profissionalismo: habilidade ou destreza profissional, ou a criação de campo delimitado de conhecimentos militares específicos e especializados; a responsabilidade do militar na defesa do Estado; e, por fim, uma identidade corporativa dos militares como um grupo à parte dos civis leigos.⁴² Entretanto, este autor defende que o profissionalismo militar americano só estaria bem desenvolvido ao final do século XIX, no pós-Guerra Civil (1861-65)⁴³.

Embora concordemos com Huntington sobre as origens do movimento em direção à profissionalização na Prússia e quanto aos seus três critérios (domínio de uma habilidade específica, responsabilidade para com o Estado e um espírito de corporação) para definir os limites desta profissão militar, discordamos sobre o momento em que ela se dá no caso do exército dos Estados Unidos. Willian B. Skelton, Matthew Moten e Wayne Wei-Siang Hsieh também discordam de Huntington, mostrando que a profissionalização já estava em andamento, pelo menos, desde a segunda década do século XIX.

Skelton mostra que entre a Guerra de 1812-14 e a Guerra Civil Americana (1861-65) os militares americanos já estavam no caminho da profissionalização. Ele considera que entre 1812 e 1861 o corpo de oficiais do exército americano criou uma ética profissional. Não se trata de negar a profissionalização deste mesmo exército ao final do século XIX, mas, antes, reconhecer que era um fenômeno de longa duração iniciado nos primórdios deste

⁴¹ HOLBORN, Hajo. Op. Cit. p. 379.

⁴² HUNTINGTON, Samuel. Op. Cit. Pp. 29-36.

⁴³ Idem, ibidem, p. 274.

mesmo século.⁴⁴ Para este autor, a profissionalização do exército decorreu tanto de estímulos internos à instituição quanto externos, oriundos da sociedade. Internamente, os estímulos institucionais mais relevantes incluíam a ascensão de vários líderes dinâmicos à posições chave de comando, uma diversificação demográfica do corpo de cadetes e dos oficiais e, por fim, de melhoras sensíveis na educação na academia militar. A sociedade, por sua vez, estimulava por meio de um crescente nacionalismo, uma expansão econômica acompanhada de uma expansão demográfica e uma explosão de igualitarismo democrático (defendido, principalmente, pelas tendências jeffersoniana e jacksoniana da política estadunidense).⁴⁵

Matthew Moten, por sua vez, mostra que a Guerra de 1812 foi catalisador da mudança no exército americano em direção ao profissionalismo e que West Point seria o reduto de onde surgiram estes primeiros profissionais militares americanos. Os militares americanos teriam caminhado, de acordo com Moten, em duas direções no intuito de criar um fundamento intelectual para sua profissão: buscavam credibilidade profissional na França, junto as escolas militares deste país; e cultivaram em West Point, em *Citadel*, no *VMI* (*Virginia Military Institute*) e outras menores escolas militares nascidas pós-1812, uma especialização em engenharia, então considerada como única “ciência militar” digna deste nome. Em suas palavras:

Conforme os graduados de West Point começaram a dominar o corpo de oficiais, o exército ganhou uma homogeneidade que fomentou uma identidade corporativa e ajudou-o a produzir sistema de auto-controle necessários para estabelecer ordem, disciplina = racionalidade. [...] West Point visava treinar cadetes para que pensassem como engenheiros [...] e ela premiava aqueles que trabalhavam bem, com comissões nos famosos corpos científicos do exército: os engenheiros, os engenheiros topógrafos e o corpo de artilharia.⁴⁶

Embora Moten reconheça, ao contrário de Huntington e como Shelton, que as origens do profissionalismo estejam fincadas nos anos entre 1812 e 1861, ele também mostra que o “componente intelectual” do profissionalismo militar nos Estados Unidos, naquele mesmo período, era triplamente falho por conta de:

[...] um excesso de confiança nas habilidades francesas, uma quase exclusiva concentração em engenharia como a única ciência militar proveitosa de estudo e uma premiação de feitos em empreendimentos mais civis do que militares [...] Como resultado, o pensamento militar durante o período era mais [...] derivativo do que analítico [...] Mais importante, tal pensamento preparou pobremente os profissionais militares para o comando de alto-nível e o trabalho de estado-maior e não lhes deu

⁴⁴ SKELTON, William B. **An American Profession of Arms: the army officer corps, 1784-1861**. Lawrence: University Press of Kansas, 1992, pp. 359-62.

⁴⁵ Idem, *ibidem*, pp. 110-19.

⁴⁶ MOTEN, Matthew. Op. Cit. p. 23.

educação ou experiência nos problemas de política militar, relações civis-militares ou estratégia. A profissão militar, assim, era ainda intelectualmente adolescente.⁴⁷

Apesar de tais falhas, entretanto, Moten avalia que os militares americanos estavam já formatando, antes de 1861, um senso de responsabilidade profissional e um ethos corporativo bem definidos, mas com um domínio equivocado sobre uma habilidade especificamente militar.

Por fim, Wayne Hsieh, percorrendo o caminho inverso de Shelton e Moten, ou seja, iniciando sua investigação na Guerra Civil Americana e não na Guerra 1812, considera que, embora existissem inadequações no profissionalismo americano, os soldados profissionais de 1861-65 eram o grupo mais habilitado de cidadãos americanos para responder eficientemente às enormes demandas de treinamento, organização, transporte, suprimento e comando dos grandes exércitos criados durante a Guerra Civil, em verdade, tratava-se das maiores forças militares criadas no continente americano até aquela data. Na perspectiva de Hsieh,

Os guardiães do velho exército tinham uma idéia melhor de como responder a estes tipos de questões básicas que outros grupos coerentes de americanos da Guerra Civil, mas, talvez mais importante, eles sabiam, de seu tempo no exército regular, que [...] os soldados-cidadãos não podiam proporcionar respostas adequadas. Sua verdadeira destreza profissional, medida pelos padrões europeus que o velho exército usava como modelos profissionais tinha mais do que sua justa parcela de inadequações, mas seu simples reconhecimento da importância prática do conhecimento militar especializado os punha à parte de seus compatriotas.⁴⁸

Para Hsieh também, portanto, o profissionalismo militar já existia antes da Guerra Civil começar em 1861.

Passemos agora aos elementos que possibilitaram a construção do profissionalismo militar americano no pós-1812 para, na sequência, tentar compreender como estes elementos se configuraram como fatores daquela que pode ser retratada como a mais bem sucedida campanha militar estadunidense no século XIX, assim julgada aqui por estar constituída, plenamente, por vitórias táticas e estratégicas que coroariam o esforço de guerra norte-americano num estrondoso sucesso militar: a Guerra do México, de 1846-48.

⁴⁷ Idem, *ibidem*, pp. 205-6.

⁴⁸ HSIEH, Wayne Wei-Siang. **West Pointers and the Civil War: the old army in war and peace**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2009, pp. 04-05.

2.3 West Point e a Educação Militar

West Point foi criada em 1794, quando o Congresso americano autorizou seu funcionamento como uma escola para engenheiros e artilheiros. Em 1802 ela foi reorganizada, excluindo a artilharia de suas preocupações acadêmicas e passou a ter um diretor. Seu primeiro superintendente (diretor) foi o civil e engenheiro (embora recebesse a patente de tenente-coronel) Jonathan Williams, cujo fino conhecimento de engenharia impregnaria o ensino da recém-criada escola pelas próximas décadas. Williams, sobrinho e assistente de Benjamin Franklin, trabalhou e estudou em Paris quando seu tio foi enviado como embaixador dos Estados Unidos junto ao governo francês. Graduado em Harvard, ele era um cientista e engenheiro com um profundo conhecimento sobre o funcionamento da *École Polytechnique*, a instituição de ensino responsável pela formação dos engenheiros militares franceses. Por conta de atritos com o presidente dos Estados Unidos, James Madison, Williams demitiu-se desta função em julho de 1812.⁴⁹

A Guerra de 1812, entretanto, deixaria salientes as deficiências do preparo militar do país. Como tentativa para remediar as deficiências do ensino militar, o Congresso propôs e aprovou várias reformas em relação à West Point. Foi autorizada uma verba de 25.000 dólares para novas instalações que incluíssem uma biblioteca. O corpo de cadetes passou a contar com um contingente de 250 alunos que, por seu turno, precisavam atender a rigorosos critérios de seleção para seu ingresso na escola. Todos os graduados seriam comissionados nos diferentes ramos do serviço (infantaria, cavalaria, artilharia e engenharia) e não mais somente na engenharia.⁵⁰

O corpo de engenheiros e engenheiros topógrafos, juntamente com a artilharia e o quadro de material-bélico, continuaram sendo sobrevalorizados. Tal situação decorria de inúmeros fatos, entre eles a presença de seguidos superintendentes e professores oriundos dos quadros científicos (engenharia, artilharia e material-bélico). Mas, fundamentalmente, era fruto da concepção, socialmente aceita e reconhecida na época, de que todo homem adulto livre era um soldado por natureza. Todo e qualquer homem dotado de “gênio” seria capaz de comandar uma unidade militar/miliciana numa campanha, como exemplo o caso do general Winfield Scott, que chegou ao comando-em-chefe do exército numa carreira que durou 53

⁴⁹ Idem, ibidem, p. 28. MOTEN, Matthew. Op. Cit., pp. 28-29.

⁵⁰ MOTEN, Matthew. Op. Cit., p.29

anos, sem ter jamais estudado numa instituição de ensino militar⁵¹. Daí o desprezo, dentro e fora da caserna, pelos oficiais das armas combatentes de linha (infantaria e cavalaria) pois, numa sociedade que considerava a todos como iguais em capacidade de comandar e combater, o estudo militar para o comando/combate era visto como desnecessário, senão ridículo.⁵² De 1814 a 1861 todos os superintendentes de West Point foram provenientes da engenharia, o que atesta o grande prestígio desta arma científica dentro e fora do exército. De forma geral, podemos afirmar que o oficial-engenheiro era reconhecido como um personagem relevante para o progresso da nação, como mostra Huntington:

Os graduados da academia eram alvo da demanda de empregadores privados ou então eram aproveitados pelo governo em levantamentos topográficos, construção de ferrovias e outras melhoramentos internos. [...] A verdade é que West Point produziu mais presidentes de estradas de ferro do que generais.⁵³

Em 1860, às vésperas da Guerra Civil, o superintendente de West Point, major Richard Delafield, ao explicar como funcionava a classificação dos cadetes no ato da formatura destes, disse que, por critério meritocrático, a colocação dos novos oficiais nos corpos do exército obedecia a seguinte ordem: “[...] 1º, o corpo de engenheiros; 2º, o corpo de engenheiros topógrafos; 3º, o corpo de material bélico; 4º, a artilharia; 5º, a infantaria; 6º, os dragões; 7º, os rifles montados; e 8º, a cavalaria”.⁵⁴ Nada mais natural, portanto, que o oficial combatente de linha, geralmente com as piores notas dentro do curso em West Point, fosse visto pela sociedade como um parasita social e um desocupado.

A preponderância da engenharia era decorrência de uma “linhagem francesa”, uma notável influência cultural da França no ambiente castrense norte-americano. Esta tendência, praticamente nascida com a Guerra de Independência no século XVIII, continuou se expandindo ao longo do período que buscamos reconstruir a seguir.

⁵¹ WEIGLEY, Russell F.. **The American Way of War**: a history of United States military strategy and policy. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, p. 66.

⁵² REARDON, Carol. **With a Sword in one hand and Jomini in other**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2012, p. 56.

⁵³ HUNTINGTON, Samuel. Op. Cit.. p. 217.

⁵⁴ Apud. MOTEN, Matthew. Op. Cit. pp. 48-49.

2.4 As Reformas Calhoun e o “Sistema de Hábito de Pensamento” de Thayer

Em 1817 o presidente James Monroe nomeou como seu Secretário da Guerra, ao senador pela Carolina do Sul, John Caldwell Calhoun⁵⁵ que permaneceria no cargo até 1825. Calhoun imprimiu um novo ritmo a esta pasta e nisso ele foi impulsionado pelos receios despertados pela guerra contra a Inglaterra de 1812-14. Como muitos políticos mais nacionalistas, o “*falcão da guerra*”, John C. Calhoun, ante a percepção de fracasso na contenda de 1812-14, desconfiava do valor militar da força miliciana cidadã e preferia enfatizar a importância do exército permanente e profissional. Todavia, tendo que conviver com a arraigada desconfiança político-social em relação aos militares, Calhoun conformou-se nesse momento com estabelecer um pequeno exército de 6.316 homens, com um bem educado e preparado quadro de oficiais que tornaria factível a ascensão ao número de 19.035 soldados em caso de guerra. A proposta adotada pelo Congresso americano, embora modificasse alguns aspectos da idéia original – como naquele caso do tamanho proposto para a força terrestre - reconhecia o exército como o esteio do sistema defensivo terrestre. Nascia, assim, o conceito de “exército dilatável” ou “expansível”.⁵⁶ Ou seja:

“Sua política militar [de Calhoun] propunha organizar o exército em uma estrutura básica, suficiente para desempenhar seus deveres de guarnecer, em tempo de paz, os fortes da costa atlântica e os postos indígenas, mas capazes de, por extensão e multiplicação, rapidamente chegar aos efetivos necessários à guerra. Implícita neste plano de um “Exército permanente expansível” estava a premissa de que aqueles oficiais de carreira, que comandavam o reduzido exército regular na paz, também comandariam o grande exército na guerra [...].⁵⁷”

Calhoun também foi o responsável por organizar a Comissão de Engenharia do exército que seria a encarregada por delinear o primeiro plano estratégico de defesa para os Estados Unidos, em fevereiro de 1821. Esta comissão produziu um relatório final aconselhando o governo estadunidense a adotar uma defesa costeira baseada em fortalezas de proteção aos principais portos e cidades da costa atlântica e na força da marinha de guerra.⁵⁸ Tal plano nacional de defesa requeria, ainda, a construção de uma infraestrutura de transportes entre as fortalezas — existentes ou com a construção prevista no plano— para facilitar os movimentos de tropas, equipamentos e suprimentos entre elas. A idéia central do programa era que, em caso de ataque por uma potência marítima européia, as guarnições nestas praças

⁵⁵ Huntington considera John Caldwell Calhoun um modelo administrativo e reformista. Ver HUNTINGTON. Op. Cit. p.232.

⁵⁶ DOUGHTY, Moten. Op. Cit.. p.11.

⁵⁷ HUNTINGTON, Samuel. Op. Cit.. p. 234

⁵⁸ WEIGLEY, Russell F. Op. Cit. p. 60.

fortes litorâneas e a marinha seriam a primeira linha de choque para frear o ataque do inimigo, intentando protelar a invasão, ganhando tempo para que o exército promovesse sua dilatação, reunindo e treinando recrutas no interior do país para uma resistência mais consistente contra o agressor externo.⁵⁹ Em qualquer dos dois projetos (construção de fortalezas ou exército expansível), todavia, haveria a necessidade de um corpo de oficiais altamente qualificado e bem educado. E é neste particular quesito que entram West Point e as missões de oficiais do exército ao exterior, geralmente destinadas à França, que então, era considerada como “*único repositório da ciência militar*”.⁶⁰

No ano de 1815, o engenheiro-chefe do exército e superintendente de West Point, Joseph G. Swift, determinou o envio do tenente-coronel William McRee e do capitão Sylvanus Thayer para uma viagem pela Europa para que examinassem as diversas escolas militares, estudassem as fortificações, visitassem oficinas de manutenção e reparo de material bélico, bibliotecas militares e, inclusive, para adquirir livros para a própria biblioteca de West Point. Ao contrário de McRee, que desconfiava dos conhecimentos militares franceses, Sylvanus Thayer era o exemplo concreto do perfeito francófilo. O próprio superintendente Swift havia determinado a contratação de instrutores franceses para a academia.⁶¹

Em 1817, Sylvanus Thayer foi nomeado, por Calhoun, superintendente de West Point. Nesta posição o “pai de West Point”, como fora apelidado por seus cadetes, deu início a um vasto programa de remodelação do ensino nesta escola. Na gigantesca Guerra Civil Americana, os comandantes nos dois lados (principalmente aqueles que comandaram nos níveis divisional, de corpo de exército e Comando Geral de exército, homens como os confederados Robert E. Lee, James Longstreet, Thomas “*Stonewall*” Jackson e Braxton Bragg, ou os federais Henry W. Halleck, George B. McClellan, William T. Sherman e Ulysses S. Grant) tinham sido cadetes preparados dentro do sistema educacional montado por Thayer.⁶²

O sistema imposto por Thayer sobreviveu à sua saída da academia em 1833, sendo, assim, um dos maiores formadores do intelecto dos oficiais profissionais dos exércitos que combateram durante a Guerra Civil. Thayer modelou o ensino em West Point pelo padrão que ele mais admirava, a *École Polytechnique* da França, particularmente ao enfatizar o ensino de engenharia. O currículo de West Point passaria a ser, então, marcado pelo chamado “método Thayer”.

⁵⁹ MOTEN, Matthew. Op. Cit., pp. 34-42.

⁶⁰ HSIEH, Wayne Wei-Siang. Op. Cit., p. 21.

⁶¹ Moten, Matthew. Op. Cit. pp. 19-24.

⁶² KEEGAN, John. **A Máscara do Comando**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999, p. 210.

[...] um regime pedagógico e disciplinar integrado que punha cada cadete sob um estresse tremendo, imergindo-o num exigente currículo [...]. A academia redobrou sua ênfase em matemática, engenharia e ciência [...] o currículo todo era compulsório, e não somente cada cadete tinha que dominar cada tema; ele tinha que provar sua competência em recitações orais diárias. [...] Thayer também instilou firme disciplina militar [...]. Ele traçou regulamentos para dirigir cada aspecto da vida em West Point e [...] adicionou um sistema de deméritos que permitia aos oficiais tabular o quanto um cadete havia se tornado infame.⁶³

O rigor do método implementado por Thayer redundava em que um grande número de jovens fosse reprovado por não conseguir atender aos exigentes critérios acadêmicos e disciplinares: “a academia admitiu 2.609 jovens entre 1833 e 1869, e 26,9% deles fracassou em, pelo menos, um curso. Cursos científicos contavam por quase 90% destes fracassos.”⁶⁴ O tenente-general William T. Sherman relembrou em suas *Memoirs*:

“[...] eu passei pelo curso regular de quatro anos, me graduando, em junho de 1840, como o número seis numa classe de quarenta e três. Estes quarenta e três eram todos os que permaneceram de mais de cem que originalmente constituíam a classe.”⁶⁵

Como seu antecessor no comando da academia, Thayer também enviou jovens e promissores oficiais engenheiros à Europa. Um destes foi seu protegido Dennis Hart Mahan, formado em 1824 e nomeado professor da academia em 1830, além de ser membro do Corpo de Engenheiros do exército. Na sua participação como professor no currículo acadêmico, Mahan seria introdutor do curso de “Engenharia Militar e Civil e de Ciência da Guerra” e, em 1832, criaria também o estudo de fortificações de campo no seu curso.⁶⁶ Retornando de sua viagem de quatro anos (1826-30) pela Europa, e tão impressionado com o *establishment* militar francês quanto seu tutor Thayer⁶⁷, Mahan publicou alguns textos sobre a importância da engenharia, não só para a construção de obras de infraestrutura do país, como também para o combate em si. Tal é o caso de “A Treatise ou Field Fortification”, publicado em 1836 e usado como manual dos cadetes em West Point, onde Mahan argumenta que forças milicianas nunca estiveram em pé de igualdade com tropas regulares disciplinadas, pois não possuíam “disciplina e treinamento habitual”, embora não lhes faltasse coragem:

Convocada numa emergência particular, com pouco ou nenhum exercício prévio [...] a milícia não consegue ter aquela coragem ombro-a-ombro, pela qual os homens são animados [...] que gera uma confiança mútua, e uma confiança em seus chefes, e que

⁶³ MOTEN, Matthew, Op. Cit. pp. 32-33.

⁶⁴ Idem, ibidem, p. 35.

⁶⁵ SHERMAN, William Tecumseh. **Memoirs of W. T. Sherman**. New York: The Library of America, 1990, p. 16.

⁶⁶ HAGERMAN, Edward. **The American Civil War and the Origins of Modern Warfare**: ideas, organization, and field command. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 1992, p. 07.

⁶⁷ A relação entre Mahan e seu mestre, Thayer, foi tão intensa que Mahan deu a um de seus filhos o nome de seu professor: Alfred Thayer Mahan, um dos maiores teóricos da guerra naval. Cf. HUNTINGTON, Samuel. Op. Cit. p. 238.

é uma das mais seguras garantias de vitória. Mas, coloque-se o soldado da milícia em seu natural campo de batalha, por trás de um parapeito, e um equilíbrio entre ele e seu inimigo mais disciplinado é imediatamente estabelecido [...]⁶⁸

Ou ainda:

Mas estas razões não são suficientes por si, outras de maior irrefutabilidade podem ser alegadas em favor das posições entrincheiradas para a milícia. Suas fileiras são preenchidas com o que há de maior valor na sociedade. [...] O pai de família arrisca sua prosperidade futura, o filho expõe sua mãe viúva aos riscos de uma velhice de penúria [...]. Seguramente nada, a não ser a inconsequente desconsideração pelos melhores interesses da sociedade pode urgir homens, sob tais circunstâncias, a privarem-se das vantagens de todos os meios de conservação possíveis.⁶⁹

Sua ênfase no importante papel da fortificação de campo para a guerra encontrou boa receptividade entre estudantes que supervalorizavam a engenharia militar e almejavam uma vaga em suas disputadas fileiras.

O texto que, entretanto, trouxe mais notoriedade a Mahan, por ser considerado a primeira tentativa de um escritor americano para interpretar os escritos do barão de Jomini, um dos mais célebres intérpretes da estratégia napoleônica, foi o seu “*Elementary Treatise on Advanced Guard, Outposts, and Detachment Service of Troops*”, de 1847. Mais lembrado como “*Outpost*”, este trabalho buscava apresentar e explicar ao público militar americano conceitos “jominianos” como: linhas de operações internas e externas, estratégia, concentração de forças sobre um ponto da linha do inimigo, logística.⁷⁰

Nesta obra, diferentemente da anterior, Mahan faz um elogio ao estudo da história militar. “é para a história militar que devemos olhar à procura de uma fonte para toda a ciência militar.”⁷¹ Todavia, a história militar ficaria relegada a um curso de pós-graduação criado pelo próprio Mahan, intitulado “Clube Napoleão”, iniciado em 1842. Além disso, o curso era restrito, pois somente os professores assistentes de engenharia o frequentavam, privando os cadetes dos benefícios de seus estudos. Sob orientação de Mahan, os oficiais estudavam as mais diversas campanhas militares européias e teoria da guerra, principalmente contidas nos textos de Maurice de Saxe e do barão Antoine Henri de Jomini. O curso durava, normalmente, seis semanas e os materiais de estudo eram escritos em inglês e francês.⁷²

⁶⁸ MAHAN. Dennis Hart. **A Treatise on the Field Fortification, Containing instructions On th Methods of Laying Out, Constructing, Defending, and Attacking intrenchments, With the General Outlines Also of the Arrangement, the Attack and Defence of Permanent Fortifications.** University of Michigan, University Library, S/D, pp. VI-VII.

⁶⁹ Idem, ibidem, pp. VII-VIII.

⁷⁰ Idem. **Advanced-Guard, Out-Post, and Detachment Service of Troops.** New York: John Wiley, 1864.

⁷¹ Apud. MARSZALEK, John F.. **Commander of All Lincoln’s Armies: a life of general Henry W. Halleck.** Cambridge: The Belknap Press, 2004, p. 22.

⁷² Sobre o Clube Napoleão: HAGERMAN, Edward. Op. Cit..p. 08 e MOTEN, Matthew. Op. Cit. p.59.

Vários oficiais que ganhariam notoriedade na Guerra Civil passaram pelo Clube Napoleão. Entre estes Robert E. Lee, George B. McClellan e Henry Wagner Halleck —este, talvez, o aluno que melhor absorveu os ensinamentos de Mahan.

Halleck e Mahan foram tratados por Huntington como os principais expoentes do “iluminismo militar americano”.⁷³ Henry Halleck graduou-se em terceiro lugar em sua classe, no ano de 1839. Graduado, ele foi comissionado ao prestigioso corpo de engenheiros do exército, porém permaneceu em West Point e se tornou professor assistente de engenharia, sob a direta supervisão de Mahan. Em 1843, durante uma licença do serviço, viajou por conta própria para a França. Em seu navio, coincidentemente, estava o general Henry Gratien Bertrand, engenheiro militar e ex-general de Napoleão, que apresentou Halleck ao Ministro da Guerra do rei Luis Felipe da França, marechal Soult. Foi este quem garantiu informalmente —já que Halleck não estava em missão oficial pelo qual não portava credenciais diplomáticas de seu governo— o direito de visitar escolas militares e fortificações francesas, além de franquear-lhe mapas e plantas arquitetônicas dos mais diversos estabelecimentos militares franceses. Halleck repassou todo esse material recolhido para o seu comandante do corpo de engenheiros de seu exército, coronel Joseph G. Totten.⁷⁴ Ao retornar, Halleck escreveu “*Report on the Means of National Defense*”, uma publicação do congresso federal que resultou numa série de convites para palestras que logo seriam transformadas em outra publicação, seu mais famoso trabalho acadêmico, “*Elements of Military Art and Science*”, em 1846.⁷⁵ Halleck fez muito mais uso da história militar neste trabalho do que Mahan no seu *Out-Post*, mas ela lhe serviria de argumento para defender a mais valiosa jóia dos engenheiros militares americanos: o programa de construção de fortalezas litorâneas previsto no plano estratégico da Comissão de Engenharia de 1821. Ele buscou demonstrar que o cinturão de fortalezas projetado por Sebastien La Prest de Vauban marechal e engenheiro militar de Luis XIV, que ainda se mantinha ativo e útil nas fronteiras do leste da França durante o período napoleônico (1799-1815). Diz ele:

As guerras de Napoleão demonstravam a grande verdade, que as distâncias não conseguem proteger qualquer país de uma invasão, mas que um Estado, para estar seguro, precisa ter um bom sistema de fortalezas e um bom sistema de reservas militares e instituições militares. [...] Para um exército defensivo, fortificações são valiosas como pontos de repouso, sobre os quais as tropas, se batidas, podem recuar e abrigar seus doentes e feridos, reunir suas forças espalhadas, reparar seus materiais e reunir novos estoques de suprimentos e provisões e, como pontos de reunião onde

⁷³ HUNTINGTON, Samuel. Op. Cit. pp. 235-39.

⁷⁴ MARSZALEK, John F.. Op. Cit. pp. 26-27, 36-37.

⁷⁵ HATTAWAY, Herman. JONES, Archer. **How the North Won**: a military history of the Civil War. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 1991, p. 54.

novas tropas podem ser agrupadas [...] Sem estas defesas, exércitos indisciplinados e inexperientes, quando derrotados, raramente conseguem se reunir novamente [...] O inimigo, por outro lado, sendo compelido a sitiá-lo ou observar estas fortificações, terá seu exército separado de seus depósitos, sua força e eficiência diminuídas [...] e toda a sua força exposta aos horrores da guerra. Tem sido, portanto estimado [...] que um exército apoiado por um judicioso sistema de fortificações, consegue repelir uma força terrestre seis vezes maior que ele.⁷⁶

Este trabalho ainda tem o mérito de ser o primeiro nos Estados Unidos e, provavelmente, do Continente Americano a citar o atualmente célebre “Da Guerra” de Karl von Clausewitz⁷⁷. No capítulo intitulado “Política Militar e os Meios de Defesa Nacional”, no qual utiliza argumentos que parecem mais “*clauswitzianos*” do que “*jominianos*”, explica que a guerra precisa, necessariamente, estar adaptada à natureza cultural, política, econômica, social e geográfica de cada povo e Estado. A inabilidade de vários governos em reconhecer isto estaria na base de suas derrotas em vários conflitos. Diz ele

Ao iniciar hostilidades contra qualquer outra potência, precisamos, evidentemente, levar em consideração todas as circunstâncias políticas e físicas do povo contra o qual vamos lutar: devemos considerar seu caráter geral pela coragem e amor ao país; seu apego aos seus governo e instituições políticas; o caráter de seu governantes e generais; os números, organização e disciplina de seus exércitos; e, particularmente, as relações entre as autoridades civis e militares no Estado [...] Precisaremos também considerar seus meios passivos de resistência, tais como seu sistema de fortificações, seus materiais militares e munições, suas estatísticas de agricultura, comércio e manufaturas e, especialmente, a posição geográfica e as características físicas de seu território. Nenhum governo pode negligenciar, com impunidade, estas considerações em seus preparativos para a guerra ou em sua maneira de conduzir as operações militares.⁷⁸

Numa perspectiva que reputamos como equivocada a respeito da origem do profissionalismo militar norte-americano, Huntington diz que os “*elementos essenciais*” deste profissionalismo já haviam sido percebidos em West Point “e desenvolvidos pelos escritores do iluminismo militar. Mas estes eram indivíduos excepcionais, à frente do seu tempo, e foi só depois de 1865 que suas idéias se tornaram propriedade comum da maioria dos oficiais.”⁷⁹ Mas, Huntington falha em dois aspectos na sua afirmação. Primeiro, não existe “homem à frente de seu tempo”, todo ser humano é um produto de sua própria época, visto que,

“segundo Durkheim, em cada tempo histórico existe um tipo de educação a ser transmitida, pois ela representa o meio moral que cada um compartilha. Assim,

⁷⁶ HALLECK, Henry Wagner. **Elements of Military Art and Science**. New York: D. Appleton & Co., 1846, pp. 63-65.

⁷⁷ Idem, ibidem, pp. 59-60, 154.

⁷⁸ Idem, ibidem, pp. 135-136.

⁷⁹ HUNTINGTON, Samuel. Op. Cit.. p. 274.

podemos dizer que não existe homem à frente de seu tempo, o que existe é o homem que não acompanha o seu tempo.”⁸⁰

Neste sentido, seu segundo erro está em dizer que só depois de 1865 é que as idéias de Mahan e Halleck foram apropriadas pela maior parte dos oficiais. No pequeno exército americano pré-1861, de apenas 16.364 homens, haviam apenas 1.105 oficiais, muitos deles formados após 1846, quando aqueles autores publicaram suas obras, sendo, portanto, alunos de Mahan e Halleck em West Point.⁸¹ Logo, dizer que os oficiais não se apropriavam daquelas idéias do iluminismo militar é mera suposição que não se sustenta nas probabilidades históricas. Em algumas poucas memórias de oficiais do período que tivemos oportunidade de examinar foram encontradas referências, igualmente escassas, ao estudo de idéias militares durante e após os cursos em West Point.

Ulysses S. Grant, em suas “*Personal Memoirs*” confessou que

“eu não mantive meus estudos com avidez, na verdade eu raramente lia uma lição uma segunda vez em todo o meu tempo de cadete [...] Havia uma bela biblioteca anexa à academia, da qual os cadetes podiam pegar livros para ler em seus aposentos. Eu devotei mais tempo a estes, do que aos livros relacionados ao curso de estudos. Muito do tempo, lamento dizer, foi devotado a novelas, mas não aquelas do tipo desprezível. [...] Matemática era muito fácil para mim [...] Em francês, o único outro estudo naquela época no primeiro ano do curso, minha posição era muito baixa.”⁸²

Outra crítica, desta vez relacionada aos problemas do próprio conteúdo acadêmico e de sua insuficiência para produzir bons oficiais comandantes de tropas na guerra, embora fosse suficientemente qualificado para educar bons engenheiros, vem das reminiscências do general Jacob D. Cox. Diz ele

Muito poucos homens de elevada posição nas classes complementavam sua educação obtendo nomeações como instrutores temporários na academia após graduarem-se, mas a maioria deixava seus livros para trás e logo começava uma vida subalterna num distante posto de fronteira [...] No final da guerra [de Secessão] não havia instrução em estratégia ou grande tática, em história militar, ou no que é chamado de Arte da Guerra. O pequeno livro de Mahan, *Out-post Duty*, era o único manual em teoria, fora da engenharia propriamente dita [...] Não é meu desejo criticar o curso de estudos [...] Mas, desde que, estamos tentando estimar sua perfeição como educação profissional conveniente para homens comandarem exércitos em campo, é absolutamente necessário notar o fato de que ela não pretende incluir a arte militar [...]. Seu lado científico está na linha da engenharia e apenas

⁸⁰ BARRETO, Raylane A. D. Navarro. **Fundamentos Antropológicos e Sociológicos**. Aracaju: UNIT, 2012, p. 143.

⁸¹ HATTAWAY, Herman. The Civil War armies: creation, mobilization, and development. In: FORSTER, Stig. NAGLER, Jorg. **On the Road to Total War: The American Civil War and the German Wars of Unification, 1861-71**. Cambridge University Press, 2002, p. 174.

⁸² GRANT, Ulysses Simpson. **Personal Memoirs**. New York : Modern Library, 1999, p. 15

nesta. Os homens premiados tornam-se engenheiros e o sucesso na academia era avaliado pela proximidade do estudante em relação a este cobiçado resultado.⁸³

Se, como vimos, o estudo da história militar, da estratégia e “arte ou ciência da guerra”, estavam limitados às seis semanas do curso no Clube Napoleão e este se abria apenas aos professores assistentes, resta saber, então, em que nível se encontrava o conhecimento e o preparo tático dos oficiais saídos de West Point e das tropas que eles comandariam.

2.5 Habilidade Tática do Exército

Em 1860 foi criada uma comissão do Senado Federal americano para avaliar a organização, a disciplina e a instrução na academia militar de West Point. Ela seria presidida pelo senador Jefferson Davis _ex-oficial do exército, veterano da Guerra Mexicana, ex-secretário da guerra e que, a partir de 1861, seria presidente dos separatistas Estados Confederados da América (CSA). Seus membros propuseram vários questionários facultativamente respondidos, que foram aplicados a dezenas de oficiais de todas as armas do serviço (infantaria, engenharia, cavalaria, artilharia e material bélico). O último desta série de questionários (cada um contendo três perguntas) é o que nos interessa destacar aqui, por conta da terceira questão:

“Os graduados da Academia Militar dos Estados Unidos, dado o que você sabe ou crê, geralmente continuavam seus estudos profissionais após entrarem em seus respectivos corpos; e você poderia sugerir um método que estimularia, em sua opinião, o aperfeiçoamento profissional e a aquisição de informação útil entre os oficiais subalternos do exército?”⁸⁴

Algumas das nove respostas (dez oficiais ao todo responderam, sendo dois em parceria) foram categóricas, outras mais longas e elaboradas, mas apenas um, o capitão A. W. Whipple, engenheiro-topógrafo, respondeu que em sua opinião “[...] os graduados geralmente continuam [...] seus estudos profissionais após entrarem em seus respectivos corpos.”⁸⁵

Os capitães Joseph Roberts (4ª artilharia) e James B. Ricketts (1ª artilharia) esboçaram as dificuldades do estudo mais prolongado entre os oficiais que seriam no oeste, que nesta época já ia até a atual costa pacífica, mostrando que

[...] oficiais que servem nas fronteiras e no território indígena, como regra geral, não continuam seus estudos profissionais além das táticas de seu ramo. Em inúmeros

⁸³ COX, Jacob Dolson. *Military Reminiscences of the Civil War*. New York: Charles Scribner’s Sons, vol. 1, 1900, pp. 177-8.

⁸⁴ U.S. CONGRESS. **Report of the Committee Appointed to Examine the Organization, System of Discipline, and Course of Instruction of the United States Military Academy at West Point**. Washington: Government Printing Office, 1881, p. 72.

⁸⁵ Idem, *ibidem*, p. 314.

casos, isto se deve à carência de livros e outras facilidades para fazê-lo. O transporte é frequentemente tão limitado que nem mesmo pequenas bibliotecas pode ser carregadas.⁸⁶

Destacamos, resumidamente, a longa resposta do capitão Georg G. Meade, engenheiro-topógrafo por dois motivos: ela foi a mais detalhada de todas e Meade é um dos que fez propostas para solucionar o problema da falta de estudos entre os oficiais após sua graduação na academia. Diz ele:

Os oficiais naquilo que é chamado de linha do Exército, imediatamente após a graduação, são chamados a entrar nos árduos deveres incidentais de uma vida na fronteira. Espalhados por um imenso pedaço do país, separados em pequenos comandos, movendo-se constantemente [...] distantes dos livros e sem qualquer convívio social fora de suas guarnições e campos, e geralmente em estado de semi-guerra, é de causar espanto que os graduados deixem de ser estudantes? [...] Para remediar este mal [...] eu sugeriria tornar as promoções dependentes do mérito; o que significa dizer, exigir que os oficiais sejam examinados e exibam proficiência nas tarefas teóricas e práticas de sua profissão, e mostrem um registro de bons serviços, ante de promover-los a uma patente mais elevada.⁸⁷

Meade também propõe, interessantemente, um reforço no ensino de astronomia e geodesia na academia militar, dado que estes conhecimentos eram utilizados por oficiais engenheiros encarregados de estabelecer as fronteiras junto aos vizinhos e, por isso “destas funções são dependentes as relações internacionais.”⁸⁸

Nenhuma das propostas de Meade ou de seus colegas foi levada em consideração pela comissão e tornou-se realidade, pelo menos naquele momento, pois a Guerra Civil se iniciaria no ano seguinte ao que foi aplicado o questionário, o que acabaria atropelando a iniciativa e eventuais ideias para reformular o ensino militar seriam proteladas.

Mesmo com o *Out-Post* de Mahan e o *Elements* de Halleck, é preciso considerar que a academia militar “[...] ensinava pouca tática e apenas a instrução necessária para que o Corpo de Cadetes realizasse evoluções no campo de paradas.”⁸⁹ Como, então, os oficiais do período entre 1815 e 1861 aprendiam alguma noção de tática para adestrar seus soldados? O que os oficiais sabiam sobre tática no exército americano geralmente tinha origem nos manuais publicados por ordem governamental ou por particulares. As vezes eram os autores que custeavam a publicação de suas obras, em outras ocasiões o mercado editorial via neles uma chance de fazer algum dinheiro. Tais manuais eram cópias quase literais de textos táticos

⁸⁶ Idem, ibidem, p. 301

⁸⁷ Idem, ibidem, pp. 311-12.

⁸⁸ Idem, ibidem, p. 312.

⁸⁹ KEEGAN, John. Op. Cit.. p. 211.

franceses, como notou Ulysses Grant (reconhecendo, também, que nunca estudou esses manuais):

“Percebi de uma vez, portanto, que a tática de Hardee... _ uma mera tradução do francês com o nome de Hardee... apenso _ nada mais era do que o bom senso e o progresso da época aplicado ao sistema de Scott. [...] Não creio que os oficiais do regimento tenham descoberto que eu nunca estudei as táticas que usei.”⁹⁰

Grant se refere aos dois mais populares textos de instrução tática do exército americano: o “*Infantry Tactics or Rules For the Exercise and Manceuvres of the United States Infantry*”, do general Winfield Scott, publicado em 1835 e várias vezes reeditado até 1861; e o “*Rifle and Light Infantry Tactics for the Exercise and Manoeuvres of Troops when acting as lighth Infantry or Riflemen*”, do tenente-coronel William J. Hardee, lançado em 1855 e que ganhou mais de doze reedições, inclusive nos Estados Confederados da América, onde Hardee chegaria a major-general, durante a Guerra Civil Americana.

A obra de Scott estava organizada em três volumes, sendo que o primeiro tratava do treinamento individual do soldado e seus movimentos dentro de uma pequena unidade, de cerca de 100 homens, chamada de companhia; o segundo volume se detinha sobre os movimentos de um regimento de dez companhias de tamanho, mais os procedimentos para colocar no terreno do campo de batalha os soldados escaramuçadores (em inglês, *skirmish line*, ou linha de escaramuçadores), que eram aqueles soldados dispersos, avançando à frente do regimento para reconhecer o terreno e fustigar o inimigo e; por fim, o terceiro volume trata de um tema que nenhum outro manual tático anterior a 1861 mencionara, ou seja, a organização e manobras de grandes unidades como divisões (uma força completa, ao estilo napoleônico, com cavalaria, artilharia, infantaria e engenheiros) e corpos de exército (ou conjuntos de várias divisões agindo em uníssono)⁹¹.

O próximo manual a tratar da temática das unidades do porte de divisões e corpos de exército só seria publicado em 1863, no norte durante a Guerra de Secessão e em proveito da experiência acumulada pelo exército federal (União), nos dois anos anteriores de luta, organizando e movendo unidades de tal porte. Trata-se da obra do general-de-brigada Silas Casey, intitulada “*Infantry Tactics, For the Instuction, Exercise, and Manoeuvres of the Soldier, a Company, Line of Skirmishers, Batalion, Brigade or Corps D’Armée.*”

O texto de Hardee, por sua vez, era realmente uma tradução de manuais franceses. Como outros oficiais americanos de sua geração, Hardee também nutria uma forte

⁹⁰ GRANT, Ulysses Simpson. Op. Cit.. pp. 128-29.

⁹¹ GRIFFITH, Paddy. *Battle Tactics of the Civil War*. New Haven and London: Yale University Press, 2001, pp. 99-100.

“francofilia”. Juntamente com outros cinco colegas de cavalaria (dragoons) ele viajou para a França, onde ficou, de 1839 a 1840, na escola de cavalaria de Saumur. Um de seus colegas, o tenente Philip Kearny, chegou, inclusive a unir-se às tropas francesas de ocupação na Argélia e lutou contra os árabes.⁹²

Nas suas reflexões, Hardee enfatizava aquilo que ele via de mais inovador no exército francês: as tropas de *chasseurs à pied* (caçadores a pé) e de zuavos argelinos. Estas duas tropas do exército francês nasceram da mesma e cruenta realidade: a Guerra da Argélia a partir de 1830. O duque de Orléans, maior patrocinador dos caçadores, criou o batalhão de *Tirailleurs de Vincennes* em 1838 e deu aos caçadores (*chasseurs ou tirailleurs*) um treinamento com ênfase em muita ginástica, deslocamento em ordem dispersa e individualizado pelo terreno, com os soldados buscando tirar proveito de toda cobertura possível, como rochas, árvores, ondulações, depressões, para sua proteção, tiro de precisão e uma nova arma, a carabina raiada *Delvigne*. Seus uniformes também seriam diferentes, nada mais de casacos compridos, suas calças seriam largas e folgadas proporcionando boa movimentação, usavam perneiras, pequenos e baixos quepes e sem plumas. Sobre estes soldados, afirmavam que “eles passavam incontáveis horas aprendendo a manejar suas armas [...] a protegerem-se contra cavaleiros [...]”, assim, estes preparativos “[...] permitiriam que os caçadores resistissem à cavalaria árabe [...]”⁹³. Posteriormente, já na Argélia, eram colocados nas mesmas brigadas que os soldados nativos chamados zuavos, famosos por lutarem como comandos ou forças de assalto.⁹⁴ Em pouco tempo, aprenderiam os métodos um do outro, ganhando renome internacional e tendo seus métodos, treinamento, armamento, uniformes e nomes copiados por exércitos do mundo todo. Várias unidades da Guerra Civil, inclusive, receberam a denominação “*zouaves*”, enquanto o exército brasileiro teve uma unidade assim alcunhada na Guerra do Paraguai (1864-70), os “zuavos baianos”.⁹⁵

A diferença, se podemos assim chamar, entre os manuais de Scott e Hardee, portanto, está no fato de que o primeiro compreendia o combate como um duelo entre forças opostas reunidas em unidades compostas, com os homens em ordem-unida (ombro-a-ombro) trocando voleios de tiros à curtas distâncias, enquanto Hardee, sem querer desfazer-se da ordem-unida, pois seu manual ainda preconizava seu uso, vaticinava um maior emprego dos

⁹² MOTEN, Matthew. Op. Cit. pp. 84-85.

⁹³ NOSWORTHY, Brent. *The Battle Crucible of Courage: fighting methods and combat experience of the Civil War*. New York: Carroll & Graf, 2003, p. 101.

⁹⁴ Na verdade, eram forças treinadas em métodos de combate não convencionais, utilizando a ordem dispersa para avançar e o tiro coberto (protegido no terreno) para atingir o inimigo.

⁹⁵ Sobre os zuavos baianos, veja-se: FELIX JUNIOR, Osvaldo Silva. *O Envio de Negros da Bahia para a Guerra do Paraguai*. Uberlândia (45): **História e Perspectivas**, jul./dez. 2011.

soldados em ordem-dispersa, ou linha de escaramuçadores. Na opinião de um historiador especialista em tática:

Não obstante, o essencial de Scott permaneceu como a base para toda a ordem-unida e muito das manobras em ordem dispersa [...]. O manual de Hardee, por isso, não veio a ser um documento revolucionário, porque embora reconhecesse que a escaramuça estivesse obtendo uma crescente importância no campo de batalha moderno, de maneira alguma abolia o conceito tradicional de lutar em linha, ombro a ombro [...].⁹⁶

O capitão da 10ª infantaria do exército dos Estados Unidos, Henry Heth, reconhece que seu trabalho, de 1858, “*A System of Target Practice for the Use of Troops when Armed with the Musket, Rifle-Musket, Rifle, or Carbine*” é uma tradução de um trabalho francês intitulado “*Instruction Provisoire Sur Le Tir, à l’usage des bataillons de Chasseurs à Pied*”. Sua preocupação não está no tipo de ordem (unida ou dispersa) para dispor os soldados em campo, mas no reconhecimento de que estes não tinham treinamento de tiro ao alvo.⁹⁷

Remetendo aos experimentos franceses com os *chasseurs à pied*, o tenente Cadmus Wilcox que, como Hardee e Henry Heth, chegaria ao posto de general do exército confederado (sulista) durante a Guerra Civil, também escreveu um manual tático: *Rifles and Rifle Practice: An Elementary Treatise Upon the Theory of Rifle Firing, Explaining the Causes of Inaccuracy of Fire, and the Manner of Correcting it*, publicado em 1859. Como no caso de Heth, sua preocupação era melhorar a qualidade do tiro do soldado comum. Tratando das observações dos oficiais franceses no treinamento dos seus soldados caçadores, Wilcox diz que eles

provaram que o fogo dos escaramuçadores era mais eficiente do que o da fila [...] o que parece ser atribuível ao fato de que o escaramuçador não é incomodado pela fumaça, por seus camaradas ou pelos comandos de seu oficial; enquanto no fogo por fila, a fumaça e a fila de cada lado [do atirador] desarranja constantemente sua pontaria e posição; e no fogo por companhia a necessidade de obedecer o comando do oficial não permite uma pontaria deliberada e força o soldado a puxar o gatilho repentinamente e com um movimento súbito.⁹⁸

Entretanto, independente da temática abordada por qualquer destes textos, se ordem-unida ou dispersa ou se a prática do tiro ao alvo devia ser instituída nos corpos de

⁹⁶ GRIFFITH, Paddy. Op. Cit. p. 101.

⁹⁷ HETH, Henry. **A system of Target Practice for the Use of Troops when Armed with the Musket, Rifle-Musket, Rifle, or Carbine**. Philadelphia: Henry Carrey Baird, 1858, p. 09.

⁹⁸ WILCOX, Cadmus. **Rifles and Rifle Practice: an elementary treatise upon the theory of rifle firing, explaining the causes of inaccuracy of rifle, and the manner of correcting it**. New York: D. Van Nostrand, 1859, pp. 246-47.

tropa, parece que o pequeno exército americano anterior a 1861, não obstante a grande difusão de materiais didáticos de treinamento para oficiais, não treinava muito. Às vésperas da Guerra Mexicano-Americana de 1846-48, reconheceu Grant reconheceu em suas memórias que

em *Camp Salubrity*, e quando íamos para os quartelamentos de *New Orleans*, a 4ª infantaria era comandada pelo coronel Vose, então um cavalheiro idoso que não comandava uma ordem-unida há vários anos. [...] Agora, que pareceu que a guerra era iminente, ele sentia que era seu dever lembrar suas táticas. Consequentemente, quando nos estabelecemos em nosso novo posto, ele assumiu o comando do regimento numa ordem-unida de batalhão. Apenas duas ou três evoluções haviam se passado quando ele dispensou o batalhão e, retornando aos seus aposentos, caiu morto. Ele não havia se queixado de sua má saúde, mas sem dúvida morreu de doença cardíaca.⁹⁹

O interessante é que o 4ª de infantaria estava estacionado em *Camp Salubrity*, na Louisina, desde maio de 1844 e o episódio acima ocorreu em julho de 1845, ou seja, apenas um exercício de ordem-unida em mais de um ano e nenhuma referência conseguimos encontrar no texto de Grant sobre exercícios físicos ou de tiro ao alvo. Essa falta de preparo e treinamento era dispensada a uma unidade que se pretendia regular e permanente do exército norte-americano da época, não a um irregular corpo de voluntários.

Como poderia, então, um tal exército regular com este nível de despreparo, enfrentar com alguma possibilidade de êxito uma força moderna treinada em moldes europeus, mais numerosa e poderosa, como o exército mexicano, lutando em seu próprio território? A Guerra Mexicano-Americana de 1846-48 seria o principal teste para as reformulações implementadas na era Calhoun... (1817-25) e a única experiência de combate convencional da qual muitos dos futuros oficiais gerais da Guerra Civil - como George McClellan, Robert E. Lee, James Longstreet, Braxton Bragg, Georg Pickett, Ulysses Grant e o próprio Jefferson Davis -, teriam possibilidade de participar. A guerra contra o México foi seu único aprendizado prático de guerra convencional, tanto quanto a maldição do futuro do seu país: “O México nos envenenará!”, diria premonitoriamente o poeta Ralph Waldo Emerson, e o tempo se encarregaria de tornar verdadeira aquela fatídica expressão.¹⁰⁰

⁹⁹ GRANT, Ulysses Simpson. Op. Cit. p. 26.

¹⁰⁰ McPHERSON, James M. *Battle Cry of Freedom: the American Civil War*. London: Penguin Books, 1990, pp. 47-77.

2.6 A Guerra Mexicano-Americana (1846-48)

Após a infrutífera tentativa de tomar o Canadá na Guerra de 1812, o governo dos Estados Unidos conseguiu adquirir, por meio de compra, a Louisiana Francesa (1802) e da Flórida Espanhola (1819). Mas, a anexação do Texas (em 1845) e a tomada do Novo México e da Califórnia - posteriormente subdivididas, para dar origem a Utah Arizona e Nevada - trouxe consigo o maior acréscimo territorial da história dos Estados Unidos: um total de 529.017 milhas quadradas.¹⁰¹ Entretanto, foram necessárias duas diferentes campanhas militares americanas para vencer o México, então governado pelo presidente Antonio Lopez de Santa Anna: uma pelo norte, sob comando de um “general político” (civil indicado para a função) Zachary Taylor; a outra foi realizada pelo litoral do Golfo do México, comandada pelo tenente-general (provisório) Wilfield Scott.

A plataforma política do novo presidente, James K. Polk (1845-49), e de seu partido, democrata, era fundamentalmente o expansionismo geográfico do país até o Pacífico, com efeito, anexando a jovem República da Estrela Solitária (o Texas) - a qual o governo mexicano classificava, desde sua separação do México em 1835, como uma província rebelde - e áreas pertencentes ao próprio México, a chamada “Alta Califórnia”. Os democratas, especialmente aqueles concentrados nos estados escravistas do sul dos Estados Unidos, queriam transformar estes espaços em áreas de reprodução para sua economia agroexportadora-escravocrata.

Evidentemente, havia oposição à guerra e ela tinha origem principalmente entre os *whigs* (liberais) e os adeptos do “*free-soil*”¹⁰². Estes imaginavam, não sem motivos, que no caso de uma vitória americana e na consequente dilatação do território, as novas regiões conquistadas entrariam para a União como estados escravistas e, aumentando o número de representantes destes no senado e na câmara, em Washington, se tornaria praticamente impossível eliminar a escravidão num curto espaço de tempo.¹⁰³

Com apoio limitado no norte, o presidente decidiu não convocar as milícias estaduais para reforçar o diminuto exército nacional. Utilizou-se, então, do subterfúgio de pedir ao congresso (onde tinha maioria) a autorização para a convocação de 50.000 voluntários pelo tempo de duração do conflito. Todavia, os esforços propagandísticos da

¹⁰¹ HSIEH, Wayne Wei-Siang. Op. Cit.. p. 55.

¹⁰² O *free-soil party* foi um partido abolicionista que reuniu membros descontentes dos partidos Whig e Democrata, que defendiam a idéia de que a escravidão não poderia ser expandida até os novos territórios conquistados a oeste do rio Mississippi.

¹⁰³ COLES, Harry. Op. Cit.. pp. 354-5.

administração Polk se concentrariam nos estados do sul, onde o apoio à guerra era esmagadoramente maior.¹⁰⁴ Mesmo entre os militares profissionais era corrente um sentimento de aversão pela guerra. O general Grant escreveu que considerava esta guerra “[...] como uma das mais injustas já travadas por uma nação forte contra uma fraca.”¹⁰⁵

2.6.1 Taylor no norte do México (1846-1847)

O primeiro ato de guerra partiu dos americanos. Em 1845, logo após a anexação do Texas ao território dos Estados Unidos, o governo de Washington enviou um “exército de observação” ao novo Estado. O governo americano exigia que o México lhe cedesse o território compreendido entre os rios *Nueces* e Grande. Todavia, ante a recusa mexicana levou o governo dos Estados Unidos a modificar a missão do exército de observação, para passar a ser um “exercito de ocupação”, invadindo a área reivindicada.

Naquela ocasião o exército mexicano contava com cerca de 32.000 soldados. Sua infantaria tinha sido muito bem treinada ao melhor estilo de ordem-unida napoleônica. Também contava com uma cavalaria que se colocava entre as melhores do ocidente, embora não tão numerosa. O armamento padrão do infante mexicano, dotado do velho Brown Bess (de fabricação britânica), contudo, era muito inferior em qualidade e idade ao do americano,. O Brown Bess era uma arma de alma-lisa (o interior de seu cano não apresenta ranhuras que façam a bala girar em seu voo até o alvo, o que lhe proporcionaria mais alcance e precisão, como era o caso das armas raiadas, ou *rifles*, em inglês), que disparava um projétil esférico (com limitado alcance efetivo até o alvo, apenas cerca de 100 jardas) e era acionado por uma faísca de pederneira. A arma mais comum entre os americanos -na verdade, entre os regulares, pois os voluntários faziam uso de uma miscelânea de armamentos portáteis _ era também um mosquete (ou seja, carregado pela boca do cano e não pela culatra) - trata-se do modelo *Harper’s Ferry* (nome do arsenal, na Virginia, onde era fabricado) modelo 1842, de calibre .69 _, contudo, com poucos anos de uso e era acionado pelo novo sistema de espoletas de percussão, também chamadas cápsulas de fulminante.¹⁰⁶

¹⁰⁴ DOUGHTY, Robert A. Op. Cit.. p. 16.

¹⁰⁵ GRANT, Ulysses Simpson. Op. Cit.. p. 23

¹⁰⁶ DUGARD, Martin. **The Training Ground**: Grant, Lee, Sherman, nad Davis in the Mexican War, 1846-48. Lincoln: University of Nebraska Press, 2009, pp. 103-4.

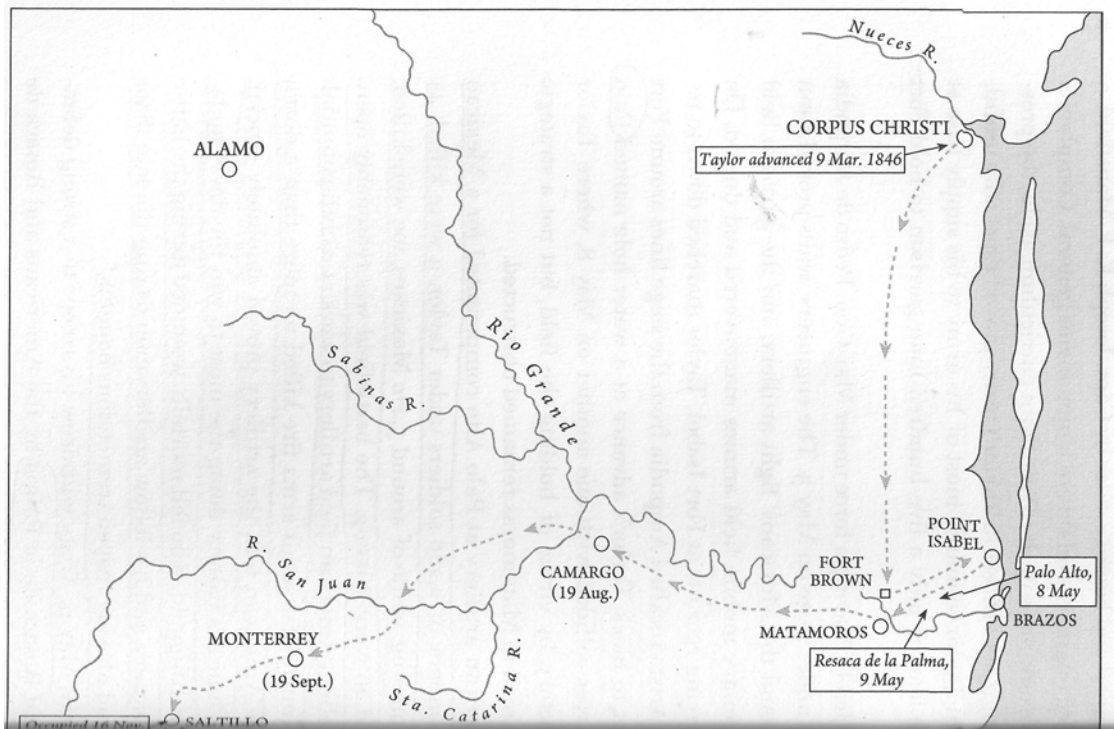


FIGURA 1: Camapnha de Zachary Taylor no norte do México

Fonte: Hsieh, 2009, p. 58.

Existe uma interessantes estatística, produzida por um oficial britânico, mostrando que “[...] durante a batalha de Churubusco (20 de agosto de 1847), a infantaria mexicana havia infligido aproximadamente uma baixa a cada 800 tiros de mosquete gastos, enquanto a infantaria americana foi capaz de matar ou ferir um mexicano a cada 125 tiros.”¹⁰⁷

O “exército de ocupação” do general Zachary Taylor computava 8.000 homens (50% de regulares). De sua entrada no México até o local onde se daria o primeiro choque de armas (de *Corpus Christi* a Matamoros ou Palo Alto) o exército de ocupação levaria, dois meses para completar as 150 milhas de marcha. Logo, operando em território hostil e fracamente povoado, precisava sustentar-se num grande aparato logístico, como relata Grant

Não havia, naquela época, uma só habitação, campo cultivado ou rebanho de animais domesticados, entre *Corpus Christi* e *Matamoros*. Era necessário, portanto, ter um trem carroças suficientemente grande para transportar o equipamento de acampamento e guarnição, a bagagem dos oficiais, rações para o exército e parte das rações de grãos para os cavalos da artilharia e toso os animais trazidos do norte [...]. O exército estava bem suprido com transporte. Carroças e arreios podiam ser facilmente fornecidos do norte; mas mulas e cavalos não podiam ser prontamente trazidos. Os comerciantes americanos e contrabandistas mexicanos vieram em nosso

¹⁰⁷ NOSWORTHY, Brent. Op. Cit.. p. 583.

socorro. Contratos eram feitos para [comprar] mulas, de oito a onze dólares cada. [...] Tal é o comércio, tal é a guerra.¹⁰⁸

Em *Palo Alto* (8 de maio de 1846) estavam presentes 2.288 americanos contra 3.270 mexicanos e 8 contra 12 peças de artilharia, respectivamente. Em pouco tempo de luta os americanos já eram donos do terreno e sua artilharia tinha ceifado 102 vidas mexicanas (além de 129 feridos), enquanto do lado americano pereceram 9 homens e 44 ficaram feridos. Como Palo Alto era um espaço plano, a artilharia americana pode se fazer sentir com sucesso.¹⁰⁹ No dia seguinte (9 de maio) estas forças se chocaram novamente, com os mexicanos ocupando a área em torno de *Resaca de La Palma*. A região era cercada por “*chaparral*”, um tipo de capim alto e espesso, que reduzia a visibilidade para os artilheiros e fazia com que os infantes americanos precisassem se aproximar demasiadamente dos mexicanos. Mas a derrota do dia anterior, em Palo Alto, que abalou o moral mexicano, e a fome – os soldados mexicanos estavam há mais de 24 horas sem uma refeição -, somadas ao fato de que os americanos lutaram em ordem dispersa no meio do matagal, aliás da mesma forma como estavam acostumados a lutar contra seus mais tradicionais inimigos, os índios, contribuiu para que, novamente, os estadunidenses vencessem. O resultado da batalha dependeu, fundamentalmente, da iniciativa de sargentos, tenentes e capitães que, na linha de frente, isolados, entre si e de seus superiores, lutavam como caçadores, em ordem-dispersa. A experiência da luta contra os índios no oeste se fez, então, relevante e decisiva.¹¹⁰

Em setembro de 1846, com o exército de ocupação de 6.000 homens (mais 3.000 tropas cobrindo sua retaguarda), Taylor avançou contra 7.300 soldados mexicanos em *Monterrey*. O comandante mexicano local (general Pederro Ampudia) numa grotesca falha de inteligência, acreditando que Taylor tinha, pelo menos, 14.000 homens e abundante artilharia, rendeu-se.¹¹¹

Estas rápidas vitórias de 1846, todavia, trouxeram suspeitas dos políticos democratas sobre as futuras ambições do general Taylor, um *whig*. Se ele tomasse a Cidade do México e derrotasse, finalmente, o governo de Santa Anna, suas glórias seriam completas e teria fortes chances de vencer uma eleição presidencial contra Polk. Em fevereiro de 1847, Santa Anna, pressionado por seus generais, decidiu atacar pessoalmente as tropas de Taylor em *Buena Vista*. Preservado numa posição alta e fortificada, Taylor esperou pelo ataque, que

¹⁰⁸ GRANT, Ulysses Simpson. Op. Cit., p. 31.

¹⁰⁹ BAUER, Karl J. The Battles on the Rio Grande : Palo Alto and Resaca de la Palma, 8-9 May 1846. In : HELLER, Charles. STOFFT, William. **America's First Battles, 1776-1965**. Lawrence : University Press of Kansas, 1986, pp. 67-73.

¹¹⁰ HSIEH, Wayne Wei-Siang. Op. Cit., pp. 59-60.

¹¹¹ Idem, *ibidem*, pp. 61-62.

foi batido por sua artilharia e sua estática infantaria¹¹². A partir desta retumbante vitória militar da figura ascendente do general norte-americano, a administração Polk não teve mais dúvidas: Taylor tornara-se politicamente perigoso para as pretensões dos democratas:

A Guerra Mexicana era uma guerra política, e a administração conduzindo-a desejava conseguir um capital político com ela. [...] após a queda de Monterrey, sua terceira batalha e terceira vitória completa, os jornais *Whig* em casa começaram a falar dele como candidato de seu partido à presidência. Algo tinha que se feito para neutralizar sua crescente popularidade. Ele não podia ser removido do comando em campo, onde todas as suas batalhas haviam sido vitórias [...]. Finalmente foi decidido enviar o general Scott para o México no comando em chefe e autorizá-lo a conduzir seu próprio plano original: ou seja, capturar Vera Cruz e marchar sobre a capital do país. [...] O general Scott se opunha à conquista do país pelo caminho do Rio Grande [...]. Agora que ele estava no comando de todas as forças no México, ele retirava de Taylor a maioria de suas tropas regulares e o deixava apenas com suficientes regulares [...]¹¹³

Após sua vitória em Buena Vista, portanto, Taylor não teria efetivo suficiente para prosseguir pelo interior do México até a capital. Sua tarefa passaria a ser a proteção da área ao norte do país, enquanto um novo “exército de conquista” era desembarcado perto da fortaleza de Vera Cruz, na costa do Golfo do México.

2.6.2 Operações de Winfield Scott no sul.

Em 7 de março de 1847, Winfield Scott desembarcou um exército constituído majoritariamente constituído por oficiais e soldados regulares, embora ainda contasse com sete regimentos de voluntários alistados por 12 meses. Esta operação exigiu um elevado nível de coordenação entre marinha e exército, ao ponto dos mexicanos entenderem que não seria sensato opor-se ao desembarque anfíbio, pois a marinha fornecia apoio aproximado e constante com seus navios. Além disso, a marinha desenhou e construiu barcos especiais para deslocar homens, animais, equipamentos e artilharia.¹¹⁴

Nesta fase inicial, o primeiro alvo de Scott era a fortaleza de San Juan de Ulúa, em Vera Cruz. Temendo um elevado número de perdas entre seus soldados, o governo de Washington propôs aqui, aquilo que poderia ter sido o primeiro emprego de balões cativos na história do bombardeio aéreo. As autoridades de Washington solicitaram ao aeronauta John Wise um plano para reduzir (conquistar) a fortaleza de San Juan de Ulúa pelo lançamento de bombas de percussão (então chamadas “*percussion torpedos*”). O projeto previa o emprego

¹¹² BAUER, Karl J. **Mexican War, 1846-1848**. Lincoln: University of Nebraska Press, 1992, p. 215.

¹¹³ GRANT, Ulysses Simpson. Op. Cit., pp. 58-59.

¹¹⁴ DOUGHTY, Robert A. Op. Cit., p. 19

de um balão cativo — preso ao solo ou a um navio de guerra — de 20.000 libras (sendo 18.000 delas usadas para carregar bombas e granadas e as 2.000 restantes para a tripulação). Esta nave poderia ascender a até 5.000 pés e permanecer fora do alcance da mosquetaria e dos canhões mexicanos. Nas palavras de Wise:

“[...] com esta belonave aérea suspensa uma milha acima do forte, suprida com mil granadas de percussão, o castelo de Vera Cruz podia ser tomado sem a perda de uma só vida para o nosso exército e a um custo que nada seria perto daquele de tomá-la pelos modos comuns de ataque.”¹¹⁵

Embora o projeto fosse descartado pelo fato de que a investida americana sobre o lado frágil das defesas de San Juan Ulúa —os mexicanos esperavam um assalto anfíbio em frente ao forte, mas os americanos desembarcaram ao norte dele e o atacaram pelo lado de terra firme, onde sua artilharia da fortaleza era fraca— o historiador Stanabuny Haydon nos chama atenção para o fato de que

[...] durante a investida desta cidade que Wise desejava capturar com táticas aéreas, servia um jovem tenente de engenheiros, George B. McClellan que, quinze anos mais tarde, como comandante geral dos exércitos dos Estados Unidos, cooperou com o rival de Wise, T.S.C. Lowe, na criação do primeiro corpo de balonismo americano em 1861.¹¹⁶

Esta campanha poria à prova a formação, a competência e a coragem dos jovens oficiais profissionais formados no “sistema de hábito de pensamento” da West Point de Thayer e Mahan. O estado-maior de Scott estava totalmente ocupado por oficiais engenheiros subalternos -majores, capitães e tenentes - formados na academia. Na batalha seguinte, em Cerro Gordo (17 e 18 de maio de 1847) eles seriam decisivos, dito de outro modo, sua ausência poderia ter provocado um final diferente para essa batalha.

Para marchar até a Cidade do México era preciso tomar estradas (construídas por Cortez no século XVI) que, saindo de Vera Cruz, convergiam para uma localidade chamada Cerro Gordo, que guardava o acesso à Sierra Madre. O presidente Santa Anna decidiu fincar seu exército nesta posição elevada e dominante para tentar impor uma derrota aos americanos, que seriam obrigados a lutar desde um terreno mais baixo, em declive e exposto. Scott necessitava, portanto, de uma alternativa que lhe permitisse flanquear a forte posição mexicana. Seus jovens engenheiros encontraram tal alternativa

¹¹⁵ Apud. HAYDON, F. Stansbury. **Military Ballooning during the Early Civil War**. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 2000, pp. 30-31.

¹¹⁶ Idem, *ibidem*, p. 32.

reconhecimentos foram enviados para encontrar, ou para construir, uma estrada pela qual a retaguarda das fortificações inimigas pudesse ser alcançadas sem um ataque frontal. Estes reconhecimentos foram feitos sob a supervisão do capitão Robert E. Lee, assistido pelos tenentes P.G.T. Beauregard, Isaac I. Stevens, Z. B. Tower, G. W. Smith, George B. McLellan e J. G. Foster, do corpo de engenheiros, todos oficiais que ascenderiam nas patentes e na fama, num lado ou noutro, no grande conflito pela unidade da nação. O reconhecimento foi completado e o trabalho de abrir e fazer estradas pelo flanco do inimigo estava completo por volta de 17 daquele mês. Isto foi realizado sem o conhecimento de Santa Anna ou de seu exército e sobre um terreno que ele supunha inexpugnável. [...] Sob supervisão dos engenheiros foram abertas estradas sobre as ravinas da direita. Estas foram abertas sob a cobertura da noite, sem atrair a atenção do inimigo. Os engenheiros [...] lideraram e as tropas os seguiram. A artilharia foi ascendida vagarosamente pela encosta à mão, os homens amarravam uma forte corda ao eixo traseiro e puxavam os canhões devagar, uma peça por vez. Desta maneira as tropas de Scott alcançavam sua posição demarcada na retaguarda da maioria dos entrancheiramentos do inimigo, sem ser observadas. O ataque foi feito, as reservas mexicanas atrás das fortificações bateram em acelerada retirada e aquelas que as ocupavam se renderam.¹¹⁷

Em 15 de maio de 1847, Scott já estava em posse de Puebla, a segunda maior cidade mexicana da época, e se preparava para um ataque à capital. Contudo, o exército foi reduzido com a perda de cinco regimentos de voluntários, cujos termos de alistamento de 12 meses haviam vencido e não desejavam se realistar, forçando-o a uma paralisação de suas operações até agosto, quando receberia o reforço de novos voluntários. Quando Scott reiniciou suas operações ofensivas, estas seguiram o padrão estabelecido em Cerro Gordo: os engenheiros procuravam um caminho por uma área desguarnecida da linha inimiga ou ao redor dela, a artilharia americana martelava as forças mexicanas e a infantaria de Scott, avançava pelos flancos. Quando recorria ao assalto frontal às posições entrancheiradas dos mexicanos, entretanto, suas baixas tornavam-se elevadas.¹¹⁸ Em maio, após a perda dos voluntários, Scott contava com 7.113 soldados, já em agosto, com o recebimento de reforços em Puebla, seu efetivo chegava a um máximo de 10.738 tropas, bem abaixo, portanto, dos 12.000 homens que inicialmente desembarcaram em Vera Cruz. Santa Anna, por sua vez, ainda dispunha de 20.000 a 25.000 combatentes para defender a capital, mas com moral bastante abatido. No litoral do Golfo do México havia, naquele momento, uma epidemia de febre amarela, o que tornava inviável uma retirada. Assim, Scott precisava vencer rapidamente, enquanto Santa Anna só necessitava impor-lhe uma séria resistência. Na imprensa inglesa o próprio duque de Wellington —vencedor de Waterloo e comandante-em-chefe do exército britânico— afirmou que Scott já estava derrotado¹¹⁹.

¹¹⁷ GRANT, Ulysses Simpson. Op. Cit., pp. 64-5.

¹¹⁸ Como no caso da batalha de *Molino Del Rey* (8 de setembro de 1847), onde a infantaria americana computou 25% de perdas entre as unidades engajadas na refrega. Ver sobre isto DOUGHTY, Robert A. Op. Cit., p.22.

¹¹⁹ HSIEH, Wayne Wei-Siang. Op. Cit. p. 67.

Atacar a Cidade do México, era para Scott —um soldado mais inspirado pelas tradições militares das guerras monárquicas dos séculos XVII e XVIII do que pelas Guerras Napoleônicas— o objetivo principal. De forma alguma ele procurava aniquilar o exército mexicano, mas, antes, assumir o controle sobre o “sistema nervoso central” deste, isto é, a capital do México:

O exército mexicano sobreviveu à perda de sua capital; Scott não o esmagou, mas havia transformado uma posição após a outra, insustentáveis para ele. [...] Mas a vida racional caiu em uma paralisia, como Scott havia previsto, e por isso o governo do México fez a paz.¹²⁰

A cidade do México foi tomada pelos americanos em 14 de setembro de 1847, após uma sequência de enfrentamentos em volta dela, como em *San Augustin* (17.08.1847), *Contreras* (20.08), *Churusbusco* (20.08), *Molino del Rey* (08.09) e *Chapultepec* (13.09). No tratado de paz de *Guadalupe-Hidalgo*, o México reconhecia a perda do Novo México e da Alta Califórnia (atuais Califórnia, Utah e Nevada) e os Estados Unidos pagaram ao México uma compensação de 15.000.000 de dólares.¹²¹

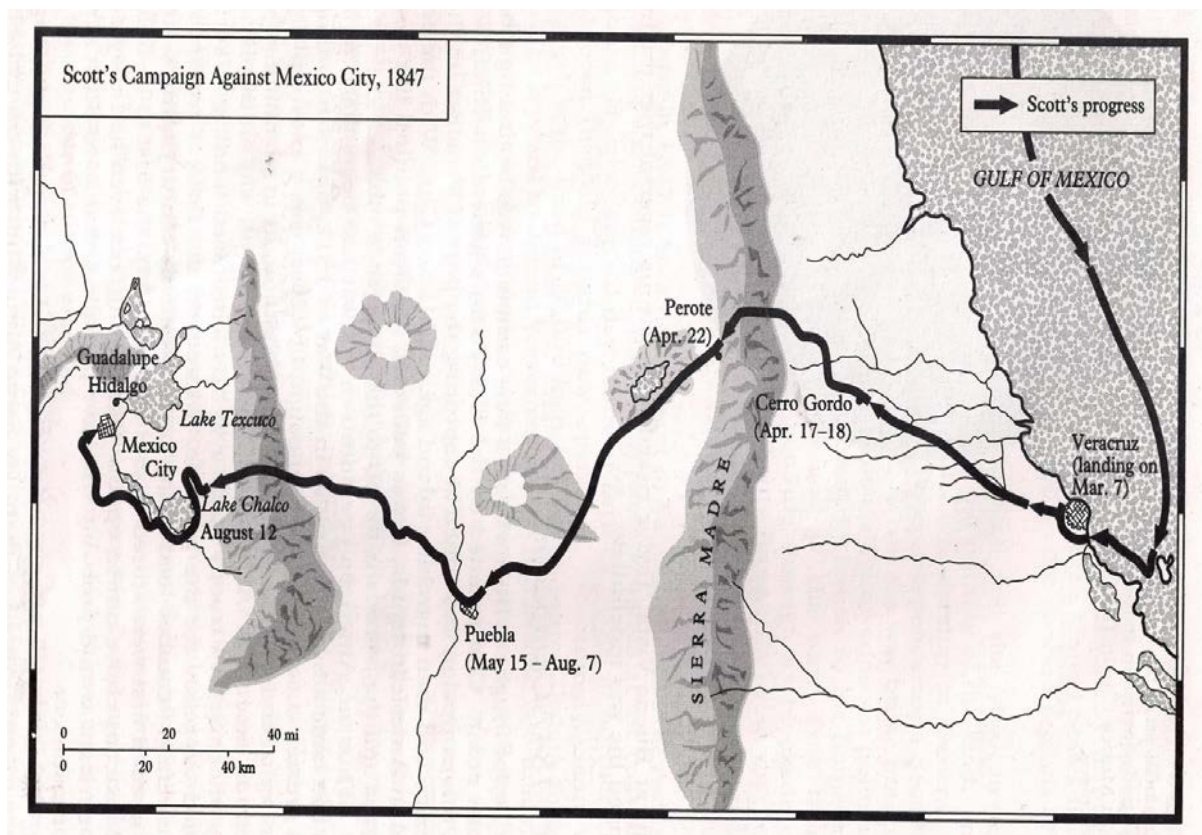


FIGURA 2: Campanha de Winfield Scott no sul do México

¹²⁰ WEIGLEY, Russell F.. Op. Cit., pp. 74-5.

¹²¹ GRANT, Ulysses Simpson. Op. Cit. P. 86.

Fonte: Doughty, 1996, p.20.

No que tange ao desempenho militar das forças americanas nesta guerra, alguns aspectos que possibilitaram sua performance: 1) o domínio incontestado da marinha americana sobre o Golfo do México garantia uma segura retaguarda e um constante abastecimento das necessidades materiais do exército de Scott; 2) a presença de oficiais profissionais (engenheiros) no exército foi essencial para seus sucessos em campo, assim como foram para Taylor que, em Buena Vista, tinha apenas infantaria voluntária, mas comandada por oficiais profissionais formados na academia militar de West Point (caso do coronel Jefferson Davis); 3) para complementar sua logística, os dois exércitos também se serviram da economia local por meio de um sistema de requisições (camponeses entregavam o que tinham de víveres em troca de um pagamento feito pela Pagadoria-Geral do exército americano); 4) os exércitos estadunidenses evitaram uma política de saques e depredações - nem sempre de maneira eficaz -, pois seus comandantes temiam que isso animasse uma guerrilha popular; 5) por fim, a maioria das baixas americanas seria decorrência de doenças e não do combate, sendo 7.700 regulares mortos por doença contra os 900 atingidos em combate e 6.400 voluntários igualmente perdidos para enfermidades em comparação aos 607 tombados em ação - um padrão que se inverteria totalmente na Guerra da Secessão Americana.¹²²

A Guerra Mexicana, entretanto, parece não ter trazido consigo uma satisfação conformista de políticos e militares americanos quanto ao *establishment* militar do país, pois os anos entre 1848 e 1861 foram de grande movimentação, debates e continuadas reformas. Destacando-se aquelas do período em que Jefferson Davis foi secretário da guerra do presidente Franklin Pierce (1853-57) e presidente da Comissão do Senado Americano para Assuntos Militares (1857-61).

2.7 As Reformas da Era Davis

Além do governo estimular o desenvolvimento intelectual de seus jovens oficiais profissionais, por meio de estudos nos Estados Unidos ou no exterior (Europa), muitas outras mudanças foram propostas, quase todas elas foram iniciativas de um ex-aluno de West Point, Jefferson Davis, que seria convidado, em 1853, pelo presidente Franklin Pierce (1853-

¹²² DOUGHTY, Robert A. Op. Cit. pp. 23-4.

57) a assumir o cargo de secretário da guerra. Davis permaneceu nesta função até 1857, quando, com a derrota de Pierce na eleição presidencial de 1857, se retirou para reassumir sua vaga no senado federal e a presidência do comitê do congresso para assuntos militares, aí ficando até a crise que levaria à secessão dos estados do sul e a Guerra Civil, em 1861.

O novo secretário da guerra graduou-se em West Point em 1828. Seus registros mostram um aluno medíocre e rebelde em relação aos seus superiores hierárquicos. Davis ingressaria na carreira ativa como oficial de infantaria servindo no controle de índios no oeste, porém com o “duvidoso benefício de uma educação de engenheiro” obtida na academia militar. Em 1835, deu baixa no exército e retornou ao *Mississippi*, onde se casou com Sarah Knox Taylor (filha do general Zachary Taylor) e assumiu uma vida de fazendeiro algodoeiro. Quando arrebentou a Guerra do México, em 1846, o governo de *Mississippi* lhe entregou o comando de um regimento local de voluntários, dado que sua educação em West Point e sua conexão política com Zachary Taylor o gabaritavam para tanto. Na batalha de *Buena Vista* alcançou notoriedade ao repelir uma massa de cavalaria de lanceiros mexicanos, com seus homens do *Mississippi* e outros voluntários de Indiana. A guerra de 1846-48 catapultou sua carreira política, levando-o ao senado dos Estados Unidos.¹²³ Ele foi o primeiro secretário da guerra a realmente se interessar pela vida do exército servindo nos fortes do oeste. No intuito de melhorar as condições de atuação das tropas ele se preocupou com sua capacidade de deslocamento frente aos rápidos deslocamentos indígenas. Para tanto, utilizou-se dos serviços dos engenheiros do exército que traçaram rotas ferroviárias interligando leste e oeste e ramais destas rotas que conectassem um posto militar ao outro no oeste. Além disso, enviou o major Henry C. Wayne ao Oriente Médio para adquirir camelos e dromedários para criar um “corpo cameleiro” no exército — experimento sabotado pelos oficiais encarregados de conduzi-lo e interrompido pela Guerra Civil e pelo advento da ferrovia no oeste.¹²⁴

Embora tivesse sua origem na infantaria e se preocupasse com as questões que afligiam as tropas na fronteira oeste como nenhum outro secretário antes dele, Davis não preteriu os corpos científicos do exército ou o sistema de defesa costeira preconizado desde 1821. Ao contrário, tinha elevada estima pelos dois. Inclusive, para defender o plano de defesa costeira no Congresso, Davis se serviu das experiências das últimas operações militares no Báltico e no mar Negro, durante a chamada Guerra da Crimeia (1854-56). Para ele, era fundamental que o exército dos norte-americanos enviasse uma missão de observação a Rússia para acompanhar o conflito e, posteriormente, relatá-lo às autoridades civis e militares

¹²³ MOTEN, Matthew, Op. Cit. pp. 77-9.

¹²⁴ Idem, ibidem, p. 85. e HATTAWAY, Herman. JONES, Archer. Op. Cit. p. 08.

dos Estados Unidos. Assim, em abril de 1855 era organizada a “Comissão Delafield” de observação à Guerra da Crimeia.

2.7.1 Breve Resumo da Guerra da Crimeia

Como não é nosso propósito aqui tratar de toda a história da Guerra da Criméia mas, tão somente das operações militares deste conflito, basta colocar que os dois lados em luta eram o Império Russo e uma aliança de países constituída pela Turquia, Inglaterra, França e Piemonte.

O conflito foi travado em dois teatros de operações: o do Báltico, nas cercanias da base naval russa de Kronstadt (próxima a S. Petersburgo), e na península da Criméia, no mar Negro. Todavia, foi apenas nesta última que a luta se deu também em terra firme com emprego de exércitos. Daí nos concentrarmos nesta região.

Em 30 de novembro de 1853, a frota da marinha russa no mar Negro atacou de surpresa e destruiu quase completamente a esquadra turca na base naval de Sinope. Iniciava-se a guerra. No ano seguinte, temendo pela segurança de seus interesses geopolíticos junto ao Império Turco-Otomano e ao Oriente Médio, Inglaterra, França e Piemonte declaravam guerra à Rússia.

Após meses acampadas nas proximidades de Varna (na atual Bulgária, então parte do Império Turco), onde começaram a padecer com a cólera, as tropas turcas, inglesas e francesas foram desembarcadas na baía Kalamita, 30 milhas ao norte de Sevastopol - cidade da Criméia onde estava baseada a frota russa que atacava os turcos em Sinope-, em 14 de setembro de 1854. A força expedicionária aliada, na ocasião, somava 28.000 soldados franceses, 27.000 ingleses apoiados por 60 canhões e 7.000 turcos com 68 canhões.¹²⁵

No dia 20 de setembro ocorreu a primeira batalha entre os oponentes nas proximidades do rio Alma. As tropas do príncipe Menshikov (comandante russo) sofreram aproximadamente 6.000 baixas letais, ao passo que os aliados -mesmo lutando em terreno aberto, num ataque frontal contra elevações ocupadas pelos russos na margem sul do rio_ tiveram apenas cerca de metade deste número em perdas. Uma larga sequência de erros ocorreu de lado a lado, depois do encerramento da batalha. Os aliados não perseguiram os russos como aproveitamento do êxito_ principalmente porque só contavam com 1.000 soldados de cavalaria (ingleses) para perseguir as 33.000 tropas de Menshikov. Em vez de

¹²⁵ Sobre a cólera e os desembarques aliados, veja-se: WARNER, Philip. **The Crimean War: a reappraisal**. Hertfordshire: Wordsworth Editions, 2001, pp. 24-6.

atacar Sevastopol diretamente, preferiram flaqueá-la pelo leste para só depois atacá-la, depois pelo sul – o propósito dos aliados parece ter sido querer garantir o seu controle sobre Kamiesh e Balaclava, dois portos do sul da Criméia, para suprir suas forças. Essa manobra desastrosa deu o tempo que os russos precisavam para, por meio do comando e orientação de seu brilhante chefe de engenheiros, coronel Franz Eduard Ivanovich Todleben, reforçarem suas defesas terrestres para estancar a ofensiva aliada.¹²⁶ Nascia assim, o cerco Sevastopol (desde setembro de 1854 a setembro de 1855). Ainda durante as operações de sítio ocorreriam duas grandes batalhas campais: Balaclava (dia 26 de outubro de 1854) e Inkerman (dia 05 de novembro de 1854). Em Balaclava ficou atestada toda a insanidade que representava uma carga de cavalaria em terreno aberto contra forças de artilharia e infantaria bem fincadas e protegidas no terreno. Primeiramente, a “carga da brigada ligeira” britânica, com 658 cavaleiros atacando a artilharia russa no Vale Norte (desde então, renomeado “Vale da Morte”), que terminaria com menos de 200 cavaleiros que retornaram ilesos, deixando no campo de batalha 134 mortos e todos os outros feridos¹²⁷. No mesmo dia, a cavalaria de hussardos russos atacou uma infantaria de *highlanders* escoceses em campo aberto:

Cerca de 1500 cavaleiros russos logo depois carregaram sobre os highlanders, aquela “delgada linha vermelha”, que ajoelhando enquanto eles estavam a seiscentas jardas desfechou um voleio entre suas colunas. Isto não os parou entretanto, mas quando estavam a cento e cinquenta e cinco jardas foram encarados por outro voleio, que os jogou em confusão e girando fugiram em todas as direções.¹²⁸

Dez dias depois, no platô de Inkerman, os russos, novamente liderados por Menshikov, aproveitaram-se de um nevoeiro para cair com 35.000 soldados sobre as trincheiras inglesas. O capitão K. Hodasevich¹²⁹, do exército russo, comentou sobre a luta em trincheiras, inclusive em Inkerman:

“Esta guerra tem provado que o melhor tipo de defesa contra um ataque regular consiste em fortificações de terra que podem ser facilmente modificadas, alteradas e aumentadas para enfrentar os ataques. As perdas do lado russo na batalha de Inkerman foram muito grandes, somavam cerca de 12.300 soldados mortos, feridos

¹²⁶ EDGERTON, Robert B.. **Death or Glory: the legacy of the Crimean War**. Boulder: Western Press, 1999, pp. 21-3.

¹²⁷ BAUMGART, Winfried. **The Crimean War, 1853-56**. New York: Oxford University Press, 1999, pp. 126-30.

¹²⁸ PEARD, George Shuldham. **Narrative of Campaign in the Crimea: including an account of the battles of Alma, Balaclava, and Inkerman**. London: Richard Bentley, 1855, pp. 154-5.

¹²⁹ Polonês a serviço da Rússia, desertou para o lado inglês durante o cerco de Sevastopol. Mudou-se para os EUA e serviu ao exército da União (federal) durante a Guerra Civil. Alistou-se, posteriormente, no exército argentino durante a Guerra do Paraguai (1864-70). Por suas habilidades como engenheiro e desenhista foi “emprestado” ao exército brasileiro, servindo como observador aeronáutico em um balão americano sob comando brasileiro. Cf. MARTIN, Eloy. **Los Ojos del Águila Blanca**: Robert Adolfo Chodasiewicz. Amazon, 2010, pp. 13-36, 129-138.

e desaparecidos; só o nosso regimento perdeu 1.600 homens e minha companhia 75. As perdas de oficiais também foram muito grandes; nosso regimento perdeu 28 de 50.”¹³⁰

Com a chegada do inverno de 1854-55, as forças ficaram imobilizadas. Russos e franceses estavam bem abrigados, aquecidos e alimentados, ao passo que os ingleses não dispunham de abrigos ou roupas adequados, careciam de comida e medicamentos. Muito material necessário para suportar o cerco havia sido perdido quando uma tempestade, em 14 de novembro de 1854, afundou 21 navios britânicos com seus suprimentos. Nestas condições, o frio, a fome e as doenças (tifo, disenteria e cólera) chegaram perto de eliminar o exército britânico. No ano de 1855, apesar de continuarem as provações dos aliados, suas forças agora providas de muitos reforços, inclusive os bem equipados piemonteses, ampliaram o cerco sobre Sevastopol.¹³¹

Em mais um atestado das forças das posições entrincheiradas, em 15 de agosto de 1855 os russos caíram sobre as trincheiras franco-piemontesas no rio *Tchernaya*. “*Esta foi uma das mais sangrentas batalhas da guerra, embora uma das menos divulgadas.*”¹³² Para Edward Hagerman, as batalhas de Inkerman e Tchernaya haviam deixado evidente, para os observadores cuidadosos, que a Guerra da Criméia evidenciava o novo e importante papel que a combinação entre poder de fogo e entrincheiramento passou a ter.¹³³

Com a queda de Sevastopol para os aliados, em 8 de setembro de 1855, e o reconhecimento da derrota russa na Conferência de Paz de Paris, em 1856, o conflito chegava ao seu final. A Guerra da Criméia fora importante por vários motivos. Nela se deu o primeiro uso militar do telégrafo, do navio a vapor e da ferrovia. Foram desenhadas e usadas minas navais e terrestres, acionadas por impulso elétrico ou por contato, além de granadas de gases asfixiantes. Com ela nasceria um novo tipo de imprensa, a cobertura de guerra (que teria como seu inaugurador o jornalista William Howard Russell), e uma nova técnica de retrato, a fotografia. Foi a única guerra européia, entre 1815 e 1914 a envolver mais de duas potências daquele continente. Mas, para os profissionais militares americanos foi a única oportunidade de testemunhar e escrever sobre um conflito da era industrial antes do cataclismo que se precipitaria com a Guerra de Secessão Americana.

¹³⁰ HODASEVICH, K.. **Within Sebastopol**: a narrative of the campaign in Crimea and the events of the siege. Leonaur, 2008, p. 106, 135

¹³¹ EDGERTON, Robert B. Op. Cit.. pp. 26-7.

¹³² WARNER, Philip. Op. Cit. p. 154.

¹³³ HAGERMAN, Edward. Op. Cit.. p. 17.

2.7.2 A Comissão Delafield de Observação Militar para a Europa

Para compor a comissão Delafield, o secretário Jefferson Davis escolheu três oficiais do exército que figuravam entre os melhores de suas respectivas turmas em West Point e, portanto, haviam sido comissionados na elite do corpo de engenheiros. Todavia, no momento em que o grupo foi selecionado, apenas um de seus partícipes encontrava-se entre os engenheiros, o major Richard Delafield. O major Alfred Mordecai, estava alocado no corpo de material bélico, sendo considerado um dos mais brilhantes cientistas do exército de então. Por fim, o capitão George Brinton McClellan, jovem e veterano da Guerra do México, único dos três com experiência em combate, reconhecido como intelectual de ponta por seus escritos de história militar no Clube Napoleão de West Point, servia na cavalaria. Os três eram, portanto, engenheiros militares, passaram pela mesma academia, na qual também lecionaram em algum momento de suas vidas — Delafield também foi seu superintendente —, e agora partilhavam da mesma missão. Entretanto, essa comissão era diferente de outras enviadas à Europa antes dela, porque mesclava oficiais em serviço nos corpos científicos a um que estava no serviço de linha e, além disso, porque não se limitaria a visitar instalações militares da França, mas também percorreria vários países europeus e um teatro de guerra com operações em andamento.

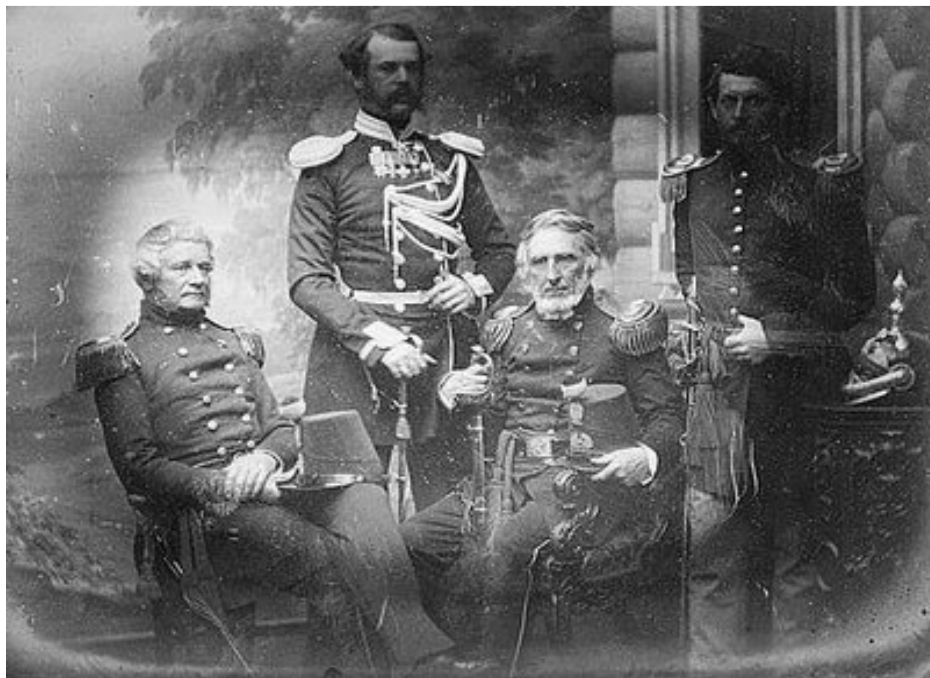


FIGURA 3: Comissão Delafield

Fonte: Moten, 2000, p. 04.

As instruções de Davis para os três eram muito amplas, elencadas em 14 itens que a Comissão deveria observar e relatar: 1 – organização dos exércitos e dos departamentos de fornecimento de suprimentos; 2 – o provimento de navios para o transporte de homens e cavalos; 3 – arranjos médicos e hospitalares (hospitais de campo e permanentes, ambulâncias e outros meios de transporte); 4 – os uniformes, roupas e equipamentos de campo; 5 – os tipos de armas, munições e apetrechos usados pelos vários ramos do serviço; 6 – as vantagens e desvantagens do uso de armamento raiado; 7 – a eficiência da artilharia e suas munições, especialmente a francesa; 8 – a construção de fortificações permanentes e de novos sistemas de defesa costeira e terrestre; 9 – composição dos trens de sítio e operações de engenharia de sítio (de ataque e defesa); 10- a composição dos trens de pontonagem; 11 – a construção de fortes casamatados e os efeitos dos ataques sobre eles; 12 – o uso de camelos para o transporte e o efeito do clima frio e montanhoso sobre eles; 13 – dirigir-se o mais rápido possível para o teatro de operações da Criméia; 14 – observar os estabelecimentos militares da Prússia, Áustria, Rússia, França e Inglaterra. Por fim, a comissão estava autorizada a adquirir livros, desenhos, armas e equipamentos.¹³⁴

O primeiro país que visitaram foi a Inglaterra, onde puderam conhecer arsenais (inclusive navais), novos projetos de navios blindados, protótipos de artilharia raiada, escolas e bibliotecas militares, e obtiveram do governo local uma autorização para se dirigir à Criméia, com as cartas de apresentação ao comandante inglês na Rússia, lorde Raglan. Lá também observaram a recém estabelecida linha telegráfica entre o quartel-general na Criméia e o ministério da guerra em Londres.¹³⁵

Na França, para onde se dirigiram posteriormente, também puderam conhecer diversas escolas (de cavalaria, de artilharia e engenharia), bibliotecas, fortalezas litorâneas e fronteiriças e diversas outras instalações militares e tomaram conhecimento das experiências dos aliados com a novidade dos alimentos desidratados, próprios para o consumo das tropas em campo

Sem dúvida, o mais importante particular a respeito da subsistência das tropas em campo, é a recente introdução da comida desidratada, que foi adotada pela primeira vez como um artigo confiável da ração do soldado nesta campanha da Criméia, e extensivamente utilizado pelos russos tanto quanto pelos aliados.¹³⁶

¹³⁴ DELAFIELD, major Richard. Report on the Art of War in Europe in 1854, 1855, and 1856. Washington: George W. Bowman, 1860, pp. V-VI.

¹³⁵ MOTEN, Matthew. Op. Cit.. pp. 114-8. Sobre as “baterias flutuantes”, ou navios blindados, veja-se: DELAFIELD, major Richard. Op. Cit.. p. 168.

¹³⁶ DELAFIELD, major Richard. Op. Cit.. p. 90.

O serviço diplomático de Napoleão III, entretanto, criou um embaraço para os oficiais americanos. Estes queriam conhecer os campos dos envolvidos na luta em torno de Sevastopol, mas o governo francês não permitiu que os oficiais visitassem a cidade russa após passarem pelo acampamento francês. Sentindo sua honra ferida com uma implícita acusação de espionagem, retiraram-se da França e se dirigiram à Rússia

Sob estas circunstâncias, a Comissão determinou não aceitar o favor de adentrar ao campo francês com as condições a ele ligadas, mas confinou-se à sua requisição por autoridade para visitar estabelecimentos militares e navais específicos apenas na França apenas, com o propósito de coletar informações que pudessem se mostrar úteis ao nosso serviço militar. Em 28 de maio, a Comissão deixou Paris com a determinação de proceder tão rápido quanto praticável para o campo russo na Criméia, via Prússia.¹³⁷

Na Rússia foram tão bem tratados pelas autoridades civis e militares locais que, segundo Moten, estavam prontos para “[...] substituir sua francofilia por uma igualmente robusta russofilia”. Visitaram S. Petersburgo, suas escolas militares e a base naval de Kronstadt, conheceram hospitais militares, assistiram desfiles de tropas, foram escoltados, o tempo todo, por um oficial russo fluente em inglês, o coronel Obrescoff _ que seria responsável pela única fotografia da comissão reunida. Em junho de 1855, a Comissão seguiu para Moscou, onde, novamente, puderam visitar escolas militares, arsenais e hospitais. Um dos aspectos que mais chamou a atenção dos membros da Comissão foi a disciplina da ordem-unida dos soldados russos nos desfiles militares, sem, contudo, atentarem para questões de outra ordem, como o uso dos castigos físicos ou as dificuldades logísticas do exército russo.¹³⁸ A impressão causada sobre os comissários não corresponde à imagem que nos é passada por um oficial do próprio exército russo servindo na Criméia

as razões eram sofríveis; porque o príncipe Menschikoff era inapto para o comando-em-chefe. Durante cinco meses ele nunca mostrou o mais leve interesse pela maneira como seus homens eram alimentados, nunca inspecionou as cozinhas. Os comandantes de regimentos tirando vantagem da indiferença do príncipe [...] tomavam muito pouco cuidado para que seus homens fossem bem alimentados, esforçavam-se para encher seus bolsos com ouro. Na verdade, as provisões nesta época eram mais caras do que nos tempos normais [...].¹³⁹

De qualquer maneira, o governo russo também não permitiu que os comissários fossem até Sevastopol, fato que os obrigou a retornar para a Prússia e, finalmente, se dirigir à Criméia via Áustria e Turquia.

¹³⁷ Idem, ibidem, p. VIII.

¹³⁸ MOTEN, Matthew. Op. Cit. pp. 128-30.

¹³⁹ HODASEVICH, K.. Op. Cit.. p. 22.

Quando, por fim, chegaram à Criméia (8 de outubro de 1855) a guerra já estava praticamente encerrada, mas isto não os impediu de levar a cabo suas observações. O que viram foi exatamente aquilo para o que sua educação como exímios engenheiros em West Point os preparou: uma guerra de sítio contra posições fortificadas projetadas por engenheiros capazes

Nenhum sistema de defesa pode produzir mais confiança sobre aquela parte da população que ele intenciona defender, e certamente nenhum jamais exigiu maiores recursos e empenho, da parte de seus oponentes, no esforço de submetê-lo. As defesas permanentes construídas em tempo de paz eram capazes de resistir a todos os preparativos combinados e permanentes dos aliados. Sob as mesmas circunstâncias, com os imensos recursos do nosso próprio país, nossa capacidade de providenciar defesas costeiras auxiliares será tão prontamente alcançada quanto aquelas da Rússia. Tais meios estavam disponíveis contra as frotas da Europa; mas estas são acompanhadas por exércitos, como em Sevastopol. Precisamos estudar que meios adicionais serão necessários para efetuar a mesma segurança, que a Rússia não teve tempo de aperfeiçoar motivo pelo qual, perdeu a cidade, uma frota e os estaleiros. Está em nosso poder inspirar nossos cidadãos com a mesma confiança e nosso inimigo com o mesmo respeito por nossa força e poder de resistência [...]. O exemplo da Rússia é uma lição em todos os sentidos, confirmadora de nossos estudos e motivadora de imitação.¹⁴⁰

Do ponto de vista tático, observaram que uma operação de sítio demandava um enorme consumo de peças e munições de artilharia, além de uma vasta quantidade de munições de infantaria

As quantidades totais de estoques de artilharia que este prolongado cerco e notável defesa demandavam, por parte dos franceses, [...] somava 1.676 canhões de todos os calibres, 2.083 carruagens de canhões, 2.740 carroças de transporte, 2.128.000 tiros e granadas e 8.8000.000 libras de pólvora. Se a isto eu adicionar os suprimentos de exército inglês, o total chegaria a 2.587 canhões, 2.381.042 tiros e granadas e 11.484.804 libras de pólvora. [...] Para a infantaria do exército francês não menos do que 61.606.869 cartuchos de mosquete foram supridos, sendo uma razão de 607 tiros por homem, dos quais sessenta eram carregados pelo soldado e o restante no trem. Alguma idéia do trabalho das tropas pode ser formada pela extensão das trincheiras. A artilharia do exército francês sozinha construiu 118 baterias, requerendo 800.000 sacos de areia e 50.000 gabiões [cestos com pedras].¹⁴¹

A Comissão também produziu as primeiras anotações de oficiais americanos sobre o uso de minas terrestres:

Tive a oportunidade de ver uma destas minas, no depósito inglês de engenharia, depois que seu aparato explosivo [...] havia sido removido. Elas consistiam de uma caixa de pólvora em forma de cubo de oito polegadas [...] contida dentro de outra caixa, deixando um espaço de duas polegadas entre elas, preenchido com breu, tornando a pólvora na caixa interna segura da umidade quando enterrada. O topo da caixa exterior era colocado cerca de oito polegadas abaixo da superfície e sobre ele

¹⁴⁰ DELAFIELD, major Richard. Op. Cit.. p. 36.

¹⁴¹ Idem, ibidem, pp. 56-7.

repousava um pedaço da prancha de seis polegadas de largura por doze de comprimento e uma de espessura, repousando em quatro pernas de ferro de folha fina [...] O topo deste pedaço de prancha estava perto da superfície da terra, levemente coberto para não ser percebido. Sob a mais leve pressão na prancha, tal como um homem pisando sobre ela, os suportes de ferro cedem, quando a prancha entra em contato com o tubo de vidro contendo ácido sulfúrico, quebrando-o e liberando o ácido, que se espalha dentro da caixa, entrando em contato com cloreto de potássio, provocando a combustão instantânea e, como consequência a explosão da pólvora.¹⁴²

Constataram, também, a presença de minas acionadas por corrente elétrica à distância

Enquanto aplicando, pela primeira vez, a este processo o uso daquilo que em física chamamos correntes de indução [...] os efeitos destas [...] sobre as diferentes composições químicas, tanto inflamáveis quanto explosivas, teremos sucesso em descobrir um método simples e prático e, ao mesmo tempo, seguro e econômico para inflamar pólvora à distância, por assim dizer, ilimitadas.¹⁴³

Ao que transparece em seu relatório, o major Delafield não queria deixar passar em brancas nuvens qualquer tipo de inovação militar ou civil, mas com potencial para o uso militar. Neste último caso estão duas tecnologias que teriam um peso enorme nas guerras vindouras: o transporte a vapor (naval e terrestre) e as comunicações telegráficas:

Como meio de transportar todos os homens, cavalos, carroças, forragem, subsistência, vestuário, equipamento de campo (incluindo 2.900 casas portáteis para o exército francês), estoques hospitalares, equipamento de cavalaria e o trem (de carroças) de transporte terrestre [...], nada agora em uso a não ser a energia da máquina a vapor pode realizar o objetivo em doze meses durante os quais o cerco durou. Pela primeira vez na arte da guerra, e durante este sítio, recorreu-se a uma ferrovia como meio de transporte na presença do inimigo, e eu me sinto autorizado a dizer que o exército inglês não poderia, ter realizado seu imenso trabalho sem o uso desta.¹⁴⁴

Quanto ao telégrafo, Delafield mostra que existiam, na Criméia, dois sistemas em uso: um telégrafo elétrico e outro visual, ou de semáforos. Todavia, mostra que o telegrafo elétrico para comunicações entre os governos e os comandantes eram “algo questionável”, pois os líderes nacionais, em suas respectivas capitais, tendiam a interferir na condução das operações em campo, algo indesejável a tão grandes distâncias. Além disso, existiam dois usos: um estratégico, conectando os quartéis-generais em campo aos governos aliados nas suas respectivas capitais, e o tático (onde aparecem os sinais visuais), ligando trincheiras entre si:

¹⁴² Idem, ibidem, p. 109.

¹⁴³ Idem, ibidem, pp. 113-4.

¹⁴⁴ Idem, ibidem, p. 58.

O telégrafo elétrico foi outra novidade na arte da guerra, usado pela primeira vez durante este memorável cerco. Ele foi usado para comunicar as necessidades dos exércitos aos seus respectivos governos e, assim, foi inquestionavelmente útil. Para enviar ordens dos governos aos seus respectivos comandantes [...] sua vantagem foi algo questionável. [...] Foi usado com sucesso entre as trincheiras inglesas, quartéis-generais e depósitos. A extensão do campo de operações sobre o qual os exércitos aliados estavam ocupando diariamente, provocou a introdução, também, do ordinário telégrafo semafórico para comunicar informações aos quartéis-generais [...].¹⁴⁵

Ao seu regresso aos Estados Unidos, os membros da comissão retomaram seus afazeres diários no exército enquanto produziam os seus relatórios. McClellan, todavia, deu baixa no exército e se tornou executivo-presidente de uma ferrovia. Em 1860, Delafield completou seu relatório e o enviou para ser analisado ao Departamento de Guerra e à Comissão do Senado para Assuntos Militares. No mesmo ano o senado americano mandou publicar 10.000 cópias do documento e a câmara de deputados determinou que outras 20.000 fossem impressas para divulgação no exército e na marinha em 1861.¹⁴⁶

Até aqui podemos concluir, portanto, que a afirmação de Huntington de que a profissionalização do corpo de oficiais do exército americano se deu somente no final do século XIX e após a Guerra Civil, nos parece apriorística e feita sem uma análise histórica mais cuidadosa. Depois da análise dos documentos e relatórios realizados durante nossa pesquisa, podemos concluir, sem lugar a dúvidas, de que a profissionalização dentro das forças armadas norte-americanas já era um processo em andamento desde, pelo menos, o fim da Guerra de 1812-14.

¹⁴⁵ Idem, *ibidem*, p. 110

¹⁴⁶ MOTEN, Matthew. *Op. Cit.* p. 202.

CAPÍTULO 3

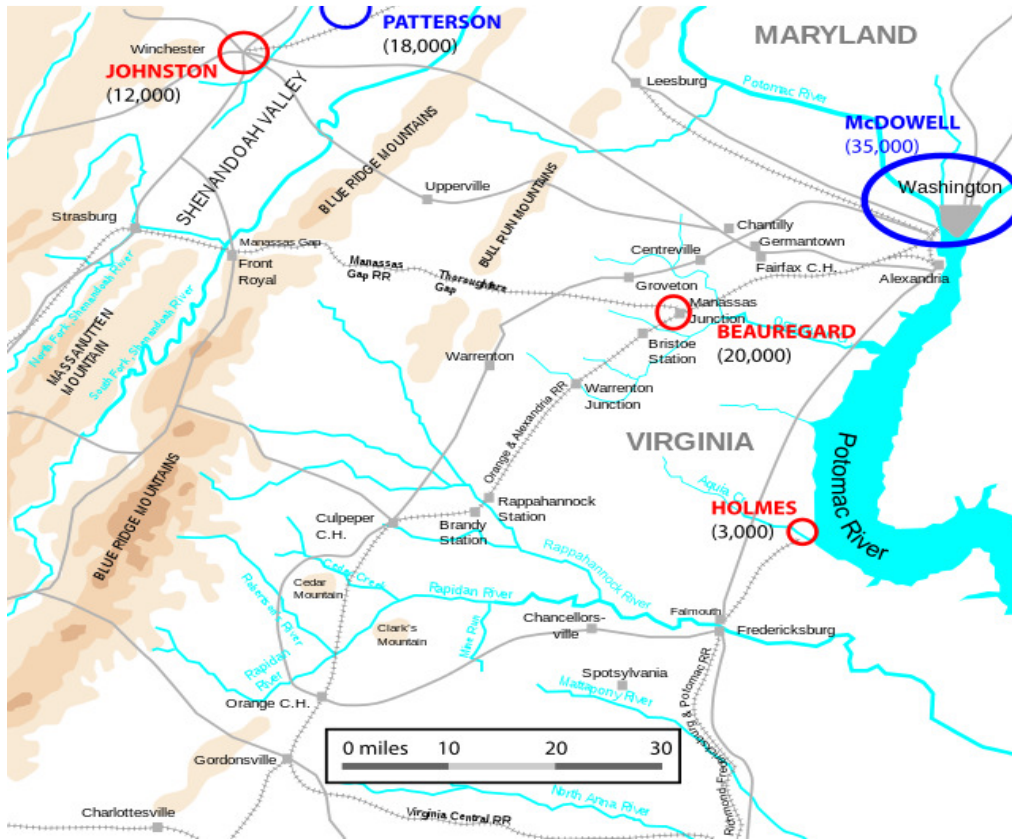
A GUERRA CIVIL DE 1861 A 1863.

3.1 Manassas

A primeira grande batalha entre os exércitos federal e confederado foi levada a cabo no norte da Virgínia, numa região entre as duas capitais, Richmond (sul) e Washington (norte). A localidade era de importância estratégica para os dois lados pois conectava o rio vale Shenandoah, no noroeste da Virgínia, com suas fartas reservas agrícolas, a Washington, no leste, por meio da ferrovia Manassas Gap. Ao longo da guerra, muitas outras ações de vulto se dariam no espaço das 150 milhas entre Richmond e Washington mas, por enquanto, a batalha de Manassas (como ficou conhecida entre os sulistas, por conta de seu controle sobre a pequena cidade e entroncamento ferroviário de mesmo nome) ou Bull Run (como as nortistas preferem chamá-la, por causa do riacho desta denominação ao norte de Manassas), deixou evidentes muitas das características das batalhas futuras da Guerra Civil Americana.

As forças militares presentes no teatro de operações do leste (entre a costa do Atlântico e a parte oriental dos montes Apaches) compreendiam, pelo lado nortista (federal) o Exército da Virgínia, com 35.000 homens e cerca de 37 canhões estacionados nas cercanias de Washington, sob comando do major-general Irvin McDowell, e o Exército do Shenandoah, com cerca de 18.000 soldados, em Harper's Ferry, um importante arsenal federal. Opondo-se às tropas destes exércitos, estavam apostadas duas grandes forças confederadas (sulistas), respectivamente: o Exército Confederado do Potomac, com 20.000 soldados sob comando do major-general Pierre Gustave Toutant-Beauregard, e o Exército Confederado do Shenandoah, com 12.000 soldados, sob a direção do major-general Joseph E. Johnston. Além destes exércitos confederados havia também uma pequena força de 3.000 soldados, comandados pelo major-general Theophilus H. Holmes, em Aquia Creek, ao sudeste da posição de Beauregard.¹⁴⁷

¹⁴⁷ EICHER, David. *The Longest Night*. pp. 87-88.



Fonte: WIKIPEDIA. Disponível em:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Primeira_Batalha_de_Bull_Run#mediaviewer/File:First_Bull_Run_Campaign.svg Acesso em: 10 jan. 2015.

Todos os generais acima citados eram veteranos tanto do exército dos Estados Unidos pré-guerra quanto da Guerra Mexicano-Americana (1846-48), assim como possuíam formação acadêmica em West Point. O mesmo pode ser dito com relação aos seus comandantes de divisões (no exército federal) e de brigadas (no exército confederado). Ou seja, todos os oficiais superiores eram profissionais de carreira com uma longa folha de serviços no exército regular dos Estados Unidos. Daí para baixo, passando por oficiais médios (tenentes-coronéis e majores), inferiores (capitães e tenentes) e a tropa em geral — com exceção de algumas poucas unidades entre os federais, que vinham do exército regular — os efetivos eram constituídos, essencialmente, por voluntários sem a mínima experiência ou disciplina.¹⁴⁸ Nas memórias dos oficiais superiores a batalha de Manassas está registrada como uma exibição de amadorismo por parte das tropas. Tal é o caso do coronel Willian

¹⁴⁸ BORITT, Gabor. Why the Confederacy Lost. pp. 113-130.

Tecumseh Sherman, comandante da 3ª brigada (1.900 voluntários, sendo 1.000 do 69º de New York e 900 do 79º Scots)¹⁴⁹, que poucos dias antes da batalha se queixou

Os voluntários testam minha paciência com suas irregularidades roubando, atirando em direta oposição às ordens e conduta parecida, mostrando uma grande falta de disciplina — levava tempo para fazer deles soldados.¹⁵⁰

Ou ainda, em outra carta

Eu li sobre retiradas antes — vi o barulho e a confusão de multidões de homens em incêndios e naufrágios, mas nada como isso foi uma desgraça tão grande quanto a palavra pode retratar [...]. Cada soldado pensa por si — se ele quer procurar água, ele não pede licença a ninguém. Se ele pensa que é certo, ele toma a aveia e o milho e, até mesmo, queima a casa de seu inimigo [...] nenhuma maldição pode ser maior do que uma invasão por um Exército Voluntário. Nem os godos ou os vândalos jamais tiveram menos respeito pelas vidas e propriedades de amigos ou inimigos e, daqui em diante, não devemos jamais esperar por quaisquer amigos na Virginia.¹⁵¹

E não apenas os oficiais, como elementos das próprias tropas federais registraram a indisciplina e o vandalismo dos voluntários, caso do soldado Josiah Marshall Favill, do 71º Regimento de Voluntários de New York, que testemunhou depredações cometidas em Fairfax Court House, na Virginia:

Assim que as fileiras foram rompidas, os homens correram para as grandes casas, saqueando as da direita e da esquerda; o que não conseguiam carregar, em muitos casos eles destruíam [...]. O que não era considerado portátil, ou válido de manter, era esmagado e destruído. [...] Este foi o primeiro gosto da guerra de Fairfax nas mãos do inimigo, e deve ter sido decididamente amargo.¹⁵²

Entre os confederados, o problema se repetia, só que sem as depredações, pois lutavam em seu território e em meio à sua população, sendo muitos dos voluntários presentes na ação oriundos da própria Virginia. Todavia, submetido a um falho sistema de provisionamento, com seus departamentos de comissariado e quartel-mestre (ambos encarregados do apoio logístico às tropas) trabalhando de maneira amadorística, deixaram o efetivo sob comando do general Beauregard quase totalmente desprovido de víveres, obrigando este general confederado a se utilizar do expediente napoleônico da requisição forçada (que obrigava a população civil local a entregar suprimentos em troca de vales emitidos pelo exército para posterior troca por moeda da Confederação). Explicando alguns dos problemas de montagem e organização de um exército de voluntários civis, sem experiência em guerra, Beauregard diz que suas dificuldades foram

¹⁴⁹ SIMPSON, Brooks D. Sherman's Civil War. p. 115.

¹⁵⁰ Idem, ibidem, p. 121.

¹⁵¹ Idem, ibidem, pp.124-125.

¹⁵² FAVILL, Josiah Marshall. The Diary of Young Officer. p. 28.

[...] aumentadas pelas insuficiências da organização de meu estado-maior, uma ineficiente má gestão do departamento de quartel-mestre em Richmond e a absurda má gestão do comissário-geral, que não somente falhou em fornecer rações, mas levou à remoção dos comissários do exército que, sob minhas ordens, procuraram comida no terreno à nossa frente para impedir o exército de passar fome — suprimentos que, de outra forma, estavam expostos a ser coletados pelo inimigo.¹⁵³

Beauregard tinha também outros tipos de problemas com seus voluntários. Numa questão mais relacionada com a cultura escravocrata da sociedade sulista, os soldados voluntários do Exército Confederado do Potomac se recusavam a exercer trabalho braçal na escavação de entrincheiramentos, por verem nisso um labor próprio de escravos negros e não de cidadão brancos e livres

Para certos tipos de deveres de campo eles não estavam ainda adaptados [...], eu, então, exigia a menor quantidade de trabalho deles, além dos exercícios militares, mesmo em prejuízo de importantes entrincheiramentos, quando eu não conseguia obter suficiente trabalho negro; eles “vinham para lutar e não para manejar a picareta e a pá”, e sua luta redimiu bem suas deficiências como cavadores de trincheiras.¹⁵⁴

Como os dois exércitos eram essencialmente constituídos pelo mesmo material humano, a vantagem pareceu repousar, a priori, com os federais, que dispunham de números maiores de homens em armas. Mas tal percepção não sobrevive a um exame mais detido sobre o treinamento, o armamento e a tática que foram empregados pelos dois lados.

O treinamento, nos dois exércitos, enfatizava os exercícios em ordem unida (*drill*), a passagem de um tipo de formação para outro (geralmente, de coluna para linha/fileira e vice-versa), sobrando muito pouco ou nenhum tempo (e munição também) para a prática do tiro ao alvo. O único relato de que dispomos em contrário a isso é o do soldado Favill

[...] nos exercitamos assiduamente, duas horas pela manhã e todas as tardes, ocasionalmente atiramos nos alvos com cartuchos com balas. Esta parte do dever nós gostamos e temos uma boa média de tiro, embora fossemos obrigados a atirar com baionetas fixadas, o que tornava o mosquete muito pesado para segurá-lo reto o bastante para atirar.¹⁵⁵

Earl J. Hess mostra que a prática do tiro ao alvo só se tornou regulamentar no exército dos Estados Unidos depois da Guerra Civil, em maio de 1867¹⁵⁶. Fato este que, somado ao despreparo geral das tropas, levava os oficiais, já na batalha de Manassas, a

¹⁵³ BUELL, C. C. JOHNSON, Robert. U. **Battles and Leaders of the Civil War**. 4 vols. New York: Century Co., 1884-1888, Vol. 1, pp. 202-203.

¹⁵⁴ Idem, ibidem, p. 219.

¹⁵⁵ FAVILL, Josiah Marshall. Op. Cit. p. 23.

¹⁵⁶ HESS, Earl J. **The Rifle Musket in Civil War Combat: reality and myth**. Lawrence: University Press of Kansas, 2008, p. 218.

aconselharem seus soldados a aguardarem a aproximação do inimigo e mirarem baixo no momento do disparo

Notei que o inimigo mirava alto e alertei os homens para atirarem baixo. [...] Com toda a assustadora algazarra, não falhei em notar quão poucos homens estavam sendo atingidos e disse aos soldados para tirarem vantagem do pouco perigo e atirarem com algum propósito.¹⁵⁷

Além disso, mosquetes raiados dos tipos Springfield (nos modelos 1855 e 1861, com munição calibre 577), Enfield (de fabricação inglesa, também em calibre 577) e o Harpers Ferry modelo 1851 (em calibre 69), os rifles mais comuns em Manassas, utilizavam o projétil de formato cilíndrico do tipo Minié¹⁵⁸. Tais armas apresentavam uma variação na trajetória diferente da dos mosquetes de alma-lisa, de forma que para acertar um alvo a 200 jardas (188,88 metros) o atirador não podia mirar diretamente no alvo, mas sim cerca de 21 polegadas (53,34 centímetros) acima do ponto de impacto desejado. Dessa forma, esperar a proximidade do inimigo e mirar baixo eram procedimentos comuns nas instruções dos oficiais para que soldados mal treinados tivessem algum êxito¹⁵⁹. Entre os confederados, todavia, haviam muitas tropas dotadas do mosquete de alma-lisa e acionamento por cápsula de percussão Modelo 1842 e velhos mosquetes de pederneira (modelo Brown Bess), também de alma-lisa, ambos com alcance muito limitado, com eficiência garantida a no máximo 100 jardas, uma situação que obrigava os soldados a atirar só quando muito próximos do adversário. A presença destas armas entre as fileiras sulistas decorria das limitações industriais dos estados separatistas, que contavam com poucos e pequenos arsenais. Não sabemos quantos soldados confederados as portavam em Manassas, mas podemos deduzir, por meio de um relatório escrito pelo major confederado M. G. Harman, datado de 6 de junho de 1861, que eram muitos, pois ele pediu 5.000 mosquetes de pederneira, somando-se aos que ele já possuía em seu comando (sem especificar quantos eram estes) no vale Shernandoah, onde estavam as tropas do general Johnston, que também lutaria em Manassas no mês seguinte.¹⁶⁰ Hess aponta que existiam, em 1865, 50.000 soldados e oficiais regulares no exército dos Estados Unidos e cerca de 1.000.000 de voluntários em suas fileiras, e estes últimos eram comandados por

[...] soldados-cidadões que tinham pouco mais compreensão da arte militar do que os soldados comuns. Qualquer grau de treinamento de qualquer tipo, seja em

¹⁵⁷ FAVILL, Josiah Marshall. Op cit. p. 110.

¹⁵⁸ LONGACRE, Edward G. **The Early Morning of War: Bull Run, 1861**. Norman: University of Oklahoma Press, 2014, p. 100.

¹⁵⁹ NOSWORTHY, Brent. **The Bloody Crucible of Courage**. New York: Carroll and Graff, 2003, pp. 31-32.

¹⁶⁰ Official Records. Series 1. Volume 2. p. 69

formações táticas, limpeza de acampamentos ou prática de tiro ao alvo, era dependente de milhares de comandantes de regimentos e brigadas, com variados níveis de inteligência, sinceridade e acesso à informação. Em resumo, a altamente especializada arte da prática do rifle dificilmente existia entre voluntários.¹⁶¹

Do ponto de vista estratégico, o Exército do Nordeste da Virginia, sob comando de Irwin McDowell, seria o atacante (com o Exército Federal do Shenandoah de Patterson, formando sua ala esquerda, 60 milhas a oeste), pois sua missão era chegar a Richmond antes que o Congresso Confederado lá se reunisse em 20 de julho de 1861 (o Congresso estava se transferindo de Montgomery, no Alabama, para a Virginia) e porque as pressões da imprensa, especialmente do jornal New York Tribune com seu *slogan*, que logo se tornaria um grito de guerra em todos os estados nortistas, “*Para Richmond!*”, sobre a administração Lincoln estavam se tornando insuportáveis para o presidente e seu Partido Republicano¹⁶². Os confederados, por sua vez, assumiram uma defensiva, se posicionando de tal forma que pudessem manter seus dois exércitos em observação aos movimentos federais, no vale Shenandoah (com Johnston) e nas proximidades de Washington (com Beauregard). A princípio, seria uma defensiva estática, aguardando os movimentos do inimigo. Nas semanas que precederam a batalha, apesar da resistência de seus voluntários, Beauregard, seguindo sua educação na academia militar de West Point e seu aprendizado no prestigiado corpo de engenheiros do exército dos Estados Unidos, conseguiu construir várias posições fortificadas nas proximidades do riacho Bull Run, cobrindo o caminho por terra para Richmond. Ele conseguiu tal proeza se utilizando de seis pequenos destacamentos de soldados-pioneiros (engenheiros), de 25 homens cada, dotados de pás, picaretas, machados e enxadas. Mas, mais interessante, ele o fez, principalmente sob orientação do general Robert E. Lee que, como Beauregard, fez uma carreira brilhante no corpo de engenheiros pré-Guerra Civil e também haviam servido no México entre 1846 e 1848. Os pioneiros de Beauregard também criaram obstáculos ao avanço dos federais até Bull Run, como valas e troncos de árvores derrubados em estradas.¹⁶³

Assim que o avanço federal começasse, a *commodity* mais valiosa aos confederados seria tempo. Necessário para entrincheirar sua posição, mas também para acumular suprimentos, reconhecer todo o terreno a ser defendido e mapeá-lo e, finalmente, trazer tropas de outras áreas para realizar uma concentração de tropas confederadas que pudesse compensar os números superiores dos federais. Estes são “o primeiro e segundo

¹⁶¹ HESS, Early J. Op. cit. (), p. 32.

¹⁶² LONGACRE, Op. cit. pp. 91-92.

¹⁶³ HESS, Early J. **Field Armies and Fortifications in the Civil War: the eastern campaigns, 1861-1864.** Chapel Hill and London: The University of North Carolina Press, 2005, p. 31.

princípios fundamentais da guerra” para o barão de Jomini, no seu *Compêndio da Arte da Guerra*, obra que, como vimos no capítulo I, já era conhecida e debatida em West Point. Tal princípio consiste

Primeiro em levar, mediante combinações estratégicas, o grosso das unidades de um exército sucessivamente aos pontos decisivos do teatro da guerra [...]. Segundo, em manobrar de maneira a empenhar este corpo principal das nossas forças somente contra algumas frações do exército inimigo.¹⁶⁴

Beauregard afirma que, em virtude dos números superiores de seu inimigo, sua única esperança de sucesso era utilizar as linhas interiores (comunicações e transportes) superiores, dos confederados, na Virginia para alcançar tal concentração:

[...] havia se tornado evidente em minha mente que através de um único curso de ação poderia haver uma esperança bem fundada [...] de encarar com sucesso as operações ofensivas para as quais as autoridades federais estavam, então, vigorosamente se preparando em meu *front* [...]. Este curso era realizar o mais empreendedor uso bélico das linhas interiores que possuíamos, para uma rápida concentração, no instante crítico, de toda a força confederada disponível na posição ameaçada, ao risco, se fosse necessário de sacrificar todos os lugares de menor valor militar por um de maior valor — lá encontrando o nosso adversário tão ofensivamente quanto o [necessário para] superá-lo [...].¹⁶⁵

Conquanto esperasse multiplicar seus números, Beauregard tinha que contar com fato problemático de que só poderia extrair novas forças das unidades dos generais Holmes, com apenas 3.000 homens em Acquia Creek, e Johnston, com 12.000 em Seherandoah. Holmes podia dispor de todo seu efetivo, mas remover Johnston da frente de 18.000 federais de Patterson, sem que este percebesse a tempo para socorrer McDowell, era mais problemático, pois seria uma “corrida” de 60 milhas de distância e sem garantia de chegar a tempo e em condições salutaras para o combate, com soldados e animais exaustos.

Não se sabe se a pedido de Beauregard ou por vontade e determinação própria de Josph Johnston, fato que geraria uma polêmica entre os dois no pós-guerra¹⁶⁶, mas, ao meio-dia do dia 18 de julho, este general começou a deslocar suas tropas a pé para Manassas. Segundo Johnston, seus voluntários eram tão irregulares na marcha que ele teria decidido utilizar a ferrovia Manassas Gap para deslocar-se mais rapidamente

O desencorajamento daquele dia de marcha para alguém acostumado, como eu, à marcha constante de soldados regulares, é indescritível. As visões de comando e obediência, então assumidas por oficiais e soldados, confinavam estes deveres e obrigações quase exclusivamente ao campo de exercícios e guardas. Nos acampamentos e marchas eles eram escassamente conhecidos. Consequentemente, freqüentes e irracionais atrasos causaram uma tão lenta razão de marcha que me

¹⁶⁴ JOMINI, Antoine-Henri. *Compêndio da Arte da Guerra*. Lisboa: Edições Silabo, 2009, p. 136.

¹⁶⁵ BUELL, C. C. JOHNSON, Robert. Op. cit.. Vol. 1. New York: Century Co., 1884-1888, p. 198.

¹⁶⁶ Sobre esta polêmica ver: BUELL, C. C. JOHNSON, Robert. Idem, ibidem, pp. 240-259.

desanimei de reunir-me ao general Beauregard a tempo de ajudá-lo. O major Whiting foi, portanto, enviado à estação mais próxima da Ferrovia Manassas Gap, em Piedmont, para verificar se os trens, capazes de transportar as tropas ao seu destino mais rapidamente do que elas poderiam fazer a pé, podiam ser providenciados lá [...]. Aquele oficial me encontrou [...] com um relatório tão favorável que me deu razão para esperar que o transporte da infantaria pelas trinta e quatro milhas entre Piedmont e Manassas Junction seriam facilmente cobertas em vinte e quatro horas.¹⁶⁷

Neste sentido, os confederados encontraram na ferrovia e no seu paralelo (literalmente, pois corria ao lado das linhas ferroviárias e era usado para regular os horários de saída e chegada de trens), o telégrafo, os meios para concertar e realizar um rápido deslocamento que pudesse ludibriar Patterson, deixando-o para trás, e reforçar Beauregard. Nos anos 1840 o telégrafo elétrico começou a ser usado em larga escala nos Estados Unidos, oferecendo velocidade e segurança a um custo tão reduzido que seus fios já podiam alcançar quase todas as cidades do país em 1860. Logo, no começo da Guerra de Secessão, governos e altos-comandos conseguiam sustentar uma comunicação imediata com suas forças em campo e estas, por sua vez, podiam manter contato entre si, como no caso de Beauregard e Johnston, e como suas fontes de abastecimento¹⁶⁸. Assim, se McDowell tinha a iniciativa estratégica, no dia 18 de julho de 1861 começou a perdê-la para os confederados.

Os confederados estabeleceram, dessa forma, um novo padrão de comunicações, deslocamento e concentração na história da guerra, e este se repetiria em várias outras campanhas entre 1862 e 1865. Há um terceiro elemento revolucionário presente na Guerra de Secessão, mas que já havia demonstrado seu potencial na Guerra da Crimeia, mas falaremos dele mais adiante: a navegação a vapor. O emprego de rifles (mosquetes raiados) e trincheiras, por si só, não desencadeavam um lampejo revolucionário sequer em Manassas, o primeiro porque o treinamento recebido pelos soldados em tiro ao alvo era extremamente limitado mas, também, por causa da excitação da batalha (medo, gritos, estrondos, crepitar da mosquetaria, raiva) que contribuía para que a maioria dos soldados não se concentrassem na qualidade de seu tiro, e por causa da baixa visibilidade no campo (ondulações no terreno, fumaça, florestas), daí a preferência pelo tiro à curta distância, desperdiçando o longo alcance destas armas. As trincheiras, por outro lado, não representavam qualquer novidade, pois já eram usadas em campo desde, pelo menos, o século XVIII. Do contrário, como poderíamos explicar este comentário do marechal Maurice de Saxe, publicado postumamente em 1757, a respeito de “linhas entrincheiradas”:

¹⁶⁷ JOHNSTON, Joseph Eggleston. *Narrative of Military Operations during the Civil War*. New York: Da Capo Press, 1959, pp. 36-37.

¹⁶⁸ JONES, Archer. *Civil War Command and Strategy: the process of Victory and Defeat*. New York: The Free Press, 1992, pp. 39-40.

Não me importo com qualquer destas fortificações. Quando ouço falar de linhas eu sempre penso estar ouvindo conversa sobre a muralha da China. As boas são aquelas que a natureza fez e os bons entrancheiramentos são bons dispositivos e soldados corajosos. Eu praticamente nunca ouvi falar de entrancheiramentos tendo sido assaltados e que não fossem tomados.¹⁶⁹

Ou ainda este, datado de 1806, escrito pelo arquiduque Carlos de Habsburgo, da Áustria, inimigo de Napoleão Bonaparte

Em montanhas ou terrenos muito acidentados, entrancheiramentos podem contribuir para a defesa de posições, porque fecham os desfiladeiros pelos quais o inimigo deve passar para agir ofensivamente. Ao contrário, para posições em terreno aberto, entrancheiramentos se mostram, às vezes, mais um transtorno do que úteis [...] Um general prudente, assim, defenderá os entrancheiramentos dos pontos de sua posição que o inimigo não pode evitar de assaltar quando ele ataca a posição [...].¹⁷⁰

Ainda que o primeiro autor, do século XVIII, reage a qualquer valor aos entrancheiramentos e o segundo, do início do século XIX, reconheça apenas parcialmente a importância daqueles, o fato é que ambos estão comentando uma situação que, se não aprovavam, total ou parcialmente, pelo menos reconheciam sua presença nos campos de batalha. Lá estavam e numa era que precede o uso generalizado do armamento raiado.

Por fim, Johnston chegou a tempo, com 7.265 soldados e 26 peças de artilharia na manhã de 21 de julho de 1861, depois de percorrer 25 milhas a pé até Piedmont (de 18 a 20 de julho) e 34 milhas de trem (de 20 a 21) até Manassas (as carroças e o restante de seu comando continuaram marchando por estradas comuns). A luta em Manassas ou Bull Run, portanto, seria decidida por grandes exércitos de voluntários, os maiores já reunidos no continente americano até então, carentes de treinamento, disciplina e, no caso particular dos confederados, de víveres, além de estarem vestidos com os mais variados tipos de uniformes (inclusive do século XVIII) ou mesmo utilizando fardamento idêntico ao do inimigo — caso do 27º Regimento de New York, que confundiu um regimento do Alabama (confederado) com o 8º de New York, que vestia uniforme cinza claro, como os sulistas¹⁷¹ — e comandados por oficiais profissionais (e outros voluntários) que, na sua maioria, jamais haviam dirigido uma unidade de combate maior do que um batalhão. Daí se compreende a opção de Beauregard pela defesa estática, pois realizar manobras complexas, sob fogo inimigo, com soldados-cidadãos ainda mal adestrados e indisciplinados era, para dizer pouco, extremamente arriscado. McDowell e seu exército pagaram com a derrota por tentar e deixaram 460 mortos,

¹⁶⁹ SAXE, Maurice de. **Reveries on the Art of War**. Mineola: Dover Publications, 2007, p. 99.

¹⁷⁰ HAPSBURG, Archduke Charles von. **Principles of War**. Ann Arbor: Nimble Books, 2009, pp. 36-37.

¹⁷¹ LONGACRE, Edward G. Op. cit. pp. 346-347.

1.124 feridos e 1.312 desaparecidos (na maioria prisioneiros de guerra dos sulistas). Os confederados tiveram 387 mortos, 1.582 feridos e 13 desaparecidos¹⁷².

Apesar desta vitória da confederação, Beauregard não empreendeu uma perseguição ao exército Federal em fuga até Washington porque a capital dos Estados Unidos estava já cercada por fortes bem artilhados e guarnecidos mas, também, porque, como bem notou Johnston, o “[...] exército confederado estava mais desorganizado pela vitória do que o dos Estados Unidos pela derrota.”¹⁷³ Beauregard, em sua memória da batalha, foi econômico ao explicar que havia interrompido a perseguição por causa do major T.G. Rhett, chefe do estado-maior de Johnston, que lhe trouxe a notícia, que logo depois se confirmou como um alarme em falso, de que tropas federais avançavam em direção ao depósito confederado de suprimentos em Camp Pickens, forçando sua retirada também. As “tropas federais”, todavia, eram soldados sulistas usando uniformes azuis escuros, parecidos com os da União.¹⁷⁴ Johnston, numa riqueza maior de detalhes justificou a inviabilidade de uma investida confederada contra a capital federal

Os voluntários sulistas acreditavam que os objetivos da guerra haviam sido alcançados por sua vitória, e que haviam obtido tudo o que o seu país lhes exigia. Muitos, portanto, na ignorância de suas obrigações militares, deixaram o exército para não voltar. [...] Em paralelo a esta condição de nosso exército [...] estavam: a inadequação de nossas tropas novatas para marchar ou contruir entrenchamentos. A carência de suprimentos necessários de comida e munição, e meios para transportá-los. Até perto de 10 de agosto, nunca tivemos rações para mais do que dois dias e, as vezes, nenhuma; nem metade da munição para uma batalha. As fortificações [de Washington] sobre as quais habilidosos engenheiros [...] estavam engajados desde abril [1861], guarnecidos por [...] cinquenta mil soldados federais [...].¹⁷⁵

Tal derrota federal e o conseqüente controle confederado sobre o campo de batalha, garantia aos sulistas uma importante fonte de abastecimento logístico para suas forças: os despojos do inimigo. Johnston listou a captura de 28 canhões inimigos, bem como 4.500 mosquetes, meio milhão de cartuchos, 74 cavalos de artilharia, 26 carroças e variado equipamento de campo, e roupas.¹⁷⁶

A guerra sofreu uma paralisação nas suas operações no leste até março de 1862. Neste ínterim, o presidente Lincoln designou um novo comandante para o exército: o major-general George Brinton McClellan, antigo membro da Comissão Delafield. Entre agosto de 1861 e março de 1862, McClellan permaneceu imóvel nas cercanias de Washington. Sua

¹⁷² EICHER, David. Op. cit. p. 99.

¹⁷³ JOHNSTON, Joseph Eggleston. Op. cit. p. 60.

¹⁷⁴ BUELL, C. C. JOHNSON, Robert. Op. cit..Vol. 1, pp. 215-216.

¹⁷⁵ JOHNSTON, Joseph Eggleston. Op. cit. p. 60-61.

¹⁷⁶ Idem, ibidem, pp. 55-56.

intenção era montar um novo exército federal, que ele designou como Exército do Potomac. Recebeu novos recrutas (Lincoln havia convocado mais 300.000 voluntários “por três anos ou a duração da guerra”), iniciou um amplo programa de adestramento, melhorou os serviços logísticos, afastou oficiais acusados de incompetência ou covardia, determinou a construção de grandes e confortáveis campos de treinamento, reorganizou o exército em divisões (3.000 homens cada) e em corpos de exército, substituiu todo o armamento de alma-lisa da infantaria por mosquetes raiados, iniciou a implantação de armas de retrocarga e repetição (carabinas Sharps e Spencer) na cavalaria e introduziu o serviço aeronáutico dos Estados Unidos, com a contratação do professor Thadeus S. C. Lowe, seus balões e seus aeronautas, para a observação de movimentos inimigos na Virginia, do outro lado do rio Potomac.¹⁷⁷

3.2 A Campanha da Península

Em março de 1862 as pressões da imprensa dos estados do norte voltou com toda força. Após sete meses de inércia do novo Exército do Potomac, exigia-se, tanto do governo quanto do general McClellan, que uma nova investida contra Richmond fosse realizada. McClellan apresentou, então, um plano para atacar a capital confederada por meio de uma operação conjunta com a marinha. Seu projeto previa o acúmulo de uma grande força de até 140.000 homens nas proximidades de Washington que, posteriormente, seriam enviados para um desembarque na Fortaleza Monroe, no sul da península de Yorktown, e daí as forças do Exército do Potomac avançariam para o norte, em direção a Richmond. O Forte Monroe fica na Virginia, mas os rebeldes sulistas nunca conseguiram repelir a guarnição federal local, logo ele funcionaria como uma cabeça-de-ponte para o avanço de McClellan. O plano tinha, porém, um sério elemento limitador. A administração Lincoln, o Congresso Federal, a imprensa e o público em geral temiam pela segurança de Washington que, supunham, na ausência do Exército do Potomac, poderia ser atacada pelos confederados. Daí todos, políticos, imprensa e público, alimentarem a esperança de uma vitória rápida e decisiva de McClellan, ao estilo de uma Waterloo (batalha de 1815, na Bélgica, que opôs o exército imperial Francês aos exércitos combinados da Inglaterra e da Prússia, e que levou à derrota definitiva de Napoleão). Persistia, neste momento, a perspectiva de que o conflito podia

¹⁷⁷ SEARS, Stephen W. **George B. McClellan**: the young Napoleon. New York: Da Capo Press, 1999, pp. 95-124.

terminar rapidamente e com uma grande batalha decisiva.¹⁷⁸ Enquanto, todavia, McClellan não conseguisse tal vitória, Washington não poderia ficar desprotegida e os efetivos previstos por McClellan precisavam ser reduzidos para guarnecer a capital.

Dessa forma, o novo comandante federal não poderia contar com seus planejados 140.000 soldados, mas sim 121.500, com 44 baterias de artilharia, 1.150 carroças e cerca de 15.6000 cavalos e mulas, além de uma vasta carga de equipamentos, como balões, telégrafos e pontões militares¹⁷⁹. Embora McClellan não aprovasse a redução de seus efetivos para proteger Washington, a culpa pela redução pode ser atribuída a ele mesmo. Carecendo de um serviço organizado de inteligência militar, McClellan havia determinado a contratação da agência de detetives civis de Allan Pinkerton (especializada em segurança ferroviária) para executar missões de obtenção de inteligência (ou seja, segundo Keegan, aquisição de informações, entrega destas aos usuários das mesmas, aceitação da veracidade delas e interpretação de seu conteúdo).¹⁸⁰ Os agentes de Pinkerton, contudo, só se serviram de dois métodos: interrogatórios e espionagem (esta, diretamente em Richmond). Como não havia qualquer tipo de análise detalhada ou um conhecimento adequado de questões que eram propriamente militares, os agentes deduziram, de documentos do governo confederado na Virginia como números realmente engajados, ou seja, como soldados já em serviço, treinados e armados. Daí entregarem a McClellan estimativas sempre inflacionadas dos efetivos militares confederados, que apontavam números absurdamente superiores aos do Exército do Potomac. Disso decorria o receio do governo federal e da imprensa, que teve acesso aos relatórios de Pinkerton (uma clara demonstração do efeito da inexistência de um serviço de inteligência militar profissional), pela segurança de Washington¹⁸¹. Keegan nos diz que “[...] na guerra, a inteligência, por melhor que seja, não é um guia infalível para a vitória.”¹⁸², mas foi assim que McClellan a tratou.

Não tendo como ocultar o movimento, de ida e volta, de cerca de 400 navios de transporte de tropas e equipamentos pelo rio Potomac, o desembarque do exército de McClellan, seguindo Archer Jones, não implicava numa surpresa, nem impedia que outras forças confederadas se deslocassem para o norte da Península, no intuito de proteger

¹⁷⁸ HAGERMAN, Edward. **The American Civil War and the Origins of Modern Warfare: ideas, organization, and field command.** Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 1992, p. 37.

¹⁷⁹ SEARS, Stephen W. Op. cit. (1999), p. 168.

¹⁸⁰ KEEGAN, John. **Inteligência na Guerra: conhecimento do inimigo, de Napoleão à Al-Qaeda.** São Paulo: Cia. Das Letras, 2006, pp. 21-22.

¹⁸¹ STOKER, Donald. **The Grand Design: strategy and the U. S. Civil War.** Oxford: Oxford University Press, 2010, pp. 53-54.

¹⁸² KEEGAN, John. Op. cit. (2006), p. 23.

Richmond¹⁸³. Quando, entre 2 e 5 de abril de 1862, os federais desembarcaram, os soldados rebeldes na península se resumiam a menos de 15.000 sob comando do general John Baukhead Magruder. O plano de defesa deste oficial previa três linhas entrincheiradas para barrar o avanço federal

A primeira, localizada a cerca de doze milhas do Forte Monroe, era uma “linha avançada” levemente construída. [...] seu valor primário era manter os federais de Forte Monroe ao alcance dos braços e incapazes de observar a linha defensiva principal que Magruder estava construindo mais acima na península. [...] esta segunda linha era muito mais formidável. A linha Warwick-Yorktown corria do [...] rio James, passando pelo rio Warwick, até meia milha de Yorktown. No todo, cobria quatorze milhas. Yorktown era fortificada com uma série de redutos [...]. Todavia, Magruder carecia de artilharia pesada e soldados suficientes [...]. No caso de suas defesas mais baixas (ao sul) serem superadas, Magruder construiu uma terceira linha a cerca de duas milhas [...] de Williamsburg.¹⁸⁴

Por trás das defesas de Magruder, o general Robert E. Lee, então no posto de conselheiro militar do presidente Jefferson Davis, mandará construir vastas e sólidas trincheiras em volta de Richmond. Reconhecendo que os números de Magruder eram insuficientes, Lee determinou que Johnston transferisse todo seu comando, agora reunindo seu Exército do Shenandoah e o Exército Confederado do Potomac, de Beauregard, sob a nova denominação de Exército do Norte da Virginia, para a península. Com este reforço, os efetivos se opondo a McClellan, a partir de 17 de março de 1862, chegariam a 53.000¹⁸⁵. Outros efetivos confederados na Virginia, observando forças federais igualmente superiores a eles, eram: o general Thomas J. Jackson no vale Shenandoah, com 5.000 soldados; general J.R. Anderson, com 9.000 homens em Fredericksburg; general Branch, com 5.000 em Gordonsville. Eventualmente, estas tropas se reuniriam às de Johnston na península.¹⁸⁶

Para obter informações e produzir mapas da área de operações, McClellan dispunha dos serviços dos balonistas civis Thadeus S. C. Lowe e John LaMontain. Aquele operaria com o exército em movimento pela península e este no Forte Monroe ou com os balões presos ao navio Fanny, da marinha federal¹⁸⁷. Todas estas “aeronaves” eram cativas, ou seja, estavam presas ao solo por cordas e seus operadores sabiam usar o telégrafo, que era parte de seu equipamento também. Segundo o relatório oficial do professor Lowe a presença do telégrafo a bordo dos seus balões era para rapidamente informar McClellan sobre os

¹⁸³ JONES, Archer. Op. cit. p. 73.

¹⁸⁴ DOUGHERTY, Kevin. **The Peninsula Campaign of 1862: a military analysis**. Jackson: University Press of Mississippi, 2005, pp. 71-73.

¹⁸⁵ JOHNSTON, Joseph Eggleston. Op. cit. p. 117.

¹⁸⁶ Idem, ibidem, p. 128.

¹⁸⁷ HAYDON, F. Stansbury. Op. cit. p. 96.

movimentos do inimigo ou direcionar o fogo de artilharia em terra, como neste caso, registrado em 25 de maio de 1862, de um breve duelo de artilharia durante a campanha

O general [Stoneman] tomou, então, duas baterias e as colocou à direita e à esquerda da cada do doutor Caines e levou o inimigo a retirar-se por, pelo menos, uma milha e meia, enquanto ele permanecia no balão comigo, dirigindo os comandantes das baterias sobre onde atirar, já que não podiam ver os objetos sobre os quais atiravam.¹⁸⁸

Além da telegrafia, também foram conduzidas experiências com fotografia aérea para missões de reconhecimento. O teste, realizado antes da campanha da Península, em 16 de dezembro de 1861, segundo o próprio Lowe, “não avançou em novas ideias”¹⁸⁹. Acompanhando os balões, havia um “trem aeronáutico” que consistia em quatro carroças e dois geradores de gás, sempre se deslocando na retaguarda do exército para não cair em mãos inimigas mas, também, por conta da lentidão devido à sensibilidade do equipamento (ácido sulfúrico, gases voláteis, peças frágeis).¹⁹⁰

Além da falta de mobilidade, três outros problemas limitavam muito a eficiência dos balões. O primeiro eram as contra-medidas dos confederados como acender fogueiras para produzir fumaça que encobrisse seus acampamentos ou movimentos, ou, ainda, emprego de artilharia no intuito de abater um balão: “Nós atiramos uma granada raiada tão perto do velho Lowe e seu balão que ele desceu tão rápido quanto a gravidade podia trazê-lo [...]”, escreveu o coronel Edward Porter Alexander, artilheiro confederado¹⁹¹. O segundo limitador era a própria natureza, uma vez que nevoeiros, ventos fortes, chuvas intensas podiam encobrir os objetos sendo observados. Por fim, a carência de pessoal militar profissional para operá-los, como diz o mesmo coronel Alexander: “Mas os observadores nos balões deviam ser oficiais treinados de estado-maior, não a ignorante classe de balonistas ordinários que eu penso que estavam geralmente no comando dos balões federais.”¹⁹²

Embora um pouco mais tarde do que os federais, mas ainda durante a campanha da Península (e somente nela), os rebeldes confederados também experimentaram balões. Aqui da mesma forma as deficiências industriais dos estados sulistas se fizeram sentir, pois a falta de seda (para produzir os invólucros dos balões) os levou a substituí-la por algodão envernizado e, ademais, não dispunham dos equipamentos móveis de Lowe para inflar seus

¹⁸⁸ Official Records, Series 3, Part III, p. 277.

¹⁸⁹ Official Records, Series 3, Part III, p. 277.

¹⁹⁰ Official Records, Series 3, Part III, p. 273.

¹⁹¹ Apud. CULPEPPER, Steven D. **Balloons of the Civil War**. Thesis presented to the Faculty of the U.S. Army Command and General Staff College in partial fulfillment of the requirements for the degree master of military art and science. Fort Leavenworth: 1994, p. 22.

¹⁹² GALLAGHER, Gary W. **Fighting for the Confederacy: the personal recollections of general Edward Porter Alexander**. Chapel Hill & London: The University of North Carolina Press, 1989, p. 115.

balões¹⁹³. O coronel Alexander, que participou em algumas poucas ascensões de balões confederados na Península, explica o que significava a ausência de tais apetrechos

Nós não obtínhamos puro gás de hidrogênio para encher o balão, e tínhamos que utilizar gás de iluminação da Richmond Gas Works; e conseguíamos apenas usar em pontos onde podíamos alcançar a Gas Works, sem seguir por florestas ou estradas muito estreitas. [...] O balão perdia gás tão rápido também que não conseguíamos mantê-lo na mais alta elevação por mais do que três ou quatro horas [...] e depois de 6 ou 7 horas ele tinha que ser esvaziado e reabastecido, o que levava algumas horas.¹⁹⁴

McClellan havia garantido ao secretário da guerra, Edwin Stanton, sem conhecer a realidade geográfica da Península, que as “[...] estradas naquela região são transitáveis em todas as estações do ano”¹⁹⁵. Entretanto, já no teatro de operações, percebeu-se que as chuvas, uma constante nesta época do ano na região, transformavam as estradas em atoleiros e os grandes rios (Warwick, Chickahominy, James) transbordam, unindo-se aos pântanos. O príncipe de Joinville, oficial francês ligado ao estado-maior de McClellan, deixou uma impressão bem diferente daquela que seu comandante passou para o secretário Stanton

A chuva, caindo em torrentes [...] tornava estas estradas [...] completamente impraticáveis. A infantaria podia se esforçar para marchar [...], mas tão logo duas a três carroças tivessem feito sulcos no chão, nenhum veículo sobre rodas conseguia se mover uma polegada. Naturalmente, todo movimento era impossível, porque não podemos abandonar as carroças. [...] Os soldados [...] carregavam dois dias de provisões. Com estas exauridas, as carroças eram seu único recurso. Então era aí que tínhamos que fazer o que na América eram chamadas estradas revestidas de madeira. Estas eram feitas derrubando árvores do mesmo tamanho [...] e deitando-as lado a lado no terreno. [...] Os canhões e carroças vinham lentamente [...]. A noite as tropas não conseguiam encontrar um canto seco para seu bivaque.¹⁹⁶

Do outro lado, o general confederado Robert E. Lee, então no comando do Exército do Norte da Virgínia, conhecia muito bem as condições topográficas e climáticas locais, pois havia servido na região em 1834. Ele escreveu ao general Magruder, em 18 de março de 1862 as “[...] estradas dificilmente são firmes o bastante ainda para convidar ao seu [do inimigo] avanço por terra. [...]”¹⁹⁷. O equívoco geográfico de McClellan decorria de um mapa produzido pelo coronel de engenheiros topográficos do exército federal, Thomas

¹⁹³ HATTAWAY, Herman. **Reflections of a Civil War Historian**: essays on leadership, society, and the art of war. Columbia: University of Missouri Press, 2004, p. 151.

¹⁹⁴ GALLAGHER, Gary W. Op. cit. (1989), p. 116.

¹⁹⁵ SEARS, Stephen W. **The Civil War Papers of George B. McClellan**: selected correspondence, 1860-1865. New York: Ticknor and Fields, 1989, p. 167.

¹⁹⁶ HURLBERT, Prince De Joinville, William Henry. **The Army of the Potomac**: its organization, its commander, and its campaign. New York: Anson D. F. Randolph, 1862, p. 39-40.

¹⁹⁷ DOWDEY, Clifford. **The Wartime Papers of Robert E. Lee**. New York: Da Capo Press, 1961, p. 132.

Jefferson Cram, que não retratava os pântanos adjacentes aos rios e estradas da Península e que eram passíveis de inundação na primavera.¹⁹⁸

Depois de abandonar sua primeira linha defensiva sem resistência, Magruder recuou para a segunda quando, em 5 de abril, duas colunas de McClellan começaram a subir pela península, uma pela esquerda, em direção a Williamsburg, e outra pela direita, para Yorktown. A ideia de McClellan era tomar Williamsburg e forçar Magruder a abandonar sua praça forte em Yorktown, todavia, encontrando toda a extensão da linha confederada bem entrincheirada, McClellan e seus generais optaram por não atacá-la. Começava, assim, o cerco de Yorktown, um tipo de guerra que bem se adaptava ao histórico de McClellan no México (1846-48) e às suas observações na Crimeia (1856) e para o qual sentia estar bem familiarizado. Nas palavras de Sears

[...] um cerco era o tipo de guerra que George McClellan conhecia bem e estava certo de que ganharia. Com isso, registrou um observador inglês, o salto de um gigante tornou-se o passo de um anão. Arditamente, porém, Magruder havia contribuído para a opção de McClellan, quando escolheu um ponto de sua linha bem observado pelos federais e fez marchar, em circuito, dois de seus regimentos, dando a entender que eram muitos mais. Os soldados marchavam pelas trincheiras, davam a volta num bosque por trás delas e reapareciam no outro lado, criando a impressão de que eram em número bem maior do que o real. O general Heintzelman, comandante do 3º Corpo Federal, disse que: “A força do inimigo é muito maior do que antecipamos.”¹⁹⁹

Tudo isso garantiu o tempo que os confederados precisavam para reconcentrar tropas na linha Warwick (2ª linha). Já assombrado pelos números fantasmagóricos confederados, criados e inflacionados por Pinkerton e seus agentes, McClellan escreveu ao secretário Stanton, em 7 de abril, que prisioneiros confederados interrogados “[...] afirmam que o general J. E. Johnston chegou a Yorktown ontem com fortes reforços. Parece claro que eu devo ter toda a força do inimigo ao meu alcance, provavelmente não menos do que cem mil (100.000) homens e possivelmente mais.”²⁰⁰

O cerco de Yorktown duraria até 4 de maio. Durante este período, os soldados de várias unidades do Exército do Potomac se dedicaram a construir trincheira de assédio, conhecidas como “paralelas” e estradas revestidas com toras de madeira, por onde viria toda a artilharia pesada de cerco. O agora 1º tenente Josiah Favill, servindo num novo regimento, 57ª Infantaria de New York, escreveu em seu diário, em 9 de abril, que mais de “[...] dez mil homens estão no trabalho de construir estradas revestidas com toras de madeira.”²⁰¹ É

¹⁹⁸ DOUGHERTY, Kevin. Op. cit. p. 62.

¹⁹⁹ SEARS, Stephen W. Op. cit. (1989), p. 175.

²⁰⁰ Idem, ibidem, p. 232.

²⁰¹ FAVILL, Josiah Marshall. Op. cit. p. 77.

interessante notar que a maior parte dos soldados do Exército do Potomac era constituída por novatos que nunca haviam estado num capo de batalha e que, até este ponto, não havia ocorrido nenhuma luta na Península. Logo, não estavam construindo trincheiras por receio do alcance dos rifles confederados, mas sim porque seu comandante-em-chefe planejava um cerco de longa duração. Já antecipando, em 22 de março, que precisaria conduzir operações de cerco durante esta campanha, escreveu o general Randolph B. Marcy, seu sogro e chefe de seu estado-maior, no Fort Monroe, que precisava de: 20 morteiros de 10 polegadas; 20 morteiros de 8 polegadas; 20 obuseiros de cerco de 8 polegadas; 20 canhões de cerco de ferro fundido de 4 ½ polegadas; 40 Parrots de 20 libras e 40 canhões de cerco de 24 libras.²⁰²

Quando os federais já haviam colocado todas as suas peças de artilharia em posição e suas trincheiras para a infantaria estavam prontas para uma investida, em 4 de maio, os rebeldes evacuaram Yorktown totalmente, retirando-se para a 3ª linha defensiva. Em Yorktown, pela primeira vez na Guerra de Secessão Americana, os confederados fizeram uso de minas terrestres de percussão: “a cavalaria de Stoneman atravessou os entrincheiramentos primeiro. Conforme passavam, várias máquinas infernais, instrumentos covardes de destruição, explodiam sob as patas dos cavalos e matavam vários homens.”²⁰³ No dia 7 de maio, Favill registrou em seu diário que

[...] nossas tropas encontravam um monte de granadas carregadas, enterradas no chão, com fusos de percussão arranjados de forma que um homem, pisando num destes, o explodisse. Estas infames invenções foram [...] plantadas [...] totalmente fora da vista, e feriam causando grande perda e confusão se tivéssemos carregado sobre elas. As granadas eram principalmente de oito polegadas [...]²⁰⁴

Tais minas terrestres, conhecidas na época como “torpedos” (minas navais recebiam a mesma denominação, em inglês, *torpedoes*) ou “granadas subterrâneas Rains”, em referência ao seu projetista, general-de-brigada Gabriel J. Rains, que desenhou as primeiras durante a Guerra Contra os Índios Seminoles, na Flórida, em 1840, quando era capitão do exército dos Estados Unidos.²⁰⁵ Rains argumentou que estes dispositivos fariam com que diminuísse a força do inimigo, desmoralizariam seus soldados e “[...] nos dariam tempo com alertas barulhentos, para nos preparamos para o conflito”. O major-general Daniel Harvey Hill concordou, ao dizer que: “Em minha opinião todos os meios para destruir nossos brutais inimigos são legítimos e adequados.”²⁰⁶ Hess explica que as minas eram vistas como

²⁰² SEARS, Stephen W. Op. cit. (1989), p. 216.

²⁰³ HURLBERT, Prince De Joinville, William Henry. Op. cit., p. 48.

²⁰⁴ FAVILL, Josiah Marshall. Op. cit. pp. 91-92.

²⁰⁵ PERRY, Milton F. Op. cit., p. 23.

²⁰⁶ Official Records, Series 1, Vol. XI, Part III, pp. 509-510.

diabólicas “[...] porque matavam e mutilavam pela surpresa e pareciam tirar vidas apenas por matar em vez de obter alguma vantagem tática imediata”.²⁰⁷ Uma perspectiva corroborada pelo então secretário da guerra confederado, George W. Randolph

Se granadas plantadas em estradas ou parapeitos são contrárias aos usos da guerra, depende do propósito com que são usadas. Não é admissível na guerra civilizada tirar vida sem outro objetivo que não seja a destruição de vida. [...] É admissível plantar granadas em um parapeito para repelir um assalto, ou numa estrada para parar uma perseguição, porque o objetivo é salvar a fortificação num caso e o exército no outro. Não é admissível plantar granadas meramente para destruir vida e sem outro designio que não o de privar nosso inimigo de uns poucos homens, sem prejudicá-lo materialmente.²⁰⁸

O inspetor de artilharia do exército dos Estados Unidos, general-de-brigada Willian F. Barry, escreveu um relatório, em 25 de agosto de 1863, onde se lia

[...] em alguns casos, artigos de uso comum e que muito provavelmente seriam recolhidos, tais como carriolas, picaretas e pás de engenheiros, eram deixados no local com aparente descuido. Cordas ou fios escondidos iam dos detonadores de fricção da granada até os artigos superpostos, estando tão bem arranjados que a mais leve perturbação provocaria a explosão. Estas granadas não estavam assim colocados no glacis ou no fundo de uma vala, etc, que, em vista de antecipado assalto, poderiam se possivelmente considerado um uso legítimo delas, mas estavam plantadas de um modo vil [...] em estradas comuns, aos pés de postes telegráficos e, por fim, dentro das defesas do lugar – nas próprias ruas da cidade.²⁰⁹

Embora, apesar das experiências de Rains nos anos 1840, as minas terrestres fossem uma novidade para os americanos, elas não eram novas na história da guerra, como a Comissão Delafield já havia registrado.²¹⁰ Não se deve cometer o equívoco de supor que a Guerra Civil tenha inaugurado o emprego deste armamento, como faz Dougherty ao dizer que Gabriel Rains “[...] iniciou a guerra de minas terrestres”.²¹¹ Este historiador chega ao ponto de citar as memórias do general James Longstreet, superior de Rains, para confirmar sua perspectiva, mas o que é possível ler no texto próprio general, que também desaprovou a atitude de seu subordinado, é apenas que Rains “[...] encontrou, numa carroça de munições quebrada, várias granadas carregadas, quatro delas com espoletas sensíveis, que ele colocou perto de algumas árvores caídas, derrubadas como obstruções. Ele ouviu depois que algumas delas haviam sido pisoteadas pela cavalaria federal e explodido”.²¹² Nenhuma menção, portanto, a qualquer tipo de pioneirismo.

As operações ficariam paralisadas na Península até 30 de maio. Entre 18 e 24 de maio, o general Thomas J. Jackson, com uma força muito menor do que a de seus oponentes

²⁰⁷HESS, Early J. Op. cit. (2005), p, 87.

²⁰⁸ Official Records, Series 1, Vol. XI, Part III, p. 510.

²⁰⁹ Official Records, Series 1, Vol. XI, Part I, p. 349.

²¹⁰ DEALFIELD, major Richard. Op. cit., pp. 112-118.

²¹¹ DOUGHERTY, Kevin. Op. cit., p 91.

²¹² LONGSTREET, general James. From Manassas to Appomattox. New York: Da Capo Press, 1992, p. 79.

federais, Nathaniel P. Banks e Irwin McDowell, aquele no vale Shenandoah e este, novamente, nas cercanias de Manassas, lançou operações ofensivas que fizeram com que os políticos em Washington ficassem impressionados e temerosos pela segurança da capital federal. O próprio presidente Lincoln escreveu a McClellan dizendo que McDowell, com 42.000 soldados, não mais participaria da campanha contra Richmond, ao norte desta e por terra firme. E no dia 25 de maio, o presidente foi ainda mais incisivo: "Penso que está próximo o tempo em que você deve atacar Richmond ou desistir do trabalho e vir em defesa de Washington."²¹³ Assim que se assegurou da segurança do norte da Virgínia, Jackson se descolou para Richmond para reforçar Johnston.

No dia 30 de maio, depois de duas retiradas da frente de McClellan e da perda de Yorktown para os federais, Johnston foi pressionado pela administração Davis e pela imprensa sulista, que exigiam uma ação mais enérgica em defesa de Richmond. Nesta data McClellan tinha seu exército dividido pelo rio Chickahominy, com dois corpos (o 3º, do general Samuel P. Heintzelman, e o 4º, do general Erasmus D. Keyes) de um lado do rio, onde estava todo o exército confederado, e os outros três corpos do outro lado, com o rio transbordando em virtude das fortes chuvas. Johnston atacou os 3º e 4º corpos federais num local denominado Seven Pines (ou Fair Oaks). A ideia era jogar 51.600 confederados sobre 33.000 federais, pondo em prática o "2º princípio fundamental da guerra", de Jomini. A execução da operação, contudo, foi absolutamente falha, fazendo com que o 4º princípio jominiano, "[...] providenciar [...] que estas forças não só marquem a sua presença no ponto decisivo mas também que aí entrem em ação, com energia e de forma coordenada, de modo a produzir um efeito simultâneo"²¹⁴ nem de longe fosse alcançado. Por carência de pessoal de estado-maior bem treinado, tropas pegaram caminhos errados em campo, levando a ataque confederado, marcado para as 8h da manhã do dia 30 não se iniciar antes das 13h e, por fim, ordens verbais em lugar de escritas criaram uma enorme confusão. Tudo isso contribuiu para que apenas 9 brigadas confederadas, das 22 planejadas, entrassem na ação, impedindo a obtenção de acúmulo de massa no ponto decisivo. Assim como Johnston não exerceu seu comando, dado que até o dia 1º de junho permaneceu em seu quartel-general sem visitar o campo em nenhuma ocasião, seu estado-maior, pequeno e mal preparado, não foi capaz de exercer controle.²¹⁵ Quando a luta já havia se encerrado, Johnston visitou o campo de batalha e foi atingido por um tiro de fuzil e um estilhaço de granada. O presidente Davis tomou,

²¹³ SEARS, Stephen W. Op. cit., (1989), pp. 275-276.

²¹⁴ JOMINI, Antoine-Henri. Op. cit. p. 137.

²¹⁵ DOUGHERTY, Kevin. Op. cit., pp. 100-109.

então, a decisão que marcaria a história do Exército do Norte da Virgínia até sua extinção, em abril de 1865: nomeou o general Robert E. Lee, seu conselheiro, como comandante daquela força. Em carta ao presidente Lincoln, de 20 de abril de 1862 (quando Lee era apenas conselheiro de Davis), McClellan disse

Prefiro Lee a Johnston – aquele é muito cauteloso e fraco sob graves responsabilidades – pessoalmente corajoso e enérgico ao ponto da irresponsabilidade, ainda assim ele carece de firmeza moral quando pressionado pela pesada responsabilidade e é, provavelmente, tímido e irresoluto em ação.²¹⁶

Entre 1º e 24 de julho Lee não se moveu de Richmond, iniciou um amplo programa de construção de entrenchamentos que, segundo seu secretário de estado-maior, coronel Long, deveria ser conduzido por todos os homens de cada divisão do exército em seu próprio *front*.²¹⁷ Já em 5 de junho escreveu ao presidente que

McClellan fará desta uma batalha de postos. Ele tomará posição após posição, sob a cobertura de seus canhões pesados e nós não podemos cair sobre ele sem assaltar suas fortificações, o que com nossas tropas novatas é extremamente arriscado. [...] Nosso povo está oposto ao trabalho. Nossas, tropas, oficiais, comunidade e imprensa. Todos o ridicularizam e resistem a ele. Ele é o próprio meio pelo qual McClellan tem avançado e está avançando. Por que devemos deixar a ele toda a vantagem do trabalho [?]. [...] Não há nada tão militar quanto o trabalho e nada tão importante para um exército do que poupar as vidas de seus soldados.”²¹⁸

Os soldados sob comando de Lee, e mesmo muitos oficiais, o alcunharam, na época, de “*Old Granny Lee*” (Velha Vovozinha Lee), dando a entender que sua opção pelos entrenchamentos ao redor de Richmond era reflexo da timidez e medo de enfrentar os federais em campo aberto, ou “*King of Spades*” (um sutil trocadilho na língua inglesa entre “Rei de Espadas”, a carta do baralho, e “Rei de pás”, uma referência pejorativa a Lee).²¹⁹

Além disso, Lee determinou que todas as forças possíveis, entre os Apalaches e o Atlântico, lhe fossem enviadas. Assim, tropas das Carolinas do Norte e da Geórgia lhe foram enviadas até 20 de junho, sendo: 6000 da Carolina do Norte (do major-general Thophilus H. Holmes); 6000 da Carolina do Sul (general-de-brigada Ripley); 5000 da Geórgia (general-de-brigada Lawton); e o restante das tropas do general Jackson que ainda estavam no vale Shenandoah.²²⁰ Além destas, outras forças confederadas, na própria Península, guardando as bases navais de Norfolk e Portsmouth, também foram direcionadas às defesas de Richmond.

²¹⁶ SEARS, Stephen W. Op. cit. (1989), pp. 244-245.

²¹⁷ LONG, Armistead L. **Memoirs of Robert E. Lee**. East Bridgewater: JG Press, 2012, p. 21.

²¹⁸ DOWDEY, Clifford. Op. cit., p. 184.

²¹⁹ STOKER, Donald. Op. cit., p. 153

WEIGLEY, Russell F. *Estratégia Americana: dos primórdios à Primeira Guerra Mundial*. In: PARET, Peter. **Construtores da Estratégia Moderna**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001, p. 556.

²²⁰ LONG, Armistead L.. Op.cit., p. 23.

O interessante em todos estes casos de transferência é que estas tropas foram transportadas em ferrovias, possibilitando não somente retiradas (como nos casos de Norfolk e Portsmouth) mas sim uma ampla concentração para deter McClellan.²²¹ O secretário confederado da guerra, G.W. Randolph, escreveu ao major-general B. Huger, comandante em Norfolk, dizendo

Você tomará o controle das ferrovias que levam a Norfolk e Portsmouth e não permita nada que impeça o transporte do governo. [...] Você precisa ter em mente [...] que a salvação de seu exército é de importância primária. [...] Uma brigada de não menos do que três regimentos será requerida de pronto para o serviço ao norte de Richmond, e deve ser enviada diretamente para Suffolk, para ser despachada daí por ferrovia.²²²

Dessa forma, Lee conseguiu reunir 85.000 soldados no Exército do Norte da Virginia, o maior efetivo que ele comanda em toda a guerra, enquanto McClellan dispunha de 104.300 prontos para a ação.²²³ A única coisa que impedia McClellan de se mover de seus entrenchamentos nas cercanias do rio Chickahominy era sua crença nos exagerados relatório de Pinkerton e, agora também, numa falha apreciação do balonista Lowe quer, em 1º de maio de 1862, durante a batalha de Seven Pines (ou *Fair Oaks*) notificou o chefe de estado-maior de McClellan, general R.B. Marcy, que

[...] eu estou assombrado com seus (do inimigo) números comparados aos nossos, embora estejam mais concentrados que nós, [...] Seus grandes acampamentos estão inteiramente livre de fumaça [...] o que nos permite ver com distinção as trincheiras do inimigo.²²⁴

Em 5 de maio, McClellan escreveu ao secretário da guerra, Edwin Stanton, que: “Minha força inteira é sem dúvida consideravelmente inferior aquela dos rebeldes, que ainda lutam bem, mas eu farei tudo o que puder com a força à minha disposição.”²²⁵ Na verdade, faltava a McClellan um meio de reconhecimento de campo de batalha tão ancestral quanto a própria prática da guerra, cavalaria. Ou melhor, faltava-lhe cavalaria concentrada em grandes massas para realizar missões de reconhecimento de grande envergadura, que pudessem averiguar, em campo, a veracidade dos relatórios de Pinkerton e Lowe. Embora, no todo, McClellan dispusesse de mais cavaleiros do que Lee e melhor armados, com armas de repetição — cerca de 5.000 carabinas Spencer haviam sido entregues as várias unidades de

²²¹ BLACK III, Robert C. **The Railroads of the Confederacy**. Chapel Hill and London: The University of North Carolina Press, 1998, p. 147.

²²² Official Records, Series 1, Vol. XI, Part III, p. 490.

²²³ HESS, Early J. Op. cit. (2005), p. 119.

²²⁴ Official Records, Series 3, Part III, p. 282.

²²⁵ SEARS, Stephen W. Op. cit. (1989), p. 256.

cavalaria do Exército do Potomac²²⁶ —, sua cavalaria estava dispersa, em pequenas unidades auxiliares de brigadas e divisões de infantaria.²²⁷ Além disso, sua cavalaria regular (bem treinada e existente já antes da guerra), constituída pelo 2ª Cavalaria dos Estados Unidos, estava sendo empregada na sua escolta pessoal ou como polícia militar.²²⁸

Numa situação diametralmente oposta, a cavalaria de Lee, com cerca de apenas 1.000 soldados comandados pelo jovem e brilhante general-de-brigada James Ewell Brown (J.E.B.) Stuart, estava totalmente concentrada e seria utilizada “[...] primariamente, para funções estratégicas de reconhecimento, inteligência, ataque às comunicações do inimigo e a guarda das suas próprias.”²²⁹ Em 11 de junho, Lee informou Stuart sobre sua missão

É desejado que você faça um movimento secreto pela retaguarda do inimigo agora postado no Chickahominy com vista a obter inteligência de suas operações, comunicações, etc., repelir seus grupos de forragem e assegurar-nos grãos, gado, etc. [...]. Outro objetivo é destruir seus trens de carroças [...] e lembre-se que um dos objetivos principais de sua expedição é obter inteligência para guiar nossas futuras operações.²³⁰

Em toda sua ação, Stuart perdeu apenas um homem (capitão Latane) e, em 15 de junho reapresentou-se ao general Lee para fazer seu relatório oral. De seu relatório manuscrito, podemos saber apenas que capturou 165 soldados federais, 260 cavalos e mulas e que teria causado a “[...] destruição de milhões no valor de propriedade e interrupção, por algum tempo, de suas (McClellan) comunicações ferroviárias.” Calcula, também, que daí em diante, os federais seriam obrigadas a dispor de algo entre 10.000 e 15.000 soldados para guardar suas comunicações.²³¹ De qualquer maneira, entretanto, Lee ficou sabendo exatamente a posição dos federais de Chickahominy. Stuart lhe informou que o 5º Corpo Federal (general Fitz John Porter), todo colocado ao norte do rio Chickahominy, tinha o seu flanco direito totalmente exposto e sem entrincheiramentos, levando Lee a planejar jogar dois terços de seus soldados (cerca de 51.600) contra os 28.100 de Porter. A esperança de Lee era atacar a psicologia de McClellan, que ele sabia estar impressionado com os “grandes números” de soldados confederados, graças aos jornais do norte que passavam pelas linhas rebeldes e que traziam “[...] as infladas estimativas dos números confederados que os quartéis-generais do Exército do Potomac haviam dado aos correspondentes.”²³²

²²⁶ BILBY, Joseph G. *A Revolution in Arms: a history of first repeating rifles*. Yardley: Westholme, 2006, p. 76.

²²⁷ HAGERMAN, Edward. *Op. cit.*, p. 56.

²²⁸ DOUGHERTY, Kevin. *Op. cit.*, p. 68.

²²⁹ HAGERMAN, Edward. *Op. cit.*, p. 110.

²³⁰ DOWDEY, Clifford. *Op. cit.*, p. 202.

²³¹ Official Records, Series 1, Vol. XI, Part I, pp. 1036-1040.

²³² SEARS, Stephen W. *Op. cit.*, (1999), p. 206-207.

Foram cinco as batalhas dos Sete Dias (entre 25 de junho e 1º de julho de 1862): Mechanicsville; Gaines Mill; Savage's Station; Glendale; e Malvern Hill. Em todas elas Lee esteve na ofensiva em tempo integral, todavia, a velha falta de pessoal de estado-maior e de mapas adequados da região fizera com que seus comandantes de divisões se atrapalhassem e se perdessem nas estradas locais, contribuindo para que seus ataques fossem conduzidos sem coordenação.²³³ Ainda assim, McClellan, ao final dos Sete Dias, havia decidido retirar seu exército da Península e leva-lo de volta para Washington. Para Sears, nos Sete Dias “[...] ele se rendeu à derrota quase tão logo a luta começou.”²³⁴ Lee, por sua vez, sofreu derrotas táticas em todas aquelas batalhas e suportou perdas numéricas (20.141 baixas, ou 22% de seu exército) que jamais seriam repostas com outros recrutas, mas obteve uma vitória estratégica para a Confederação. “Vovozinha Lee” estava a caminho de se tornar o “homem de mármore”.²³⁵

Do ponto de vista estritamente tático, as batalhas dos Sete Dias foram marcadas pela presença de entrincheiramentos, por ataques frontais dos confederados a estes e pela ausência do general McClellan que, deprimido, retirou-se para abordo do navio USS Galena, deixando o comando para o comandante do 5º Corpo, Fitz J. Porter.²³⁶ Além disso, a luta foi marcada, mesmo com a presença de armamento raiado, pela curta distância entre combatentes, como podemos observar aqui, no relatório do major Henry b. Clitz, da 12ª Infantaria dos Estados Unidos, uma unidade do exército regular, portanto, existente desde antes da guerra e bem treinada

Eu, portanto, alertei meus homens que o inimigo estava se aproximando de nós e que eles precisavam ser frios e mirar baixo. Quando o regimento rebelde imediatamente à minha frente estava a 50 jardas, eu dei a ordem para que se levantassem e atirassem. Meus homens dispararam um voleio fulminante e de perto.²³⁷

Ou este outro relato sobre combate entre duas infantarias de pé e em linha (com soldados ombro a ombro com seus camaradas), trocando tiros como se estivessem num duelo; durante a luta em Glendale (30 de junho de 1862)

Aqui, confrontamos com o inimigo, as duas linhas constantemente aproximando-se uma contra a outra, e quando estávamos a cerca de 200 jardas do inimigo, nós paramos, desferimos um voleio e ajoelhamos. Nossos oponentes, embora abalados por este fogo, ainda se aproximaram e, evidentemente, intencionavam carregar.

²³³ DOUGHERTY, Kevin. Op. cit., p. 118.

²³⁴ SEARS, Stephen W. Op. cit., p. 286.

²³⁵ DOUGHERTY, Kevin. Op. cit., p. 139.

²³⁶ SEARS, Stephen W. Op. cit. (1999), p. 221.

²³⁷ Official Records, Series 1, Vol. XI, Part II, p. 367.

Nosso regimento abriu fogo novamente, despejando voleio após voleio até que, quando a 150 jardas, ele foi completamente levado a uma paralisação.²³⁸

O coronel Garrett Dyckman, da 1ª Infantaria de New York, escreveu sobre a luta em Mechanicsville que tão logo as tropas dispersas e assustadas do 5º Regimento do Michigan (Federal) passaram, em fuga, pelos seus soldados, ele alinhou três companhias de seu regimento numa estrada e abriu “[...] fogo sobre o inimigo, distante a menos de 50 jardas”.²³⁹ O que nos permite depreender, dos três relatos, que a luta ocorria na curta distância, com os soldados “mirando baixo” e as unidades (regimentos, batalhões, brigadas) lutando ombro-a-ombro em ordem-unida. Há mais, entretanto. O relato do general-de-brigada confederado Paul J. Semmes, comandante da 1ª Brigada na luta em Savage Station (29 de maio de 1862) é bastante revelador das características da luta

Tendo parado o 5º da Louisiana e reformado na espessa mata através da qual o avanço havia sido feito e encontrando tropas a não mais do que 40 jardas em frente, sendo necessariamente incerto se elas pertenciam ao nosso exército ou ao do inimigo, eu ordenei ao soldado Maddox, da companhia K, [...] avançar e perguntar “Quem são vocês?”, ao que a resposta foi “Amigos!”. Ouvindo a resposta, eu demandei: “Qual regimento?” e fui respondido “Terceiro de Vermont”. Após o que foi dada a ordem para começar o fogo [...] Muito do tempo o inimigo esteve engajado a uma distância não acima de 40 jardas. Suas perdas comparativamente pesadas indubitavelmente resultaram, principalmente, da maior eficiência dos nossos mosquetes de alma-lisa com munição dispersiva de pelotas de chumbo à curta distância.²⁴⁰

E este, do coronel confederado John B. Stange, da 19ª Infantaria da Virginia, lutando em Gaine’s Mill, em 27 de junho

A brigada chegou a Gaine’s Mill por volta das 16 h e foi imediatamente levada pra a direita, em direção ao fogo pesado. [...] O general Pickett ordenou a brigada a avançar [...] até chegar à borda de uma colina a cerca de 75 jardas em frente ao inimigo entrincheirado. [...] Vendo a desigualdade da luta, uma carga foi ordenada [...]. Os inimigos foram repelidos de uma linha tripla de defesas — primeiro, de uma vala profunda, segundo, de um abatis logo atrás e terceiro [...] uma barricada no topo da elevação. A brigada capturou uma bateria de esplêndidos canhões Parrot e várias centenas de prisioneiros. [...] grande parte da brigada não ouviu a ordem para parar [...] e continuou na perseguição ao inimigo [...]. Quando a 600 jardas de nossas linhas [...] Foram atacados por um esquadrão de cavalaria dos Estados Unidos, mas nossos rapazes [...] esperaram até que se aproximassem a 75 jardas, quando um voleio fez com que rompessem e fugissem em todas as direções [...].²⁴¹

Nos dois relatos podemos perceber a baixa visibilidade, devido às matas densas, como fator limitador para a pontaria dos soldados, o emprego de armamento de alma-lisa logo, de curto alcance entre os sulistas, mas que, mesmo assim, se revelava eficiente, a

²³⁸ Official Records, Series 1, Vol. XI, Part II, p. 346-347.

²³⁹ Official Records, Series 1, Vol. XI, Part II, p. 191.

²⁴⁰ Official Records, Series 1, Vol. XI, Part II, p. 720-721.

²⁴¹ Official Records, Series 1, Vol. XI, Part II, p. 767-768.

dificuldade de controle sobre soldados excitados em consequência dos diversos ruídos em campo (como no testemunho de Stange) e, novamente, a luta à curta distância, mesmo contra cavalaria. As baionetas também foram constantemente utilizadas nestas batalhas, como nos mostra o coronel George S. Hays, dos Reservas da Pennsylvania, quando diz que estando “[...] a uma distância de 100 jardas, carreguei contra eles com baionetas e os repeli.”²⁴², ou o relatório do tenente-coronel James C. Rice, do 44º de Voluntários de New York que, em Gaines Mill, foi “[...] ordenado a carregar com baionetas [...]. Mal o regimento carregou 50 jardas em direção ao inimigo antes que suas linhas quebrassem e recuassem [...]”.²⁴³ Embora estes assaltos de infantaria, como baionetas caladas, não resultassem em luta corpo-a-corpo, garantiam que a arma branca estava tão viva e sendo utilizada quanto no século XVIII. McWhiney e Jamieson consideram, como muitos outros historiadores, que a introdução do rifle na guerra tornou a baioneta “uma arma raramente decisiva”.²⁴⁴ Todavia, é preciso levar em consideração que, de acordo com as fontes primárias, ataques com baionetas continuaram existindo no século XIX e que sua eficácia deve ser medida por seu impacto psicológico sobre o inimigo atacado que, percebendo a seriedade da situação, geralmente abandonavam o campo em pânico, temendo a morte no aço frio.²⁴⁵

Por fim, mesmo os sharpshooters (franco-atiradores) ou a artilharia privilegiavam o tiro de curta distância. O major Robert M. West, chefe de artilharia do 4º Corpo, relatou que na luta em Glendale, em 29 de junho, o tenente Munk, artilheiro sob seu comando, permitiu que cavalaria rebelde chegasse a “[...] a 50 jardas de suas peças encobertas, quando abriu fogo com efeito mortal”.²⁴⁶ E o capitão William B. Weedem, 1ª Artilharia de Rhode Island, lutando em Malvern Hill, onde os Federais montaram a maior concentração de artilharia da Guerra Civil até então, com 36 canhões atirando juntos, diz que “[...] o inimigo chegou a 150 jardas da bateria e nós despejamos uma carga dupla de metralha [...] o que rompeu suas fileiras [...]”.²⁴⁷ Os sharpshooters, por sua vez, se esgueiravam pelo terreno, adornados “com galhos e pequenos ramos de árvores, não vistos por nós a princípio [...]”, escreveu o tenente Favill, em 3 de junho, em seu diário, aproximando-se a distâncias de 250 jardas para tentarem abater seus alvos.²⁴⁸

²⁴² Official Records, Series 1, Vol. XI, Part II, p. 43.

²⁴³ Official Records, Series 1, Vol. XI, Part II, p. 342.

²⁴⁴ McWHINEY, Grady. JAMIESON, Perry D. **Attack and Die: Civil War military tactics and southern heritage**. Tuscaloosa: The University of Alabama Press, 1982, p. 78.

²⁴⁵ NOSWORTHY, Brent. **The bloody crucible of courage: fighting methods and combat experience of the Civil War**. Carroll & Graf Publishers, New York, 2003, pp. 594-608.

²⁴⁶ Official Records, Series 1, Vol. XI, Part II, p. 196.

²⁴⁷ Official Records, Series 1, Vol. XI, Part II, p. 284.

²⁴⁸ FAVILL, Josiah Marshall. Op. cit., p. 113.

3.3 Segunda Manassas

Com a derrota do plano de McClellan para tomar Richmond, o presidente Lincoln mandou reunir todas as tropas federais do norte da Virginia sob comando do major-general John Pope em uma nova organização, o Exército da Virginia, com aproximadamente 62.000 soldados (embora dispersos em vários comandos), em três corpos (1º comandado por Franz Sigel, o 2º por Nathaniel Banks e o 3º por Irwun McDowell, ex-comandante do extinto Exército do Nordeste da Virginia, o único dos três que realmente tinha formação acadêmica militar, os outros dois eram civis indicados para o comando pelo Partido Republicano), além dos 5º e 4º Corpos do Exército do Potomac, enviados em 26 de agosto em ajuda a Pope. Lee, por sua vez, contava com menos de 50.000 soldados.²⁴⁹

Já em meados de julho Pope apresentou ao secretário da guerra, Stanton, e ao presidente Lincoln, um novo conceito de guerra no qual se travaria um conflito total contra o sul. O Exército da Virginia viveria dos recursos do território inimigo, saqueando colheitas e rebanhos, destruindo ferrovias e linhas telegráficas sob controle confederados para privar o inimigo de transportes e comunicações rápidas. Civis pegos em ações hostis contra soldados da União poderiam sofrer uma série de punições, passando pelo pagamento de indenizações, destruição de suas casas, fuzilamentos sumários (sem direito a processo civil formal) e degredo, para dentro de áreas sob controle confederado, dos civis que, eventualmente, se recusassem a prestar juramento de fidelidade aos Estados Unidos. As atitudes de Pope na Virginia levaram Lee a rotulá-lo de “canalha”, adjetivo utilizado apenas contra este oficial, já que Lee tratou todos os outros generais federais que o enfrentaram sempre de maneira cavalheiresca.²⁵⁰ Em 9 de agosto de 1862, o general McClellan, desafeto de Pope, proclamou a Ordem Geral 154, pela qual se proibia depredação de propriedade civil “[...] destruída em libertinagem ou malícia”, autorizando apenas a destruição de propriedade inimiga de uso estritamente militar²⁵¹.

Apesar das pilhagens e saques, as forças de Pope estavam bem supridas por suas redes ferroviária, a Fredericksburg Railroad e Orange and Alexandria Railroad, e estas, por sua vez, estavam equipadas com eficientes linhas telegráficas. Para garantir a segurança das

Official Records, Series 1, Vol. XI, Part II, p. 357.

²⁴⁹ SUTHERLAND, Daniel E. **The Emergence of Total War**. Abilene: McWhiney Foundation Press, 1998, pp. 21-22.

²⁵⁰ Idem, *ibidem*, pp. 18-31.

²⁵¹ GRIMSLEY, Mark. **And Keep Moving On: The Virginia Campaign, May-June 1864**. Lincoln and London: University of Nebraska Press, 2002, p. 106.

instalações telegráficas, Pope estabeleceu ordens que responsabilizavam os habitantes civis do norte da Virginia por quaisquer danos causados às linhas. Por fim, toda sua logística estava ancorada em seu vasto depósito de suprimentos montado em Manassas Junction, local dotado de um grande pátio ferroviário²⁵². Lee, por seu turno, contava com boas linhas interiores (estradas de rodagem comuns e uma só ferrovia, a Virginia Central), suficientes para começar a transferir tropas, principalmente por trens, para o norte do estado quando, após os sete dias, McClellan se retirou para a ponta sul da Península, não mais representando uma ameaça e iniciou a evacuação de suas tropas, em navios, de volta para Washington, para reforçar Pope.²⁵³

No seu avanço em direção ao exército de Pope, Lee dividiu seu efetivo (sete divisões e duas brigadas independentes de infantaria) em duas alas, uma sob comando de Thomas J. Jackson e a outra sob comando do general James Longstreet. No dia 22 de agosto de 1862, Lee enviou a cavalaria de J.E.B. Stuart (com 1.500 soldados) para assaltar a retaguarda de Pope e cortar suas linhas telegráficas e ferroviárias. Na estação Catlett, a 14 milhas de distância de sua ponto de partida, Stuart capturou \$500.000 em dinheiro e \$20.000 em ouro, além de grandes quantidades de suprimentos, cavalos, mulas, bagagem e equipamentos, causando enorme destruição às linhas de telegrafia da União em todo seu trajeto. Entre as bagagens capturadas, estava um livro de anotações do próprio Pope, contendo a informação com a disposição completa de seu exército. Com seus 25.000 infantas, Jackson, por sua vez, flanqueou toda a direita de Pope (sabendo que estava desprotegida graças à informação obtida pela cavalaria de Stuart na estação Catlett) e atacou o desprotegido depósito de suprimentos dos federais em Manassas Junction, cortando as comunicações ferroviárias de Pope com Washington, em 27 de agosto. É interessante notar que Pope havia dispensado os serviços do superintendente ferroviário Herman Haupt e seu pessoal de manutenção em 15 de agosto, paralisando as operações ferroviárias, só porque Pope entendia que os trens deveriam ser operados por militares, não por civis como Haupt. Assim, quando Jackson caiu sobre Manassas, ele capturou locomotivas, vagões (numa fila de duas milhas de comprimento) amontoados com armas, munições, fardamento, víveres e calçados.²⁵⁴

²⁵² TURNER, Edgar. **Victory Road Rails**: the strategic place of the railroads in the Civil War. Lincoln: University of Nebraska Press, 1992, p. 192.

PLUM, William R. **The Military Telegraph During the Civil War**: with a exposition of Ancient and Modern means of communication, and of the Federal and Confederate cipher Systems. Vol. 2. Chicago: Jansen, McClurg and Company, 1882, p. 217.

²⁵³ TURNER, Edgar. Op. cit., p. 194.

²⁵⁴ SUTHERLAND, Daniel E. Op. cit., p. 59-65.

TURNER, Edgar. Op. cit., p. 202-205.

O soldado Alfred Davenport, do 5º Regimento de New York (os Duryee Zouaves) relatou, em carta datada de 3 de setembro de 1862, ao seu pai que

Conforme nos aproximamos da estação Catlett, vimos nossos feridos deitados perto de uma casa de fazenda e estavam enterrando nossos mortos da luta do dia anterior. [...] Naquele local duas locomotivas e trens estavam destruídas; pontes também, queimadas pelos rebeldes. Em Manassas, a destruição de propriedade ferroviária foi completa, os restos de locomotivas e seus trens, depósitos e roupas espalhadas em todas as direções.²⁵⁵

Tudo isso constituía um claro exemplo de que não basta dispor de melhores tecnologias na guerra, é preciso saber utilizá-las e protegê-las.

No dia 28 de agosto, Pope corria em direção a Manassas para intentar montar sua defesa, mas já era tarde. Aquilo que Jackson não saqueou ele queimou. Posteriormente posicionou todo seu efetivo numa elevação e por trás de um aterro para uma linha ferroviária, utilizando uma feição do próprio terreno como trincheira. Acreditando ter isolado Jackson em Manassas, Pope iniciou uma batalha contra este. Em janeiro de 1863, diante de uma corte marcial, Pope disse

Eu acreditava então, como acredito agora, que estávamos suficientemente avançados em relação a Longstreet, que supostamente liderava o corpo principal do inimigo, de forma que, utilizando toda nossa força vigorosamente, deveríamos ser capazes de esmagar Jackson completamente antes que Longstreet pudesse, em qualquer possibilidade, ter alcançado a cena da ação.²⁵⁶

Na tarde de 29 de agosto as tropas de Longstreet chegaram para reforçar Jackson na sua posição no leito ferroviário, fazendo crescer a linha defensiva deste por mais uma milha à sua direita. Na esquerda federal (de frente para Longstreet) estava o recém-chegado corpo de Fitz John Porter, vindo do Exército do Potomac. Na manhã do dia 30, Pope continuou acreditando que se defrontava apenas contra Jackson e lançou 5.000 homens a um ataque contra o franco direito do dispositivo defensivo confederado. Estas tropas ficaram com seu flanco esquerdo totalmente exposto que passou a ser envolvido por Longstreet. Este tinha passado com suas forças diante do corpo de Fitz John Porter que não reagiu (num episódio que o levaria à corte marcial e a sua expulsão do exército), permitindo que os confederados eliminassem as tropas de Pope pela frente (num ataque improvável a um protegido Jackson) e pelo lado esquerdo (que caiu na manobra de envolvimento de Longstreet). Pope foi o terceiro comandante de exércitos federais batido pelos rebeldes na Virginia (e o segundo vencido por

²⁵⁵ BLAISDELL, Bob. Civil War Letters: from home, camp and battlefield. Mineola: Dover Publications, 2012, P. 70.

²⁵⁶ Official Records, Series 1, Vol. XII, Part I, p. 205.

Lee), perdendo 16.000 soldados entre mortes, feridos e prisioneiros. Por sua vez, Lee, o vencedor, teve 9.000 baixas ou cerca de 1/5 de todo seu efetivo.²⁵⁷

Tais números e o resultado dramático dessa batalha, mostram claramente que a fricção da Segunda Manassas foi muito mais cruenta do que a Primeira, um ano e meio antes. O soldado Davenport, acima citado, diz em sua carta que dos 580 homens de seu regimento restavam apenas 250, sendo apenas 40 ilesos, fato que tornou o 5º de New York o regimento federal que mais sofreu baixas em uma única batalha em toda a guerra.²⁵⁸ Talvez, uma das razões para o tão elevado número de baixas possa estar no fato de que a Segunda Manassas não foi uma batalha de trincheiras (com exceção do local onde os soldados de Jackson se esconderam por trás do leito ferroviário) além do fato de, mais uma vez, as tropas lutarem à curta distância, como podemos ler no relato do major-general confederado Willian B. Taliaferro

Uma casa de fazenda, um pomar, algumas pilhas de feno, uma cerca apodrecida eram as únicas coberturas oferecidas às linhas opostas de infantaria; era um combate de resistência, pertinaz e inflexível, num campo quase descoberto. Não haviam ferimentos de balas perdidas; as linhas confrontantes olhavam uma na face da outra a uma distância mortal, separadas por menos de cem jardas, e permaneciam tão imóveis quanto heróis numa pintura de batalha.²⁵⁹

O 1º Batalhão da Virginia, unidade formada antes da 1ª Manassas e, portanto, uma força veterana acostumado às cruezas do combate, trocou tiros com uma linha de infantaria federal quando chegou a “[...] 150 jardas de nossa posição, com muito pouco efeito”, relatou o major John Seddon, seu comandante, que ainda daria mais dois comandos de “fogo”, com o inimigo mais próximo ainda, e mais uma vez com muito pouco efeito.²⁶⁰ O soldado Davenport dá uma imagem da confusão que se estabeleceu no campo de batalha e que pode esclarecer, nalguma medida, o porque dos soldados, não obstante atirarem tão de perto o fizessem tão mal

Homens e artilharia correndo, os cavalos galopando como loucos, os condutores desorientados; oficiais com espadas desembainhadas e revólveres, gritando, amaldiçoando, ameaçando, e ninguém para obedecer; balas voando, granadas explodindo, o estrondo da mosquetaria e o rugido da artilharia, tudo envolvido em fumaça; ajudantes e ordenanças cavalgando para cima e para baixo como se

²⁵⁷ SUTHERLAND, Daniel E. Op. cit., pp. 80-86.

²⁵⁸ BLAISDELL, Bob. Op. cit., pp. 75-77.

²⁵⁹ BUELL, C. C. JOHNSON, Robert U. Op. cit., Vol. 2, p. 510.

²⁶⁰ Official Records, Series 1, Vol. XII, Part I, p. 205.

estivessem loucos; aqui e ali um general com olhar ansioso, dando ordens apressadas aos ajudantes e tudo ao mesmo tempo, como um pandemônio [...].²⁶¹

Era até natural que soldados com pouco ou nenhum treinamento atirassem de maneira aleatória e sem mirar corretamente, daí ser praticamente impossível obter o máximo alcance de suas armas. Fica então a questão: se o rifle levou ao desenvolvimento da guerra de trincheiras, por que 2ª Manassas, uma batalha onde as tropas estavam quase totalmente dotadas de rifles, não teve o mesmo recurso às fortificações de campo que 1ª Manassas ou as batalhas na Península? A resposta que nos resulta evidente é que rifles e trincheiras não guardam necessariamente entre si qualquer relação.

Depois de sua vitória sobre Pope, Lee decidiu que era o momento adequado, com o norte da Virginia quase integralmente liberado da presença de federais (restava, apenas, a guarnição federal em Harpers´Ferry), para iniciar a invasão do norte. Com tal projeto, Lee tinha três objetivos: retirar seu exército da área norte da Virginia, com sua agricultura parcialmente devastada pelo primeiro ano de guerra, garantir uma folga na guerra no vale Shenandoah (no oeste daquele estado) para que os fazendeiros locais pudessem realizar sua colheita sem a presença de soldados federais na região e alimentar seus soldados e animais em Maryland (no norte); liberar Maryland do domínio federal e trazê-la para o lado da Confederação; e, talvez o mais importante, convencer os governos europeus (principalmente o britânico) a reconhecerem a Confederação como um país independente, alcançando uma grande vitória confederada sobre os unionistas em seu próprio território.²⁶²

Haviam dois forte indícios de que as potências europeias se preparavam para intervir do lado da Confederação: Primeiro, os ingleses haviam reforçado suas tropas no Canadá, desde novembro de 1861, com 8.000 soldados. Segundo, a França, sob Napoleão III, havia invadido o México, em abril de 1862, com aproximadamente 40.000 soldados. Além disso, o governo de Richmond acreditava que as manufaturas de têxteis na Inglaterra e na França não podiam se dar ao luxo de não ter acesso ao algodão plantado nos estados da Confederação, então sob bloqueio naval da marinha da União.²⁶³ Em 3 de setembro de 1862, Lee escreveu ao presidente Davis: “O presente parece ser o tempo mais propício desde o começo da guerra para o exército confederado entrar em Maryland”.²⁶⁴ Começava, assim, a

²⁶¹ BLAISDELL, Bob. Op. cit., pp. 73-74.

²⁶² DOWDEY, Clifford. Op. cit., p. 287.

²⁶³ JONES, Howard. Abraham Lincoln and the New Birth of Freedom: the Union and slavery in the Diplomacy of the Civil War. Lincoln and London: University of Nebraska Press, 1999, pp. 83-109.

EATON, Clement. A History of Southern Confederacy. New York: The Free Press, 1965, pp. 67-86.

²⁶⁴ DOWDEY, Clifford. Op. cit., p. 292.

campanha de Maryland, que terminaria no dia mais sangrento da história do continente americano, em Antietam.

3.4 Antietam

Em setembro de 1862 a União enfrentava seu momento mais crítico na Guerra Civil. Seus exércitos, melhores e maiores, haviam sido fragorosamente derrotados pelos confederados em duas grandes batalhas (as duas Manassas) e numa longa campanha (a Península). Lee começava uma invasão ao norte e, pior, trazia consigo a perspectiva política de uma intervenção estrangeira em favor da Confederação. Em novembro de 1861, o navio de guerra da marinha Federal USS San Jacinto abordou o navio britânico (civil) Trent para deter representantes confederados que se dirigiam à Londres. O episódio deixou o governo britânico enfurecido e parecia abrir caminho para sua intervenção na América do Norte²⁶⁵. As finanças do governo de Washington começaram a balançar, a tal ponto que Salmon P. Chase, secretário do tesouro Federal, chegou a afirmar que as pessoas no norte não queriam mais comprar títulos do tesouro, para ajudar a financiar a guerra, por receio de uma eventual guerra contra a Inglaterra.²⁶⁶

Em 1862, portanto, os confederados mudaram sua Grande Estratégia nas suas linhas exteriores enfocando seu principal esforço diplomático para a questão do reconhecimento de sua independência. Para isso, a Confederação precisava provar, em campo de batalha, que tinha capacidade, primeiro, de se manter por conta própria e, posteriormente, que o governo de Washington não era capaz de destruí-la. Para McPherson,

O modelo sulista era o reconhecimento Francês dos novatos Estados Unidos em 1778, que havia levado, passo a passo, à uma ativa assistência que foi crucial para o sucesso americano. Tanto o norte quanto o sul — um por medo e o outro pela esperança — compreenderam a importância desta questão.²⁶⁷

A primeira baixa confederada na invasão de Maryland, iniciada quando tropas confederadas cruzaram o rio Potomac em 4 de setembro, foi a crença precipitada de que a população de Maryland aderiria em massa à secessão e seus homens se alistariam nas fileiras do exército de Lee para enfrentar a União. O oeste de Maryland, com suas pequenas

²⁶⁵ JONES, Howard. Op. cit., p. 57.

²⁶⁶ McPHERSON, James M.. Battle Cry of Freedom: the American Civil War. London: Penguin Books, 1990, p. 12.

²⁶⁷ Idem, ibidem, p. 36.

propriedades, com poucos escravos e muito trabalho livre, lembrava mais a Pennsylvania (mais ao norte) do que os latifúndios escravistas do extremo sul. Logo, o apoio civil local estava do lado da União.²⁶⁸

Outro problema que Lee teve que enfrentar foi a situação logística calamitosa do Exército do Norte da Virginia. Seus soldados estavam famélicos, esfarrapados, subnutridos, muitos não tinham calçados. Lee tinha uma clara noção desta situação quando escreveu a Davis, um dia antes da invasão,

O exército não está adequadamente equipado para uma invasão de um território inimigo. Ele carece de muitos materiais de guerra, é fraco em transportes, os animais estão muito reduzidos e os homens estão pobremente providos com roupas e, em milhares de casos, estão destituídos de calçados. Ainda assim, não podemos nos permitir ficar parados, e embora mais fracos do que nossos oponentes, em homens e equipamentos militares, devemos empreender aossá-los, se não conseguimos destruí-los.²⁶⁹

Estes problemas contribuíram para a ocorrência de um fenômeno interessante. Lee entrou em Maryland com 55.000 soldados de infantaria, cavalaria e artilharia, sendo que, depois de terminar a 2ª batalha de Manassas com cerca de 41.000 homens ilesos, recebeu o reforço de três divisões enviadas de Richmond para compensar suas perdas. Todavia, o coronel Edward Porter Alexander, do estado-maior de Lee, registrou que na batalha de Antietam (17 de setembro de 1862) o Exército do Norte da Virginia não lutou com mais do que 40.000 soldados em suas fileiras. O restante do efetivo estava desgarrado na retaguarda, perdido nas estradas de Maryland, por não conseguir acompanhar o deslocamento do exército devido à marcha “dura e incessante e as doenças de campo, agravadas pela dieta irregular”.²⁷⁰

O material bélico do Exército do Norte da Virginia, também uma questão logística, era outra fonte de preocupação para Lee, que escreveu ao presidente confederado, no dia da invasão, para dizer-lhe que “os dois únicos assuntos que me provocam alguma inquietação são meus suprimentos de munições e subsistência.”²⁷¹ As fontes de obtenção de armas e munições eram as mais diversas, desde importação e fabricação local (no sul), em oficinas do governo, até a captura de equipamento *yankee* em campo de batalha, fato que criava uma enorme dificuldade para obter as mais diversas munições para muitos tipos de armas então nas mãos dos soldados. Segundo o oficial de material bélico Willian Allan, do

²⁶⁸ Idem, ibidem, pp. 97-98.

²⁶⁹ DOWDEY, Clifford. Op. cit., p. 293.

²⁷⁰ GALLAGHER, Gary W. Op. cit. (1989), pp. 145-146.

²⁷¹ DOWDEY, Clifford. Op. cit., p. 294.

estado-maior do general Thomas J. Jackson, a infantaria de Lee estava armada de maneira absolutamente heterogênea. O coronel E.P. Alexander relata que o cinqüenta por cento do exército de Lee estava dotado de “[...] velhos mosquetes de alma-lisa e nossa munição de artilharia raiada sempre foi inferior em qualidade”.²⁷² Na sua artilharia, Lee contava com duzentos e quarenta e seis peças, sendo quarenta e um *Model-1841* (em calibre de 6 libras) da era da Guerra Mexicano-Americana, de curto alcance, e, além disso, apenas cinco baterias possuíam armamento uniformizado.²⁷³

Para piorar a situação de Lee em Maryland, uma cópia de sua Ordem Especial N° 191, de 09 de setembro de 1862, dividindo seu exército em quatro partes para a invasão, caiu em mãos federais na cidade de Frederick, em 12 de setembro de 1862, quando o soldado John M. Bloss, do 27° de Indiana, encontrou o envelope com a ordem embrulhando três charutos que ele e outro companheiros fumavam enquanto liam o conteúdo do papel. De Bloss até o general McClellan, então colocado no comando unificado dos exércitos da Virginia e do Potomac (Pope pedira para ser dispensado do comando), a ordem levou apenas 45 minutos de viagem.²⁷⁴ O conhecimento desta situação dava a McClellan uma enorme vantagem, possibilitando-lhe cair sobre as partes separadas do exército de Lee e aniquilá-las. Porém, mais uma vez, McClellan mostrou sua preferência por mover-se lentamente, dado que acreditava que Lee o superava em números, como informou ao presidente Lincoln em 10 de setembro

Eu tenho batedores e espiões enviados adiante em todas as direções e logo devo estar em posse de informação confiável e definitiva. As indicações que obtive sobre as forças inimigas que atravessaram para esse lado, vão de oitenta (80) a cento e cinqüenta (150) mil.²⁷⁵

Assim, as primeiras tropas federais em movimento, para começar a perseguir Lee, iniciaram sua marcha dezoito horas depois de McClellan ter lido a Ordem 191. Então, encontraram Lee na vila de Sharpsburg, próxima do riacho Antietam, em 14 de setembro, quando o efetivo confederado era de 18.000 homens com Lee. McClellan reiterou seu erro e não realizou qualquer reconhecimento com sua cavalaria, ainda fragmentada em pequenas

²⁷² BOHANNON, Keith S. Dirty, Ragged, and Ill-Provided For: Confederate logistical problems in the 1862 Maryland Campaign and their Solutions. In: GALLAGHER, Gary W. **The Antietam Campaign**. Chapel Hill and London: The University of North Carolina Press, 1999, p. 103.

ALEXANDER, general Edward Porter. **Military Memoirs of a Confederate**: a critical narrative. New York: Da Capo Press, 1993, p. 223.

²⁷³ BOHANNON, Keith S.. Op. cit., p. 105.

²⁷⁴ HATTAWAY, Herman. JONES, Archer. How the North Won: a military history of the Civil War. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 1991, p. 243.

McPHERSON, James M.. Op. cit., pp. 107-108.

²⁷⁵ SEARS, Stephen W. Op. cit. (1989), p. 443.

unidades. Com sua morosidade habitual, ele preferiu marcar a data do seu ataque aos confederados para 17 de setembro, quando Lee já tinha conseguido reunir uma tropa de 36.000 soldados, além da divisão do general Ambrose Powell Hill, com 5.000 homens, que estava a caminho, neste dia, para se unir a Lee.²⁷⁶

Na luta que então se deu, McClellan não comprometeu todo seu efetivo, de 75.000 soldados na linha de frente e 20.000 reserva, preferindo enviar menos de 20.000 com ondas ou levas de ataque, fato que facilitou a defesa do terreno pelos sulistas que, novamente, não fizeram uso de trincheiras, como frisou o coronel Porter

[...] nossos homens tiveram tempo para fazer eficientes pequenas fortificações em suas posições em alguns pontos, mas não creio que um pingão sequer foi feito em qualquer lugar. Mas começaram a aprender pouco depois e em um ano a partir daquela época não era preciso dizer-lhes, mas construíram, por si, uma linha muito boa com baionetas e canecas, usando mourões de cerca como base, onde quer que vissem a mais remota possibilidade de uma luta.²⁷⁷

O dia 17 de setembro de 1862 ficou marcado como a data mais sangrenta da história do continente americano pois, entre as 5 horas e as 17 horas, os federais tiveram 2.010 mortos, 9.416 feridos e 1.043 desaparecidos, enquanto os confederados amargavam 2.700 mortos, 9.024 feridos e 2.000 desaparecidos, sendo que muitos dos feridos morreriam nos dois dias seguintes.²⁷⁸ Só na divisão do general confederado John Bell Hood, as perdas chegaram a oitenta e dois por cento do efetivo em 45 minutos em que ela esteve no combate, uma perda tão impressionante que este general teria dito a Lee, quando este perguntou sobre a condição física da unidade ao final do dia, “eu não tenho divisão, general Lee”.²⁷⁹

Embora, como já vimos, metade do Exército do Norte da Virgínia estivesse armado com fuzis de alma-lisa, os federais tinham a quase totalidade de seus soldados dotados de mosquetes raiados, e os confederados não cavaram trincheiras! O combate, em Antietam, da mesma forma que os anteriores se deu em curtas distâncias. O correspondente do *London Times*, Francis Lawley, disse que na luta “os soldados raramente atiraram até que estivessem a duzentas jardas do inimigo” e que em tal distância, “a tendência constante do mosquete raiado é jogar a bala muito alto.” Um oficial confederado afirmou a um jornal de Richmond que “na prática, estas armas de longo alcance (Enfields ou Springfields) foram de pouco ou nenhum

²⁷⁶ McPHERSON, James M.. Op. cit., pp. 114-115.

²⁷⁷ GALLAGHER, Gary W. Op. cit. (1989), pp. 146-147.

²⁷⁸ EICHER, David. Op. cit., p. 363.

²⁷⁹ McPHERSON, James M.. Op. cit., p. 119.
Apud. EICHER, David. Op. cit., p. 363

uso, inferiores em todos os aspectos [...] especialmente [...] contra os *yankees*, que têm sido derrotados pelo exército de Lee sempre pelas ousadas cargas e fogo à curta distância.”²⁸⁰

Um extenso milharal e uma estrada rural de baixo relevo (*sunken road*) foram os pontos onde a maioria dos cadáveres e dos feridos foram recolhidos depois da batalha, sendo, portanto, os locais mais disputados no terreno. O tenente Favill registrou em seu diário

O inimigo está à vista, a uma distância muito curta, e os 57° e 66° foram ordenados a carregar, o que eles fizeram [...]. Descendo o declive, sobre uma estrada afundada, juncada de mortos e feridos, e para dentro da confusão do milharal nós fomos, repelindo os rebeldes em fuga diante de nós [...] baionetando todos os que não se renderam prontamente [...]. Estávamos a não mais do que setenta e cinco a cem jardas distantes, em terreno aberto (ao saírem do outro lado do milharal) e podíamos ver a operação de carregamento e disparo e a chama da pólvora queimada fora das bocas dos canhões (confederados) perfeitamente.²⁸¹

O tenente Roberto Gould Shaw, da 2ª Infantaria de Massachussetts, viu uma bateria de artilharia federal de Rhode Islande, “atirar numa coluna rebelde, com metralha, a sessenta passos”.²⁸² O major Joel B. Warner, da 128ª Infantaria da Pennsylvania, relatou que o

[...] general Mansfield ordenou o coronel a alinhar seu regimento, mas como o regimento era novo e inexperiente (existindo a menos de cinco semanas), e estando no alcance do inimigo, que estava escondido num milharal à nossa frente, a cerca de 60 ou 70 jardas de distância, [...] houve muita confusão [...] sendo a primeira vez que o regimento estava sob fogo, eu descobrir ser impossível fazê-lo na excitação e na confusão.²⁸³

A unidade de Warner, contudo, não estava sozinha, McPherson calcula em quinze por cento o total de soldados novatos no Exército do Potomac. Lesley Gordon mostra que o 16º Regimento de Conecticut, que foi reunido em agosto de 1862, municiou seus mosquetes pela primeira vez na noite de 16 de setembro de 1862.²⁸⁴ Sem doutrina de emprego claramente disponibilizada para os oficiais e suboficiais e sem um treinamento acorde com a complexidade dos procedimentos, como poderiam soldados recentemente reunidos e sem experiência em combate obter o melhor aproveitamento de armas tão complexas quanto seus rifles raiados?

²⁸⁰ Apud. BOHANNON, Keith S. Op. cit., pp. 103-105.

²⁸¹ FAVILL, Josiah Marshall. Op. cit., pp. 187-188.

²⁸² DUNCAN, Russell. **Blue-Eyed Child of Fortune**: the Civil War letters of Colonel Robert Gould Shaw. Athens: University of Georgia Press, 1992, p. 242.

²⁸³ Official Records, Series 1, Vol. XIX, Part I, p. 493.

²⁸⁴ GORDON, Lesley J. All who went into that battle were heroes: remembering the 16th Regiment Connecticut Volunteers at Antietam. In: GALLAGHER, Gary W. **The Antietam Campaign**. Chapel Hill and London: The University of North Carolina Press, 1999, pp. 172-174.

John J. Pullen explica que numa batalha, em meio ao frenesi e ao pavor do combate, “coisas estranhas podem acontecer”, sendo que o soldado pode esquecer a vareta-soquete no cano, após carregar sua arma, e dispará-la com a munição, ficando sem meios para remunciar seu mosquete; pode esquecer de remover uma espoleta de fulminato já usada e, com todo o barulho à sua volta, achar que já disparou sua arma e colocar um novo cartucho no cano, fato comprovado com a descoberta, em campo de mosquetes municidados com várias cargas.²⁸⁵ A única forma de solucionar tal ocorrência seria treinar os soldados à exaustão, fato que não era levado a cabo com a maioria das tropas que, se não fossem novatas, como o 128º e o 16º anteriormente citados, eram comandadas por oficiais que negligenciavam o treinamento, como já vimos até aqui.

No dia 18 de setembro, Lee se retirou para a Virginia, atravessando o rio Potomac sem ser incomodado por McClellan, com 30.000 soldados confederados ilesos. O Exército do Potomac não utilizara 20.000 homens que tinha em reserva no dia 17 somados aos 13.000 reforços que recebera no dia 18, números que por si, eram claramente superiores aos que contabilizava o exército confederado na sua totalidade. Nas memórias dos veteranos da batalha, a lembrança que ficava era medonha. O tenente Shaw disse ao seu pai que “parece que quase nada pode justificar uma batalha como a do dia 17 e os horrores inseparáveis dela.”²⁸⁶ Rufus Dawes, oficial do 6º Regimento de Wisconsin, em suas memórias disse que Antietam “ultrapassa todas (as outras batalhas em que estive) como manifesta evidência do massacre”.²⁸⁷ Josiah Favill registrou em seu diário que “havia homens em todos com todos os tipos de mutilação [...] e em números maiores do que em qualquer campo que vimos antes.”²⁸⁸ Em novembro, como McClellan continuava paralisado em Maryland, o presidente Lincoln o substituiu pelo general Ambrose Everett Burnside.

Se, do ponto de vista tático, Antietam pode ser considerada um impasse, da perspectiva estratégica foi uma grande vitória para a União, pois reduziu sensivelmente a possibilidade de apoio europeu aos sulistas, na medida em que o presidente Lincoln proclamou, em 22 de setembro, a emancipação dos escravos em todo o território controlado por forças da União e autorizava a criação de unidades militares constituídas por soldados negros (as *USCT – United States Colored Troops*). A Proclamação de Emancipação colocava o governo dos Estados Unidos no campo do abolicionismo que contava com fervorosos

²⁸⁵ PULLEN, John J. *The Twentieth Maine*. Mechanicsburg: Stackpole Books, 2008, p. 33.

²⁸⁶ DUNCAN, Russell. Op. cit., p. 242.

²⁸⁷ DAWES, Rufus D. **Service with the Sixth Wisconsin Volunteers**. Marietta: E. R. Alderman & Sons, 1890, p. 95.

²⁸⁸ FAVILL, Josiah Marshall. Op. cit., p. 189.

defensores na França e na Gran Bretanha, enquanto a Confederação ficava no dos escravistas e nenhum governo europeu daria apoio explícito ou interviria em favor de um governo declaradamente escravocrata.

3.5 Fredericksburg

Dos homens que ocupavam o posto de comandante-em-chefe do Exército do Potomac, o único que tentou recusar a nomeação e alegou não estar à altura do posto foi Burnside. Depois de aceitar a função, suas “inadequações e seus deveres atormentaram sua mente. Trabalhando duro, ele se sobrecarregou, dormiu muito pouco e tornou-se fisicamente mal de saúde como resultado.”²⁸⁹ Paralelamente, era pressionado pela imprensa e pelo governo em Washington a tomar a iniciativa, derrotar Lee e conquistar Richmond. Por isso, em seu planejamento, adotou a rota mais direta e mais rápida para a capital confederada, por terra, a partir de Manassas.

Lee, por sua vez, aguardava um avanço federal já em novembro, antes que começasse a nevar. Como parte da preparação, montou um dispositivo defensivo no qual, se os federais viessem em direção à Richmond, então Jackson, no vale Shenandoah, os atacaria pelo flanco oeste (a direita), e se fossem em direção ao vale Shenandoah, Longstreet os atacaria pelo sul. Lee esperava vencer pela manobra, não pelo enfrentamento direto; como explicou ao secretário Randolph

O inimigo aparentemente é tão forte em números que eu penso que é preferível tentar confundir seus projetos pela manobra do que resistir ao seu avanço pela força principal. Para alcançar esta última meta sem grandes riscos ou perdas, precisaremos de mais do que o dobro dos nossos presentes números.²⁹⁰

Em 25 de novembro de 1862 já estava claro para Lee qual seria o caminho adotado por Burnside e, simultaneamente, apresentou ao presidente Davis um projeto de negação do uso das ferrovias ao sul de Fredericksburg pelos federais, caso conseguissem repelir Lee mais para o sul

Eu penso, pelo tom dos jornais nortistas, que se pretende que o general Burnside deverá avançar de Fredericksburg para Richmond. [...] eu estou determinado a resistir-lhe desde o começo e a por cada obstáculo no caminho de seu avanço. Eu

²⁸⁹ HATTAWAY, Herman. JONES, Archer. Op. cit., p. 304.

²⁹⁰ DOWDEY, Clifford. Op. cit., p. 332.

proponho começar a destruir a ferrovia como um meio de retardá-lo, de forma a obrigá-lo a se mover com um grande trem de carroças.²⁹¹

A estratégia ferroviária na Guerra Civil, portanto, não era somente usar o transporte terrestre a vapor, o mais rápido de então, para deslocar tropas, equipamentos e animais a grandes distâncias em tempo hábil para fazer diferença numa luta, mas também negar seu uso ao inimigo era objetivo militar. Para Archer Jones, no leste da Virginia, onde está a capital confederada, havia uma

[...] primazia da defesa tática e a ascendência da retirada sobre a perseguição [...] Na área constituída da Virginia oriental, um exército da União em ofensiva dificilmente podia evitar encarar seu adversário confederado bloqueando seu caminho por trás de fortes entrancheamentos.²⁹²

Daí que a conjugação de entrancheamentos e destruição ferroviária na retaguarda de seu exército em retirada, no raciocínio de Lee, era elementar para retardar o progresso de qualquer força federal que adentrasse a Virginia com destino a Richmond. Portanto, prolongar a guerra tornando-a desgastante e, dessa forma, exaurir a paciência e o apoio da população civil nortista ao governo Federal, forçando negociações que, enfim, tornariam possível a independência sulista. Lee só não esperava que Burnside, o homem que não queria ser comandante-em-chefe, lhe fizesse um favor tão grande quanto atacar de frente um dos mais sólidos e bem constituído campo entrancheado do Exército do Norte da Virginia, em Fredericksburg, tornando desnecessária a destruição de ferrovias que ligavam este local a Richmond.

Lee havia realizado uma ampla reorganização de seu exército em outubro de 1862 criando dois corpos de exército, cada um deles sob comando de dois tenentes-gerais (o 1º com Longstreet e o 2º com Jackson) —uma estrutura que já se revelara funcional desde a 2ª Manassas— e, a exemplo de sua cavalaria (desde a Campanha da Península), a artilharia foi concentrada em batalhões de artilharia (antes as baterias de artilharia, com quatro ou seis canhões, ficavam dispersas entre as brigadas de infantaria), sendo que, com o 1º Corpo ficavam noventa e nove canhões, e com o 2º outras noventa e oito peças. Além destes batalhões, haviam cinquenta e oito peças ligeiras com a cavalaria (22) e na reserva da artilharia (36). O coronel Porter Alexander mostra, entretanto, que a infantaria continuava armada com “diferentes variedades de armas portáteis, mas que ainda tínhamos homens

²⁹¹ Idem Ibidem,

²⁹² JONES, Archer. Op. cit. p. 137.

armados com fuzis de pederneira”²⁹³ Portanto, contra uma posição previamente selecionada e fortalecida pelas, agora concentradas, infantaria e artilharia do Exército do Norte da Virgínia.

Os Federais, como sempre, contavam com superioridade numérica e de equipamentos. Burnside contava com 118.952 soldados, divididos em três “grandes divisões”, com apoio de 374 canhões, mais uma reserva de 27.724 homens do 11º e 12º Corpos. Para guardar Washington, dispunham, ainda, de 51.970 soldados com 284 canhões. Os dois corpos de Lee, reunidos, somavam 68.578 combatentes.²⁹⁴ O curioso é que levando em conta sua superioridade em equipamentos Burnside decidiu atacar em Fredericksburg mesmo, atravessando o rio Rappahannock, tomando a cidade e atacando a posição fortificada dos rebeldes atrás (ao sul) desta, numa localidade chamada Marye’s Heights. Acima de Fredericksburg, onde o Rappahannock pode ser atravessado em diversos vaus, mas só por infantaria e cavalaria, as carroças e a artilharia precisariam de pontes de qualquer maneira. Burnside escolheu atravessar vinte milhas rio abaixo de Fredericksburg, em Skinker’s Neck, onde o Rappahannock tem 1000 pés de largura (cerca de 350 metros) e é profundo, mas seus pontões só chegariam no começo do mês de dezembro. Nesta ocasião, o rio havia transbordado e tropas do corpo de Jackson tinham ocupado o lado sul do rio. Para piorar sua situação, um reconhecimento aéreo com um dos balões de Lee (que voltou à ativa após a derrota na Península) revelou a presença das tropas de Jackson e Lowe desaconselhou a travessia neste ponto, o que Burnside aceitou sem maiores questionamentos ou reconhecimentos por outros meios.²⁹⁵

Não podemos inferir esta última informação sobre o balão a partir dos relatórios, já citados, do balonista Lowe, porque estes não apresentam qualquer registro entre os dias 24 de novembro de 1862 e 13 de janeiro de 1863,²⁹⁶ talvez porque Lowe não desejasse se comprometer ou aos seus equipamentos, mas sim de uma das memórias do oficial confederado Porter Alexander, quando diz

[...] os balões, reconhecendo o terreno em torno de Skinker’s Neck, descobriram os acampamentos de Jackson, e Burnside sabia que seus projetos haviam sido descobertos. A descoberta sugeriu uma peça alternativa de estratégia. Se ele pudesse atravessar em Fredericksburg [...] ele poderia interpor-se entre as forças em torno de Skinker’s Neck e aquelas em frente de Fredericksburg.²⁹⁷

²⁹³ ALEXANDER, general Edward Porter. **Military Memoirs of a Confederate**: a critical narrative. New York: Da Capo Press, 1993, pp. 279-280.

²⁹⁴ Idem, ibidem, pp. 284-85.

²⁹⁵ EICHER, David. Op. cit., pp. 397-398.

²⁹⁶ Official Records, Series 3, Vol. III, pp. 293-294.

²⁹⁷ ALEXANDER, general Edward Porter. Op. cit., p. 288.

Dessa forma, Burnside telegrafou ao chefe do estado-maior em Washington, general Henry Halleck, dizendo

Penso, agora, que o inimigo será mais surpreendido pela travessia imediatamente em nosso front do que em qualquer outra parte do rio. [...] Estou convencido de que uma grande força do inimigo está agora concentrada na vizinhança de Port Royal (Skinker's Neck), com sua esquerda repousando em Fredericksburg, que eu espero contornar.²⁹⁸

Não poderia estar mais errado. Em Fredericksburg estava metade de todo o efetivo de Lee, com o 1º Corpo de Longstreet, e Jackson contava com ótimas estradas para retornar rapidamente em sua ajuda. Mesmo assim, em 11 de dezembro de 1862, os federais construíram seis pontões através do Rappahannock, em frente à cidade de Fredericksburg e começaram a batalha. Os soldados de Lee se concentraram em Marie's Heights, fora da cidade. O campo à frente do exército de Lee havia sido tão bem estudado pelo artilheiros sob comando de Porter Alexander (ágora, chefe de artilharia do 1º Corpo confederado) que este teria dito a Longstreet: “General, nós cobrimos aquele terreno tão bem que vamos varrê-lo como um pente fino. Uma galinha não poderia sobreviver naquele campo quando abirmos fogo sobre ele.”²⁹⁹

Quando servindo na Península com McClellan, Burnside escreveu-lhe dizendo que “você sabe tanto quanto eu que é mais fácil contornar um flanco do que forçar um *front*.”³⁰⁰ Palavras que soariam contraditórias para qualquer soldado do Exército do Potomac presente em Fredericksburg. Depois de construir as pontes e tomar a cidade, as forças de Burnside cruzaram o rio em segurança entre os dias 11 e 12. No dia 13 de dezembro iniciaram o ataque frontal em ordem-unida contra Marye's Heights, que distava cerca de 1.700 jardas da cidade em campo aberto, como se pode ler no relatório do general-de-brigada Winfield S. Hancock, que comandava a 1ª Divisão, do 2º Corpo

As tropas, então, avançaram, cada brigada em sucessão, sob o mais mortal fogo de artilharia e mosquetaria, (com) o fogo de artilharia alcançando as tropas, de maneira destrutiva, na cidade, mesmo antes que comessem o movimento. A distância a superar pelo caminho no qual as tropas eram obrigadas a marchar antes de chegarem às trincheiras do inimigo era provavelmente de 1.700 jardas.³⁰¹

²⁹⁸ Official Records, Series 1, Vol. XXI, p. 64.

²⁹⁹ BUELL, C. C. JOHNSON, Robert U. Op. cit. Vol. 3, p. 79.

³⁰⁰ Apud. HAGERMAN, Edward. Op. cit., p. 87.

³⁰¹ Official Records, Series 1, Vol. XXI, p. 64.

Um dos mais importantes historiadores da Guerra Civil, Edward Hagerman, afirma que o ataque frontal do dia 13 fracassou “devido à superioridade da defesa entrincheirada sobre o assalto frontal na sequência da introdução geral do mosquete raiado.”³⁰² Posteriormente, diz ainda que os “assaltos federais contra suas posições (de Longstreet) em Marye’s Heights nunca conseguiram chegar a cem jardas do muro de pedra”.³⁰³ A confrontação destas afirmações com as fontes primárias, todavia, nos revela um quadro largamente diverso, como no caso do relatório do coronel Nelson A. Miles, da 61ª Infantaria de New York, escrito em 14 de dezembro, no dia seguinte à participação de sua unidade: “Chegamos a 40 jardas do inimigo e era necessário apenas uma animada carga de baionetas para nos aproximarmos e tomar as trincheiras.”³⁰⁴ Ou, ainda, o caso narrado pelo capitão James W. Britt, da 57ª Infantaria de New York, que moveu sua tropa “em linha de batalha em direção às trincheiras inimigas, até que chegamos [...] a 60 jardas do inimigo, que estava protegido por um muro de pedra”.³⁰⁵ A 9ª Infantaria de New York, do coronel Rush C. Hawkins, “chegou a 10 jardas de um muro de pedra, por trás do qual uma densa força de infantaria inimiga estava protegida.”³⁰⁶ O coronel Aaron F. Stevens, cuja 13ª Infantaria de New Hampshire encarou “um severo fogo de mosquetaria, tiros sólidos de canhão e granadas [...] a uma distância de 10 a 20 jardas.”³⁰⁷

Mesmo oficiais confederados reconheceram a proximidade do combate contra seus inimigos. O general-de-brigada Robert Ransom, no comando da divisão que levava seu nome, conta que linha de infantaria yankee “avançou com máxima determinação, e alguns poucos deles chegaram a 50 jardas de nossa linha”³⁰⁸ O tenente William Miller Owen, da Artilharia Washington, de New Orleans, diz que dois canhões de sua bateria atiraram contra Brigada Irlandesa (uma unidade Federal) e que “o galante inimigo pressionou além de todas as outras cargas, e lutou e deixou seus mortos entre cinco e vinte passos da estrada.”³⁰⁹ A “estrada” ficava atrás do muro de pedra usado como trincheira pelos rebeldes.

Fredericksburg terminou com a mais fácil e avassaladora vitória de Lee sobre os federais. Nas palavras do major Walter H. Taylor, do estado-maior de Lee, “foi, certamente, a

³⁰² HAGERMAN, Edward. Op. cit., p. 88.

³⁰³ Idem, ibidem, p. 123

³⁰⁴ Official Records, Series 1, Vol. XXI, p. 237.

³⁰⁵ Official Records, Series 1, Vol. XXI, p. 258.

³⁰⁶ Official Records, Series 1, Vol. XXI, p. 336.

³⁰⁷ Official Records, Series 1, Vol. XXI, p. 338.

³⁰⁸ Official Records, Series 1, Vol. XXI, p. 237.

³⁰⁹ BUELL, C. C. JOHNSON, Robert U. Op. cit. Vol. III, p. 98.

mais facilmente vencida de todas as grandes batalhas da guerra”³¹⁰ As tropas federais retiraram-se para o norte do rio Rapahannock no dia 15 de dezembro e todo o inverno de 1862-63 e a maior parte da primavera de 1863 foi de total calmaria na Virginia. Burnside foi dispensado do comando ao seu próprio pedido e substituído pelo major-general Joseph Hooker. Segundo Eicher, de 114.000 soldados federais realmente engajados na luta, 1.284 foram mortos, 9.600 ferido e 1.769 estavam desaparecidos, enquanto as perdas confederadas foram de 595 mortos, 4.061 feridos e 653 desaparecidos.³¹¹ Embora Eicher afirme que 72.500 confederados estivessem presentes, Taylor mostra que apenas cerca de 20.000 deles ocupavam posições nas trincheiras ou no muro de pedra nos dias 13 e 14 de dezembro, fato que torna mais avassaladora a vitória confederada.³¹²

3.6 Chancellorsville

Entre fevereiro e abril de 1863 o novo comandante federal, Joseph Hooker, dedicou-se a reorganizar o Exército do Potomac. Um dos mais deficientes serviços deste exército era a inteligência que, como vimos, tanto com McClellan como com Burnside, não tinha uma ramificação em campo que reunisse informações sobre os dispositivos, movimentos e manobras confederadas, contando somente com os serviços da agência de Allan Pinkerton ou com as observações aéreas de Lowe. Hooker criou um Escritório de Informação Militar (*Bureau of Military Information*), colocando-o sob comando do coronel G.H. Sharpe, da 120ª Infantaria de New York. O *Bureau* funcionaria como um verdadeiro órgão de inteligência militar, reunindo informações coletadas por espões, interrogatórios de prisioneiros, desertores, civis e escravos fugidos, observações dos balões de Lowe reconhecimentos conduzidos em campo pela cavalaria e coleta de material produzido por jornais sulistas. Tudo era analisado e repassado ao comandante-em-chefe, que, obviamente, decidiria o que fazer com tais informações. Além disso, o BMJ trabalharia com os engenheiros topógrafos do exército para produzir mapas detalhados o mais corretos possível a partir dos balões de Lowe, que também passaram ao estrito controle militar, sendo que os relatórios de observação

³¹⁰ TAYLOR, Walter Herron. Op. cit. p. 81.

³¹¹ EICHER, David. Op. cit. p. 405.

³¹² TAYLOR, Walter Herron. Op. cit. p. 81.

serviam produzidos pelo engenheiro-chefe do exército, capitão Cyrus B. Comstock³¹³ que, em 12 de abril de 1863, escreveu para Lowe determinando suas missões a partir de então

ascensões deverão ser feitas pela manhã, ao meio-dia e ao escurecer [...] e os relatórios feitos a mim, por escrito, de tudo o que for observado durante o dia. Se qualquer coisa importante for observada, ela deverá ser relatada prontamente. Estes relatórios devem dar a localização exata de importantes acampamentos observados.³¹⁴

Hooker também reorganizou a cavalaria Federal, unificando um corpo de cavalaria sob comando do major-general George Stoneman, com três divisões de duas brigadas cada, além de cinco brigadas de cavalaria regular que formariam a reserva sob comando do general-de-brigada John Buford. Toda esta força contabilizava 12.000 homens.³¹⁵ Os confederados desfrutavam de vantagem organizacional em cavalaria desde outubro de 1861, quando ela fora unificada sob comando de J.E.B. Stuart. Sears mostra a importância desta reorganização para as forças federais quando diz que “o primeiro passo para desafiar Stuart em igualdade de condições era igualá-lo organizacionalmente.”³¹⁶

Além destas modificações, Hooker também conseguiu reduzir consideravelmente o problema das deserções no exército que, em janeiro/fevereiro de 1863 era de algo equivalente à perda de um regimento inteiro a cada três dias. Estabeleceu um sistema de folgas para as tropas, criou símbolos que passariam a identificar cada um dos seus sete corpos (1º, 2º, 3º, 5º, 6º, 11º e 12º) e reforçou a disciplina e o programa de treinamento nos acampamentos. Sua artilharia, entretanto, continuou dispersa, em forma de baterias isoladas designadas para brigadas e divisões de infantaria.³¹⁷

As comunicações do Exército do Potomac seriam sustentadas por dois órgãos, o *Signal Corps*, operando telégrafos móveis, do tipo *Beardslee*, e o *Military Telegraph*, operando os telégrafos fixos. O telégrafo *Beardslee* mostrou-se, como na Campanha da Península, muito fraco para transmitir por longas distâncias e suas linhas, quando diretamente colocadas no chão, eram facilmente cortadas pelas rodas de carroças e canhões ou por soldados curiosos, que as mutilavam para obter um *souvenir*. Os sinais visuais (com

³¹³ SEARS, Stephen W. *Chancellorsville*. Boston: Mariner Books, 1996, pp. 68-70.

³¹⁴ Official Records, Series 3, Vol. III, p. 303.

³¹⁵ HAGERMAN, Edward. Op. cit., p. 92.

LONG, Armistead L. Op. cit., p. 79.

³¹⁶ SEARS, Stephen W. Op. cit. (1996), p. 67.

³¹⁷ LONG, Armistead L. Op. cit., p. 78-79.

SEARS, Stephen W. Op. cit. (1996), p. 63-82.

BUELL, C. C. JOHNSON, Robert U. Op. cit. Vol. III, p. 154.

bandeiras), a cargo do *Signal Corps* não foram utilizados porque o terreno, muito plano e densamente arborizado na região de Chancellorsville, não possibilitava seu uso, além disso, o BMI desaconselhou seu emprego por causa do temor de que os confederados conseguissem ver e decifrar os sinais. Por fim, Lowe faria uso de foguetes luminosos, a noite, para comunicar-se com forças de reconhecimento, principalmente cavalaria.³¹⁸

Lee, por sua vez, enfrentou problemas logísticos tão sérios no inverno de 1862-63 que se viu na contingência de ter que enviar o corpo de Longstreet (duas divisões de infantaria e um batalhão de artilharia) para o sul da Virginia, garantindo que os suprimentos que a ferrovia *Richmond, Fredericksburg and Potomac* entregasse ao restante do Exército do Norte da Virginia seriam suficientes para alimentá-lo. Como a ferrovia, a exemplo de todas as outras linhas ferroviárias no sul durante a guerra, não aceitava intervenção estatal, também não se via na obrigação de reduzir seu tráfego civil para abastecer Lee. O governo confederado pagava, em média, apenas 50% do valor dos fretes ou passagens civis e os trens, que iam carregados para os pontos de descarga dos fretes, voltavam vazios, não produzindo ganhos.³¹⁹ Por isso, Lee precisou enviar as unidades de Longstreet para a área de Petersburg, ao sul de Richmond, onde podiam ser abastecidas por várias linhas ferroviárias que ali se conectava e, além disso, porque era uma região que não havia sofrido com a passagem de tropas federais, apresentando, portanto, uma agricultura intacta o bastante para alimentá-las.³²⁰ O major Moxley Sorrel, do estado-maior de Longstreet, explicou que o sul da Virginia (onde está Petersburg) e o leste da Carolina do Norte tinham “grandes quantidades de gado [...] havendo, também grandes estoques de bacon e milho.”³²¹ O coronel Alexander, da artilharia de Longstreet foi mais detalhista

Embora tão próximo de Richmond, o exército estava inadequadamente vestido, calçado e alimentado [...] Já em 28 de abril de 1862, a ração de carne havia sido reduzida de 12 para 8 onças e uma concessão entra de farinha (duas onças) foi dada. Alegou-se que se não fosse essa redução o suprimento de carne não teria se mantido por todo o outono. Em 23 de janeiro de 1863, uma nova redução foi ordenada [...] para quatro onças de carne seca com 1/5 de uma libra de açúcar. [...] Nossas carências eram inteiramente devidas ao insuficiente transporte ferroviário. Antes da guerra, nossas estradas tinham apenas um tráfego leve. Elas estão agora carregadas com um muito pesado, e conforme os vagões, as máquinas e os trilhos se desgastaram, não podiam ser substituídos. Quando era feita uma queixa sobre suprimentos insuficientes ao comissário-geral, ele respondia, “parem de correr trens de passageiros, e eu conseguirei correr mais trens de carga e suprir vocês.”³²²

³¹⁸ HAGERMAN, Edward. Op. cit., pp. 82-83.

³¹⁹ BLACK III, Robert C. Op. cit. p. 80.

³²⁰ JONES, Archer. Op. cit. p. 125.

³²¹ SORREL, G. Moxley. Op. cit. p. 153.

³²² ALEXANDER, general Edward Porter. Op. cit., pp. 318-319.

Assim, em meados de março de 1863, as divisões de Pickett e Hood estavam a 130 milhas de distância ao sul de Fredericksburg, o que daria a Hooker uma superioridade numérica ainda maior e seria impossível esconder um movimento tão grande de tropas, animais e equipamentos do Escritório Militar de Informações de Hooker. No dia 29 de abril, portanto, Hooker colocou todo seu exército em movimento, pegando Lee de surpresa e desprevenido. O 6º Corpo Federal, de John Sedgwick, com 40.000 soldados atacou em Fredericksburg, onde Lee deixara 10.000 soldados sob comando do general Jubal Early, enquanto os outros seis corpos de Hooker flanqueavam Lee, atravessando o rio Rapahannock acima de Fredericksburg. Lee dispunha, então, de 53.000 soldados (6.500 de cavalaria, sob comando de Stuart) presos dentro de um movimento federal em forma de pinça, com 70.000 federais com Hooker e outros 40.000 com Sedgwick. Fora isso, o Exército do Potomac contava com os balões de Lowe para observar os movimentos dos rebeldes.³²³

O plano de Hooker, apesar de todas as necessárias reformas promovidas entre fevereiro e abril de 1863, tinha fraquezas que muito contribuiu para que Stuart, mais uma vez, circundasse todo o Exército do Potomac com sua cavalaria. Em 28 de maio, Hooker enviou quase toda sua cavalaria (10.000 homens) num raide contra a retaguarda de Lee, para cortar-lhe a linha ferroviária proveniente de Richmond e causar os maiores danos possíveis à infraestrutura inimiga na área, destruindo como relatou o general Stoneman

“pontes sobre rios, estradas de ferro, telégrafos, canais, carroças e trens ferroviários, estoques públicos de todos os tipos [...]”, além de tomar “[...] cavalos e mulas capturados e outros trazidos por escravos fugidos, e milho, farinha e bacon consumidos por animais e soldados”³²⁴

Segundo Porter Alexander este foi o erro que “custou caro”, pois Hooker enviara com Stoneman

“toda sua força de cavalaria, exceto brigada, Estas mostravam-se insuficientes para mantê-lo informado dos movimentos confederados, mesmo com seus esforços sendo suplementos por muitos oficiais sinaleiros de vigia e com telégrafos de campo e por dois balões.”³²⁵

³²³ EICHER, David. Op. cit., pp. 474-476.

SEARS, Stephen W. Op. cit. (1996), pp. 162-164.

³²⁴ Official Records, Series 1, Vol. XXV, Part I, p. 1064.

³²⁵ ALEXANDER, general Edward Porter. Op. cit., p. 324.

No dia 2 de maio um comando de cavalaria do general-de-brigada Fitzhugh Lee, subordinado de Stuart, descobriu que todo o flanco direito do Exército do Potomac, onde se encontrava o 11º corpo (do general Oliver Howard), “estava no ar”, ou seja, não estava protegido por entrincheiramentos.³²⁶ Assim, Lee decidiu lançar todo o Corpo de Exército de Jackson por ali. Segundo Hagerman, ventos fortes impediram ascensões dos balões de Lowe nesta ocasião e a cavalaria confederada manteve a infantaria federal afastada do Corpo de Jackson enquanto este marchava para o ataque contra Howard. Também há de se destacar o fato de se tratar de uma localidade densamente arborizada, o que contribuiu para camuflar o deslocamento dos rebeldes.³²⁷ Na luta, que se prolongou até o dia seguinte, as perdas dos federais foram de 16.804 baixas (1.754 mortos, 9.554 feridos e 5.711 desaparecidos, na maioria prisioneiros), ao passo que, os confederados amargaram cerca de trinta por cento de perdas, ou 13.156 (1.683 mortos, 9.277 feridos e 2.196 desaparecidos) sobre uma tropa de 56.444 soldados engajados com Jackson, no movimento de flanco, e Early, em Fredericksburg.³²⁸ As perdas de oficiais, entre os confederados, foram particularmente pesadas. Jackson, ferido no dia 3 morreu no dia 10 de maio, e Lee, acreditando não ter um general capaz de comandar um corpo com cerca de 30.000 soldados, reorganizou seu exército em três corpos: o 1º com Longstreet; o 2º com Richard S. Ewell e o 3º com Ambrose Powell Hill.

Na luta em Chancellorsville as condições do combate não diferiram muito do que acabamos de narrar até aqui, com um claro predomínio da troca de tiros à curta distância. Em seu relatório da ação, datado de 11 de junho de 1863, o capitão Martin Wallace, da 23ª Infantaria de Illinois, diz que em Greenland Cap, numa ação prévia à batalha, em 25 de abril, diz que “abrimos fogo contra o inimigo quando estava a 75 jardas, e continuamos o fogo até que o inimigo se aproximou às 20 jardas”.³²⁹ O coronel Nelson A. Miles, da 61ª Infantaria de New York, diz que a partir das 15 horas do dia 2 de maio um “forte engajamento continuou por cerca de uma hora, quando o inimigo recuou em desordem. Seu ataque foi impetuoso e determinado, avançando até 20 jardas dos meus abatises, mas foram repelidas com perdas pavorosas”.³³⁰ A 8ª Infantaria de Ohio —continua narrando Miles— do coronel Samuel S. Carroll, deparou-se com o “inimigo, consistindo em cerca de oito batalhões, a cerca de 30

³²⁶ Idem, *ibidem*, p. 328.

³²⁷ HAGERMAN, Edward. *Op. cit.*, p. 134.

³²⁸ ALEXANDER, general Edward Porter. *Op. cit.*, pp. 360-362.

³²⁹ Official Records, Series 1, Vol. XXV, Part 1, p. 109.

³³⁰ Official Records, Series 1, Vol. XXV, Part 1, p. 323.

jardas nas matas” também em 2 de maio.³³¹ Mesmo unidades de artilharia, como a 1ª Artilharia Leve de New York, sob comando do capitão Thomas W. Osborn, com canhões de 12 libras, de alma-lisa, em 2 de maio, atiraram com metralha a 150 jardas dos confederados.³³² Os veteranos regulares da 2ª Infantaria dos Estados Unidos chegaram a “150 jardas das forças inimigas que, nessa conjuntura, abriram um pesado fogo de mosquetaria que foi respondido”.³³³ O capitão Levi C. Bootes, da 6ª Infantaria dos Estados Unidos, outra unidade regular, diz que seu regimento “avançou em linha de batalha, sob fogo, até 75 jardas do inimigo [...], ponto no qual recebemos pesado fogo [...] tanto de artilharia quanto mosquetaria.”³³⁴

Os relatórios confederados também reconhecem o combate à curta distância como o mais comum em Chancellorsville. O general-de-brigada Paul J. Semmes diz que o 5º Regimento da Georgia “foi compelido a montar uma cerca entrelaçada a 60 jardas da linha inimiga” e que este regimento “exauriu quase ou totalmente 60 cartuchos de munição (por homem).”³³⁵ Diz o tenente-coronel Willis C. Holt, da 10ª Infantaria da Georgia, que: “Mal havíamos nos colocado em posição quando o inimigo atirou contra nós a uma distância que não excedia 100 jardas”.³³⁶ O general-de-brigada Cadmus Wilcox, autor de importante e vastamente distribuído manual tático antes da guerra, diz em seu relatório que seus soldados “reservaram seu fogo até que seus homens (do inimigo) chegassem a menos do que 80 jardas e, então, desfecharam um fogo aproximado e terrível sobre eles”.³³⁷

No dia 6 de maio, o Exército do Potomac iniciou sua retirada e Lee começou a trabalhar com a possibilidade de uma nova invasão confederada aos estados do norte. A necessidade de reorganizar seu exército depois da morte de Jackson e a carência de animais para a artilharia, a cavalaria e os trens de carroças impediam um pronto movimento. Só a cavalaria de Stuart tinha um quarto de seus soldados sem montarias, enquanto os demais animais estavam mal-nutridos e desgastados. Parte deste problema foi resolvido com a captura, no final de maio, de 1.200 a 1.500 cavalos do exército federal numa incursão através do rio Potomac.³³⁸ Em 23 de maio, Lee se queixou com Stuart: “Somos incapazes de suprir

³³¹ Official Records, Series 1, Vol. XXV, Part 1, p. 365.

³³² Official Records, Series 1, Vol. XXV, Part 1, p. 484.

³³³ Official Records, Series 1, Vol. XXV, Part 1, p. 534.

³³⁴ Official Records, Series 1, Vol. XXV, Part 1, p. 535.

³³⁵ Official Records, Series 1, Vol. XXV, Part 1, p. 836.

³³⁶ Official Records, Series 1, Vol. XXV, Part 1, p. 838.

³³⁷ Official Records, Series 1, Vol. XXV, Part 1, p. 858.

³³⁸ RAMSDELL, Charles. General Robert E. Lee Horse Supply, 1862-1865. In: *The American Historical Review*, Vol. 35 (Jul. 1930), 763.

parelhas para as carroças médicas, as ambulâncias e trens de munições do exército”.³³⁹ Lee também estava aflito com a crescente falta de novos recrutas para repor as perdas de suas fileiras. Temendo que seu exército fosse drasticamente reduzido pela sequência de desgastantes campanhas desde os Sete Dias, Lee acreditava que a melhor chance de obter um resultado favorável para a Confederação era invadindo o norte e obter uma vitória decisiva que reforçasse a antipatia popular contra Lincoln e a continuidade da guerra, como ele escreveu ao secretário da guerra, James A. Seddon, em 10 de junho de 1863

Nestas circunstâncias não devemos negligenciar qualquer maneira [...] de dividir e enfraquecer nossos inimigos, de forma que possam sentir algumas das dificuldades por nós experimentadas. Parece-me que o modo mais efetivo de alcançar este objetivo, agora ao nosso alcance, é dar todo encorajamento que podemos [...] à ascensão do partido da paz no norte.³⁴⁰

3.7 Gettysburg

Quando Lee adentrou Maryland e chegou à Pensylvania sua esperança não era derrotar o exército Federal, mas levar a guerra ao norte, protelá-la, desgastar o governo Federal junto ao público e fortalecer o apoio popular ao partido democrata, especialmente o seguimento partidário conhecido como “partido da paz”. Se Lee, então, conseguisse vencer o Exército do Potomac na sua casa, marchar em direção a alguma grande cidade na área (Filadélfia, Baltimore ou Washington), mas sem sitiá-la, e “vivesse do território” inimigo por tempo indeterminado, conseguiria fazer com que a guerra se estendesse indeterminadamente e, talvez, convencesse a administração Federal a abrir negociações de paz nas quais a Confederação conseguisse ser reconhecida pela União.³⁴¹

A campanha que levaria à batalha de Gettysburg teve início em 3 de junho de 1863, quando Lee começou a se mover para o oeste da Virginia, em direção ao vale Shenandoah de onde planejava iniciar uma nova invasão ao norte, até a Pennsylvania. Tal movimento não passou despercebido pelo BMI dos Federais e, em 9 de junho, o general Alfred Pleasonton, com 8.000 soldados de cavalaria e 3.000 de infantaria montada, caiu de surpresa sobre a cavalaria de Stuart, com 10.000 homens. No dia anterior, Stuart estava tão inconsciente da proximidade dos Federais que promovera uma suntuosa revista de toda sua força pelo general Lee, algo que nunca antes ocorrera no Exército do Norte da Virginia, daí

³³⁹ Official Records, Series 1, Vol. XXV, Part 2, p. 820

³⁴⁰ Official Records, Series 1, Vol. 27, Part 3, p. 881.

³⁴¹ NOSWORTHY, Bernt. Op. cit., p. 398.

encontrar-se Stuart de guarda baixa, sem piquetes de alerta ao redor da área de Culpeper Court House. A batalha que se seguiu, conhecida como *Brandy Station*, foi o maior combate entre forças montadas da história do continente americano.³⁴² Embora Pleasonton tivesse 907 baixas (mortos, feridos e desaparecidos), ele capturou “o acampamento de Stuart, como suas ordens, cartas, etc.”³⁴³ Por meio dos documentos capturados e de notícias dos jornais de Richmond, não censurados, os Federais conseguiram descobrir que Lee planejava invadir o norte através do vale Shenandoah e a cavalaria de Pleasonton começou a acompanhar os movimentos de Lee.³⁴⁴ Além disso, no início de sua nova campanha, Lee ficou privado de sua cavalaria assim que adentrou o território nortista, porque Stuart decidiu realizar um raide em torno do Exército do Potomac que, além de se revelar inútil, deixou o Exército do Norte da Virginia cego, sem uma força de reconhecimento para bater o terreno à sua frente.³⁴⁵

Tão logo Hooker ficou sabendo do movimento do exército de Lee em direção ao vale Shenandoah (antes da invasão ao norte) passou a advogar uma investida Federal contra Richmond, escrevendo para Lincoln que “sou da opinião de que é meu dever me lançar sobre sua (de Lee) retaguarda”. No mesmo dia (5 de junho de 1863), o presidente respondeu que: “Se Lee vier para o meu lado do rio (Potomac), eu me mantereí do mesmo lado e o enfrentarei ou atuarei na defensiva”.³⁴⁶ Abria-se, dessa forma, um atrito entre o general Hooker e seu comandante supremo, que terminaria na substituição daquele, em 28 de junho, pelo major-general George Gordon Meade, que era um soldado com uma longa folha de serviços no prestigiado corpo de engenheiros do exército pré-guerra, nas guerras contra os índios seminóis, na Flórida, e do México (1846-48), contando, inclusive, com a admiração e o respeito de Lee. O chefe do estado-maior, Halleck, escreveu para Meade, em tom de urgência, que

Você não será atrapalhado por [...] quaisquer instruções deste quartel-general. Seu exército está livre para você agir como considerar mais adequado [...]. Você manterá em vista, entretanto, o importante fato de que o Exército do Potomac é o exército de cobertura a Washington tanto quanto o exército de operações contra as forças invasoras rebeldes. Você, portanto, manobrará e combaterá de tal maneira que cobrirá a capital e também Baltimore [...]. Devendo o general Lee se mover para qualquer destes lugares, espera-se que você o antecipará ou chegará com ele de forma a lhe dar batalha.³⁴⁷

³⁴² EICHER, David. Op. cit., pp. 491-492.

³⁴³ Official Records, Series 1, Vol. XXVII, Part 1, pp. 904-905.

³⁴⁴ STOKER, Donald. Op. cit., p. 283.

³⁴⁵ DOUGHTY, Robert. Op. cit., p. 114.

³⁴⁶ Official Records, Series 1, Vol. XXVII, Part 1, pp. 30-31.

³⁴⁷ Official Records, Series 1, Vol. XXVII, Part 1, p. 61.

Lee, sem proteção de cavalaria, adentrou Maryland e seguiu para a Pennsylvania com um efetivo de 89.000 homens (cerca de 10.000 com Stuart). Com graves problemas logísticos, como carência de carroças (2.950 ao todo, num padrão de 30 para cada 1.000 soldados) e de cavalos e mulas, Lee planejou “viver do território” inimigo e cortar todos os seus elos com suas linhas de abastecimento.³⁴⁸ As autoridades estaduais de Maryland e da Pennsylvania, contudo, convocaram todos os homens civis adultos para um serviço de três meses nas milícias locais, num total de quase 100.000 deles que, em conjunto com as tropas de Meade, tornaram a vida dos grupos de forrageamento (unidades enviadas às propriedades rurais e cidades por onde o exército transitava, para saquear gêneros necessários à sobrevivência do exército) de Lee um pesadelo.³⁴⁹ Numa destas circunstâncias, enquanto Lee se dirigia para o importante entroncamento rodoviário de Gettysburg, um destes grupos de forrageadores, na vanguarda do exército confederado, se deparou com o Exército do Potomac, conforme o relatório do major-general Henry Heth

Na manhã do dia 30 de junho, eu ordenei que o general-de-brigada Pettigrew levasse sua brigada até Gettysburg, vasculhasse a cidade a procura de suprimentos para o exército (especialmente sapatos) e retornasse no mesmo dia. Ao chegar aos subúrbios de Gettysburg, o general Pettigrew encontrou uma grande força de cavalaria perto da cidade, apoiada por uma força de infantaria.³⁵⁰

Em 30 de junho, Lee esbarraria com um Exército do Potomac com 98.141 oficiais e soldados de infantaria, 17.104 de cavalaria e 2.745 de artilharia com 362 canhões (sendo 148 raiados de 3 polegadas, 136 de 12 libras e alma-lisa e os demais de diferentes tipos de calibres)³⁵¹. O Exército do Norte da Virginia dividido em três corpos, contava com 76.224 soldados (menos 10.292 de Stuart, que só chegaram a Gettysburg, com a batalha em andamento, no dia 2 de julho de 1863) e 272 canhões. Segundo Alexander, nesta ocasião nove décimos dos soldados confederados estavam armados “com mosquetes raiados, carregados pela boca, principalmente em calibre .58, mas alguns em calibre .54.”³⁵²

A batalha começou como uma pequena escaramuça entre a brigada de Pettigrew e uma fraca milícia estadual da Pennsylvania que já no dia 30, foi reforçada por duas brigadas de cavalaria regular federal, sob comando do general-de-brigada John Buford, que lutavam desmontadas, com sabres e revólveres mas, principalmente com carabinas de retrocarga e um

³⁴⁸ HAGERMAN, Edward. Op. cit., pp. 137-138.

³⁴⁹ HATTAWAY, Herman. JONES, Archer. Op. cit., p. 401.

³⁵⁰ Official Records, Series 1, Vol. XXVII, Part 2, p. 637.

³⁵¹ Official Records, Series 1, Vol. XXVII, Part 2, pp. 151-154.

³⁵² ALEXANDER, general Edward Porter. Op. cit., pp. 367-368.

só tiro por vez (dos modelos Burnside, Gallagher, Merrill, Sharps e Smith), e perderam, como qualquer unidade de cavalaria lutando a pé, vinte e cinco por cento de seu efetivo antes da luta começar, dado que um de cada quatro homens precisava ficar montado segurando as rédeas dos cavalos de seus camaradas. Bufford conseguiu retardar os confederados, constantemente reforçados na manhã do dia 1º de julho, obrigando-os a formar linhas de batalha, consumindo muito tempo nessa tarefa. Ao contrário do mito popular, portanto, Bufford não parou os confederados com um fogo de alta cadência de armas de repetição. Na tarde do dia primeiro chegaram os 1º e 11º Corpos Federais, comandados pelos generais John F. Reynolds e Oliver O. Howard, e a batalha se tornou generalizada entre os dois exércitos.³⁵³

Com a chegada daqueles dois corpos, a luta se tornou um combate entre infantarias. O 6º Regimento de Wisconsin tomou parte na batalha junto com o 95º de New York contra o 2º Regimento do Mississippi, que havia se abrigado num leito ferroviário nas proximidades de Gettysburg. Rufus Dawes, comandando o 6º, descreve a luta

Ordenei que meus homens escalassem as cercas da estrada e avançassem. Eu não estava consciente da existência do leito ferroviário e, a princípio, compreendi mal a manobra de retirada do inimigo, mas ficou esclarecida pelo fogo pesado que começaram a jogar sobre nós desde sua proteção no leito. [...] muitos foram atingidos nas cercas, mas a linha prosseguiu. Quando sobre as cercas e em campo, submetido a um fogo infernal, eu vi o 95º de New York vindo [...] em linha na nossa esquerda. [...] “Carga adiante!” Foi a ordem que dei [...] Recebíamos um fogo pavorosamente destrutivo do inimigo escondido [...]. Os únicos comandos que dei, enquanto avançávamos, eram ‘alinhem-se com as bandeiras! Aproximem-se das bandeiras!’ [...] Quatrocentos e vinte homens iniciaram o ataque, desde as cercas da estrada, dos quais cerca de duzentos e quarenta chegaram ao leito ferroviário. Anos depois eu contei a distância pela qual passamos em 175 passos. [...] Uma bandeira rebelde era vista tremulando desafiadoramente [...]. Uma heróica ambição de capturá-la tomou posse de vários dos nossos. O cabo Eggleston [...] saltou para tomá-la e foi atingido e mortalmente ferido. O soldado Anderson, de sua companhia, furioso com a morte de seu bravo camarada, pouco se importou com a bandeira rebelde, mas girou seu mosquete e com um terrível golpe partiu o crânio do rebelde que havia atingido Eggleston.³⁵⁴

Nestas condições, com os dois lados dotados de mosquetes raiados, o 6º começou a perder soldados quando estes subiram numa cerca a “175 passos” do inimigo, quando tais armas poderiam começar a matar à distâncias muito maiores, e a luta terminou num corpo-a-corpo com os adversários se exterminando com baionetas e coronhadas de mosquetes.

³⁵³ BILBY, Joseph G. **A Revolution in Arms: a history of first repeating rifles**. Yardley: Westholme, 2006, pp. 111-114.

³⁵⁴ DAWES, Rufus D. **Service with the Sixth Wisconsin Volunteers**. Marietta: E. R. Alderman & Sons, 1890, pp. 167-169.

A cavalaria de Bufford e as infantarias daqueles dois corpos não foram suficientes para reter o controle da cidade de Gettysburg e, ao final do dia primeiro, foram repelidos para um conjunto de morros ao sul da cidade, uma posição elevada que dominava tudo em seu entorno. Por volta das 16 horas, o major-general Winfield S. Hancock, comandante do 2º Corpo, chegou à posição ocupada pelos Federais e, sob autoridade de Meade, assumiu o comando local e “uma linha suficientemente formidável foi estabelecida para deter o inimigo de qualquer assalto sobre a posição.”³⁵⁵ Os federais começaram a se entrincheirar nessas elevações já no final do dia primeiro. Locais como a Colina do Cemitério e os morros Big Round Top e Little Round Top foram fortalecidos pelos soldados federais, mesmo sem ordem para tanto, como se pode observar do relatório do capitão Jesse H. Jones, do 60º de Voluntários de New York

Todos indistintamente sentiam que uma luta desesperada era iminente e cada ajuda devia ser usada. A Colina Culp estava coberta por uma floresta; de forma que todos os materiais necessários estavam à disposição. À direita e a esquerda os homens derrubam árvores e as amontoam numa fechada cerca de troncos [...] Ao longo do resto da linha do corpo uma defesa similar foi construída. Regimentos afortunados, que tinham pás e picaretas, fortaleceram suas posições com terra.³⁵⁶

O dia 2 de julho passou em completo silêncio, até que, por volta das 16h30, Lee decidiu lançar um ataque, com parte do corpo de exército comando por Longstreet (a divisão do general John Bell Hood), contra a extrema esquerda da linha federal, em Big e Little Round Top. Se esta região caísse em mãos confederadas, toda a retaguarda federal ficaria exposta e toda a sua linha de defesa poderia sofrer tiro de enfiada, fato que, talvez, levasse a uma vitória sulista em Gettysburg. A brigada federal que defendia o Big Round Top foi repelida e o general confederado Evander M. Law que assumiu o comando da divisão de Hood (que fora ferido no início da luta, vindo a ter o braço esquerdo amputado), ordenou que sua brigada tomasse também o Little Round Top, que era fortemente defendido pela 3ª Brigada, da 1ª Divisão, do 5º Corpo, comandada pelo coronel Strong Vincent. O ataque confederado redundaria num completo fracasso, que o coronel Willian Oates, comandante do 15º do Alabama atribuiu ao calor excessivo, à sede de seus soldados, ao cansaço e à resistência dos comandados de Strong

Quando formamos linha de batalha antes do avanço começar, foi feito um destacamento de dois homens das onze companhias do meu regimento que levaram todos os cantis a um poço a cem jardas em nossa retaguarda para os encherem com

³⁵⁵ Official Records, Series 1, Vol. XXVII, Part 1, p. 368.

³⁵⁶ BUELL, C. C. JOHNSON, Robert U. Op. cit., Vol. III, p. 316.

água fresca antes que entrássemos em combate. Antes que este destacamento pudesse encher os cantis o avanço foi ordenado. Teria sido infinitamente melhor ter aguardado cinco minutos [...] mas generais nunca perguntaram a coroneis se seus regimentos estão prontos [...]. A ordem foi dada e seguimos adiante. O destacamento veio depois com os cantis de água, mas quando entravam na mata nos perderam, caminhavam direto para as linhas yankees e foram capturados [...]. Meus soldados nas fileiras no calor intenso, sofreram enormemente por água. A perda destes vinte e dois homens e a falta de água contribuíram amplamente para o nosso fracasso em tomar Little Round Top uns poucos minutos mais tarde.³⁵⁷

Outro elemento que contribuiu para o fracasso confederado em Little Round Top foi a ausência de baterias de artilharia do corpo de Longstreet, que perderam no seu trajeto do lado esquerdo da linha de Lee até a extrema direita, e que poderiam ter martelado os federais com mais dureza. Para o coronel Porter Alexander, comandante da artilharia de Longstreet, isto foi uma falha organizacional, decorrente da carência de oficiais de estado-maior

Isto é apenas uma ilustração de quanto tempo pode ser perdido no manejo de tropas, e da necessidade de uma abundância de competentes oficiais de estado-maior pelos generais em comando. Dificilmente qualquer um de nossos generais tinha metade do que precisavam para manter uma constante e aproximada supervisão sobre a execução de importantes ordens [...]. Um exército é como uma grande máquina e para colocá-lo em ação não é suficiente ao seu comandante meramente editar as ordens necessárias. Ele deve ter um estado-maior amplo para supervisionar a execução de cada passo e para relatar, prontamente, qualquer dificuldade ou equívoco.³⁵⁸

Entre os federais, o comando local recaiu sobre o coronel Joshua L. Chamberlain, do 20º de Voluntários do Maine, que tinha 380 soldados de sua unidade para defender o Little Round Top. O general-de-brigada James Barnes, escreveu em seu relatório da batalha, que

Uma segunda, uma terceira e uma quarta vez o inimigo renovou sua tentativa de quebrar esta linha e, a cada vez, ele era bem sucedidamente repellido por aquele punhado de homens. Por quatro vezes aquele pequeno intervalo de 10 passos foi a cena de um desesperado conflito. O terreno estava coberto com homens mortos ou feridos de ambos os lados, promiscuamente misturados. Sua munição estava exaurida; eles se reabasteciam das cartucheiras dos homens caídos ao redor deles, amigos ou inimigos, mas mesmo este recurso logo faltou-lhes; o inimigo, em números enormemente superiores, pressionava duro; soldados e oficiais começaram a procurar pela retaguarda para sua segurança, mas o galante comandante do regimento ordenou que as baionetas fossem fixadas e, ao comando de "avante" aquele cansado e desgastado corpo de homens correu adiante gritando. O inimigo recuou.³⁵⁹

³⁵⁷ LaFANTASIE, Glenn. **Lt. Frank A. Haskell, U.S.A., and Col. William C. Oats, C.S.A., Gettysburg.** New York: Bantam Books, 1992, p. 87.

³⁵⁸ GALLAGHER, Gary W. Op. cit. (1989), p. 236.

³⁵⁹ Official Records, Series, 1, Vol. XXVII, Part 1, p. 603.

Em suas memórias, o coronel Chamberlain descreve a situação

Abrimos um vivo fogo à curta distância, que foi tão repentino e efetivo que logo recuaram [...] apenas para irromperem novamente com um grito e rapidamente avançarem, atirando enquanto vinham. [...] Eles renovaram o assalto em todo o nosso front e por uma hora a luta foi severa. Esquadrões do inimigo romperam nossa linha em vários lugares e a luta foi literalmente corpo-a-corpo. [...] Os intervalos da luta eram consumidos para remover nossos feridos (e os do inimigo também), reunir munição das cartucheiras dos incapacitados, amigos ou inimigos, em campo e mesmo assegura mosquetes melhores do que os Enfields, que descobrimos não suportarem bem o serviço. Foram construídos abrigos grosseiros de pedras soltas que cobriam o terreno. [...] Nesta crise, eu ordenei a baioneta. A palavra foi o suficiente. Ela atravessou ao longo da linha, de homem a homem, e elevou-se num brado, com o qual saltaram sobre o inimigo, agora a não mais do que trinta jardas.³⁶⁰

Na última ação do dia, o major-general Sickles, comandante do 3º Corpo, na planície à direita de Little Round Top, avançou 300 jardas com todo o seu comando, criando um saliente na linha de defesa federal e recebeu fogo oblíquo das outras divisões de Longstreet na planície.³⁶¹ Nesta luta, que nada decidiu, participou o tenente Favill, que descreveu as condições do combate em seu diário

[...] enquanto marchávamos rapidamente adiante ao lado da montanha [Little Round Top], o tumulto se tornou ensurdecedor, ao lado da montanha ecoava a mosquetaria, de forma que nenhuma palavra de comando podia ser ouvida e pouco podia ser visto, a não ser longas linhas de chamas e fumaça [...]. Nossos homens atiravam promiscuamente, pressionando constantemente adiante, mas a luta era tão confusa, com as linhas rebelde e da União se aproximando e, em alguns lugares, entremisturados [...].³⁶²

Nestes relatos podemos observar as diversas variantes que interferem no combate e as características deste: calor, sede, cansaço, o acaso (como no episódio dos cantis, narrado por Oates), carência do apoio de artilharia, falta de pessoal de estado-maior para orientar movimentos de tropas, proximidade do combate, carência de munição e cargas de baionetas, Tudo isso contribui para formar um quadro que nada retrata o suposto combate moderno de longa distância defendido por uma plêiade de historiadores. Gettysburg, como suas antecessoras, não foi uma "batalha moderna", foi, isto sim, um combate mais parecido com as lutas em ordem-unida da era das guerras dinásticas do século XVIII europeu. Mas, mais estava por vir. No dia seguinte, 3 de julho, seria lançado o maior ataque de infantaria, em ordem-unida, da história da Guerra Civil até este ponto.

³⁶⁰ CHAMBERLAIN, Joshua Lawrence. **Bayonet! Forward:** my Civil War reminiscences. Gettysburg: Stan Clark Military Books, 1994, pp. 205-206.

³⁶¹ EICHER, David. Op. cit., pp. 523-524.

³⁶² FAVILL, Josiah M. Op. cit., pp. 245-246.

No terceiro dia de luta, o general, Lee planejou um ataque contra o centro da linha federal, na Colina do Cemitério de Gettysburg. Seu intento era quebrar a linha federal ao meio, derrotar o Meade e abrir o caminho para ameaçar Washington ou Baltimore. Para isso, reuniu entre 11.000 e 15.000 soldados (número que varia nos relatos) sob comando de Longstreet. Seriam duas divisões, a de Heth (que havia sido ferido na cabeça no primeiro dia e passado o comando ao general Pettigrew) e a de George Pickett, e uma brigada sob comando do general Isaac Trimble. Na Colina do Cemitério, o major-general Itanock contava com 5.750 soldados de infantaria apoiados por 126 peças de artilharia, na colina e em Little Round Top (nesta última área, a artilharia ocupava uma posição dominante sobre o terreno à sua frente e poderia realizar fogo de enfiada contra as linhas confederadas que intentassem avançar na sua direção).³⁶³ Porter Alexander computa a artilharia confederada, que ele comandava nesta ocasião, em 184 canhões.³⁶⁴ Segundo suas estimativas, todavia, os federais colocavam em ação mais de 10 baterias de sua reserva de artilharia, o que teria elevado seus números a 220 peças.³⁶⁵

O plano concebido por Lee previa uma forte barragem de artilharia, lançada pelos canhões de Porter Alexander, para martelar a posição dos federais e "amacia-la" para que posteriormente a infantaria de Longstreet conseguisse dominá-la. Como não houve qualquer emprego de sincronização de relógios, não se sabe ao certo por quanto tempo o fogo de artilharia, iniciando as 13h, teria durado, mas Hess calcula que teria acabado já por volta das 14h e teve um efeito muito pequeno frente ao excessivo consumo de munição, pois a maioria dos tiros passou por cima dos defensores federais, caindo na sua retaguarda, e foram muito dispersos, apesar de disparados de uma distância de 1,5 milhas. O general-de-brigada Henry Hunt, chefe da artilharia do Exército do Potomac, encontrou seu ex-aluno, coronel Long (encarregado de artilharia do estado-maior de Lee) em 1865, na rendição sulista em Appomattox

Eu lhe disse que não estava satisfeito com a conduta de seu canhoneiro, que eu ouvi dizer que estava sob sua direção, porque não fazia justiça à sua instrução; que seu fogo, em vez de ser concentrado no ponto do ataque, como devia ter sido, e eu esperava que fosse, foi espalhado sobre todo campo. Ele se divertiu com a crítica e disse: 'Eu lembrei de minhas lições na época, e quando o fogo se tornou disperso, eu me perguntava o que você pensava disso!' ³⁶⁶

³⁶³ HESS, Early J. **Pickett's Charge**: the last attack at Gettysburg. Chapel Hill and London: University of North Carolina Press, 2001, p. 113-117.

³⁶⁴ ALEXANDER, general Edward Porter. Op. cit., p. 443.

³⁶⁵ Idem, ibidem, p. 419.

³⁶⁶ BUELL, C. C. JOHNSON, Robert U. Op. cit., pp. 373-374.

A princípio as baterias de artilharia dos federais responderam ao fogo, mas o general Henry Hunt ordenou um cessar-fogo, pois a munição de algumas de suas peças já se esgotava e ele queria atrair os confederados a uma armadilha

[...] eu cavalguei ao longo da serra, ordenando um cessar-fogo. Este foi seguido pela cessação daquele do inimigo, sob a equivocada impressão de que haviam silenciado nossos canhões e, quase imediatamente, sua infantaria saiu das matas e formou para o assalto.³⁶⁷

A infantaria de Longstreet iniciou, então, o seu avanço em ordem-unida, com todas as unidades marchando em fileira dupla e baionetas caladas. O tenente-coronel Arthur Freemantle, oficial do exército inglês que acompanhava as tropas confederadas na condição de observador estrangeiro, registrou as características do terreno a ser atravessado em seu diário: "A distância entre os canhões confederados e a posição yankee [...] é de, pelo menos, uma milha – totalmente aberta, gentilmente ondulada e exposta ao fogo de artilharia em toda a extensão. Este é o terreno que tem que ser atravessado no ataque de hoje."³⁶⁸

Em suas memórias Porter Alexander queixou-se que dispunha de pouca munição de longo alcance (calculando a distância até a Colina do Cemitério em 1.200 jardas), algo em torno de 200 tiros por canhão, contando uma reserva de 100 tiros em carroças.³⁶⁹ Por isso, ele acreditava que

[...] a política federal em Gettysburg devia ter sido manter suas baterias atirando, pelo menos, por tanto tempo quanto as nossas. Porque elas tinham a superioridade em números, calibre dos canhões e, ainda mais importante, qualidade e quantidade das munições. Sua política devia ter sido sempre combater-nos à exaustão se nós lhes déssemos a chance. A exaustão teria vindo antes para nós.³⁷⁰

Se tal fosse a "política" de Hunt, talvez os confederados não caíssem na sua armadilha e não tivessem atravessado aquele terreno descrito por Freemantle, mas o fato é que o fizeram e, assim, foram alvo da artilharia e da infantaria emassados na Colina do Cemitério e em Little Round Top. Os federais se protegeram por trás de um muro de pedra na colina, como os confederados em Fredericksburg. Correndo paralela ao muro e em frente a este estava a estrada Emmitsburg, que era ladeada por duas cercas de madeira que os atacantes precisavam escalar ou romper, a pouca distância do muro de pedra e aí os federais abriram

³⁶⁷ Idem, ibidem, p. 374.

³⁶⁸ FREEMANTLE, Lt. Col. Arthur J. L. **Three months in the Southern States**: April-June 1863. Lincoln and London: University of Nebraska Press, 1991, p. 263.

³⁶⁹ GALLAGHER, Gary W. Op. cit., pp. 245-246.

³⁷⁰ Idem, ibidem, p. 260.

fogo com mosquetes e cargas de metralha (na maioria das vezes, duplas cargas) contra os assaltantes.³⁷¹ Algumas destas, disparadas a apenas 10 jardas, como conta o tenente Andrew Cowan, da 1ª Bateria de New York: "disparei minha última carga de metralha, com muitos dos rebeldes já estando dentro de menos de 10 jardas das minhas peças",³⁷² A infantaria federal também atirou somente quando a infantaria confederada chegou a este ponto, e o efeito de seu fogo foi devastador, conforme narra o tenente-coronel Edmund Rice:

[...] Conforme atravessavam a estrada, a infantaria de Webb [federal] [...] começou um fogo irregular, hesitante, gradualmente aumentado pelo rápido fogo em fileira, enquanto o shrapnel e a metralha das baterias abriam buracos através daqueles esplêndidos batalhões da Virgínia. Os homens da nossa brigada, com seus mosquetes prontos, deitaram em espera. Podia-se ouvir plenamente as ordens dos oficiais enquanto comandavam, "Firmes homens, firmes! Não atirem!" e nenhum tiro foi disparado na linha hostil em avanço, chegando mais perto a cada momento. [...] Por conta de uma ondulação na superfície do terreno [...] o rápido avanço da densa linha de confederados foi perdido de vista por um momento; um instante depois, eles pareciam levantar da terra, e tão perto que as expressões de seus rostos podiam ser vistas distintamente. Agora nossos homens sabiam que havia chegado o tempo e não conseguiam mais esperar. Mirando baixo, eles abriram uma descarga mortalmente concentrada sobre a massa móvel em frente. [...] e, então, toda aquela porção da divisão de Pickett que chegou dentro desta terrível zona de fogo aproximado de mosquetes parecia se desfazer e se afastou na fumaça de pólvora dos dois lados.³⁷³

O general-de-brigada Alexander Hays, no comando da 3ª divisão, do 2º Corpo, escreveu que

Quando dentro de 100 jardas da nossa linha de infantaria, o fogo dos nossos homens não podia mais ser contido. Quatro linhas ascenderam de trás de nosso muro de pedra e, antes que a fumaça do primeiro voleio tivesse clareado, o inimigo, em desalento e consternação, estava buscando a segurança da fuga.³⁷⁴

Como outros oficiais comandantes de unidades de infantaria federal no muro, o coronel William E. Potter, do 12º de New Jersey, escreveu num discurso em 1888 que seu regimento

[...] estava armado com o mosquete de alma-lisa Springfield, de calibre .69 – uma arma terrível no curto alcance. O cartucho usual carregava uma grande bala e três chumbinhos, mas muitos homens, enquanto esperavam o avanço inimigo, haviam aberto suas caixas e preparado cartuchos especiais de dez a vinte e cinco chumbinhos somente [...] e duvido se em qualquer lugar sobre aquele campo um fogo mais destrutivo fosse encontrado.³⁷⁵

³⁷¹ HESS, Early J. Op. cit. (2001), p. 121.

³⁷² Official Records, Series 1, Vol XXVII, Part 1, p. 690.

³⁷³ BUELL, C. C. JOHNSON, Robert U. Op. cit. Vol. III, p. 388.

³⁷⁴ Official Records, Series 1, Vol. XXVII, Part 1, p. 454.

³⁷⁵ ROLLINS, Richard. **Pickett's Charge**: eyewitness accounts at the battle of Gettysburg. Mechanicsburg: Stackpole Books, 2005., pp. 293-294.

O tenente Frank A. Haskell, presente no muro de pedra recordou-se de ter visto o general John Gibbon, comandante da 2ª divisão, do 2º Corpo, cavalcando através de sua infantaria e gritando aos soldados: "Não se apressem, homens, e atirem rápido demais, deixem que eles cheguem perto antes que vocês atirem; então, mirem baixo e firme".³⁷⁶

Quando a luta terminou na Colina do Cemitério, os confederados haviam perdido cerca de 3.903 soldados mortos, 18.735 feridos e 5.425 desaparecidos (dos quais, cerca de 4.000 se renderam após o fracasso do ataque de terceiro dia), num total de 28.063. As perdas federais não foram menores, sendo 3.155 mortos, 14.529 feridos e 5.365 desaparecidos, num conjunto de 23.049.³⁷⁷ Lee se retirou para a Virgínia e Meade não o perseguiu imediatamente, reiniciando uma breve e frustrante, para os dois lados, campanha na última semana de novembro em Mine Run, na Virgínia, onde Lee havia se estabelecido, com os remanescentes de seu exército, em fortes posições defensivas e Meade não desejava lhe pagar o favor de 3 de julho de 1863, criando em impasse tático que, por enquanto, nenhum lado buscava romper.³⁷⁸

Numa avaliação das razões que levaram Meade a não perseguir Lee, o general Henry Hunt escreveu que Gettysburg

[...] não foi uma "derrota Waterloo" com um exército descansado para dar-lhe sequência, e tendo uma tal mudança para a ofensiva, na pressuposição de que Lee não tivesse feito uma provisão conta um revés, teria sido arriscado ao extremo. Um avanço de 20.000 homens a partir de Colina do Cemitério em face a 140 canhões então em posição, teria sido uma completa loucura; um avanço imediato a partir de qualquer ponto, em força, era simplesmente impraticável.³⁷⁹

Gettysburg foi mais uma batalha combatida e decidida no curto alcance, com cargas de baionetas em alguns casos, como em Little Round Top, e num campo de batalha onde o barulho, a confusão, o medo e a excitação se entremisturavam e impediam que a tecnologia do armamento raiado criasse um ambiente de luta dilatado, com os homens se matando à longas distâncias. Além disso, no dia 04 de julho (dia da Independência dos EUA), os soldados federais recolheram cerca de 24.000 mosquetes abandonados. Metade deles estava carregada duas vezes (fato que inviabilizava seu uso) e outros 6.000 haviam sido carregados com algo entre 3 e 10 cartuchos (uma arma foi encontrada com 23 munições!), tudo isso entre soldados que na sua maioria, eram veteranos.³⁸⁰ A explicação para falhas tão

³⁷⁶ LaFANTASIE, Glenn. Op. cit. pp. 214-215.

³⁷⁷ ALEXANDER, general Edward Porter. Op. cit., pp. 445-446.

³⁷⁸ HAGERMAN, Edward. Op. cit., p. 143.

³⁷⁹ BUELL, C. C. JOHNSON, Robert U. Op. cit. Vol. III, p. 376.

³⁸⁰ HESS, Early J. Op. cit. (2008), p. 90

grosseiras no municionamento e, portanto, no aproveitamento das armas, pode ser encontrada na soma de nervosismo com carência de treinamento, mesmo entre veteranos.

As operações de guerra no leste só seriam reiniciadas em maio de 1864 com a nomeação de um comandante-em-chefe geral para todas as forças terrestres e navais da União. O primeiro oficial nomeado tenente-coronel pelo governo dos Estados Unidos dede George Washington, Ulysses S. Grant.

CAPÍTULO 4

A GUERRA CIVIL DE 1864 A 1865.

4.1 Introdução

O ano de 1864 testemunharia enormes mudanças na condução estratégica da Guerra Civil e quase todas elas estão conectadas à nomeação de Ulisses Simpson Grant para o comando-em-chefe de todas as forças militares da União. Grant seria o primeiro oficial a ocupar a patente de tenente-general dos Estados Unidos desde George Washington, sendo também a sétima substituição de comando que o presidente Lincoln promoveria no teatro de operações do leste e a mais desesperada. Com efeito, ela estava sendo feita em ano eleitoral no norte e que necessariamente precisaria resultar numa vitória decisiva para as armas Federais. Caso contrário o partido republicano e os adeptos da continuação da guerra poderiam ser aliados do poder e, com a consequente ascensão dos democratas ao governo, o “*partido da paz*” poderia abrir negociações com o governo confederado e dar a independência do sul como fato consumado.

Para Grant a arte da guerra estava resumida em encontrar o inimigo, cair sobre ele, atacá-lo com dureza e frequência, mas sempre mantendo o movimento de suas forças. É assim que atuaria ao assumir o comando geral das Forças Federais. O Exército do Potomac, a principal, maior e mais antiga das Forças Federais, seria a principal ferramenta de Grant para martelar o Exército do Norte da Virgínia de Lee, mas o major-general George Meade estaria em seu comando imediato. Na opinião de Mark Grimsley este seria o embate mais lendário da Guerra Civil, pois oporia Grant e Lee pela primeira vez, os dois comandantes mais bem sucedidos de todo o conflito.³⁸¹

Para maximizar suas chances de vitória na Virgínia sobre os confederados Grant deslocou, ainda, quatro outros exércitos durante a campanha da primavera. Suas intenções eram causar diversões que chamassem a atenção de Lee e o obrigassem a dividir suas já minguadas forças e atingir a economia e a logística de transporte dos confederados no leste, mantendo uma pressão contínua sobre os Estados Confederados. Além disso, Grant projetou em parceria com seu amigo e subordinado, major-general Willian T. Sherman, uma campanha de porte quase idêntico contra as tropas confederadas no teatro de operações do oeste, e esta

³⁸¹ GRIMSLEY, Mark. **And Keep Moving On: The Virginia Campaign, May-June 1864**. Lincoln and London: University of Nebraska Press, 2002, p. XIII.

deveria ser simultânea em relação à campanha no leste, para impedir que unidades militares sulistas num teatro não ameaçado fossem “roçadas” para o outro que estivesse sob pressão.³⁸²

4.2 Plano de Campanha e Efetivos

Até 1864 vários elementos haviam contribuído para a manutenção de um impasse na guerra, apesar da imensa superioridade Federal em recursos humanos e materiais. Esse fato só contribuía e era benéfico à causa separatista do sul, pois a protelação da guerra levaria, inevitavelmente, ao cansaço e ao esgotamento da paciência e do apoio da opinião pública nortista e à conseqüente derrota da União. Entre aqueles elementos, podemos destacar a limitação de espaço geográfico entre o litoral atlântico e as montanhas Apalaches, o que deixava poucas opções de movimentos estratégicos para as grandes forças terrestres federais, os rios, que nesta região, correm no sentido oeste-leste (dos Apalaches para o Atlântico), tornando-se barreiras contra as investidas Federais, mas, acima de todos estes, a presença do vitorioso Exército do Norte da Virgínia e de seu carismático e emblemático comandante, cuja imagem de imbatíveis já havia se fixado no imaginário dos próprios militares federais diminuindo seu moral. Grant teria, entre tantas outras tarefas, que desconstruir esta perspectiva e recuperar a moral da sua tropa.³⁸³

Focando seu raciocínio sobre o exército de Lee, Grant cogitou a possibilidade de utilizar uma das maiores vantagens federais, seu poder naval, para uma operação anfíbia de grande vulto. Seu ambicioso plano era desembarcar todo o Exército do Potomac no litoral mais ao sul da Virgínia, pegando Lee inesperadamente pela retaguarda. A ideia central era cortar o contrato da Virgínia com os estados do “extremo sul” (Carolina do Norte, Carolina do Sul, Georgia e Flórida) por meio da destruição das conexões ferroviárias locais, imaginando que isto também acarretaria uma onda de deserções entre os soldados oriundos daqueles estados em virtude do isolamento e da exposição de seus entes queridos aos desastres da guerra, além de forçar Lee a lutar num terreno escolhido pelo Grant, dado que este manteria a ofensiva e, portanto, a iniciativa da escolha do local onde lutar. O plano anfíbio, todavia, deixaria Washington protegida apenas por sua guarnição de cerca de 30.000 soldados. Por isso, o projeto foi objetado pelo presidente Lincoln e pelo chefe do estado-maior, major-

³⁸² McWHINEY, Grady. **Battle in the Wilderness**: Grant Meets Lee. Abilene: McWhiney Foundation Press, 1998, pp. 26-28.

³⁸³ Um episódio ocorrido durante a batalha de Wilderness bem ilustra esta situação. Oficiais do estado-maior de Grant teriam ficado alvoroçados com a falsa informação de que Lee havia conseguido colocar seu exército sobre a retaguarda do Exército do Potomac, e um enfurecido Grant lhes disse:

general Henry Halleck, que aconselhou Grant: “Não penso assim. (Deixe) Washington e o rio Potomac descobertos, e todas as forças que Lee puder reunir serão movidas para o norte e o sentimento popular compelirá o governo a trazer de volta o exército [...] para defender Washington, Baltimore, Harrisburg e a Filadélfia.”³⁸⁴

Dessa forma, Grant — que, sem conhecer Clausewitz e sua obra, deu, nesta ocasião, uma demonstração de perfeito condicionamento e subordinação do planejamento militar em relação às condicionantes políticas da guerra — reconheceu as necessidades e prioridades do cálculo político de seus superiores civis (o presidente e o secretariado executivo) e buscou se adaptar a estes. Seu novo plano, portanto, visaria não mais cortar a Virgínia do restante da Confederação, mas sim fazer aquilo que era politicamente indispensável no momento: destruir o exército de Lee em batalha ou, pelo menos, forçá-lo a uma situação estratégica absolutamente defensiva. Não obstante as pressões políticas, Grant ainda esperava desferir golpes subsidiários à retaguarda do Exército do Norte da Virgínia. Por fim, o novo plano preconizava somente um avanço terrestre sobre a Virgínia e em direção à capital confederada, Richmond. Daí sua denominação como “Overland Campaign” (Campanha Terrestre), ou Campanha de Primavera de 1864.³⁸⁵

A Campanha Overland, contudo, era parte de um plano muito maior, que previa o emprego simultâneo de todas as forças federais (terrestres e navais no leste e no oeste) contra os confederados, no intuito de impedir que estes transferissem suas unidades militares de um teatro de operações calmo (inoperante) para outro que estivesse sendo pressionado, como, haviam feito várias vezes entre 1861 e 1863, como Grant já antecipava em seu plano:

Os exércitos da União estavam então divididos em dezenove departamentos, embora quatro deles, no oeste, tivessem sido concentrados numa só divisão militar. O Exército do Potomac era um comando separado e não tinha limites territoriais. Haviam, assim, dezessete distintos comandantes. Antes desta época estes vários exércitos havia atuado separadamente e independentemente uns dos outros, dando ao inimigo uma freqüente oportunidade de esvaziar um comando não pressionado para reforçar outro mais ativamente engajado. Eu estava determinado a parar com isso.”³⁸⁶

Assim, enquanto o Exército do Potomac avançava pela Virgínia, no leste, para enfrentar o Exército do Norte da Virgínia, a Divisão Militar do Mississippi, sob comando de

³⁸⁴ Official Records, Series 1, Volume XXXII, Part II, pp. 412-413

³⁸⁵ McPHERSON, James M. COOPER Jr., William J. **Writing the Civil War** : The Quest to Understand. Columbia: University of South Carolina Press, 1998, pp. 25-26.

³⁸⁶ GRANT, Ulysses Simpson. **Personal Memoirs**. New York: The Modern Library, 1999, pp. 373-374.

Willian T. Sherman, adentraria a Georgia, no oeste. Grant explicou seu plano em carta ao major-general George Meade

Enquanto for praticável, todos os exércitos se moverão juntos, e em direção a um centro comum. [...] Sherman se moverá ao mesmo tempo que você, ou dois ou três dias antes, sendo o exército de Jo [seph] Johnston o objetivo dele, e o coração da Georgia sua meta definitiva. [...] O exército de Lee será o seu objetivo. Para onde quer que Lee vá, você também irá.³⁸⁷

Do lado confederado, todo o alto escalão acreditava que a campanha vindoura seria decisiva e o general Lee esperava poder tomar a ofensiva tão logo os Federais cometessem o menor erro ou lhe dessem a menor oportunidade para isso. Todavia, seu pragmatismo lhe mostrava que esta seria uma tarefa hercúlea, dado os graves problemas que afligiam o seu comando. Deserções e dificuldades logísticas tornariam difícil até mesmo a defensiva e a necessidade de defender Richmond, a capital, Petersburg, o principal entroncamento ferroviário ao sul daquela e mais importante artéria logística do exército sulista no leste. Este entroncamento conectava aos depósitos de suprimentos e regiões agrícolas do extremo sul, e Wilmington, o maior e mais protegido posto confederado no Atlântico, por onde entravam materiais vitais ao esforço de guerra (armas, munições, fardamentos, calçados e outros equipamentos), importados da Europa, drenava efetivos que seriam, de outra forma, importantes para tentar conter a investida Federal. A depressão causada entre as tropas pelas derrotas em Vicksburg, Chattanooga e Gettysburg, fez com que muitos soldados perdessem a fé na causa separatista, fazendo com que, em março de 1864, cerca de dez por cento do exército de Lee (5.796 oficiais e soldados) estivesse ausente sem autorização ou já tivesse desertado, como o próprio Lee confessou em correspondência ao presidente confederado Jefferson Davis

As chamadas para o mês de março mostram 5474 homens ausentes sem permissão e 322 deserções durante o mês. Ocorreram 62 deserções dentro do presente mês (abril) especialmente relatadas, mas temo que o número total exceda consideravelmente aquele grande número (...), mas o número é suficientemente grande para mostrar a necessidade de aderir à única política que pode refrear o mal e que estou certo de que se verificará ser verdadeiramente piedosa no final. Deserções e ausências sem licença não apenas enfraquecem o exército pelo número de infratores não recuperados, mas pelos guardas que precisam ser mantidos sobre aqueles que estão

³⁸⁷ Idem, ibidem, pp. 377-378.

presos. Penso, portanto, que não será expediente perdoar (...), exceto por uma boa causa demonstrada.³⁸⁸

Lee ainda tinha que lidar com as graves fraquezas de seu sistema logístico de abastecimento, cujas deficiências forçaram-no, mais uma vez, ao confisco de colheitas, fato que, em pouco tempo, levou os agricultores virginianos ao desestímulo e queda nos índices de produção. Carência de fardamento adequado e calçados podiam ser vistos na maior parte dos soldados, sendo comuns os casos de homens descalços. As rações alimentares haviam sofrido duas reduções drásticas, em fevereiro e abril de 1864, que impediam que os soldados tivessem um consumo calórico diário minimamente adequado. Os cavalos e mulas do exército também sofriam por falta de ração, sendo que em fevereiro de 1864 o chefe de artilharia do Exército do Norte da Virgínia general-de-brigada Willian Nelson Pendleton, reportou 700 animais encaminhados às enfermarias veterinárias, de um total de 3.000 que dispunha.³⁸⁹

Apesar dos problemas, o Exército do Norte da Virgínia dispunha de um elevado moral por conta de suas anteriores vitórias lutando no terreno que lhe era mais familiar. Seu oponente, contudo, contava com uma situação logística mais confortável — o mesmo sendo verdade no teatro de operações do oeste. As tropas Federais tinham suprimentos em abundância, equipamentos de ótima qualidade, rações completas para homens e animais e, por trás disso tudo, uma generosa economia que apoiava o esforço de guerra. Para que se tenha uma pequena amostra da força logística do Exército do Potomac, seu trem de suprimentos contava com 4.300 carroças³⁹⁰. Lee, por sua vez, a poucos dias da abertura da campanha, se viu na contingência de posicionar o corpo de exército do general James Longstreet 42 milhas ao sul de Wilderness, onde podia ser melhor suprido e não sobrecarregar a logística do Exército do Norte da Virgínia³⁹¹. Dessa forma, os confederados contavam com apenas dois corpos de exército, o 2º (do general R. S. Ewell) com 17.093 homens e o 3º (do tenente-general A. P. Hill) com 22.199, mais 8.727 soldados da divisão de cavalaria (sob comando do general J. E. B. Stuart) e 4.854 da artilharia (comandados pelo general-de-brigada Willian N. Pendleton).³⁹²

³⁸⁸ FREEMAN, Douglas Southall. **Lee's Dispatches**: Unpublished Letters of General Robert E. Lee, C.S.A., to Jefferson Davis and the War Department of the Confederate States of America, 1862-1865. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1994, pp. 157-158.

³⁸⁹ GLATTAHAAR, Joseph T. **General Lee's Army**: from victory to collapse. New York: Free Press, 2008, pp. 355-356.

³⁹⁰ GRIMSLEY, Mark. Op. cit. (2002), pp. 22-23.

³⁹¹ GALLAGHER, Gary W. Op. cit. (1989), p. 350.

³⁹² LONGSTREET, general James. Op. cit., p. 553.

As forças Federais na Virgínia excediam as dos confederados. O Exército do Potomac tinha 144.000 soldados divididos em quatro corpos (2º, 5º, 6º e 9º), com 274 peças de artilharia de campo e 106 de artilharia de sítio, sendo 16.000 soldados de cavalaria totalmente armados com carabinas Spencer, de repetição. Além destes, o general Franz Siegel se deslocaria pelo vale Shernandoah com 15.000 soldados e 40 canhões, o general Crook vinha da Virgínia Ocidental com 9.000 homens e 24 canhões e o general Butler subia pela Península de Yorktown com 37.000 soldados (5.000 de cavalaria) e 80 canhões. Por fim, haviam, ainda, 40.000 soldados da guarnição de Washington, que Grant poderia usar para preencher suas baixas. Em julho de 1864, Grant ainda mandou trazer o 19º corpo (12.000 soldados) de New Orleans, totalizando 227.000 efetivos e 582 canhões e morteiros.³⁹³

Números, todavia, não aterrorizavam Lee, acostumado, desde 1862, a sempre lutar contra desvantagens avassaladoras e superá-las era sua especialidade. Lutava superado em 5 para 4 nas batalhas dos Sete Dias (1862) e 2,5 por 1 em Chancellorsville (1863). Assim, como argutamente observa Mark Grimsley, “números não dizem muito sobre a história. Se contassem, Lee [...] teria sido derrotado muito antes.”³⁹⁴

No teatro de operações do oeste, a assimetria de forças não era tão gritante, mas, ainda assim, era notória. O Exército do Tennessee (confederado), sob comando do general Joseph Johnston, contabilizava, em três corpos de infantaria e um de cavalaria cerca de 77.000 homens, mas nem ele tinha certeza deste número, como se pode atestar por uma carta que enviou ao presidente Davis em 2 de janeiro de 1864

De acordo com a chamada de 20 de dezembro, efetivo total do exército (infantaria e artilharia) não chega a trinta e seis mil, o de presentes e ausentes em torno de setenta e sete mil (...). O major-general Wheeler [chefe da cavalaria] reporta [...] ter cerca de mil e seiscentos em seu Front; major-general Wharton tem oitocentos e cinquenta perto de Rome, e o general-de-brigada Roddy, com sua brigada, está perto de Tuscumbia — sua força não foi relatada. Temo que esta cavalaria não seja muito eficiente [...]. A artilharia é suficiente [...] mas é deficiente em disciplina e instrução, especialmente em tiro. Os cavalos não estão em boas condições. [...] Sua organização é muito imperfeita.³⁹⁵

Sua situação logística era também, como no caso do exército confederado na Virgínia, dramática, como o próprio secretário da guerra reconheceu em correspondência para

³⁹³ GALLAGHER, Gary W. Op. cit. (1989), pp. 347-348.

³⁹⁴ GRIMSLEY, Mark. Op. cit. (2002), pp. 15-16.

³⁹⁵ JOHNSTON, Joseph Eggleston. Op. cit., pp. 272-273.

Johnston, datada de 20 de dezembro de 1863, pouco antes deste assumir o comando na Geórgia

[...] você pode encontrar deficiências e ter sérias dificuldades em providir suprimentos exigidos para a subsistência do exército. Você usará todos os meios em seu poder para obter suprimentos dos estados produtivos ao seu redor, e é depositada uma forte confiança de que você seja capaz de levantar entre o povo e as autoridades um espírito de maior boa vontade de partilhar os meios de subsistência com o exército que os defende.³⁹⁶

Em outras palavras, o Departamento Confederado de Guerra depositava em Johnston e suas capacidades pessoais a responsabilidade de obter suprimentos para seu comando, o que, de outra forma deveria ser uma incumbência do próprio Departamento. Assim como no leste, no oeste os confederados tinham uma logística deficiente para abastecer um exército desmoralizado e insuficiente para a ofensiva federal que se aproximava. Porém, para piorar tudo, tinha agora um novo comandante que, diferente de Lee, se furtava de planejar sua própria logística, como deixou claro em sua resposta à missiva do secretário Seddon

Não tendo poder para obter os meios de alimentação, equipamento e transporte do exército, eu estou também dispensado das correspondentes responsabilidades. [...] porque não tenho gosto, pessoalmente, para os deveres em questão — mas peço para o senhor considerar se a responsabilidade por manter o exército em condição de mover-se e combater não deve repousar sobre o general, em vez disso, sendo dividida entre inúmeros oficiais que não sejam [...] competentes para os deveres dos elevados postos militares.³⁹⁷

No lado oposto, tudo era meticulosamente calculado e raciocinado por Sherman e seus comandantes subordinados. Na condição de antigo oficial de intendência, Sherman sabia que a logística havia sido um fator determinante do resultado de muitas operações militares ao longo da história da guerra. Ele teve sete semanas entre sua ascensão ao comando da Divisão Militar do Oeste e o início das operações para acumular uma superabundância de suprimentos de todos os tipos. Sua preocupação dominante repousava sobre a questão ferroviária pois, já que as distâncias que precisava cobrir na Georgia até chegar a Atlanta eram enormes, precisaria se apegar às ferrovias como à artérias vitais para sustentar seu grande exército. Foi por isso que nomeou o coronel Daniel C. McCallum para a Supervisão Ferroviária da Divisão Militar do Mississippi, este aviou um Departamento de Transporte, comandado pelo coronel

³⁹⁶ Idem, ibidem, p. 263.

³⁹⁷ Idem, ibidem, p. 266.

Adna Anderson, e um Departamento de Construção, sob direção do coronel William W. Wright, “Anderson era o responsável pela operação diária das ferrovias que supriam a força de Sherman [...], Wright Wright por manter as linhas reparadas.”³⁹⁸

A quantidade e variedade de materiais e os grandes efetivos de construção ferroviária à disposição de Wright eram de tal ordem que jamais, durante a campanha de 1864, os confederados conseguiram danificar trilhos ou pontes de forma irreparável ou o suficiente para atrasar a progressão do exército Federal mais do que umas poucas horas em cada ocasião. “Durante o verão [1864] os soldados confederados chegaram a se queixar de que não era útil destruir ferrovias conforme seu exército se retirava, porque Sherman carregava consigo não apenas novos trilhos, pregos e dormentes, mas também pontes extras e túneis em duplicata.”³⁹⁹ Sherman se revelou, dessa forma, um mestre estrategista do transporte ferroviário.

Por fim, a Divisão Militar do Mississippi contava com 199.892 soldados em três exércitos, mas iniciaria a campanha com 98.797 homens e 254 canhões⁴⁰⁰, sendo: Exército Cumberland, sob comando do major-general George Thomas, 60.773 soldados e 130 canhões; Exército do Tennessee, do major-general James B. McPherson, com 24.465 homens e 96 canhões; Exército do Ohio, dirigido pelo major-general John M Schofield, com 13.559 homens e 28 peças de artilharia.⁴⁰¹ Haviam, ainda, duas grandes divisões de cavalaria dos generais Stoneman (4.000 cavaleiros) e Garrard (4.500 cavaleiros). Todo este efetivo era servido por 35.000 animais (cavalos e mulas).⁴⁰²

Passemos, agora, à Campanha Overland, analisando suas condições operacionais e táticas para tentar constatar até onde ela produziu uma transformação na arte da guerra.

³⁹⁸ McMURRY, Richard M. **Atlanta 1864**: last chance for the Confederacy. Lincoln and London: University of Nebraska Press, 2000, p. 28.

³⁹⁹ Idem, *ibidem*, pp. 29-30.

⁴⁰⁰ SHERMAN, William Tecumseh. *Memoirs of General W. T. Sherman*. New York: The Library of America, 1990, p. 472.

⁴⁰¹ Idem, *ibidem*, p. 487.

⁴⁰²

4.3 A Campanha da Primavera de 1864: guerra de trincheiras

Ao iniciar sua campanha ofensiva da primavera de 1864, Grant queria impedir que se repetissem episódios como Shiol ou Chickmauga, quando os confederados, se utilizando de suas linhas interiores, conseguiram reforçar seus exércitos ocidentais com unidades orientais por meio de seu decadente, mas ainda eficiente, sistema ferroviário. Todos os exércitos da União deveriam exercer pressão conjunta sobre o inimigo, promovendo, nas palavras de Archer Jones, uma “*concentração estratégica no tempo*”, que superasse a “*concentração estratégica no espaço*”, dos confederados⁴⁰³. Em termos mais simples, impedir que os sulistas se ajudassem mutuamente, fazendo com que sua economia e seus exércitos “sangrassem” até a exaustão, por meio da pressão contínua e simultânea nos dois *fronts*. No teatro de operações oriental, em 4 de maio de 1864, começou aquela que se revelaria a mais sangrenta campanha militar na história do continente americano.

A campanha ficaria marcada pelo contato constante entre as forças oponentes e pelo uso intensivo de trincheiras, sendo esta última uma característica presente desde a batalha de Manassas, em 1861:

Em todas as outras campanhas ocorreram, por assim dizer, "intervalos para um refresco", após cada grande batalha. A luta efetiva havia durado tanto quanto uma semana em apenas uma ocasião, nos Sete Dias, diante de Richmond. Os exércitos se separavam, pausavam, recrutavam e reabasteciam, então, um ou outro iniciava uma nova estratégia que levaria a uma nova colisão. Agora, a partir de 5 de maio, quando Lee e Grant se encaravam em Wilderness, até o próximo 9 de abril [1865], os dois exércitos estiveram sob fogo um do outro por onze meses. Grant era, sem dúvida, um grande comandante. Ele foi o primeiro que teve a coragem moral para fazer seu exército lutar [...]. Ele não era um gênio intelectual, mas compreendia aritmética.⁴⁰⁴

Ou seja, Grant, como era esperado pelo general Edward P. Alexander e seus colegas confederados, se serviria de seus números superiores para martelar o Exército do Norte da Virgínia até o seu esgotamento. Para Alexander, esta campanha "seria praticamente de extermínio, para reduzir nossos números a todo custo."⁴⁰⁵

Já neste primeiro dia de operações, Federais e Confederados se alocaram na região de Wilderness (no norte da Virgínia), imediatamente após as tropas do Exército do Potomac atravessarem o rio Rapidan. Como esta é uma região densamente arborizada, a esperança do general Lee era forçar o exército de Meade/Grant a lutar sem que pudesse utilizar suas

⁴⁰³ JONES, Archer. Op. cit., p. 99.

⁴⁰⁴ GALLAGHER, Gary W. Op. cit. (1989), p. 346.

⁴⁰⁵ Idem, ibidem, p. 347.

avassaladoras vantagens em homens e artilharia, além de se tratar de área amplamente conhecida dos soldados confederados: “Wilderness era nosso campo de batalha favorito: a enorme força de artilharia do inimigo estava lá apenas atrapalhando seu caminho. Nunca houve uma chance melhor oferecida do general Lee [...] Wilderness escondeu nossos pequenos números do inimigo e seus grandes números dos nossos.”⁴⁰⁶

Geograficamente, Wilderness é uma área relativamente plana, como o restante do terreno encontrado pelos dois lados durante todo o período da campanha, além de ser atravessado por vários rios, que correm no sentido oeste-leste (do interior para o Atlântico) — formando um obstáculo aos invasores. Com o tamanho de 15 milhas de leste a oeste, por 8 milhas de norte a sul, Wilderness é um terreno densamente arborizado⁴⁰⁷. O clima no início da luta era quente e seco, e a luminosidade dentro da mata era muito baixa, mesmo ao meio-dia; como nos conta o tenente-coronel Theodore Lyman, membro do estado-maior do major-general Meade: “Conforme o sol ascendia, tornava-se muito mais quente, como se podia ver pelos cobertores extras e casacos que os nossos soldados jogavam fora” E a folhagem “aumenta a obscuridade natural e existem muitos locais onde uma linha de tropas dificilmente pode ser vista a cinquenta jardas.”⁴⁰⁸

O soldado federal Frank Wilkeson nos ilustra sobre a dificuldade da luta num tal ambiente:

Todos os soldados tinham a esperança de atravessar o Wilderness [...] sem lutar. A mata é densa e fechada e toda a região é cortada por um labirinto de estradas que levam à carvoarias em clareiras e lá terminam. Ravinas profundas, densamente folheadas com mata e árvores, sulcam a floresta. Os confederados conhecem a região. Muitos de seus soldados haviam trabalhado na área [...] Eles sabiam para onde as estradas levavam, onde estava a água, onde era a linha natural de defesa. Nós não conhecíamos nada [...].⁴⁰⁹

Wilkeson era soldado de artilharia, mas, durante a batalha, adentrou um trecho de mata sozinho e sem autorização, pois queria observar a batalha e tomou para si o mosquete e a munição de um falecido sargento de infantaria e se jogou na luta:

Como um grande e inspirador espetáculo, ela [a batalha] foi altamente insatisfatória, devido à fumaça de pólvora que obscurecia a visão. As vezes não conseguíamos ver a linha confederada, mas isso não fazia diferença; continuamos atirando [...] Em poucos minutos vimos uma fina linha de figuras cinzas [...] avançando rapidamente em nossa direção. Eles gritavam ruidosa e continuamente. Começamos a atirar

⁴⁰⁶ Idem, *ibidem*, pp. 350-354.

⁴⁰⁷ HESS, Early J. **Trench Warfare under Grant and Lee**: field fortifications in the Overland Campaign. Chapel Hill and London: The University of North Carolina Press, 2007, p. 20.

⁴⁰⁸ AGASSIZ, George R. **Meade's Headquarters, 1863-1865**: letters of Colonel Theodore Lyman from the Wilderness to Appomatox. Boston: The Atlantic Monthly Press, 1922, pp. 87-89.

⁴⁰⁹ WILKESON, Frank. **Turned Inside Out**: recollections of a private soldier in the Army of the Potomac. Lincoln and London: University of Nebraska Press, 1997, p. 48.

rapidamente, assim como eles. Chegaram muito perto de nós, digo, a setenta e cinco jardas e protegeram-se tão bem quanto conseguiam.⁴¹⁰

Mesmo o chefe de estado-maior do Exército do Potomac, general Andrew A. Humpherys, notou as dificuldades impostas aos combatentes no ambiente densamente arborizado de Wilderness: “Algumas de suas características foram encontradas em outros campos de batalha dos dois exércitos; mas, tanto quanto eu sei, nenhuma grande batalha jamais ocorreu antes num tal terreno. Muito pouco dos combatentes podia ser visto”.⁴¹¹

Lutar neste ambiente fatalmente comprometia a qualidade do tiro, dado o curto alcance da visão dos atiradores de infantaria e impedia, quase totalmente, o emprego de canhões o que, segundo Hess, pode ser “confirmado por um relatório de oficiais médicos da União que notou que os ferimentos impostos pela mosquetaria contabilizaram uma proporção mais elevada que o normal em Wilderness.”⁴¹²

As dificuldades naturais de lutar em Wilderness foram aumentadas pelo amplo emprego de entrincheiramentos pelos confederados que, combatendo em menor número, esperavam compensar essa desvantagem com mais proteção e o curioso é que a deficiência econômica do governo em dotar o exército com as ferramentas adequadas para tanto não impediu que os soldados confederados realizassem proezas neste campo, como mostra o médico cirurgião Thomas F. Wood:

Nossos homens reconheceram sua fraqueza, fazendo o que nunca antes fizeram, construindo parapeitos em frente de suas linhas. Era surpreendente ver que ferramentas eram usadas. Não haviam mais do que duas picaretas por regimento e não mais do que uma pá, mas eles improvisavam ferramentas ao rachar uma cantil [...] tomando cada metade para remover a terra [...]. Nossos homens eram bons lenhadores e não eram lentos em derrubar árvores para alicerçar suas trincheiras. A prática que estavam ganhando lhes serviria por muitas exaustivas semanas e era surpreendente ver quão rapidamente construíram trincheiras durante a noite e em poucas horas.⁴¹³

E não somente os confederados, mas também os soldados *yankess*, quando pegos de surpresa e repelidos por um inimigo oculto, quase invisível, recorriam ao mesmo expediente, como explica o soldado Warren Goss:

⁴¹⁰ Idem, *ibidem*, pp. 63-65.

⁴¹¹ HUMPHREYS, Andrew A. **The Virginia Campaign, 1864 and 1865**. New York: Da Capo Press, 1995, p. 55.

⁴¹² HESS, Early J. *Op. cit.* (2007), p. 39.

⁴¹³ KOONCE, Donald B. **Doctor To The Front**: Confederate Surgeon Thomas Fanning Wood. University of Tennessee Press, 2000, pp. 139-140.

Aqui começamos a construir abrigos para atiradores, empilhando troncos e jogando terra contra eles. Para este propósito os homens usavam suas canecas de água, baionetas e facas de mesa, tanto quanto umas poucas pás e picaretas, que acompanhavam cada divisão em mulas de carga. [...] Ninguém conseguia ver a luta a cinquenta pés de distância. O ribombo e o estalo da mosquetaria era algo terrível, mesmo para os veteranos de muitas batalhas. As linhas estavam muito próximas umas das outras [...]. Isto era uma caçada de morte, cega e sangrenta, em matas desnorteantes [...].⁴¹⁴

Após lutar de 4 a 7 de maio nas matas de Wilderness era evidente que os Federais não conseguiriam repelir os defensores confederados, logo, Grant, como Hooker um ano antes, começou a retroceder seu exército em direção ao norte, ao rio Rapidan, e os soldados nas fileiras começaram a murmurar que seu novo comandante não era melhor que seus predecessores. Chegando ao Rapidan, se o exército virasse à esquerda, para oeste, significava que Grant reconhecia sua derrota, mas se, entretanto, girasse à direita, isto significaria “lutar e lutar na linha que os confederados escolhessem e entrincheirassem. Mas indicará o propósito de Grant em lutar”.⁴¹⁵

E foi exatamente o que o general Grant fez, na esperança de colocar-se entre o exército de Lee e a capital confederada e forçar os confederados a lutar num terreno da escolha dos nortistas. Os soldados do Exército do Potomac passaram, então, por uma montanha russa de sentimentos, do desânimo e depressão à euforia: “Em Chancellorsville House viramos para a direita. Instantaneamente, todos nós ouvimos um suspiro de alívio. Nossos espíritos se elevaram. Marchamos livres. Os homens começaram a cantar. Os soldados entenderam o movimento de flanco. Naquela noite ficamos felizes”.⁴¹⁶

Nesta altura da campanha, o objetivo de Grant passou a ser chegar a um cruzamento de estradas num local chamado Spottsylvania Court House, por onde passavam as vias de acesso a Richmond. Se conseguisse tomar posse da localidade e entrincheirasse seu exército antes do Exército do Norte da Virgínia, poderia forçar Lee a optar por uma batalha campal, na qual os contingentes Federais mais expressivos poderiam se impor. Para tanto, os Federais precisavam flanquear a direita de Lee (esquerda Federal) e percorrer estradas que lhes eram pouco familiares, se arrastando com um grande exército e um imenso e lento comboio de 4.000 carroças.⁴¹⁷ O Exército do Norte da Virgínia, por ser menor, era mais ágil,

⁴¹⁴ COMMAGER, Henry Steele. **The Blue and the Gray**. Vol. II. Indianapolis: New American Library, 1950, pp. 373-374.

⁴¹⁵ WILKESON, Frank. Op. cit., p. 79.

⁴¹⁶ Idem, ibidem, p. 80.

⁴¹⁷ PORTER, Horace. **Campaign with Grant**. New York: The Century Co., 1897, p. 48.

contava com linhas internas (no caso, estradas de rodagem) mais curtas e com o conhecimento da geografia local. Nas palavras do comandante da artilharia do 1º Corpo Confederado, Edward Porter Alexander:

Mas ele [Grant], sem hesitação, fez todos os arranjos no dia 7 para nos dar um salto noturno e o encontrarmos estabelecido em nosso flanco, e praticamente entre nós e Richmond [...] Este era seu joguinho, e não era ruim. Por sorte, o general Lee corretamente o antecipou e a noite foi derrotada a uma corrida. [...] As cavalarias confederadas de Fitz Lee e Wade Hampton conseguiram bloquear a progressão de Grant, possibilitando que o corpo de Anderson (substituto de Longstreet, ferido na garganta) chegasse primeiro.⁴¹⁸

Enquanto as duas divisões de cavalaria de J.E.B. Stuart (Fitz Lee e Hampton) foram capazes de atrapalhar o deslocamento dos Federais, a cavalaria destes, com 16.000 homens, permanecia inerte — assim como em Wilderness, onde não realizara reconhecimentos, deixando Meade e Grant sem saber o tamanho aproximado da força de Lee. Paralelamente, o VI Corpo Federal, o mais próximo de Spottsylvania, (major-general John Sedgwich), encarava um congestionamento provocado na estrada que utilizava para se deslocar:

A estrada, que não era larga [...], estava literalmente congestionada com tropas movendo-se um passo de cada vez. Nunca antes vi ser feito um progresso tão lento: certamente não mais do que uma milha por hora, se tanto. Nem podia passar ao redor deles, porque estava tão escuro que não conseguia ver onde seu [do general G. K. Warren] cavalo estava passando.⁴¹⁹

Quando, finalmente, chegaram ao local, em 8 de maio de 1864, os confederados já ocupavam a parte oposta ao local onde chegavam as tropas federais. O terreno tomado pelos sulistas era mais elevado e proporcionava um campo de tiro de melhor visualização.⁴²⁰ Enquanto a cavalaria confederada atrasava a progressão dos Federais numa ação de retardo, a infantaria do 1º Corpo confederado (então sob comando do general Richard H. Anderson) organizava uma forte posição entrincheirada em terreno elevado, uma situação descrita pelo tenente-coronel (federal) Theodore Lyman numa carta para seus pais, datada de 18 de maio de 1864 e escrita do quartel-general do Exército do Potomac, onde servia:

GRIMSLEY, Mark. Op. cit. (2002), p. 61.

⁴¹⁸ GALLAGHER, Gary W. Op. cit. (1989), pp. 365-366.

⁴¹⁹ NEVINS, Allan. **A Diary of Battle**: the personal journals of Colonel Charles S. Wainwright, 1861-1865. New York: Da Capo Press, 1998, p. 355.

⁴²⁰ GRIMSLEY, Mark. Op. cit. (2002), pp. 64-66.

A grande característica desta campanha é o extraordinário uso de parapeitos. Quando chegamos ao terreno, demora-se, evidentemente, um tempo considerável para colocar as tropas em posição para o ataque [...], então os escaramuçadores enviados à frente e é feito um exame do ponto de ataque e para ver se há algum obstáculo intransponível, tais como correntezas ou pântanos. Enquanto isso, o que o inimigo faz? Formando rapidamente uma linha de batalha, eles, então, coletam mourões de cercas, pedras e troncos e todos os outros materiais, e os empilham ao longo de uma linha; baionetas, com umas poucas picaretas e pás, nas mãos de homens que trabalham por suas vidas, são suficientes para cobrir esta estrutura com terra [...]; e dentro de uma hora, há uma cobertura contra balas, alta o bastante para proteger um homem ajoelhado e estende-se, frequentemente, por uma ou duas milhas. Quando nossa linha avança há uma linha do inimigo, que nada mostra a não ser baionetas e bandeiras, esta cravadas no alto da fortificação. É uma regra que, quando os rebeldes fazem alto, o primeiro dia lhes dá bons buracos de rifles; o segundo; um regular parapeito de infantaria, com artilharia posicionada; e o terceiro, um parapeito com um abatis em frente e uma bateria entrincheirada atrás. As vezes colocam este trabalho de três dias nas primeiras vinte e quatro horas. Nossos homens podem e fazer o mesmo mas, lembrem-se, nosso objetivo é a ofensiva — é avançar. Vocês se assombrariam em ver como este território é atravessado por fortificações de campo, estendendo-se por milhas [...] em diferentes direções e marcando diferentes linhas estratégicas assumidas pelos dois exércitos [...]⁴²¹

Apesar, então, de Spottsylvania ser um campo mais amplo e descoberto do que o Wilderness, estava já fortemente fechado do lado rebelde por trincheiras, exigindo que os *yankers* atacassem a posição de frente, o que deixava muitos soldados federais, principalmente os veteranos do 3º dia da batalha de Gettysburg, no mínimo, receosos.

Já no primeiro dia de luta em Spottsylvania, 8 de maio, se tornaria evidente uma outra característica notável da guerra de trincheiras: o emprego de *sharpshooters*, ou franco-atiradores pelos dois lados. O coronel Charles Wainwright, comandante da artilharia do corpo do general Governour K. Warren, descreve uma ação destes contra seus artilheiros

Conforme chegamos a este local, os franco-atiradores rebeldes abriram um fogo muito feio contra nós ou partir do outro lado do vale, digamos a quatrocentas jardas, especialmente de uma mata à esquerda da estrada onde se estabeleceram apinhados por trás de grandes troncos caídos.⁴²²

Embora Wainwright e todos os oficiais de seu estado-maior, que se encontravam montados oferecendo bons alvos aos atiradores, não se ferissem, em 9 de maio, um franco-atirador confederado conseguiu matar o major-general John Sedgwick, comandante do VI Corpo Federal, a baixa de mais elevada patente do exército da União em toda a Guerra Civil. O general havia observado um grupo de seus comandados agachados, tentando se proteger de um fogo de fuzis que vinha de uma distância de aproximadamente 1.000 jardas. Zombando do

⁴²¹ AGASSIZ, George R. Op. cit., pp. 99-100.

⁴²² NEVINS, Allan. Op. cit. p. 357.

grupo, o general Iles teria dito que “eles não conseguem acertar um elefante daquela distância”.⁴²³ Estas foram suas últimas palavras, logo depois foi atingido na cabeça por um atirador de escol. O soldado Bem Powell do 12º regimento da Carolina do Sul, dotado de um rifle britânico Whitwarthy com luneta de precisão, foi o protagonista desta façanha. Só um outro soldado confederado, do batalhão Gowan’s Sharpshooter, carregou um rifle idêntico durante a campanha. Aos dois homens havia sido permitido “conduzirem-se na guerra à sua própria vontade”, o que significava ficarem dispensados dos deveres comuns aos demais infantess, comportando-se livre e literalmente como caçadores de homens. A partir deste ponto, os comandantes de várias unidades federais buscaram obter rifles de precisão, com miras telescópicas, e destacaram alguns homens com mais disposição para este trabalho. Geralmente eram instruídos a matar primeiro os *sharpshooters* confederados, depois miravam as unidades de artilharia mais expostas e, então, procuravam outros alvos atraentes, como oficiais como Sedgiwick. Paralelamente, estavam dispensados dos deveres comuns de acampamento, como montar guarda, ou de campo, como cavar trincheiras. Carol Reardon acredita que a guerra estática, de posições entrincheiradas como na Campanha da Primavera de 1864, por conta do contato aproximado e ininterrupto entre exércitos oponentes, proporcionava “alvos e oportunidades” numa profusão nunca antes experimentada no conflito.⁴²⁴

O emprego de *sharpshooters*, embora eficiente no intuito de desmoralizar o inimigo, não foi decisivo no resultado da luta em Spottsylvania, como não seria em toda a guerra. A chave da vitória táctica era a tomada ou defesa de entrincheiramentos. Assim, entre os dias 10 a 22 de maio os Federais tentariam, várias vezes, penetrar as linhas confederadas e quebrar o exército de Lee, mas sem um sucesso decisivo, de tal forma que o coronel Walter H. Taylor, ajudante do estado-maior de Lee, em carta para sua noiva, disse que “Grant está batendo sua cabeça contra um muro. Sua própria gente confessa a perda de 50.000 [homens].”⁴²⁵ Embora se referisse, com este número, às perdas gerais entre os dias 5 e 15 de maio, em Wilderness e na primeira semana em Spottsylvania, a maioria delas se daria na segunda localidade.

⁴²³ BONEKEMPER III, Edward H. **Ulysses S. Grant: A Victor, Not a Butcher: The Military Genius of the Man Who Won the Civil War.** Washington: Regnery Publishing, 2004, p. 169.

⁴²⁴ REARDON, Carol. The Impact of Continuous Operations on the Army of the Potomac and the Army of Northern Virginia, May 1864. In: GALLGHER, Gary W. **The Spotsylvania Campaign.** Chapel Hill and London: The University of North Carolina Press, 1998, p. 185.

⁴²⁵ TOWER, R. Lockwood. **Lee’s Adjutant: the wartime letters of colonel Walter Herron Taylor, 1862-1865.** Columbia: University of South Carolina Press, 1995, pp. 160-161.

Com o atraso dos federais no seu avanço para Spottsylvania, os soldados do 2º Corpo confederado, do general Richar S. Ewell, construíram, entre os dias 8 e 9 de maio, aquela que seria mais famosa linha de fortificações entrincheiradas da campanha: o Saliente da Ferradura da Mula (*Mule Shoe Salient*). Tal linha se tornou polêmica desde sua origem, porque saliências em linhas entrincheiradas são vulneráveis ao fogo cruzado e aos ataques que venham de várias direções. Somente na manhã do dia 9 de maio, após trabalharem durante a noite é que as tropas confederadas puderam ter uma clara dimensão da armadilha onde haviam se colocado. Contava com 1.800 jardas de largura na base e 1.320 de profundidade entre a crista e a base.⁴²⁶ Para o chefe-artilheiro Alexander Porter

[...] com nossos limitados meios, vários dias teriam sido necessários para construir adequadamente as três milhas de parapeitos e três milhas de abatases necessários [...] Penso, portanto, que por todas as regras da ciência militar devemos pronunciar que estas linhas foram um grande equívoco, embora tenham sido aprovadas [...] pelo engenheiro-chefe do general Lee, o general M. L. Smith [...].⁴²⁷

No planejamento para um assalto no dia 9 de maio, já que os confederados permaneceriam na defesa, o tenente-general Grant e o major-general Hancock (comandante do 2º Corpo Federal) autorizaram uma experiência tática projetada pelo coronel Emory Upton. Enquanto Hancock promoveria uma manobra de diversão aos defensores no extremo norte do saliente, Upton atacaria a face oeste da posição com 12 regimentos de infantaria, um total de 5.000 soldados. Upton os colocou numa mata que distava apenas 200 jardas do ponto a ser assaltado, dispondo-os em quatro linhas de três regimentos em cada uma. A ideia era que a

[...] primeira linha penetraria as fortificações sem disparar um tiro e então viraria para a direita para alargar a brecha. A segunda linha pararia dentro das fortificações e dispararia adiante contra qualquer rebelde que aparecesse, apoiada pela terceira linha. A quarta ficaria nas matas e agiria como reserva [...].⁴²⁸

No ataque os homens de Upton conseguiram penetrar na trincheira confederada mas, o que não sabiam era que a posição era protegida por uma outra trincheira de cobertura 100 jardas atrás daquela e guarnecida por uma divisão.

As perdas federais foram em torno de 1.000 mortos ou feridos, enquanto as confederadas giravam em torno de 1.300, a maioria prisioneiros dos federais. Embora bem

⁴²⁶ HESS, Early J. Op. cit. (2007), p. 47.

⁴²⁷ GALLAGHER, Gary W. Op. cit. (1989), p. 372.

⁴²⁸ HESS, Early J. Op. cit. (2007), pp. 56-58.

executado, o ataque de Upton não obteve sucesso em romper a linha de Lee por conta da existência da trincheira de cobertura e das reservas confederadas, uma situação que se repetiria na 1ª Guerra Mundial quando, assim que os atacantes tomavam uma posição, os defensores se abrigavam em trincheiras à retaguarda e lançavam contra-ataques para recuperar a posição perdida⁴²⁹.

Apesar do fracasso, Grant ficou impressionado com o experimento de Upton e projetou tentá-lo novamente no dia 12 de maio, mas com todo o 2º Corpo de Hancock. Antes disso, entretanto, Grant havia enviado toda sua cavalaria, sob comando do General Philip Sheridan (com pouco menos de 16.000 homens com 32 canhões de campo, a maior reunião de cavalaria até então vista no teatro oriental de operações), para um raide à capital confederada, Richmond. Tal força destruiria linhas telegráficas, estradas de ferro e pontes por onde passavam alguns dos poucos suprimentos de viveres e material bélico para o exército de Lee, mas o propósito central de Grant era forçar o afastamento da cavalaria sulista da área em torno de Spottsylvania, para impedir que Lee pudesse realizar reconhecimentos com ela. Quando Lee determinou que J. E. B. Stuart perseguisse Sheridan, ele se privou de seus “olhos de campo de batalha” mais uma vez, como havia feito durante a campanha de Gettysburg.⁴³⁰

No dia 11 de maio, Lee realizou, após despachar J. E. B. Stuart e sua cavalaria, uma conferência com o estado-maior, seus comandantes de corpos e os comandantes das divisões destes, o general Henry Heth participou da reunião e registrou que Lee chamou a atenção dos presentes após estes zombarem de Grant por conta do desperdício de vida no assalto de Upton:

“Cavalheiros, penso que o general Grant tem manejado suas questões notavelmente bem até o tempo presente. [...] Este exército não pode suportar um cerco [...], nós precisamos encerrar este negócio no campo de batalha, não num lugar fortificado”.⁴³¹

Nesta mesma data, à noite, Lee tomou o imenso barulho do outro lado do campo de batalha como um novo preparativo de Grant para novamente marchar flanqueando a direita confederada e se dirigir mais para o sul e, sem a cavalaria de Stuart não tinha como confirmar sua intuição, mas confiou nela. Determinou que toda sua artilharia fosse removida das trincheiras, engatada aos cavalos e se preparasse para uma nova corrida contra os federais, ao

⁴²⁹ DOUGHTY, Robert A. Op. cit., p. 135.

⁴³⁰ EICHER, David. Op. cit., p. 674.

⁴³¹ MORRISON, James. **Memoirs of Henry Heth**. Santa Barbara: Praeger, 1974, pp. 186-187.

estilo do ocorrido no dia 7 de maio. O barulho no lado yankee, todavia, era o 2º Corpo posicionando seus 20.000 homens para o assalto na madrugada do dia 12.

Iniciado entre 04:30h e 05:00h da manhã de 12 de maio, o ataque do 2º Corpo de Hancock dirigiu-se contra a crista do saliente em perfeita ordem-unida, só desmanchada na escalada ao parapeito. Em virtude da garoa constante que caía, muitos mosquetes ficaram com os canos umedecidos e não funcionavam. Cápsulas de percussão detonavam sem acionar as cargas de pólvora e não havia artilharia dentro do saliente para apoiar a infantaria de Lee. Além disso, como atesta o general de brigada Francis C. Barlow, o ataque foi uma completa surpresa para os defensores de Mule Shoe:

Minha lembrança da resistência do inimigo é apenas a de que [...] ela parece ter sido muito leve e ineficiente, como se eles fossem dominados antes que soubessem o que estava caindo sobre eles [...] lembro que vi apenas três ou quatro de nossos homens caídos, eu lembro disso porque fiquei surpreso com o fato.⁴³²

Neste assalto, os Federais conseguiram capturar 4.000 prisioneiros, 20 canhões que Lee havia mandado voltar à linha quando ficou sabendo do assalto mas que pouco puderam ajudar, dois generais e 30 bandeiras confederadas. As tropas que tomavam o saliente só pararam quando encontraram uma segunda linha entrincheirada de Lee na base do saliente⁴³³. Lee, então, lançou cinco contra-ataques, que só conseguiram fazer com que os Federais recuassem para o lado externo da primeira trincheira. Nas memórias de muitas testemunhas, a luta que se seguiu está entre as mais tenebrosas de toda a guerra, a um tal ponto em que o saliente passaria para a história com o “Ângulo Sangrento”.

O general Horace Porter, do estado-maior de Grant diz que

A batalha perto do ângulo foi provavelmente o engajamento mais desesperado na história da guerra [...] e apresentou características absolutamente estupefacentes. Ela foi [...] uma selvagem luta corpo-a-corpo através das fortificações. Fileira após fileira foram ceifadas pelos tiros, estilhaços e golpes de baionetas [...], então tropas novas eram loucamente despachadas adiante para substituir os mortos e, assim, prosseguia o trabalho sangrento. Canhões eram trazidos para perto do parapeito e cargas duplas de metralha faziam sua parte [...]. As grades e troncos nas trincheiras eram despedaçados [...] e árvores de mais de um pé e meio de diâmetro eram completamente cortadas em duas pelo incessante fogo de mosquetaria. [...] Nós não havíamos batido apenas um exército, mas também uma floresta [...] e mosquetes eram disparados cano contra cano. Crânios eram esmagados com coronhadas de mosquetes e os homens golpeavam até a morte com espadas e baionetas entre os troncos no parapeito que separava os combatentes.⁴³⁴

⁴³² BARLOW, major-general Francis Channing. Capture of the Salient, May 12 1864. In: Papers of the Military Historical Society of Massachusetts. **The Wilderness Campaign, May-June 1864**. Vol. IV, 1889, pp. 250-251.

⁴³³ PORTER, Horace. Op. cit. p. 107.

⁴³⁴ Idem, ibidem, pp. 110-111.

As memórias de Grant sobre o episódio contam uma história muito parecida

Esta vitória era importante, e era uma que Lee não podia permitir ficar em posse dela. [...] Por cinco vezes durante o dia ele assaltou furiosamente, mas sem desalojar nossas tropas de sua nova posição. Suas perdas devem ter sido pavorosas. Em algumas ocasiões os beligerantes estariam separados por uns poucos pés. Num lugar, uma árvore de dezoito polegadas de diâmetro foi inteiramente cortada pelas balas de mosquete. Todas as árvores entre as linhas foram cortadas em pedaços pela artilharia e mosquetaria. [...] Algumas de nossas tropas estiveram vinte e quatro horas sob fogo.⁴³⁵

O general Francis C. Barlow, que esteve dentro do ângulo no momento da tomada deste, escreveu que

[...] a luta continuou do início da manhã até tarde da noite. Tão desesperada foi a refrega que após a batalha terminar era impossível caminhar pelo campo perto da linha de trincheiras sem pisar sobre os corpos dos soldados mortos. O fogo foi tão intenso que árvores da floresta foram cortadas e um toco, com 22 polegadas de diâmetro, de um carvalho, hoje em exposição no Departamento de Guerra, foi cortado em dois pelas balar [...]. Depois da luta terminar o campo apresentava uma visão que, em meu conhecimento, não foi igualada em qualquer campo de batalha da nossa guerra [...]⁴³⁶

Por volta 03:00h da manhã do dia 13 a linha com uma nova trincheira confederada, na base do Saliente, já estava pronta e as tropas remavam para lá deixando a posição principal para o Exército do Potomac. Com o elevado número de baixas e a chuva constante, Grant optou por apenas manter a linha de Lee em observação.

Nas condições da luta do dia 12 de maio quaisquer vantagens que o mosquete raiado pudesse apresentar eram tão inúteis quanto se os soldados dos dois lados estivessem equipados com fuzis alma-lisa. Tiros eram realizados à queima-roupa, logo, alcance e precisão eram absolutamente dispensáveis. A velocidade de consumo de munição, nestas quase vinte e quatro horas de luta, era de um tiro a cada 1,9 minutos em média, o que produzia grande acúmulo de resíduos que, somado à impossibilidade de limpar os tubos durante a refrega, diminuía a eficiência das armas. A chuva constante do dia umedecia os canos dos mosquetes e a pólvora nas patronas. Por fim, como os combatentes não podiam ficar em pé, seja para municiar suas armas ou para mirá-las, preferindo, neste último caso, ficar deitados e apontá-las para o inimigo, acionando-as com os polegares, todas as vantagens de alcance e precisão ficavam anuladas.⁴³⁷ Se Spottsylvania se abriu com o episódio da morte

⁴³⁵ GRANT, Ulysses Simpson. Op. cit., pp. 435-437.

⁴³⁶ BARLOW, major-general Francis Channing. Op. cit., p. 262.

⁴³⁷ HESS, Early J. Op. cit. (2007), pp. 76-77.

do general Sedegwick por um atirador de elite, estava se fechando por um verdadeiro moedor de carne humana onde o tiro à curtíssima distância, a coronhada e a estocada de baioneta falavam mais alto. Carol Reardon afirma que *yankees* e *dixies* “redescobriram a baioneta em Spottsylvania, a arma perfeita para o combate a curta distância”.⁴³⁸

Spottsylvania Court House resultaria em 2.725 mortos, 13.416 feridos e 2.258 desaparecidos, totalizando 18.399 para o Exército do Potomac e 1.467 mortos, 6.235 feridos e 5.719 desaparecidos (na maioria prisioneiros) para o Exército do Norte da Virgínia.⁴³⁹ Para afirmar que não sabia quantas baixas os confederados haviam sofrido nesta batalha, o general Humphreys faz, também, um reconhecimento e um breve resumo das novas condições de luta na Guerra Civil e, em nenhum momento, as atribui ao mosquete raiado

Não tenho meios de apresentar um relato preciso das baixas do Exército do Norte da Virgínia em Spottsylvania [...], elas devem ter sido muito menores do que as nossas, dado que eles permaneciam na defensiva, sob a cobertura de entrenchamentos, enredados em sua frente numa maneira desconhecida para a guerra europeia e, em verdade, de uma maneira nova para a guerra neste país. Este relato das operações mostra de que maneira a luta entre os dois exércitos era conduzida. A marcha era feita principalmente a noite, e o contato era tão próximo que requeria constante vigilância dia e noite [...] O fogo era incessante. A fadiga, a perda de sono, a vigilância, cobravam severamente as energias da resistência de oficiais e soldados. Usualmente [...] os exércitos oponentes se aproximam, combatem uma batalha e se separam novamente [...]. Num cerco é apenas uma pequena parte das tropas opostas que se aproximam. Mas com estes dois exércitos foi diferente. De 5 de maio, de 1864, a 9 de abril, de 1865, eles estiveram em constante contato aproximado, com raros intervalos de breves repousos.⁴⁴⁰

A linha de defesa dos confederados chegaria, no final da batalha em Spottsylvania, a impressionantes 6 milhas de comprimento, contando com trincheiras de apoio na retaguarda, travessas que conectavam as trincheiras entre si e abrigos anti-bomba⁴⁴¹, que se destinavam a proteger os defensores confederados contra os tiros de mergulho dos morteiros Coehorn dos federais, cujo efeito, citado pelo coronel Rufus Dawes, explica a presença dos abrigos

Eu vi o corpo de um soldado rebelde sentado [...] numa posição de aparente calma, com a cabeça totalmente arrancada e a carne queimada até os ossos do pescoço e dos ombros. Isto foi indubitavelmente causado pela explosão de uma granada de algum pequeno morteiro Cohorn (sic) de dentro de nossas linhas. A granada do morteiro é jogada alto no ar e desce diretamente (sobre o alvo).⁴⁴²

⁴³⁸ REARDON, Carol. Op. cit., p. 186.

⁴³⁹ BONEKEMPER III, Edward H. Op. cit., pp. 308-309.

⁴⁴⁰ HUMPHREYS, Andrew A. Op. cit., pp. 117-118.

⁴⁴¹ HESS, Early J. Op. cit. (2007), pp. 92-93.

⁴⁴² DAWES, Rufus D. Op. cit., p. 269.

Ante a impossibilidade de violar as linhas confederadas ou tentando provocar Lee a um enfrentamento em campo aberto, como este mesmo confessou que não seria sua opção, “a menos que uma oportunidade favorável se ofereça”⁴⁴³, Grant desengajou o exército sulista e iniciou uma terceira marcha de flanco, desta vez, em direção ao rio North Anna, no dia 21 de maio.

Ao chegarem a North Anna os Federais encontraram uma parte intacta (ponte Chesterford) e um vão no rio, por onde os engenheiros do Exército do Potomac atravessaram um pontão de barcos. Todavia, à pouca distância deste locais, os confederados já haviam construídos fortes trincheiras e estava à espera de Grant. Neste momento, os Federais se deprimiram com o fato de que o Exército do Norte da Virgínia, não somente lhes tomava a dianteira mais uma vez como, também, haviam construído outra linha de trincheiras na forma de um saliente. Os únicos combates ocorridos na área de North Anna se deram no dia 23 de maio, nas áreas de travessia acima citadas, mas foram pequenos e breves. Em 24 de maio, o coronel Rufus Dawes escreveu para casa dizendo que os confederados “não lutarão, exceto em trincheiras.”⁴⁴⁴ Na mesma data, Lee telegrafou para o secretário da guerra, James Seddon, dizendo que os Federais “têm feito ataques débeis às nossas linhas [...], provavelmente para verificar nossa posição.”⁴⁴⁵

As ações dos dois lados nesta localidade foram, mesmo assim, marcadas por elevadas baixas, cerca de 2.000 homens para cada lado, entre mortos, feridos e desaparecidos. Para o soldado Frank Wilkeson, estas se deviam principalmente ao fogo de *sharpshooters* nas trincheiras. Na sua avaliação

Os nossos sharpshooters eram tão maus quanto os confederados e nenhum deles era de qualquer importância na medida em que os resultados decisivos eram alcançados. [...] Coloque-se os sharpshooters numa linha de batalha e não serão melhores, nem mais eficientes, do que a infantaria de linha, e não terão a metade da sua decência.⁴⁴⁶

Logo depois, dá uma demonstração do estado de espírito das tropas Federais depois de passarem por Wilderness, Spottsylvania e North Anna

Antes de deixarmos North Anna eu descobri que nossa infantaria estava cansada de atacar parapeitos. Os soldados comuns afirmavam que um bom soldado atrás de um

⁴⁴³ FREEMAN, Douglas Southall. Op. cit., p. 176.

⁴⁴⁴ DAWES, Rufus D. Op. cit., p. 275.

⁴⁴⁵ DOWDEY, Clifford. Op. cit., p. 750.

⁴⁴⁶ WILKESON, Frank. Op. cit., pp. 120-121.

parapeito era igual a três bons soldados fora dele, e que não se dispunham a assaltar muitas linhas entrincheiradas mais.⁴⁴⁷

Mais uma vez Grant desengajou-se de Lee e se moveu pela direita deste, tentando aproximar-se de Richmond e forçar uma tão desejada batalha campal. Com este propósito em mente, Grant dirigiu o Exército do Potomac para Cold Harbor, uma pequena e desgastada taverna que marcava o cruzamento de cinco estradas rurais que, por sua vez, estavam conectadas às grandes estradas de rodagem, da época, que possibilitariam tanto aproximar-se de Richmond quanto da área do rio James, ao sul da capital confederada. A região do rio James era vital para os planos de Grant, pois se não conseguisse tomar Richmond ou destruir o exército de Lee, poderia prosseguir para lá, conectar-se ao Exército do James (comandado pelo major-general Benjamin Butler) e, juntos, ameaçariam Petersburg, o entroncamento ferroviário que ligava Richmond à todas as grandes ferrovias do extremo sul e, portanto, aos “santuários” escravistas das Carolinas, da Geórgia e da Flórida, de onde o governo confederado extraía suprimentos (inclusive vindos da Europa, entrando pelos portos daqueles quatro estados) e novos recrutas para seu esforço de guerra na Virgínia.

O primeiro contato entre federais e confederados em Cold Harbor, em 31 de maio, foi um combate entre duas brigadas federais de cavalaria (Wesley Merritt e George A. Custer), que lutaram desmontadas e dotadas de carabinas de repetição Sharps e Spencer, e uma força mista (cavalaria e infantaria) confederada. Durante a refrega, Custer realizou uma carga a cavalo, com sua brigada empenhando sabres. Segundo o próprio Custer, o ataque “produziu o efeito desejado. O inimigo, sem esperar recebê-la, largou suas armas e fugiu”.⁴⁴⁸ Cold Harbor estava, neste momento, em mãos federais. O general Edward P. Alexander via na tecnologia da repetição de tiros a chance dos federais acabarem com a guerra mais cedo, mas o “conservador Departamento de Material Bélico [Federal], entretanto, ainda dizia que elas [...] desperdiçavam munição e, exceto por umas poucas brigadas, ele trabalhou para mantê-las fora das mãos da infantaria. Elas poderiam ter concluído a guerra dois anos mais cedo.”⁴⁴⁹

O 1º Corpo de Exército confederado (general Anderson) já estava a caminho de Cold Harbor, desde North Anna, por rotas mais curtas que as do seu “corredor rival”, o 6º Corpo Federal (do major-general Horatio C. Wright). Ao tomar conhecimento disso, o comandante da cavalaria federal, Philip Sheridan, decidiu que suas duas brigadas presentes no local não eram páreo para todo um corpo e decidiu retirá-las do local. Assim, uma decisão

⁴⁴⁷ Idem, *ibidem*, p. 121.

⁴⁴⁸ Official Records, Series 1, Vol. XXXVI, Part 3, p. 822.

⁴⁴⁹ GALLAGHER, Gary W. Op. cit. (1989), pp. 396-397.

federal de comando de campo e uma bem executada manobra confederada anularam totalmente a vantagem conseguida pela ousadia e pela superioridade tecnológica da cavalaria de Merritt e Custer. Descobrendo a 01:00h da manhã, de 1º de junho, que Sheridan havia se retirado, Grant ordenou seu retorno com mais homens e que se entrincheirassem no local, fato que estabilizaria o front na localidade de Cold Harbor, mas com os confederados fechando o acesso à sua capital.

Neste momento da campanha Lee já antecipava o desfecho que traria a proximidade do Exército do Potomac para Richmond, caso não fosse batido em campo. Numa correspondência para o comandante de seu 3º Corpo, tenente-general Ambrose P. Hill, diz

É chegado o tempo, em minha opinião, quando algo é mais necessário do que aderir a linhas e posições defensivas. Devemos nos abrigar [...] a impedir o inimigo de selecionar tais posições à sua escolha. Se lhe for permitido continuar neste curso, seremos obrigados a tomar refúgio por trás das fortificações de Richmond e suportar um cerco, que será apenas uma questão de tempo.⁴⁵⁰

O Exército do Norte da Virgínia, todavia, carecia de efetivos mesmo para construir sua única trincheira em Cold Harbor (sem trincheiras de apoio, como em Spottsylvania), quanto mais para tomar a ofensiva contra o colossal efetivo à disposição de Grant. A aritmética começava a pesar com mais gravidade sobre os sulistas. Em 3 de junho (ocasião do ataque em massa de três corpos federais) Lee explicou a uma delegação de parlamentares do Congresso Confederado, que não tinha reservas para colocar na linha: “Nem um regimento [...] Se eu encurtar minhas linhas para prover uma reserva, ele me emudecerá; se enfraqueço minhas linhas [...] ele as quebrará.”⁴⁵¹

No dia 1º de junho algumas unidades de dois corpos Federais, o 18º (major-general Willian F. Smith) e o 6º (Wright), assaltaram a linha confederada em Cold Harbor. Os soldados que participaram desta ação precisaram atravessar cerca de 1.200 jardas de terreno plano entre as posições opostas.⁴⁵² No início de seu assalto receberam fogo de artilharia e, de perto, fogo de mosquetes (algo entre 400 e 186 jardas).⁴⁵³

Apesar desta iniciativa fracassada, Grant foi levado a crer que o exército de Lee já estava esgotado, sem condições de luta e que, portanto, bastava pressioná-lo um pouco mais. Tal conclusão adveio do fato de que em North Anna, Lee não havia feito qualquer tentativa séria de cair sobre a retaguarda de Grant enquanto este se retirava. Além disso, um prisioneiro

⁴⁵⁰ DOWDEY, Clifford. Op. cit., pp. 759-760.

⁴⁵¹ GRIMSLEY, Mark. op. cit. (2002), p. 220.

⁴⁵² HESS, Early J. Op. cit. (2007), p. 209.

⁴⁵³ GRIFFITH, Paddy. Op. cit., pp. 149-150.

confederado, e interrogado pessoalmente por Grant, revelou a fome que, então, era comum nas fileiras do exército sulista, além do desânimo das tropas. Quando o prisioneiro estava para sair da tenda de Grant, este fez um comentário sobre a carabina Spencer do guarda que o conduzia, dizendo que aquela era a arma que “carregavam no domingo e atiraram pelo resto da semana”⁴⁵⁴. Esta situação, segundo Horace Porter, contribuiu para convencer Grant de que era adequado assaltar o exército de Lee novamente. Porter também mostra que Grant tinha fortes razões políticas para enfrentar Lee mais uma vez

Os custos da guerra haviam chegado a quase quatro milhões de dólares por dia. Muitas pessoas no norte estavam ficando desempregadas com o prolongamento do conflito. [...] Paralelamente, haviam constantes rumores de que se a guerra continuasse por muito tempo mais, as potências europeias reconheceriam a Confederação e, talvez, lhe dessem assistência material [...].⁴⁵⁵

Enquanto os confederados tinham tempo de sobra para preparar e reforçar suas posições entre os dias 1 e 3 de junho, no lado oposto do campo, os soldados do Exército do Potomac percebiam que a protelação do ataque só os condenava. Numa reação quase coletiva, começaram a escrever cartas de despedida e bordar seus nomes em tiras de pano que eram, posteriormente, costuradas às costas de suas jaquetas, para que fossem identificados depois de mortos e tivessem suas famílias notificadas⁴⁵⁶ — tal é a origem das plaquetas de identificação hoje carregadas pelos militares dos Estados Unidos. Com uma parte da trincheira confederada a apenas 600 jardas de sua bateria, Frank Wilkeson constatou a força da posição inimiga e comentou: “Todo o exército parecia estar muito deprimido na noite anterior a batalha de Cold Harbor.”⁴⁵⁷

Como o ataque foi marcado para 3 de junho e contaria com três corpos (2º, 6º e 18º), Grant precisaria de tempo para coordenar a disposição destes no terreno e posicionar a artilharia. Isso deu aos confederados 36 horas de tregua para reforçar sua trincheira:

“Os soldados facilmente amontoavam terra [...] com suas marmitas de lada, suas mãos [...] ou cantis cortados ao meio [...], enquanto uns poucos machados [...] rapidamente servem para derrubar pinheiros [...] que estão prontos para ser empilhados [...]”⁴⁵⁸

⁴⁵⁴ PORTER, Horace. Op. cit., pp. 158-160

⁴⁵⁵ PORTER, Horace. Op. cit., pp. 172-173.

⁴⁵⁶ Idem, ibidem, pp. 174-175.

⁴⁵⁷ WILKESON, Frank. Op. cit., p. 128.

⁴⁵⁸ AGASSIZ, George R. Op. cit., p. 143.

Por volta de 04:30 h da manhã de 3 de junho já estavam, em formação ombro-a-ombro, alinhadas as infantarias dos três corpos que tomariam parte no assalto (o 2º de Hancock, o 18º de Smith e o 6º de Wright). Logo após o início da carga, 7.000 soldados federais já haviam tombado, enquanto os confederados tiveram 1.500 baixas⁴⁵⁹. Num setor da linha conhecido como Middle Ravine estava a brigada do general Evander Law, do Alabama, que abriu fogo contra os 23º, 25º e 27º regimentos federais de Massachusetts

A fileira de retaguarda de Law carregava mosquetes para os homens da fileiras da frente, aumentando a razão de fogo. [...] Law caminhava ao longo da linha, temendo que seus homens ficassem sem munição. [...] Law viu o massacre entre os federais [...] Isto não é guerra; é assassinato [...].⁴⁶⁰

Os soldados que ficavam sãos em campo, não se retiravam por medo de ser abatidos pelas costas. Optavam, então, por escavar trincheiras individuais, buracos de rifles (*rifle pits*), e trocar tiros com o inimigo. A partir destas novas posições foi possível posicionar pequenos morteiros Coehorn e baterias com peças de artilharia ligeira, sendo que os morteiros ficavam a 40 jardas e os canhões a 200⁴⁶¹. Permaneceram nestas condições por dez dias, sendo abatidos, principalmente, pelo fogo de artilharia e pelos atiradores de elite confederados.⁴⁶²

Em suas reminiscências, o general Jacob D. Cox compara os desempenhos de Sherman, no comando das Forças Federais no oeste, e Grant, e chega à conclusão de que este “foi mais lento do que Sherman em aprender a inutilidade de atacar fortificações de campo e, por isso, sua campanha foi muito mais custosa”.⁴⁶³ E foram realmente severas as perdas federais em Cold Harbor. David Edicher estima que, entre 1 e 14 de junho, foram 12.000, sendo 7.000 só no assalto frontal de 3 de junho, e coloca as perdas do Exército do Norte da Virgínia em “uns poucos milhares”.⁴⁶⁴ No alto escalão do governo em Washington, o assistente do secretário da guerra, Charles A. Dana, ao contrário de Cox e outros críticos, via o resultado desta batalha positivamente. Para ele: “O panorama (da campanha) justifica o esforço. Quebrar as linhas de Lee significa sua destruição e o colapso da rebelião”.⁴⁶⁵ Mas, nenhuma linha foi quebrada em Col Harbor e Grant se viu obrigado a transferir seu exército para a margem sul do rio James (numa ponte militar de 2.000 pés de comprimento por 10 de

⁴⁵⁹ EICHER, David. Op. cit., p. 686.

⁴⁶⁰ HESS, Early J. Op. cit., (2007), pp. 160-161.

⁴⁶¹ Idem, ibidem, p. 159.

⁴⁶² DAWES, Rufus. Op. cit., p. 283.

⁴⁶³ COX, Jacob. D. Op. cit. Vol. II (1900), p. 224.

⁴⁶⁴ EICHER, David. Op. cit., p. 686.

⁴⁶⁵ DANA, Charles A. **Recollections of the Civil War**. Lincoln: University of Nebraska Press, 1996, p. 209.

largura, utilizando 101 pontões e sendo construída em 5 horas),⁴⁶⁶ com o propósito de atacar a cidade de Petersburg, ao sul de Richmond, cortando Lee de todas as suas conexões ferroviárias com o resto da Confederação. Mas, antes disso, vejamos as operações de guerra no teatro ocidental, onde Sherman e Johnston lutavam por Atlanta.

4.4 A Campanha de Atlanta

Ao iniciar a Campanha de Atlanta de 1864, o general Sherman contava com uma vantagem numérica de, pelo menos, dois por um. Seu oponente, entretanto, compensava esta defasagem com a posse sobre um terreno acidentado, entre Dalton, onde as operações tiveram início, e Atlanta, que muito favorecia a defesa. Para superar tal sistema defensivo, Sherman sempre se utilizou de seu maior efetivo, o Exército do Cumberland (major-general George H. Thomas) para fixar os confederados no terreno, enquanto os dois exércitos menores, o do Ohio (major-general John M. Schofield) e do Tennessee (major-general James B. McPherson), eram usados em movimentos de flanqueamento, para envolver Johnston e derrotá-lo numa batalha ou obrigá-lo a se retirar e abrir caminho para a invasão da Geórgia pelos Federais.⁴⁶⁷ Paralelamente, devemos nos lembrar, Grant queria que Sherman também atacasse a economia daquele estado separatista, como lhe havia deixado claro em correspondência de 4 de abril de 1864: “A você, eu proponho mover-se contra o exército de Johnston, destruí-lo e colocar-se no interior do território inimigo o mais distante que você puder, infligindo todo dano que você conseguir contra seus recursos de guerra.”⁴⁶⁸

Para Sherman a logística era a chave da vitória. Por isso, pensando nas linhas ferroviárias que supriam seus exércitos na campanha vindoura, entre o final de 1863 e janeiro de 1864, os soldados e engenheiros da União no oeste repararam 102 milhas de trilhos ferroviários e reconstruíram 182 pontes no Kentucky, no Tennessee e em áreas do Alabama sob controle federal⁴⁶⁹. Outras questões logísticas que afligiam Sherman eram acumulação de suprimentos (comida, forragem para animais, calçados, roupas, medicamentos, armas e munições) em seus grandes depósitos em Nashville e em Chattanooga, ambos no Tennessee, e o transporte destes suprimentos para suas tropas ao longa da linha de marcha destas. A primeira questão não era tão séria, porque o governo Federal serviu-se de ferrovias e

⁴⁶⁶ HESS, Early J. **In the Trenches of Petersburg**: field fortifications and confederate defeat. Chapel Hill and London: The University of North Carolina Press, 2009, p. 17.

⁴⁶⁷ HATTAWAY, Herman. JONES, Archer. Op. cit., p. 550.

⁴⁶⁸ GRANT, Ulysses Simpson. Op. cit. p. 376.

⁴⁶⁹ McMURRY, Richard M. Op. cit. p. 28.

navegação a vapor para prover seus soldados, durante todo o inverno de 1863-1864 e a primavera de 1864, em Nashville, com todos os suprimentos necessários. A segunda questão era mais difícil de resolver, pois os três exércitos Federais da Divisão Militar do Mississippi não poderiam contar com a navegação a vapor ao sul de Chattanooga, dado que os rios locais não são navegáveis ou correm para o Golfo do México e, portanto, para longe do cenário da ação. Não obstante, os Federais poderiam se servir de três grandes ferrovias locais (*Memphis and Charleston*, *Nashville and Chattanooga* e *Western and Atlantic*) para deslocar suprimentos até o *front*. As ferrovias *Memphis and Charleston* e *Nashville and Chattanooga* eram empresas privadas, como todas as outras nas duas seções em luta, e, assim sendo, o governo federal precisava intervir nelas para garantir a primazia do tráfego militar, sendo esta uma das funções do tenente-coronel Adna Anderson, chefe do departamento de transporte da *United States Military Railroads*.

Como Sherman, o comandante confederado no oeste, Joseph E. Johnston, também reconhecia a importância da logística para a bem sucedida condução das operações militares, pois entre 1860 e 1861, havia atuado como quartel-mestre general do Exército dos Estados Unidos. Ao assumir seu novo comando em Dalton, na Georgia, Johnston buscou aliviar a pressão sobre os animais (cavalaria, artilharia e transportes) de seu exército, enviando cerca de metade a 2/3 deles para áreas mais ao sul, no vale do rio Etowah, onde podiam encontrar abundância de pastagens no inverno de 1863-64. Quando a campanha começasse, porém, Johnston, atuando em terreno habitado por população confederada não precisaria se preocupar com guerrilhas agindo em sua retaguarda. Os trilhos da *Western and Atlantica* o conectavam à Atlanta e as ferrovias ao sul desta cidade, por sua vez, o ligavam a importantes centros manufatureiros e agrícolas do extremo sul, de onde podia extrair suprimentos. Por outro lado, a “sua” parte da ferrovia *Western and Atlantica* carecia de material rolante (locomotivas e vagões), como todo o restante da Confederação⁴⁷⁰. A luta na Georgia, portanto, estaria condicionada por questões logísticas e limitada, por enquanto, ao espaço geográfico em volta dos trilhos da *Western and Atlantica*. Logo, se os dois oponentes pudessem manter intactas suas linhas, conseqüentemente, sua logística não sofreria.

Destacando-se de seus colegas e inimigos, Sherman não mais concebia a ideia de que uma batalha decisiva conduziria à vitória final. Em janeiro de 1864 chegaria a dizer que: “Onde quer que um resultado possa ser alcançado sem batalha, eu prefiro.”⁴⁷¹ Na perspectiva

⁴⁷⁰ Idem, *ibidem*, pp. 31-32.

⁴⁷¹ Apud. McMURRY, Richard M. *Op. cit.*, p. 50.

de Liddell Hart, Sherman se tornaria um dos mais brilhantes praticantes da “guerra indireta”, ou seja, a guerra que não visa a destruição direta das forças inimigas, mas sim a guerra contra os recursos psicológicos, econômicos e de transportes do adversário. Para Sherman, “era mais eficiente travar uma guerra contra uma sociedade inimiga — seu moral, sua economia e sistema de transporte.”⁴⁷²

Joseph E. Johnston optou por uma estratégia e uma tática absolutamente defensivas. Carecendo de homens, equipamentos, transportes e víveres, além dos mais básicos armamento e fundamento. Johnston não se sentia a vontade para escolher outra opção que não fosse a defensiva estratégica e tática. Carência e improviso eram os dois maiores limitadores das opções de Johnston. Em correspondência ao coronel Browne, ajudante de campo do presidente Davis, explicou que

Temos uns poucos homens desarmados em cada brigada: cerca de metade estão sem baionetas. Muitos descalços: o número cresce rapidamente. Treze mil e trezentos pares de calçados são agora necessários para a infantaria e a artilharia. [...] São necessários cerca de 400 cavalos para a artilharia. Devo obter uns poucos desmontando os ordenanças. [...] Há 112 peças, 64 das quais estão presentes com parselhas incapazes de manobrá-las no campo de batalha. [...] tomando cerca de 300 carroças de bagagens das tropas tempos, por trem de suprimento, 600 carroças. Muitas de suas mulas exigem repouso e alimentos para torná-las aptas para uma campanha.⁴⁷³

As carências no Exército Confederado do Tennessee eram de tal ordem que os poucos treinos de tiro ao alvo que existiam tiveram que ser regulados por meio de uma Circular datada de 16 de fevereiro de 1864, de forma a garantir a recuperação do chumbo consumido nos exercícios: “Comandantes de corpos usarão de todos os esforços para garantir o chumbo gasto no tiro ao alvo. Colocando os alvos contra um aterro, quase todo o chumbo pode ser recuperado. O chumbo, assim coletado será enviado ao arsenal de Atlanta.”⁴⁷⁴

Assim, Johnston buscou respaldar suas opções estratégicas e táticas em suas deficiências. Pensando em poupar seu pequeno e debilitado exército, escolheu posicioná-lo por trás de sólidos entrincheiramentos, na esperança de que Sherman se lançasse contra eles e desperdiçasse sua vantagem numérica. Sherman, que estava determinado a se manter na ofensiva, entretanto, não faria a vontade de Johnston. Em vez disso, Sherman escolheu circundar os flancos de Johnston, toda vez que o encontrasse em suas trincheiras, e ameaçar

⁴⁷² Idem, *ibidem*, p. 50

⁴⁷³ Official Records, Series 1, Vol. XXXII, Part. 2, p. 697.

⁴⁷⁴ Idem, *ibidem*, p. 751.

suas linhas de comunicações e abastecimento em sua retaguarda, de forma a se aproximar cada vez mais de Atlanta. A esperança de Johnston era que os Federais cometessem algum erro, em suas ações, que lhe permitisse um golpe fatal

As tropas do general Sherman [...] haviam recebido um treinamento mais longo na guerra [...]. Não se supunha que tais tropas, sob (o comando) de um líder sagaz e resoluto e cobertas por entrincheiramentos, fossem vencidas por números enormemente inferiores. Eu, portanto, pensei que nossa política (estratégica) era permanecer na defensiva, poupar o sangue de nossos soldados e combater sob cobertura habitualmente, e atacar apenas quando a má posição ou a divisão das forças do inimigo pudessem nos dar vantagens que contrabalançassem a dos seus números superiores. Então, mantivemos cada posição ocupada, até que nossas comunicações fossem fortemente ameaçadas [...].⁴⁷⁵

Do que se pode ver, a guerra de trincheiras no oeste, como no leste, não nasceu no uso do rifle e de suas supostas vantagens de alcance dilatado e maior precisão mas, isto si, do constante contato e do emprego da manobra de flanqueamento, que os confederados pensavam que só poderia ser obstada por novas posições entrincheiradas.

4.4.1 Começa a Campanha

Três dias depois de Grant iniciar a sua campanha no leste, Sherman começou seu avanço contra os confederados em Dalton. No dia 8 de maio, Sherman atacou fracamente as posições confederadas com os exércitos do Cumberland e de Ohio, apenas para prender a atenção de Johnston. O verdadeiro alvo era a localidade de Resaca, onde Sherman e seus generais esperavam cortar a linha da Ferrovia *Western and Atlantic* que sustentava o exército confederado em Dalton. Para tanto, enviara o Exército (Federal) do Tennessee, sob comando do major-general James McPherson, com toda sua infantaria e artilharia, mas totalmente desprovido de cavalaria, fato que retardou sua progressão. Johnston foi, todavia, suficientemente assustado e ordenou a retirada de seu exército, em 12 de maio, para Resaca.⁴⁷⁶ Já nesta primeira manobra Sherman estabelecera um padrão que se repetiria até a queda de Atlanta, apenas usaria ataques de pequeno porte para prender a atenção do inimigo enquanto buscava flanqueá-lo para fora de sua posição, fato que se repetiu entre os dias 13 e 15 de maio em Resaca, com Johnston recuando novamente para as pontes sobre o rio Etowah, de onde poderia continuar recuando para o sul se fosse necessário.

⁴⁷⁵ JOHNSTON, Joseph Eggleston. Op. cit., p. 318.

⁴⁷⁶ McMURRY, Richard M. Op. cit., pp. 65-68.

Ao promover este último recuo, Johnston abandonou um importante centro industrial de Rome, na Georgia setentrional. Com a perda desta localidade, os confederados perderam uma conexão ferroviária com o vizinho estado confederado do Alabama (só restando a Ferrovia *Atlanta and East Point*, próximo de Atlanta, para manter o contato ferroviário com o extremo oeste da Confederação), manufaturas, depósitos (de armas, munições, víveres, suprimentos hospitalares e algodão).⁴⁷⁷

Retirando-se para o sul do rio Etoah, os confederados organizaram um conjunto de linhas entrincheiradas de defesa no passo Allatoona, que compreendia as localidades de New Hope Church, Dallas e Pickett's Mill que, por sua vez, protegiam a cidade e importante centro ferroviário de Allatoona, e ficaram conhecidas, por conta da ferocidade dos combates aí travados entre 25 de maio e 1 de junho, como o “buraco do inferno”. O major-general Oliver Howard, comandante do IV Corpo Federal (Exército do Cumberland), nos deixou a seguinte impressão sobre as condições de combate neste local

[...] o inimigo está fortalecendo suas barricadas entrincheiradas, que estão tão cobertas por matas que, a princípio, dificilmente podíamos detectá-las [...]. Nenhum regimento ficava mais na frente do exército de Johnston sem ter virtualmente um tão bom parapeito quanto um engenheiro pudesse planejar. Havia uma vala diante de um terraplano e um consistente revestimento de madeira atrás dele e um pesado “tronco alto” para proteger as cabeças dos soldados. Eu soube de um regimento que se abrigou completamente contra a mosquetaria e a artilharia, com machados e pás, em menos de uma hora depois de chegar em sua posição.⁴⁷⁸

Logo em sequência, seu relato nos mostra a reação dos soldados federais que “assaltavam” estas posições. Uma atitude totalmente diferente daquela vista nos ataques federais no leste, contra Lee

A divisão de Baird, num terreno comparativamente aberto avançou uma pesada linha de escaramuçadores, que deu sequência a um tão rápido fogo de rifles de forma que manteve uma linha hostil correspondente por trás de trincheiras bem construídas, enquanto picaretas e pás atrás dos escaramuçadores agiam, até que um bom conjunto de fortificações era construído quatrocentas jardas distante do inimigo e paralelo ao dele.⁴⁷⁹

Diferentemente do que acontecia na Virgínia, na Georgia não só os confederados utilizavam-se de trincheiras para sua proteção quanto os federais as usavam para se aproximar

⁴⁷⁷ Idem, ibidem, pp. 78-79.

⁴⁷⁸ BUELL, C. C. JOHNSON, Robert. U. Op. cit. Vol IV, p. 307.

⁴⁷⁹ Idem, ibidem, p. 309.

do inimigo e assaltá-lo. Os soldados que lutavam nestas condições tinham pouco mais do que os olhos expostos, passando a ter chance maior tanto de aproximação quanto proteção.⁴⁸⁰

Percebendo, então, que Sherman não comprometeria seus grandes efetivos em ataques frontais em massa, Johnston, na última semana de maio, decidiu-se por uma mudança nos rumos de sua estratégia. Começou a pensar que a melhor alternativa para derrotar a Divisão Militar do Mississippi era atacar os trilhos da ferrovia *Western and Atlantic* entre Chattanooga e o rio Etowah. Para isso, não podia contar com seus próprios efetivos reduzidos e solicitou que o comandante confederado no Mississippi, major-general Stephen D. Lee, enviasse toda sua cavalaria, sob comando do general Nathan B. Forrest (que no pós guerra seria um dos fundadores da Ku-Klux-Klan), para executar tal missão

Mal posso duvidar que cinco mil cavaleiros, dirigidos pela sagacidade, coragem e iniciativa de Forrest, contra as comunicações ferroviárias federais, teriam sido, pelo menos, até agora, bem sucedidos em evitar que tanta comida quanto a absolutamente necessário para a sua subsistência, de chegar ao exército federal. Tal resultado teria compelido o general Sherman ao desesperado recurso de uma batalha decisiva em nossos termos, o que envolvia atacar excelentes tropas entrincheiradas ou abandonar seu empreendimento. No primeiro caso, as chances da batalha estariam enormemente em nosso favor. No segundo, uma derrota do exército federal dificilmente poderia ter sido evitada.⁴⁸¹

As forças confederadas no Mississippi, contudo, estavam ocupadas demais com seus próprios problemas para conter várias investidas federais, e a cavalaria do Exército Confederado do Tennessee, com 2.419 homens montados e prontos, sob comando do general Joseph Wheeler, eram insuficientes para tanto. Como nada foi feito, Johnston decidiu retirar-se do passo Allatoona e do “buraco do inferno”, retrocedendo para uma nova linha defensiva na área da montanha Kennesaw.⁴⁸²

Entre Allatoona e o rio Chattahoochee, cerca de 15 milhas ao norte de Atlanta, o terreno era mais acidentado, contando com muitas elevações e, como os cortes de linhas telegráficas eram uma constante, federais e confederados puderam fazer uso de estações de sinalização visual para sustentar suas comunicações. Os confederados, mais uma vez, recuaram para extensas linhas fortificadas com entrincheiramentos mas, desta vez, elas ocupavam as elevações dominantes na paisagem local. Em tais circunstâncias, tanto a linha da *Western and Atlantic*, utilizada por Sherman, quanto o novo depósito federal de suprimentos,

⁴⁸⁰ HAUGHTON, Andrew. **Training, Tactics and Leadership in the Confederate Army of Tennessee**. New York: Routledge, 2007, p. 158.

⁴⁸¹ JOHNSTON, Joseph Eggleston. Op. cit., p. 362.

⁴⁸² McMURRY, Richard M. Op. cit., p. 99.

em Allatoona, ficavam expostos à observação de oficiais e soldados sinaleiros de Johnston que, entretanto, manteve uma postura baseada na defesa passiva. A situação, entretanto, era tal que apenas flanquear a posição dos confederados na montanha Kennesaw deixaria a linha ferroviária de Sherman e a cidade de Allatoona, agora com depósitos federais de suprimentos, expostas a um eventual ataque inimigo. Sherman, portanto, se viu obrigado a assaltar as trincheiras confederadas em Kennesaw. Em 23 de junho de 1864, Sherman telegrafou ao general Halleck, chefe do estado-maior em Washington, que:

Continuamos a pressionar adiante no princípio de que avançamos contra posições fortificadas. Todo o terreno é um vasto forte, e Johnston deve ter, pelo menos, cinquenta milhas de trincheiras conectadas, com abatises e baterias finalizados.⁴⁸³

No assalto do dia 27 de junho, todas as forças federais foram batidas diante das trincheiras confederadas. Enquanto as perdas de Sherman chegavam a 1.999 homens mortos ou feridos, as de Johnstons chegavam a 442. Não obstante se considere a batalha da montanha Kennesaw como uma derrota tática da União, ela também foi uma vitória estratégica dos Federais, pois Johnston, temendo não poder resistir a um novo assalto e não detectando a presença das tropas do Exército de Ohio (do major-general Schofield), que não participaram da ação, acreditando que estas já o flanqueavam, retirou-se de Kennesaw e constituiu uma nova linha defensiva no norte do rio Chattahooche, com o rio às suas costas. Kennesaw seria o único grande ataque frontal de Sherman em toda esta campanha e, pelos padrões da luta na Virgínia, foi um engajamento pequeno.⁴⁸⁴

Para enfrentar a linha defensiva dos confederados no Chattahooche, que ficaria conhecida como “*linha Shoup*”, em referência ao chefe-engenheiro do Exército Confederado do Tennessee, Francis A. Shoup, Sherman faria mais do mesmo. Seu plano era fixar Johnston em suas trincheiras com as tropas do Exército do Cumberland, fazer demonstrações com as forças do Exército do Tennessee (Federal) rio abaixo, na esquerda de Johnston, e enviar o Exército do Ohio para atravessar rio acima, na direita dos confederados, perto da cidade de Roswell. O plano funcionou perfeitamente, levando Johnston a recuar para o sul daquele rio e, finalmente, para Atlanta.

Em suas memórias, Sherman explicou o que a campanha havia sido entre Dalton e o Chattahooche, ou, entre maio e julho de 1864

⁴⁸³ SHERMAN, William Tecumseh. **Memoirs of General W. T. Sherman**. New York: The Library of America, 1990, p. 530.

⁴⁸⁴ HAUGHTON, Andrew. Op. cit., p. 158.

HATTAWAY, Herman. JONES, Archer. Op. cit., pp. 596-597.

O inimigo e nós usamos as mesmas formas de trincheiras, variando de acordo com a natureza do terreno, a saber: as árvores e as matas eram derrubadas por cem jardas [...] em frente, servindo como abatizes [...]; os parapeitos variavam de quatro a seis pés de altura [...] e estes eram encimados por um ‘tronco para proteger cabeças’, composto pelo tronco de uma árvore de doze a vinte polegadas [...], deitado ao longo da crista interior do parapeito e repousando em encaixes cortados em outros troncos que se estendiam para trás, formando um plano inclinado [...]. Os soldados dos dois exércitos tornaram-se extremamente habilidosos na construção destas fortificações, porque cada homem percebia seu valor e importância para si, de forma que não eram necessárias ordens para sua construção. Tão logo um regimento ou brigada ganhava uma posição dentro de uma fácil distância para uma investida, eles se colocavam no trabalho e construía um tal parapeito numa noite apenas; mas eu empreendi poupar os soldados deste duro trabalho ao autorizar que cada comandante de divisão organizasse os libertos que escapavam para nós como um corpo de pioneiros de duzentos homens, que eram alimentados com os suprimentos regulares do exército e lhes prometi dez dólares por mês [...]. Estes destacamentos de pioneiros tornaram-se muito úteis durante o resto da guerra, porque podiam trabalhar a noite enquanto nossos homens dormiam; como não se esperava que lutassem, podiam dormir de dia. Nossos inimigos usavam seus escravos para propósito similar, mas usualmente os mantinham fora do alcance do fogo ao empregá-los na fortificação e reforço da posição na retaguarda, próxima a ser ocupada em seu retrocesso geral. Durante esta campanha, centenas, se não, milhares de milhas de entrincheiramentos foram construídos pelos dois exércitos e, como uma regra, qualquer lado que atacasse levava a pior.⁴⁸⁵

Com a real iminência de uma investida federal contra Atlanta, o presidente confederado, Jefferson Davis, removeu Johnston do comando e o entregou a John Bell Hood. A grande retirada de Dalton ao Chattahoochee deixou o governo em Richmond desesperado, pois o norte da Geórgia não era importante apenas pelas poucas cidades com manufaturas que produziam materiais de guerra mas, também, porque era área de trânsito de tropas e animais do Mississippi e Alabama para o leste. Como Johnston não havia dado sinais claros de que faria tudo para defender Atlanta, cogitando mesmo abandoná-la, a substituição por alguém mais combativo tornou-se óbvia. Para os federais isso sinalizava a intenção confederada de uma mudança de estratégia, significava que haveria mais iniciativa com Hood. Sherman convocou o major-general Schofiel, comandante do Exército de Ohio, que havia sido colega de classe de Hood na Academia Militar de West Point, para questioná-lo sobre o que podia esperar de Hood “e descobri que ele era ousado ao ponto da temeridade e corajoso ao extremo; inferi que a mudança de comandantes significava “luta” [...] Isto era exatamente o que queríamos, ou seja, lutar em terreno aberto [...] em vez de sermos forçados a correr para cima de entrincheiramentos preparados”⁴⁸⁶

⁴⁸⁵ SHERMAN, William Tecumseh. Op. cit. pp. 525-526.

⁴⁸⁶ Idem, ibidem, pp. 543-544.

Em 20 de outubro, no seu relatório ao governo confederado, entretanto, Johnston se atribuiu o plano de, finalmente, tomar a iniciativa contra os federais enquanto se aproximavam de Atlanta

Ao transferir o comando para o general Hood eu lhe expliquei meus planos: em primeiro lugar, atacar o exército federal durante sua travessia do riacho Peach Tree [...]. Em segundo lugar, se não houvesse sucesso, afastar o inimigo por meio de entrancheamentos, para dar tempo para a reunião de tropas estaduais prometidas pelo governador Brown; para garantir Atlanta com estas tropas e quando o exército federal se aproximasse da cidade, atacá-lo em seu flanco mais exposto com todas as tropas confederadas.⁴⁸⁷

Se Johnston realmente tomaria a iniciativa nunca saberemos. O fato é que Hood o fez e, ao fazê-lo, praticamente acabou com o seu exército ao realizar o jogo que os federais esperavam que ele fizesse, atacando-os em campo aberto, com inferioridade numérica, em três ocasiões: no riacho Peach Tree (20 de julho), na batalha de Atlanta (22 de julho) e em Ezra Church (28 de julho). O próprio tenente-general Ulysses Grant defendeu as escolhas de Johnston:

De minha parte, penso que as táticas de Johnston estavam corretas. Qualquer coisa que prolongasse a guerra um ano além do tempo em que ela se findou, provavelmente teria exaurido o norte numa tal extensão que ele poderia ter abandonado a luta e concordado com sua separação.⁴⁸⁸

De 20 a 28 de julho de 1864, Hood “bateu a cabeça” de seu exército contra as numericamente superiores forças federais em uma série de batalhas ao redor de Atlanta. Hood perderia 15.000 soldados, que o governo e a sociedade sulistas não conseguiriam repor. Hood fez a única coisa que lhe restava fazer então, evacuou Atlanta entregando-a aos federais, em 1º de setembro. O historiador Donald Stoker considera que

A queda de Atlanta danificou as comunicações ferroviárias e logísticas confederadas, embora não mortalmente. As implicações estratégicas importavam mais. Sherman trouxe para a causa da União um triunfo que ela precisava desesperadamente, um que animou a União e assegurou a reeleição de Lincoln. [...] Ele havia penetrado no território inimigo e, ao tomar Atlanta, havia destruído boa parte da capacidade sulista de travar guerra, mas muitos recursos confederados permaneciam intocados. Sherman logo faria melhor [...]⁴⁸⁹

⁴⁸⁷ Official Records, Series 1, Vol. XXXVIII, Part 3, p. 618.

⁴⁸⁸ GRANT, Ulysses Simpson. Op. cit., p. 395.

⁴⁸⁹ STOKER, Donald. Op. cit., p. 378.

O plano de Hood para tentar retirar Sherman de Atlanta se revelaria um desastre para as armas confederadas. Ele rumaria, com os restos esfarrapados de seu desmoralizado exército, para o norte da Geórgia e o Tennessee, na esperança de atrair Sherman para fora do território sulista. As tropas que Sherman deixara no Tennessee eram, contudo, mais numerosas e muito melhor equipadas, alimentadas e estavam mais descansadas do que as de Hood. Dessa forma, Sherman estaria livre para dirigir-se para onde quisesse e causar o estrago que bem entendesse. Antes disso, porém, decidiu destruir todas as instalações que se prestassem a usos militares em Atlanta.

4.4.2 Destruição de Atlanta

Aqui se deu um dos mais polêmicos debates morais da Guerra de Secessão ao tornar a sociedade civil alvo estratégico militar. Até que ponto era correto causar danos e sofrimento extremos à população civil? Sherman decidiu retirar todos os civis de Atlanta já em 4 de setembro. Nesta data ele escreveu ao chefe do estado-maior Federal em Washington, general Henry W. Halleck que: “Se o povo levantar um lamento contra minha barbaridade e minha crueldade, eu responderei que guerra é guerra, e não busca de popularidade. Se eles querem paz, eles e seus parentes precisam parar a guerra.”⁴⁹⁰

O prefeito de Atlanta, James C. Calhoun, escreveu-lhe uma carta pedindo clemência pela população e para que não a expulsasse, usando o argumento de que ela se constituía, principalmente, em mulheres, idosos e crianças, desprovidos do amparo dos homens adultos que se encontravam no exército confederado, prisioneiros ou já mortos.⁴⁹¹ Ao que Sherman respondeu, em 12 de setembro de 1864, pragmática e impiedosamente

Precisamos ter paz, não somente em Atlanta, mas em toda a América. [...] Para parar a guerra precisamos derrotar os exércitos rebeldes. [...] Para derrotar estes exércitos, nós precisamos preparar o caminho para alcançá-los em seus recessos, providos com armas e instrumentos que nos capacitarão a cumprir nosso propósito. [...] O uso de Atlanta para propósitos bélicos é inconsistente com seu caráter como lar de famílias. Não haverá manufaturas, comércio ou agricultura aqui para a manutenção de famílias e, cedo ou tarde, a carência compelirá os habitantes a partir.

Terminando por ameaçar em termos muito duros:

⁴⁹⁰ SHERMAN, William Tecumseh. Op. cit. pp. 585.

⁴⁹¹ Idem, ibidem, p. 599.

Vocês não podem qualificar a guerra em termos mais severos do que eu consigo. Guerra é crueldade e vocês não podem refiná-la; e aqueles que trouxeram a guerra ao nosso país merecem todas as desgraças e maldições que um povo possa jogar sobre eles.⁴⁹²

Assim, a partir de outubro de 1864, os engenheiros e tropas do exército de Sherman, começaram a sistemática destruição das instalações militares e civis, desde que se prestassem a usos militares (casos do parque ferroviário e das fábricas locais), de Atlanta.

4.5 A Marcha para o Mar

A campanha que Sherman colocaria em ação a partir de novembro de 1864 tinha por objetivo devastar a economia da Geórgia e, indiretamente atingir a capacidade dos exércitos confederados de prosseguir na luta. Ela seria marcada pela sistemática destruição de linhas ferroviárias georgianas e o deliberado consumo de toda a produção agrícola de uma faixa de 425 milhas de marcha entre Atlanta, na Georgia, e Goldsboro, na Carolina do Norte, em 23 de março de 1865. Tal manobra ficaria conhecida como “Marcha para o Mar” e pelas Cardinas e para muitos estudiosos da Guerra Civil Americana se trata da primeira manifestação de “guerra moderna” da história.⁴⁹³

Para esta campanha, Sherman reuniu uma força de 62.204 soldados (sendo 55.329 de infantaria, 5.063 de cavalaria e 1.812 de artilharia), divididos em dois exércitos: constituindo a ala direita do avanço, estaria o Exército do Tennessee, sob comando do major-general Oliver O. Howard, e a ala esquerda seria formada pelo Exército da Georgia, dirigido pelo major-general Henry W. Slocum. Ambos seriam constituídos por dois corpos de infantaria, sendo que a cavalaria, sob comando do general-de-brigada Judson Kilpatrick, receberia ordens diretamente de Sherman. Sua logística seria mais limitada do que na campanha para tomar Atlanta, contando com 2.500 carroças e 600 ambulâncias. A artilharia ficaria restrita a 65 canhões. As carroças só poderiam carregar munições e suprimentos alimentares, todas as outras bagagens seriam enviadas para Chattanooga (no Tennessee).

⁴⁹² Idem, ibidem, p. 600-601.

⁴⁹³ REID, Brian Holden. Op. cit., pp. 168-171.

Além disso, houve uma rigorosa seleção sanitária dos soldados que participariam da campanha, sendo escolhidos apenas os absolutamente saudáveis para tanto.⁴⁹⁴

Na primeira fase da campanha, a marcha se direcionaria para Savannah, cidade do litoral atlântico da Geórgia, onde Sherman poderia se conectar à marinha Federal, recebendo suprimentos e reforços de tropas. Até que lá chegassem, entretanto, segundo o artigo 4 da Ordem Especial nº 120, o exército “saqueará livremente sobre o território durante a marcha.”⁴⁹⁵ Embora o saque previsto por Sherman devesse ficar restrito às equipes de saque comandadas por oficiais responsáveis, houve uma explosão de “bummers” (vagabundos) que saqueavam à vontade e abusaram de violências contra os civis, como testemunhou o próprio Sherman quando um de seus soldados, nos primeiros dias da marcha, passou por ele

[...] com uma galinha [amarrada] em seu mosquete, um jarro de melado de sorgo debaixo do braço e um grande pedaço de favo de mel na mão [...] e, chamando minha atenção, ele comentou *sotto voce* e descuidadamente com um camarada, “saquear livremente sobre o território”, citando minha ordem geral.⁴⁹⁶

Antes mesmo que a campanha de Atlanta começasse, Sherman já conhecia as localizações, quantidades e tipos de lavouras e criações de animais dos estados da Geórgia graças à coleta e leitura de censos e registros de impostos destes estados anteriores a 1860. Na preparação da campanha da marcha para o mar “calculou a quantidade e o valor das lavouras e rebanhos através de estado, de forma que ele sabia os tipos e quantidades de comida e ração que seu exército encontraria em rota para o oceano.”⁴⁹⁷

A devastação da agricultura nas Carolinas foi de tal ordem que, por exemplo, na Carolina do Sul as tropas federais arruinaram uma área de 50 milhas de largura, que ficou tão privada de alimentos que um prisioneiro confederado disse que “um corvo não poderia voar através dela sem carregar uma mochila”.⁴⁹⁸ O alvo preferencial do exército federal na Geórgia e nas Carolinas do Sul e do Norte, contudo, seria a rede ferroviária local. As tropas sob direção de Sherman se tornariam especialistas em destruição ferroviária, arrasando 317 milhas

⁴⁹⁴ SHERMAN, William Tecumseh. Op. cit. pp. 653-654.

⁴⁹⁵ Idem, ibidem, p. 652.

⁴⁹⁶ Idem, ibidem, p. 658.

⁴⁹⁷ GLATTAHAAR, Joseph T. *Partners in Command: the relationships between leaders in the Civil War*. New York: Free Press, 1994, p. 157

SCHULTEN, Susan. Sherman's Maps. *The New York Times*. November 20, 2014. Disponível em: http://opinionator.blogs.nytimes.com/2014/11/20/shermans-maps/?_r=0.

⁴⁹⁸ GLATTAHAAR, Joseph T. *The March to the Sea and Beyond: Sherman's troops in the Savannah and Carolinas Campaigns*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1995, p. 119.

de trilhos na Georgia e 126 milhas nas Carolinas.⁴⁹⁹ Um dos oficiais do estado-maior de Sherman registrou a destruição de linhas ferroviárias em seu diário

O método de destruição é simples, mas muito eficiente. Dois instrumentos engenhosos foram criados para este propósito. Um deles é uma braçadeira, que abraça o trilho. Ela tem um anel na parte superior, onde é inserida uma grande alavanca, e o trilho é assim arrancado dos dormentes. [...] são, então, empilhados e incendiados, os trilhos tostam nas chamas até que se curvem sobre seu próprio peso. Quando suficientemente aquecidos, cada trilho é levantado por chaves em duas extremidades e, girando-as em direções opostas, ele é torcido de tal forma que uma máquina laminadora não possa deixá-lo reto novamente.⁵⁰⁰

Quando Sherman completou sua “marcha para o mar e pelas Carolinas” a devastação da economia e dos transportes, tanto quanto o pânico causado entre os civis era de tal ordem que a depressão e a descrença na causa separatista se espalhavam entre as tropas confederadas do próprio general Lee, então lutando na Virginia contra o Exército do Potomac (Federal). Isto acionou uma onda de deserções entre os soldados de Lee, desesperados com a situação de suas famílias na Georgia e nas Carolinas. O próprio general Lee reconheceu o efeito psicológico das operações de Sherman sobre seu exército, ao dizer para o secretário confederado da guerra, John C. Breckinridge, que

As deserções são principalmente de regimentos da Carolina do Norte [...] Parece que os homens estão muito influenciados pelos relatos de seus amigos em casa, que parecem ter se tornado muito desanimados quanto ao nosso sucesso. Eles pensam que nossa causa é desesperada e escrevem para os soldados [...] assegurando-lhes que se voltarem para casa os bandos de desertores superarão em números as guardas domésticas e não correrão perigo de ser presos.⁵⁰¹

Dessa forma, podemos concluir que as operações de Sherman, planejadas em parceria com Grant e por este respaldadas, foram decisivas para a vitória federal na Guerra Civil e para a preservação dos Estados Unidos. A marcha de Sherman é justamente considerada o “toque de finados” para os Estados Confederados da América, pois arrasou sua economia e deprimiu a vontade de resistir dos civis e militares sulistas.

⁴⁹⁹ Idem, ibidem, p. 137.

⁵⁰⁰ NICHOLS, George Ward. **The Story of the Great March**: from the diary of a staff officer. New York: Harper and Brothers Publishers, 1865, p. 69.

⁵⁰¹ DOWDEY, Clifford. Op. cit., p. 910.

4.6 Petersburg

Para quebrar o impasse em Cold Harbor, em junho de 1864, Grant decidiu mover todo seu exército através do rio James, estabelecendo um enorme depósito de suprimentos em City Point, que seria facilmente abastecido pela navegação a vapor na costa Atlântica e por ferrovia. Na operação de travessia, seria constituído o maior pontão militar da história das Américas, numa das mais complexas e rapidamente executadas operações logísticas do conflito de 1861-65:

Um pontão, com 2000 pés de comprimento, foi feito em dez horas, e sobre ele passaram um trem de carroças e artilharia de trinta e cinco milhas de extensão; mais de metade da infantaria do exército e 3500 cabeças de gado; junto com 4000 soldados de cavalaria; sendo tudo isso feito num espaço de quarenta e oito horas. Na vida civil [...] eles gastariam dois ou três meses para fazer os planos e reunir os materiais. Então, não menos do que um ano para construí-lo.⁵⁰²

O alvo dos federais era a cidade de Petersburg, ao sul da capital confederada. Esta cidade era um importante entroncamento ferroviário sulista, nela se conectavam ferrovias que vinham da Florida, passando pela Georgia e as Carolinas (do Sul e do Norte), e do extremo oeste, com origem no Mississippi e no Alabama. Tomá-la, portanto, garantiria que o exército de Lee não mais receberia suprimentos ou soldados daquelas regiões. De longe, Petersburg foi o cerco mais longo da Guerra Civil Americana, durando 292 dias, entre 5 de junho de 1864 e a rendição de Lee, em 3 de abril de 1865. Suas trincheiras totalizaram, ao final do cerco, 35 milhas de extensão, com defesas em profundidade (trincheiras de apoio por trás das trincheiras principais), represamentos de riachos para criar obstáculos alagados e um campo minado que se espalhava por 2.266 jardas diante das fortificações confederadas.⁵⁰³

A existência de tão vasto campo entrincheirado se devia, no entender de Hess, ao contato aproximado e constante entre os oponentes, não à presença do rifle

Contrário à interpretação predominante [...] o imenso aumento no uso de fortificações de campo [...] não se deu por meio da disseminada adoção do mosquete raiado. A insistência de Grant no contato contínuo, mantendo os Federais dentro da distância de ataque dos confederados por meses a fio, causou o aprofundamento da confiança nas [...] defesas de campo. Não é uma coincidência que o uso mais intenso

⁵⁰² AGASSIZ, George R. Op. cit., p. 159.

⁵⁰³ HESS, Early J. Op. cit. (2009), pp. 10-11.

HORN, John. **The Petersburg Campaign**: June 1864 - april 1865. New York: Da Capo Press, 1993, p. 250.

de fortificações de campo ocorresse durante as campanhas que testemunharam o emprego mais intenso do contato contínuo [...].⁵⁰⁴

Ao longo dos 292 dias de impasse ocorreram nove ofensivas federais, sendo que, na terceira ofensiva (30 de julho de 1864), os federais fizeram uso daquela que seria a maior mina com explosivos na história da humanidade até, pelo menos, 1914. A mina foi escavada por 103 soldados do 48º Regimento da Pennsylvania (todos eles experientes mineradores antes da guerra) e contava com 510,8 pés de extensão no corredor central. Ao ser detonada (04h44), a mina abriu uma cratera de 150 pés de comprimento por 60 de largura e 25 de profundidade e, ao contrário do que se esperava, não somente não provocou uma ruptura das linhas confederadas —devido à defesa em profundidade, haviam outras trincheiras por trás daquela que foi atingida pela explosão— como também prendeu as forças federais do IX Corpo de Exército que assaltaram o local, levando-as a uma derrota, com 3.798 baixas (1.100 prisioneiros) contra 1.500 baixas confederadas.⁵⁰⁵

Tal situação caracterizou, na verdade, toda a campanha de Petersburg onde, quando os federais obtinham alguma ruptura da linha de frente, os apoios na retaguarda estavam sempre presentes para bloquear qualquer penetração.

Em Petersburg, tão importantes quanto o canhão ou o rifle foram as ferramentas de construção como machados, picaretas, pás e teodolitos. Uma circular do 2º Corpo de Exército (Federal), por exemplo, determinou que cada divisão separasse “uma carroça carregada com ferramentas de entrincheiramento, consistindo em 150 pás, 150 machados e 50 picaretas.”⁵⁰⁶ Muitas outras encomendas de ferramentas e outros utensílios para trincheiras foram feitas ao Departamento de Engenharia do Exército, como 21.000 pás, em fevereiro de 1865.⁵⁰⁷ Nas linhas de frente, os oficiais comandantes de corpos, divisões e brigadas, constantemente requisitavam ferramentas, como no caso do comandante do 2º Corpo Federal, major-general Winfield Scott Hancock, que se queixou ao chefe de estado-maior do Exército do Potomac, general Andrew Humphreys, que se queixou ao chefe de estado-maior do Exército do Potomac, general Andrew Humphreys, que: “As únicas ferramentas fornecidas às minhas duas divisões [...] são 1.000 pás e 250 picaretas para cada divisão.”⁵⁰⁸ Poucas dias depois (15 de julho de 1864), Hancock recebeu 5.000 pás e 2.000 picaretas.⁵⁰⁹ Por fim, além da própria infantaria e, as vezes, até o pessoal da artilharia cavarem suas trincheiras, o Exército do

⁵⁰⁴ HESS, Early J. Op. cit (2009), p. XV.

⁵⁰⁵ HORN, John. Op. cit. pp. 109-119.

⁵⁰⁶ Official Records, Series 1, Vol. XL, Part III, p. 411.

⁵⁰⁷ HESS, Early J. Op. cit., p. 60.

⁵⁰⁸ Official Records, Series 1, Vol. XL, Part III, p. 231.

⁵⁰⁹ Idem, ibidem, p. 265.

Potomac estava dotado com tropas especiais para trabalhos de engenharia: O Batalhão de Engenheiros dos Estados Unidos, uma unidade do exército regular anterior à guerra; e os 15º e 50º Regimentos de Engenheiros de New York, unidades voluntárias criados para a guerra.⁵¹⁰

Se os números federais acima denotam uma cornucópia que só a economia nortista podia proporcionar, as deficiências confederadas ficam também evidentes neste quesito. Lee contava, apenas, com o 1º Regimento de Engenheiros Confederados e duas companhias do 2º Regimento, sendo que o restante deste e todo o 3º Regimento estavam espalhados pelo território sulista.⁵¹¹ Havia muita dificuldade em obter ferramentas de entrenchamento básicas. R. E. Foot, assistente do ajudante-general na divisão do general Bushrod Johnson, reclamou, em 1º de julho de 1864, que um certo coronel Faison estava reforçando sua trincheira “cuja conclusão está algo atrasada, entretanto, por escassez de ferramentas.”⁵¹² Poucos dias depois, na mesma divisão, o coronel G. W. Brent comunicou ao quartel-general da divisão que “o general Gracie relata nenhuma mudança da parte do inimigo em sua frente [...] Ele se queixa da escassez de ferramentas e requer que lhe sejam fornecidas adicionais pás e picaretas; ele também requer sacos de areia.”⁵¹³

Quando as tropas federais começaram a se aproximar de Petersburg notaram que as trincheiras confederadas estavam fracamente guardadas por forças milicianas estaduais da Virginia, não pelos veteranos de Lee, que se encontravam 25 milhas ao norte⁵¹⁴. O soldado Frank Eilkeson disse deles que “não tinham estômago para o combate, que eram uma milícia novata e indisciplinada. [...] Sessenta pés em frente às fortificações capturadas eu vi pinheiros que haviam sido atingidos por balas confederadas a trinta pés do chão. Isso conta, melhor do que palavras, a condição nervosa dos homens que pretendiam defender a linha”.⁵¹⁵ Mesmo assim, ainda antes da chegada de Lee, os federais não foram capazes de atravessar as defesas de Petersburg. Talvez a melhor explicação para tal situação tenha sido encontrada pelo tenente-coronel Theodore Lyman, quando escreveu: “Coloque um homem num buraco e uma boa bateria numa colina por trás dele e ele repelirá três vezes o seu número, mesmo se não for um soldado muito bom.”⁵¹⁶

⁵¹⁰ HESS, Early J. Op. cit., p. 02.

⁵¹¹ Idem, ibidem, p. 06.

⁵¹² Official Records, Series 1, Vol. XL, Part I, pp. 773

⁵¹³ Idem, ibidem, p. 779.

⁵¹⁴ BONEKEMPER III, Edward H. Op. cit., p. 189.

⁵¹⁵ WILKESON, Frank. Op. cit., p. 164.

⁵¹⁶ AGASSIZ, George R. Op. cit., p. 224.

A chegada do Exército do Norte da Virgínia reforçou ainda mais as defesas da cidade, tornando mais improvável que as trincheiras confederadas fossem conquistadas pelo assalto frontal como nos mostra o coronel Dawes

Ontem a tarde em outro assalto sem esperança aconteceu outro horrroso massacre de nosso corpo. Nossa brigada carregou por meia milha sobre terreno aberto, sob fogo de mosquetaria do inimigo. [...] Estamos agora enfiados em buracos [...] dos quais é quase morte certa levantar a cabeça [...] O general Cutler disse em seu relatório oficial: 'Nesta luta eu perdi, em mortos e feridos, cerca de 1/3 dos homens que estavam comigo [...]' Ele também disse que nenhum de seus soldados chegou mais perto do que 'setenta e cinco jardas das trincheiras inimigas'.⁵¹⁷

Sob tais condições, a luta em Petersburg ganhou feições, agora sim, de uma verdadeira guerra estática de posições. Com as trincheiras a pouca distância umas das outras, a 125 jardas na maior parte, os franco-atiradores (ou *sharpshooters*) passaram a ser, praticamente, os mais temidos e odiados dos combatentes. O general-de-brigada O. B. Willcox relatou o incêndio numa casa oposta à sua linha “da qual os sharpshooters rebeldes têm incomodado minhas linhas”⁵¹⁸. O major-general E.O.C. Ord relatou ao quartel-general do XVIII Corpo que: “o coronel Bell reporta treze baixas nesta manhã e sete outras desde então, provocadas pelos sharpshooters inimigos”⁵¹⁹. No IX Corpo Federal, o tenente-coronel L. Richmond escreveu, em 28 de julho de 1864, que na “frente da Primeira Divisão nada estranho ocorreu; houve menos fogo de artilharia durante a noite, mas foi relatado que os sharpshooters estão notavelmente ativos”⁵²⁰. Um memorando do chefe-engenheiro J. G. Barnard, de 2 de julho de 1864, diz que “por causa do calor e dos sharpshooters perdemos homens todos os dias.”⁵²¹

As perdas de homens, especialmente de oficiais, se avolumaram em tal ordem que o Departamento de Guerra baixou a Ordem Geral nº 286, de 22 de novembro de 1864, determinando que

Oficiais servindo em campo estão autorizados a dispensar divisas de ombros e as prescritas insígnias de patente no equipamento de seus cavalos. [...] também estão autorizados a vestir sobre casacos da mesma cor e formato dos soldados de seu comando. Nenhum ornamento será exigido nos sobrecasacos, chapéus e bonés; nem faixas [de cintura] ou ombreiras serão exigidas.⁵²²

⁵¹⁷ DAWES, Rufus. Op. cit., pp. 290-291.

⁵¹⁸ Official Records, Series 1, Vol. XL, Part III, p. 324.

⁵¹⁹ Idem, ibidem, p. 549.

⁵²⁰ Idem, ibidem, p. 566.

⁵²¹ Official Records, Series 1, Vol. XL, Part II, p. 584.

⁵²² Official Records, Series 1, Vol. XLV, Part I, p. 984.

Seu intuito, claramente, era evitar que os franco-atiradores reconhecessem os oficiais (geralmente, alvos prioritários) com facilidade em campo. Mas, esta não foi a única contramedida adotada pelos federais, eles também passariam a pagar os confederados na mesma moeda. Ellis Spear, comandante do 20º Regimento do Maine, selecionou destacamentos de dois homens por companhia e os dotou com rifles com miras telescópicas e lhes ordenou que “caçassem” os *sharpshooters* confederados em seu setor da linha de trincheiras.⁵²³

Com a estabilização da frente de batalha as comunicações e a obtenção de inteligência se tornaram tarefas mais fáceis para os dois lados. O excelente telégrafo militar federal funcionou ainda melhor, sendo que “o Segundo, [...] o Nono [...], o Quinto [...] Corpos de Exército do Exército do Potomac [...] para onde quer que fossem, estavam em comunicação telegráfica uns com os outros.”⁵²⁴

Comentando as peculiaridades da campanha de 1864-65, entre Wilderness e Petersburg, o tenente-general Ulysses Grant falou sobre a importância dos corpos de telegrafia e sinais (sinaleiros utilizavam-se de bandeirolas para a transmissão de mensagens, geralmente ficando posicionados em elevações no terreno) para seu exército. Sobre a telegrafia, especialmente, ele escreveu: “fios isolados [...] eram enrolados em bobinas” que, por sua vez, eram colocadas sobre uma sela de carga que

[...] era provida com um cavalete [...] colocado atravessado na sela e erguido de forma que a bobina, com seu fio, giraria livremente. Havia uma carroça, suprida com um operador de telégrafo, baterias e instrumentos telegráficos para cada divisão, corpo e exército e uma para meu quartel-general. Havia também carroças carregadas com postes leves [...] usadas para suspender os fios quando esticados, de forma que as carroças e a artilharia não corressem sobre eles. As mulas assim carregadas eram designadas para brigadas [...] Operadores também eram destinados a quartéis-generais [...] e nunca trocados [...]. No momento em que as tropas eram colocadas em posição para irem para um acampamento, todos os homens ligados a este ramo do serviço procediam a levantar seus fios. Uma mula carregada com uma bobina de fio seria levada até a retaguarda de um dos flancos da brigada a que pertencia e seria conduzida numa linha paralela a ela, enquanto um homem segurava a ponta do fio e o desenrolava conforme a mula ia à frente. Quando tivesse caminhado toda a extensão do fio, todo ele era deixada no chão. Isto era feito na retaguarda de todas as brigadas ao mesmo tempo. Os finais de todos os fios eram, então, reunidos, fazendo um fio único e contínuo na retaguarda de todo o exército. Os homens [...] começariam, todos juntos, a levantar os fios com seus postes telegráficos. [...] Enquanto isto era feito, as carroças telegráficas tomavam suas posições perto de onde seriam estabelecidos os quartéis-generais aos quais pertenciam, e seriam conectadas aos fios. Assim, uns poucos minutos mais do que o tempo que levava para uma mula caminhar a extensão do seu rolo, as comunicações telegráficas seriam efetuadas entre todos os quartéis-generais do exército.⁵²⁵

⁵²³ HESS, Early J. Op. cit. (2008), p. 190.

⁵²⁴ PLUM, William R. Op. cit. Vol. II, p. 259.

⁵²⁵ GRANT, Ulysses Simpson. Op. cit., pp. 420-421.

Sobre o corpo de sinaleiros

[...] eles iam à frente ou nos flancos e assumiam pontos elevados no terreno, dando uma visão dominante do mesmo [...] ou escalavam árvores elevadas nos pontos mais altos [...] e denotariam, pelos sinais, as posições de diferentes partes do nosso exército e, frequentemente os movimentos do inimigo. Eles também traduziam os sinais do inimigo e os transmitiam. [...] às vezes, davam informações úteis.⁵²⁶

Grant não conseguiu destruir o exército de Lee em Petersburg, mas pode estender suas próprias trincheiras de assédio de uma tal forma que Lee se viu na contingência de ser flanqueado. Somando-se a isso, a campanha de Sherman através da Geórgia, de Atlanta a Savannah, até o litoral atlântico e, daí, subindo pelas Carolinas (do Sul e do Norte), devastou as linhas ferroviárias ao sul de Petersburg, juntamente com a agricultura, as manufaturas, várias cidades (como Milledgeville, na Geórgia, e Columbus, na Carolina do Sul), de onde se originavam ou por onde circulavam os meios de subsistência do Exército do Norte da Virgínia, causando desespero e deserção entre os soldados de Lee.⁵²⁷

⁵²⁶ Idem, *ibidem*, p. 421.

⁵²⁷ HATTAWAY, Herman. *Why the South Lost the Civil War*. University of Georgia Press, 1991, p. 435.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fato consumado que o armamento raiado (tanto em armas portáteis quanto na artilharia) pode matar a distâncias realmente maiores, com mais poder de impacto, precisão e força de penetração do que as armas de alma-lisa; que o reconhecimento aéreo com balões de observação pode oferecer uma visão mais dilatada do campo de batalha; que minas terrestres impressionam e podem atordoar e retardar o avanço de um exército por um dado terreno; que as armas de repetição proporcionam uma cadência de tiro nunca antes vista antes delas; que trincheiras são difíceis de assaltar e conquistar, assim como outras modalidades de fortificações de campo; que o telégrafo conecta diferentes quartéis-generais entre si em campo e com o governo na retaguarda, acelerando as comunicações, e; que as ferrovias e navegação a vapor são capazes de transportar homens e animais numa velocidade nunca antes experimentada e a distancias gigantescas, além de mantê-los supridos por longos períodos, fazendo com que chegassem descansados e prontos para a ação. A questão, todavia, é saber reconhecer que todas estas vantagens tinham fatores limitadores ao seu uso mais eficiente sendo mesmo, muitas vezes, empregadas de forma limitada ou ainda, descartadas por seus usuários (caso dos balões, cuja operação foi cancelada em maio de 1863).

Todas estas tecnologias estavam presentes na Guerra Civil e, para a maioria dos historiadores, além do público leigo em geral (que costumeiramente conhece este conflito a partir da educação recebida em escolas normais de ensino fundamental e médio, de material disponível na internet, de filmes e documentários), teria sido decidida pela tecnologia e, essencialmente, pelos recursos econômicos superiores do norte e, portanto, pela capacidade de colocar em campo de batalha mais meios tecnológicos superiores aos do inimigo. Consagrados historiadores e outros estudiosos da guerra concluíram, a nosso ver equivocadamente, que as guerras, desde o século XIX, passaram a ser vencidas por mais homens e mais e melhores armas. Eric J. Hobsbawm está entre os que se deixaram seduzir por esta perspectiva. Em *A Era Dos Extremos*, ele afirma que

Com os Estados modernos munidos de arsenais cada vez mais cheios de uma tecnologia da morte tremendamente superior, mesmo seus adversários mais

formidáveis só podiam esperar, na melhor das hipóteses, um adiamento da retirada inevitável.⁵²⁸

Um fenômeno semelhante se dá com os defensores das Revoluções em Assuntos Militares, tanto as do século XIX quanto as dos séculos XX e XXI. Andrew Krepinevich, maior e mais antigo advogado desta teoria nos meios militares dos Estados Unidos, desde os anos 1990, elenca cinco elementos que somados, são necessários para que se dê uma mudança militar radical na forma de se fazer a guerra: transformação tecnológica; desenvolvimento de sistemas de armas; inovação operacional; adaptação organizacional; e competição internacional entre atores de grande porte. Explica, ainda, que teriam ocorrido dez RAM: duas do século XIV, durante a Guerra dos Cem Anos (1337-1453), sendo que uma levou ao domínio da infantaria sobre a cavalaria no campo de batalha e a outra fez com que a artilharia se impusesse sobre as defesas das cidades em forma de castelos ou fortalezas com altos muros; a terceira RAM veio com o aproveitamento da energia eólica para impulsionar navios e com a artilharia embarcada nestes, eliminando o domínio das galeras ou navios a remo, tendo ocorrido no século XV; a quarta germinou no século XVI, com o desenvolvimento de fortalezas em forma de bastiões, ou em forma de estrelas, do estilo *trace italienne*, muito mais resistentes ao fogo da nova artilharia; a quinta RAM teria surgido com o desenvolvimento do mosquete de pederneira, arma mais rápida de carregar e disparar e mais leve que o antigo arcabuz, tornando a infantaria igualmente mais leve e móvel; a sexta veio com a Revolução Francesa e a mobilização em massa de homens (*levée en masse*) e recursos nacionais para a guerra; a sétima, que é de nosso particular interesse, seria a "RAM da guerra terrestre", desencadeada pelo emprego de armas raiadas e de repetição, além do telégrafo, da ferrovia e da guerra de trincheiras; a oitava se concentra na transformação das marinhas de guerra que as levou da era dos cascos de madeira, velas e canhões de curto alcance, para a era dos cascos blindados, da energia a vapor e, logo depois, da combustão interna e da eletricidade, e da artilharia embarcada de longo alcance; a nona RAM se deu durante o período entre-guerras de 1918-1939, com a mecanização, a aviação e a comunicação via rádio; por fim, a décima surge com o desenvolvimento do armamento nuclear.⁵²⁹ Em todos os casos, embora diga que sejam necessários aqueles cinco elementos acima mencionados para desencadear uma RAM, ele se contradiz e aponta exclusivamente aqueles propriamente tecnológicos como propulsores destas transformações radicais. Por exemplo, quando explica a

⁵²⁸ HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos**: o breve século XX, 1914-1991. São Paulo: Cia das Letras, 1995, p. 31.

⁵²⁹ KREPINEVICH, Andrew. Cavalry to Computer: the pattern of military revolutions. In: **The National Interest**: Fall-1994, pp. 31-36.

sétima RAM toma como seu único estudo de caso a suposta vantagem conferida pelo mosquete raiado aos combatentes, alargando o espaço ocupado pelo campo de batalha, levando também a uma maior precisão do tiro e à adoção das trincheiras como meio de contrapor-se ao novo armamento, durante a Guerra Civil Americana. Uma percepção da mudança que é absolutamente tecnológica, não levando em consideração os quatro elementos que ele mesmo estabelece como condições *sine qua non* para a transformação da guerra. Suas apreciações sobre a Guerra Civil Americana são, para um estudioso que se apresenta como um especialista em temas militares e um interessado na história da prática da guerra ao longo do século XIX, impressionantemente superficiais e equivocadas. Sobre sua presumível RAM da guerra terrestre do século XIX, diz ele que

A introdução dos rifles de repetição em números significativos no final do conflito [Guerra Civil Americana] possibilitou ao soldado individual aumentar substancialmente o volume, o alcance e a precisão de seus fogos sobre aquilo que havia sido possível apenas uma ou duas gerações antes.⁵³⁰

Uma tal afirmação está absolutamente distante da realidade e da experiência de combate real dos veteranos da Guerra Civil Americana, retratadas nas fontes primárias de que nos servimos no presente trabalho e que Krepinevich parece ignorar ou ao menos desprezar. Ademais, sua observação sobre os rifles de repetição está equivocada em dois aspectos sensíveis: primeiro, eles não foram distribuídos "em números significativos" como ele afirma, já que eles ficaram restritos à cavalaria exclusivamente ou a umas poucas unidades de *sharpshooters* da União; segundo, essas armas tinham alcance muito inferior aos mosquetes raiados, estando mais próximos do alcance e potência dos mosquetes de alma-lisa do século XVIII.⁵³¹ Além disso, ele desconsiderou a realidade logística que o exército dos Estados Unidos encarava, pois ao ter que suprir mais de 200 tipos de munições de diversos calibres para as tropas, o chefe de material bélico da União, general James Ripley, desaconselhava a adoção das armas de repetição por conta de seu excessivo consumo de cartuchos, dada a alta velocidade da cadência de tiro e a excitação dos soldados que, no calor da batalha, não faziam tiros bem visados e gastavam rapidamente seus estoques pessoais de munição.⁵³²

A falha de Krepinevich, neste particular, está no fato de que se fundamentou nas observações de apenas um historiador para fazer suas afirmações acerca daquilo que chama de

⁵³⁰ Idem, *ibidem*, pp. 34-35.

⁵³¹ HESS, Early. Op. Cit. (2008), p. 58.

⁵³² BRUCE, Robert. **Lincoln and the tools of war**. Urbana and Chicago: University of Indiana Press, 1989, pp. 252-256. e BILBY, Joseph. Op. Cit. p. 65.

RAM da guerra terrestre. Este autor, Shelby Foot, em *"The Civil War: a narrative"*, por sua vez, chegou à suas conclusões se baseando nos trabalhos dos "modernistas" britânicos, sem maiores e mais detidas análises de fontes primárias. Krepinevich fez o mesmo quando retratou as outras nove RAM que cita em seu trabalho, fato que muito contribuiu para limitar seu campo de visão e o de todos os seus seguidores. O choque entre perspectivas de diferentes historiadores e diversas fontes primárias a respeito de cada guerra que ele apresenta em seu texto poderia ter ampliado enormemente o seu horizonte e sua pesquisa e diminuído a possibilidade de engano, talvez até mesmo leva-lo à conclusões diversas daquelas que o tornaram famoso. Não obstante, consideramos que o problema maior foi que este trabalho foi utilizado como matéria-prima para toda uma linhagem de estudos sobre o tema da RAM, sendo também pautados pela mesma deficiência do afastamento de um estudo histórico mais exaustivo que recorresse as fontes primárias e limitasse as possibilidades de interpretação e, neste sentido, acabam levando a conclusões superficiais e/ou erradas acerca dos exemplos de conflitos apresentados. Por exemplo, um artigo de Michael J. Mazarr, de 1993, antecipava que

A Revolução Técnico Militar tem, fundamentalmente, potencial para remodelar a natureza da guerra. Princípios básicos da estratégia, desde o tempo de Machiavelli [...] podem perder sua relevância em face às emergentes tecnologias e doutrinas.⁵³³

Um relatório produzido em 1997 pelo Painel de Defesa Nacional, do Congresso Federal dos Estados Unidos sustentava que

Está claro, porém, que no espaço de tempo de 2010-2020 nossas forças militares precisarão de capacidades muito diferentes daquelas que elas possuem atualmente. Estamos à beira de uma revolução militar estimulada pelos rápidos avanços em tecnologias de informação [...]. Isto implica um crescente potencial para detectar, identificar e rastrear inúmeros alvos, sobre uma área maior e por mais tempo do que jamais antes e provir esta informação muito mais rápida e eficientemente do que até então possível. Aqueles que conseguirem explorar estas vantagens [...] ganharão significativas vantagens [...].⁵³⁴

Tanto o artigo de Mazarr quanto as conclusões do relatório acima citado são inequivocamente favoráveis a ideia de que a superioridade tecnológica pode, por si, produzir resultados favoráveis numa guerra ao lado que a detiver. A crença na vitória alcançada pela vantagem tecnológica no campo de batalha teve um breve momento de glória com o rápido sucesso da coalizão liderada pelos Estados Unidos na Guerra do Golfo, em 1991, quando bombardeios com armas inteligentes (orientadas via satélite, teleguiadas ou guiadas por laser) esmagou as forças iraquianas de Saddam Hussein, até então tidas entre as mais experientes,

⁵³³ Apud MAHKEN, Thomas G. **Technology and the American Way of War since 1945**. New York: Columba University Press, 2008, p. 175.

⁵³⁴ National Defense Panel, **Transforming Defense: National Security in the 21st Century**. Washington: U. S. government Printing Office, 1997, p. III.

vencedoras e bem armadas no Oriente Médio (a força aérea iraquiana, por exemplo, foi praticamente destruída no chão e seu material remanescente sobreviveu ao ser retirado para a Síria e o Irã), fato que criou uma disseminada percepção, em vários governos e forças armadas do mundo, de que os americanos haviam obtido, num salto desde a Guerra do Vietnã, uma vantagem inigualável em matéria de poder militar, com algumas tecnologias militares (aeronaves invisíveis aos radares, vigilância aerotransportada, designadores de alvos via satélite, mísseis de longo alcance) e de informação (como o GPS) somente à disposição de seus militares.⁵³⁵ Uma perspectiva reforçada pelo triunfalismo capitalista com o fim da URSS e, portanto, com auto-atribuída vitória americana na Guerra Fria naquele mesmo ano.

Acreditamos que a derrota americana no Vietnã deveria ter alertado o Pentágono e a Casa Branca antes de ingressarem nesta era de fé tecnológica extrema. Elementos como o treinamento, a disciplina das forças armadas, a vontade popular de resistir, uma tática adaptada ao enfrentamento do adversário mais forte (o general Vo Nguyen Giap aconselhava seus subordinados a "agarrar o inimigo pela cintura para enfrentá-lo", o que negaria aos americanos o uso de seu imenso poder aéreo, sob o risco de matar seus próprios soldados no solo) mostraram-se tão ou, neste caso, mais determinantes para a vitória do lado mais fraco do que a tecnologia. Atualmente, a insurgência iraquiana nos grandes centros urbanos daquele país e a guerrilha sustentada pelo Talibã e a Al Qaeda nas montanhas do interior do Afeganistão têm negado qualquer vantagem que a tecnologia militar superior dos Estados Unidos ou da OTAN possa conferir. A tenacidade desses guerreiros provocam uma situação humilhante e de impotência para as forças ocidentais, dado que não são capazes de impor uma derrota séria a grupos mal armados e mal equipados, mesmo lutando a mais de dez anos em cada caso e consumindo bilhões de dólares em recursos econômicos.

O argumento que tentamos de sustentar neste trabalho, sustentado com os dados das fontes primárias, é o de que por mais cara e avançada que seja uma dada tecnologia militar (ou civil com potencial uso militar) e por mais decisiva que possa ser tomada, antes mesmo de ser empregada, por si só não pode produzir vitória para seus detentores. Não existe, como nunca existirá, uma tecnologia que intimide e arranque do lado mais fraco numa guerra sua vontade de lutar, isto deve ser procurado por outros caminhos. Nos anos 2000, a marinha britânica produziu peças publicitárias para o recrutamento de novos voluntários em forma de fotografias, retratando alguns dos mais modernos equipamentos e armamentos a bordo de seus

⁵³⁵ MAHKEN, Thomas G. Op. Cit. pp. 179-181.

navios, nas quais se lia: "*Assombrosamente poderosas. Mortalmente precisas. Mas, sem especialistas altamente treinados em armas, são tão letais quanto linguças suínas*".⁵³⁶

Assim, se os lados nas guerras que tivessem os maiores efetivos, as melhores armas, mais recursos financeiros, melhores e mais abundantes meios de transportes, sempre vencessem, talvez jamais houvesse guerra entre fortes e fracos, pois estes sempre se intimidariam antes mesmo que o primeiro tiro fosse dado e se submeteriam à vontade dos mais fortes. Neste caso, não teríamos como explicar a vitória dos rebeldes holandeses contra a poderosa monarquia Habsburgo em sua guerra de libertação entre os séculos XVI e XVII; a derrota inglesa para os americanos na Guerra de Independência dos Estados Unidos (1775-1781); a sequência de derrotas que as tribos afegãs impuseram ao império britânico entre os séculos XIX e XX nas três Guerras Anglo-Afegãs (em 1839-42, em 1878-80 e em 1919); as derrotas dos franceses na Indochina e na Argélia (1954 e 1962, respectivamente); dos americanos no Vietnã e dos soviéticos no Afeganistão, entre as décadas de 1960 e 1980. Em todos estes exemplos sempre um dos lados em luta dispunha de vantagem tão grande em recursos tecnológicos que suas derrotas ficam parecendo simplesmente frutos surreais de uma vasta incompetência de seus líderes militares e civis, raramente pensamos que a vitória dos mais fracos possa se dever aos seus méritos em utilizar melhor e mais adequadamente seus poucos meios de luta, criando mecanismos inteligentes para negar as vantagens que os fortes possuam de antemão ou até mesmo que eles possuíam uma tecnologia mais adequada (embora possa ser menos moderna ou sofisticada) à guerra que lhes tocou enfrentar.

A experiência dos "modernistas" britânicos nas trincheiras do *front* ocidental durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) deveria, da mesma forma, ter servido de alerta para que os historiadores da Guerra Civil Americana não "comprassem" passivamente a tese de que a suposta revolução do armamento raiado, ou RAM da guerra terrestre, como prefere Krepinevich, foi desencadeada por um fator tecnológico. O tenente-coronel Alfred H. Burne, sempre se utilizou de situações mais relacionadas à realidade dos campos de batalha da Europa de 1914-18 para explicar as batalhas da Guerra Civil, como neste caso em que comenta o desenlace da batalha de Cold Harbor, comparando o poder de fogo da metralhadora ao das armas empregadas na guerra americana e a abertura de uma brecha numa trincheira como uma chance para um avanço em profundidade (algo que não existia na Guerra Civil, porque as trincheiras aí eram linhas simples, sem as trincheiras de apoio, quilômetros à

⁵³⁶ BLACK, Jeremy. **War and Technology**. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 2013, p. 26.

retaguarda, presentes na Primeira Guerra Mundial, que conferiam enorme profundidade ao campo de batalha):

Os atacantes foram encarados por uma camada de chamas e foram destroçados, quase tão completamente como se tivessem sido pegos numa barragem [de fogo] de metralhadoras. O ataque foi repetido novamente, mas sempre com o mesmo resultado. Uma porção da trincheira foi alcançada aqui e ali, o que levou Grant a expedir uma ordem significativa para que [...] quando um ataque local fosse bem sucedido em penetrar na linha [esta fosse] "pressionada vigorosamente e, se necessário, amontoar tropas no ponto de sucesso, de onde quer que possam ser tiradas" Isto foi uma antecipação do que seria conhecido como "tática do ponto fraco".⁵³⁷

O major-general britânico J. F. C. Fuller, por sua vez, crê que as lições da Guerra Civil foram perdidas pela geração futura de oficiais europeus que lutaram na Primeira Guerra Mundial e não perceberam a grande transformação provocada pelo rifle e a projétil em formato cilíndrica:

A coisa extraordinária sobre este começo [da Guerra Civil] é que ele explodiu de uma pequena semente _ a bala do rifle_ que, como a mangueira indiana, durante os quatro anos de guerra cresceu numa tão assombrosa velocidade, que em sua conclusão a árvore resultante não podia ser vista pela floresta tática; conseqüentemente as lições desta guerra foram perdidas para o pensamento militar, e ainda estão longe de ser apreciadas. A velha escola tática nada aprendeu e a nova morreu com a guerra; de forma que as severas lições de Malvern Hill, Shiloh, Fredericksburg, Chancellorsville, Gettysburg e de Wilderness tiveram que ser aprendidas em cada guerra seguinte direto até a Guerra Mundial de 1914-1918, quando apareceram em sua mais tremenda forma; ainda assim os soldados hesitaram em aceitá-las.⁵³⁸

Os dois autores estavam analisando a Guerra Civil Americana a partir de suas experiências como combatentes da Primeira Guerra Mundial de uma maneira absolutamente enviesada pelo benefício da visão a posteriori, ou seja, para eles a falta de atenção dos europeus acerca das tecnologias militares empregadas na Guerra Civil tornou viável a carnificina da guerra de trincheiras da Grande Guerra de 1914. Essa sugestão não procede, pois não foram poucos, nem estavam isolados de seus pares, os militares de países europeus que se debruçaram sobre o estudo e a compreensão do ocorrido nos Estados Unidos, como o estudo de Jay Luvaas já demonstrou.⁵³⁹

⁵³⁷ BURNE, Alfred H. **Lee, Grant & Sherman**: a study in leadership in the 1864-65 Campaign. Lawrence: University Press of Kansas, 2000, p. 49.

⁵³⁸ FULLER, John F. Charles. **Grant and Lee**: a study in personality and generalship. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 1982, p. 43.

⁵³⁹ LUVAAS, Jay. **The Military Legacy of Civil War**: the european inheritance. Lawrence: University Press of Kansas, 1988.

É falsa sua tese de que o mosquete ou o canhão raiado teriam revolucionado a forma de se fazer a guerra na década de 1860, como podemos observar pelos amplos registros em diários, reminiscências e cartas de veteranos da guerra ou nos *Official Records*. As infantarias da Guerra de Secessão ainda lutavam em ordem-unida conduzindo ataques em massa com baionetas caladas, como já faziam as do século XVII, a artilharia empregou a metralha (uma munição dispersiva de curto alcance inventada no século XVII) em todas as batalhas e a cavalaria realizava missões (de reconhecimento do terreno, proteção aos comboios de carroças e artilharia, funções de mensageiros, entre outras) que lhe eram atribuídas desde a Antiguidade, pelo menos, e sem se desfazer das famosas cargas, como no caso de Brandy Station em junho de 1863. As trincheiras não surgiram como resposta ao fogo dos rifles, elas já estavam presentes desde a primeira batalha da guerra, em Manassas (julho de 1861) quando muitas unidades, nos dois lados, estavam armadas com mosquetes de almalisa (de curto alcance), e decorreram de fatores como a doutrina ensinada em West Point desde sua origem, supervalorizando a engenharia e as ferramentas de construção como pás, picaretas e machados como instrumentos essenciais a um exército em campo, dos manuais táticos distribuídos pelo exército aos seus oficiais, do medo, decorrente da experiência de campo, dos soldados em ser surpreendidos por um ataque repentino de um inimigo que se sabe próximo. As batalhas, dessa forma, foram combatidas de uma maneira que em nada se assemelha a algo "moderno", de uma era de industrialização. Ademais, se o longo alcance dos mosquetes raiados usados na Guerra Civil tivessem sido os responsáveis pelo surgimento do impasse da guerra de trincheiras, como querem os "modernistas" britânicos e os defensores das RAM, por que as trincheiras não estavam presentes nas Guerra Franco-Prussiana (1870-71), um conflito marcado pela fluidez de movimentos onde os franceses e os prussianos estavam armados, respectivamente, com os rifles Chassepot e Dreyse, ambos de retrocarga e com alcance maior que o dos Springfields e Enfields? Por que as guerras atuais, no Iraque, no Afeganistão e em várias partes do continente africano, disputadas com armas de maiores alcance e poder destrutivo, não se degeneraram no impasse das trincheiras de 1914? A resposta é óbvia, as trincheiras não se originaram da necessidade de proteger os soldados contra um suposto longo alcance.

Mesmo nos conflitos atuais (século XXI), por mais que os advogados da RAM tentem camuflar esta realidade, os combates se dão a distâncias muito curtas (lembremo-nos do conselho de Giap aos seus comandados!). Versões variadas e mais atualizadas do rifle M-16, arma padrão do exército dos Estados Unidos desde a Guerra do Vietnã, têm alcance de

611 jardas.⁵⁴⁰ Combates na Segunda Guerra Mundial e na Guerra da Coreia (1950-53), costumeiramente, se davam a menos de 100 jardas de distância.⁵⁴¹ Ademais, exércitos continuam equipando e exercitando seus soldados com baionetas e outras armas brancas.

Rupturas existiram, assim como também continuidades, mas mesmo elas foram fruto de mudanças cumulativas (tecnologias que foram gradualmente melhoradas com a adição de outras tecnologias mais velhas) que se arrastaram ao longo de séculos, não sendo repentinas. Estes são os casos do transporte ferroviário (trilhos e vagões já eram usados na mineração desde a Antiguidade), mas sem que a grande dependência em relação às carroças ou aos animais de carga fosse superada além dos pontos de término das ferrovias; da telegrafia elétrica e da navegação a vapor, que aceleraram os deslocamentos e comunicações numa velocidade nunca antes experimentada, mas sem que os simples mensageiros a cavalo ou sinais com bandeiras deixassem de ser usados, ou que a navegação se desprendesse demasiadamente da necessidade de grandes depósitos de carvão em suas rotas de operações ou se desfizesse de seus mastros com velas, em caso de falta de carvão, todavia eram tecnologias que já estavam amadurecidos desde, pelo menos, a Revolução de 1848 (Primavera dos Povos) e a Guerra da Crimeia.

Há, também, a questão das tecnologias falhas e descartadas, como o balão de observação, não mais usado depois de Chancellorsville (maio de 1863), quando o corpo de balonismo sob comando do aeronauta Thadeus S. Lowe foi dispensado pelo general Meade, dado que seu trem de carroças era muito lento (devido ao sobrepeso dos equipamentos) e retardava as marchas do Exército do Potomac, que não poderia simplesmente deixá-lo para trás sob a pena de ser capturado pelos confederados. Os balões falharam, assim, em alcançar seu aparente e prometedor potencial. Outro caso é o das minas terrestres, cujo uso despertou um acalorado debate ético que levaria ao seu banimento provisório ou um emprego tão marginal ou esporádico (como no caso do forte Fisher, na Georgia, em 1864) que não teria como ser decisivo.

Com este trabalho tentamos reexaminar o fator tecnológico na guerra à luz das teorias da “Revolução do Rifle”, da “Revolução Militar” e da “Revolução em Assuntos Militares”, todos conceitos criados em diferentes momentos do século XX. Concluimos que a tecnologia, ainda que desempenhe um importantíssimo papel no campo de batalha, não

⁵⁴⁰ PEGLER, Martin. **Out of Nowhere**: a history of the military sniper. Oxford: Osprey Publishing, 2004, p. 294.

⁵⁴¹ GRIFFITH, Paddy. *Battle Tactics of the Civil War*. New Haven & London: Yale University Press, 2001, p. 148.

produzirá sozinha a vitória, e que não é uma variável independente da evolução do planejamento e das doutrinas de emprego e o treinamento militar ou um elemento sem grandes limitações ao seu emprego. Tais limitações incluem o contraste entre o emprego das tecnologias em seus testes industriais, sob condições ideais de avaliação, onde podem exibir todo seu potencial e o efeito dos resultados finais alcançados quando empregadas em campo, em ação real, longe das "condições ideais". As condições de luta na Guerra Civil foram pautadas, também, pela presença de grandes exércitos de voluntários mal treinados, por um corpo de oficiais voluntários que precisava aprender tudo do zero e um outro corpo de oficiais profissionais pré-1861 pequeno e insuficiente para preparar adequadamente aqueles enormes efetivos. Assim, acreditamos dispor de ter mostrado ao longo este trabalho material suficiente para crer que nenhuma daquelas revoluções tenha realmente ocorrido. Em contrapartida, propomos um olhar voltado para a transformação da arte da guerra a partir das lentes da longa duração, da mudança não revolucionária ou repentina, mas pela perspectiva da lenta evolução. Esta perspectiva permitirá valorizar mudanças introduzidas gradualmente em ambientes militares caracterizados por paradigmas estabelecidos cuja evolução depende de transformações culturais que permitam "outro ponto de vista". O que nos remete, novamente, ao caso do rifle, uma tecnologia com origem no século XVI, paulatinamente melhorada e fundida a outras tecnologias, como a baioneta, a espoleta de fulminato de 1820 e o mosquete, arma de carregar pela boca, datada do final do século XVII, e que era fundamentalmente empregado a curta distância na Guerra Civil, como se fazia nas guerras do século XVIII, mas que só seria eficiente com o treinamento, doutrina de emprego adequada e a concepção estratégica capaz de aplica-la eficientemente.

Bibliografia.

Fontes Primárias.

AGASSIZ, George R. **Meade's Headquarters, 1863-1865**: letters of Colonel Theodore Lyman from the Wilderness to Appomatox. Boston: The Atlantic Monthly Press, 1922.

ALEXANDER, general Edward Porter. **Military Memoirs of a Confederate**: a critical narrative. New York: Da Capo Press, 1993.

BLAISDELL, Bob. **Civil War Letters**: from home, camp and battlefield. Mineola: Dover Publications, 2012.

BUELL, C. C. JOHNSON, Robert. U. **Battles and Leaders of the Civil War**. 4 vols. New York: Century Co., 1884-1888.

CHAMBERLAIN, Joshua Lawrence. **Bayonet! Forward**: my Civil War reminiscences. Gettysburg: Stan Clark Military Books, 1994. 5

COX, Jacob Dolson. **Military Reminiscences of the Civil War**. 2 Vols. New York: Charles Scribner's Sons, 1900.

_____. **Sherman's March to the Sea**. New York: Da Capo Press, 1994.

DANA, Charles A. **Recollections of the Civil War**. Lincoln: University of Nebraska Press, 1996.

DAWES, Rufus D. **Service with the Sixth Wisconsin Volunteers**. Marietta: E. R. Alderman & Sons, 1890.

DEALFIELD, major Richard. **Report on the Art of War in Europe in 1854, 1855, and 1856**. Washington: George W. Bowman, 1860.

DOWDEY, Clifford. **The Wartime Papers of Robert E. Lee**. New York: Da Capo Press, 1961.

DUNCAN, Russell. **Blue-Eyed Child of Fortune**: the Civil War letters of Colonel Robert Gould Shaw. Athens: University of Georgia Press, 1992.

FAVILL, Josiah M. **The Diary of Young Army Officer**. Chicago: R. R. Donnelley & Sons Company, 1909.

FREEMAN, Douglas Southall. **Lee's Dispatches: Unpublished Letters of General Robert E. Lee, C.S.A., to Jefferson Davis and the War Department of the Confederate States of America, 1862-1865.** Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1994.

FREEMANTLE, Lt. Col. Arthur J. L. **Three months in the Southern States: April-June 1863.** Lincoln and London: University of Nebraska Press, 1991.

GALLAGHER, Gary W. **Fighting for the Confederacy: the personal recollections of general Edward Porter Alexander.** Chapel Hill & London: The University of North Carolina Press, 1989.

GRANT, Ulysses Simpson. **Personal Memoirs.** New York: The Modern Library, 1999.

HALLECK, Henry Wagner. **Elements of Military Art and Science.** New York: D. Appleton & Co., 1846.

HAPSBURG, Archduke Charles von. **Principles of War.** Ann Arbor: Nimble Books, 2009.

HETH, Henry. **A System of Target Practice for the Use of Troops when Armed with the Musket, Rifle-Musket, Rifle, or Carbine.** Philadelphia: Henry Carey Baird, 1858.

HODASEVICH, K. **Within Sebastopol: a narrative of the campaign in Crimea and the events of siege.** Leonaur, 2008.

HUMPHREYS, Andrew A. **The Virginia Campaign, 1864 and 1865.** New York: Da Capo Press, 1995.

HURLBERT, Prince De Joinville, William Henry. **The Army of the Potomac: its organization, its commander, and its campaign.** New York: Anson D. F. Randolph, 1862.

JOHNSTON, Joseph Eggleston. **Narrative of Military Operations during the Civil War.** New York: Da Capo Press, 1959.

KOONCE, Donald B. **Doctor To The Front: Confederate Surgeon Thomas Fanning Wood.** University of Tennessee Press, 2000.

LaFANTASIE, Glenn. **Lt. Frank A. Haskell, U.S.A., and Col. William C. Oats, C.S.A., Gettysburg.** New York: Bantam Books, 1992.

LONG, Armistead L. **Memoirs of Robert E. Lee.** East Bridgewater: JG Press, 2012.

LONGSTREET, general James. **From Manassas to Appomattox.** New York: Da Capo Press, 1992.

MAHAN, Dennis Hart. **A Treatise on Field Fortification.** University of Michigan Library, S/D.

MORRISON, James. **Memoirs of Henry Heth.** Santa Barbara: Praeger, 1974.

NEVINS, Allan. **A Diary of Battle**: the personal journals of Colonel Charles S. Wainwright, 1861-1865. New York: Da Capo Press, 1998.

NICHOLS, George Ward. **The Story of the Great March**: from the diary of a staff officer. New York: Harper and Brothers Publishers, 1865.

Papers of the Military Historical Society of Massachusetts. **The Wilderness Campaign, May-June 1864**. Vol. IV, 1889.

PEARL, George Shuldham. **Narrative of a Campaign in the Crimea**: including an account of the battles of Alma, Balaclava, and Inkerman. London: Richard Bentley, 1855.

PLUM, William R. **The Military Telegraph During the Civil War**: with a exposition of Ancient and Modern means of communication, and of the Federal and Confederate cipher Systems. 2 vols. Chicago: Jansen, McClurg and Company, 1882.

PORTER, Horace. **Campaign with Grant**. New York: The Century Co., 1897.

ROLLINS, Richard. **Pickett's Charge**: eyewitness accounts at the Battle of Gettysburg. Mechanicsburg: Stackpole Books, 1994.

SAXE, Maurice de. **Reveries on the Art of War**. Mineola: Dover Publications, 2007.

SEARS, Stephen W. **The Civil War Papers of George B. McClellan**: selected correspondence, 1860-1865. New York: Ticknor and Fields, 1989.

SHERMAN, William Tecumseh. **Memoirs of General W. T. Sherman**. New York: The Library of America, 1990.

SIMPSON, Brooks D. BERLIN, Jean V. **Sherman's Civil War**: selected correspondence of William T. Sherman, 1860-1865. Chapel Hill and London: The University of North Carolina Press, 1999.

SORREL, G. Moxley. **At the Right Hand of Longstreet**: recollections of a confederate staff officer. Lincoln: University of Nebraska Press, 1999.

TAYLOR, Walter Herron. **Four Years with General Lee**. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1996.

TOWER, R. Lockwood. **Lee's Adjutant**: the wartime letters of colonel Walter Herron Taylor, 1862-1865. Columbia: University of South Carolina Press, 1995.

U. S. CONGRESS. **Report of the Committee Appointed to Examine the Organization, System of Discipline, and Course of Instruction of the United States Military Academy at West Point**. Washington: Government Printing Office, 1881.

U. S. WAR DEPARTMENT. **The War of the Rebellion**: a Compilation of the Official Records of the Union and Confederate Armies. 128 vols. Washington: Government Printing Office, 1880-1901.

WILCOX, Cadmus. **Rifles and Rifles Practice**: an elementary treatise upon the theory of rifle firing, explaining the causes of inaccuracy of fire, and the manner of correcting it. New York: D. Van Nostrand, 1859.

WILKESON, Frank. **Turned Inside Out**: recollections of a private soldier in the Army of the Potomac. Lincoln and London: University of Nebraska Press, 1997.

Fontes secundárias.

BARRETO, Raylane A. D. Navarro. **Fundamentos Antropológicos e Sociológicos**. Aracaju: UNIT, 2012.

BAUER, Karl J. **Mexican War, 1846-1848**. Lincoln: University of Nebraska Press, 1992.

BAUMGART, Winfried. **The Crimean War, 1853-56**. New York: Oxford University Press, 1999.

BILBY, Joseph G. **A Revolution in Arms**: a history of first repeating rifles. Yardley: Westholme, 2006.

BLACK, Jeremy. **War and Technology**. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 2013.

BLACK III, Robert C. **The Railroads of the Confederacy**. Chapel Hill and London: The University of North Carolina Press, 1998.

BONEKEMPER III, Edward H. **Ulysses S. Grant: A Victor, Not a Butcher: The Military Genius of the Man Who Won the Civil War**. Washington: Regnery Publishing, 2004.

BORITT, Gabor. **Why the Confederacy Lost**. Oxford: Oxford University Press, 1992.

BRUCE, Robert V. **Lincoln and the Tools of War**. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 1989.

BURNE, Alfred H. **Lee, Grant and Sherman**: a study in leadership in the 1864-65 campaign. Lawrence: University Press of Kansas, 2000.

BURY, J. P. T. **The New Cambridge Modern History**. Vol. X. London. Cambridge University Press, 1964.

CLAUSEWITZ, Carl Von. **Da Guerra**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

CREVELD, Martin van. **Ascensão e Declínio do Estado**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CULPEPPER, Steven D. **Balloons of the Civil War**. Thesis presented to the Faculty of the U.S. Army Command and General Staff College in partial fulfillment of the requirements for the degree master of military art and science. Fort Leavenworth: 1994.

DOUGHERTY, Kevin. **The Peninsula Campaign of 1862: a military analysis.** Jackson: University Press of Mississippi, 2005.

DOUGHTY, Robert A. **The American Civil War: the emergence of total warfare.** Lexington: DC Healthy and Company, 1996.

EATON, Clement. **A History of Southern Confederacy.** New York: The Free Press, 1965.

EDGERTON, Robert B. **Death or Glory: the legacy of the Crimean War.** Boulder: Western Press, 1999.

EICHER, David. **The Longest Night: a military history of the Civil War.** New York: Simon & Schuster, 2001.

FELIX JUNIOR, Osvaldo Silva. O Envio de Negros da Bahia para a Guerra do Paraguai. Uberlândia (45): **História e Perspectivas**, jul./dez. 2011.

FORSTER, Stig. NAGLER, Jorg. **On the Road to Total War: the American Civil War and the German Wars of Unification, 1861-71.** Cambridge University Press, 2002.

FULLER, John F. Charles. **Grant and Lee: a study in personality and generalship.** Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 1982.

_____. **A Conduta da Guerra.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2002.

GALLAGHER, Gary W. **The Antietam Campaign.** Chapel Hill and London: The University of North Carolina Press, 1999.

_____. **The Spotsylvania Campaign.** Chapel Hill and London: The University of North Carolina Press, 1998.

GLATTAHAAR, Joseph T. **Partners in Command: the relationships between leaders in the Civil War.** New York: Free Press, 1994.

_____. **The March to the Sea and Beyond: Sherman's troops in the Savannah and Carolinas Campaigns.** Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1995.

_____. **General Lee's Army: from victory to collapse.** New York: Free Press, 2008.

GIAP, Vo Nguyen. **Manual de Estratégia Subversiva.** Lisboa: Sílabo, 2005.

GRIFFITH, Paddy. **Battle Tactics of the Civil War.** New Haven and London: Yale University Press, 2001.

GRIMSLEY, Mark. **And Keep Moving On: The Virginia Campaign, May-June 1864.** Lincoln and London: University of Nebraska Press, 2002.

_____. **The Hard Hand of War: Union military policy toward southern civilians, 1861-1865.** Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

HAGERMAN, Edward. **The American Civil War and the Origins of Modern Warfare: ideas, organization, and field command.** Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 1992.

HAMMES, Thomas Xavier. **The Sling and the Stone: on war in the 21th century.** St. Paul: Motorbooks, 2006.

HART, Basil H. Liddell. **Sherman: soldier, realist, American.** New York: Da Capo Press, 1983.

HATTAWAY, Herman. **Reflections of a Civil War Historian: essays on leadership, society, and the art of war.** Columbia: University of Missouri Press, 2004.

HATTAWAY, Herman. JONES, Archer. **How the North Won: a military history of the Civil War.** Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 1991.

HAUGHTON, Andrew. **Training, Tactics and Leadership in the Confederate Army of Tennessee,** New York: Routledge, 2007.

HAYDON, F. Stansbury. **Military Ballooning during the Early Civil War.** Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 2000.

HELLER, Charles. STOFFT, William. **America's First Battles, 1776-1965.** Lawrence: University Press of Kansas, 1986.

HESS, Early J. **Pickett's Charge: the last attack at Gettysburg.** Chapel Hill and London: University of North Carolina Press, 2001.

_____. **Field Armies and Fortifications in the Civil War: the eastern campaigns, 1861-1864.** Chapel Hill and London: The University of North Carolina Press, 2005.

_____. **Trench Warfare under Grant and Lee: field fortifications in the Overland Campaign.** Chapel Hill and London: The University of North Carolina Press, 2007.

_____. **The Rifle Musket in Civil War Combat: reality and myth.** Lawrence: The University Press of Kansas, 2008.

_____. **In the Trenches of Petersburg: field fortifications and confederate defeat.** Chapel Hill and London: The University of North Carolina Press, 2009.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991.** São Paulo: Cia das Letras, 1995.4

HSIEH, Wayne Wei-Siang. **West Pointers and the Civil War: the old army in war and peace.** Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2009.

HORN, John. **The Petersburg Campaign: June 1864 - april 1865.** New York: Da Capo Press, 1993.

HUNTINGTON, Samuel P. **O Soldado e o Estado**: teoria política das relações entre civil e militares. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1996.

JOMINI, Antoine-Henri. **Compêndio da Arte da Guerra**. Lisboa: Edições Silabo, 2009.

JONES, Archer. **Civil War Command and Strategy**: the process of Victory and Defeat. New York: The Free Press, 1992.

JONES, Howard. **Abraham Lincoln and the New Birth of Freedom**: the Union and slavery in the Diplomacy of the Civil War. Lincoln and London: University of Nebraska Press, 1999.

KEEGAN, John. **A Máscara do Comando**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999.

_____. **Inteligência na Guerra**: conhecimento do inimigo, de Napoleão à Al-Qaeda. São Paulo: Cia. Das Letras, 2006.

KNOX, MacGregor. MURRAY, Williamson. **The Dynamics of Military Revolution, 1300-2050**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

KREPINEVICH, Andrew. Cavalry to Computer: the pattern of military revolutions. In: **The National Interest**: Fall-1994.

LONGACRE, Edward G. **The Early Morning of War**: Bull Run, 1861. Norman: University of Oklahoma Press, 2014.

LUVAAS, Jay. **The Military Legacy of the Civil War**: the European Inheritance. Lawrence: University Press of Kansas, 1988.

MAHKEN, Thomas G. **Technology and the American Way of War Since 1945**. New York: Columbia University Press, 2008.

MARSZALEK, John F. **Commander of all Lincoln's Armies**: a life of general Henry W. Halleck. Cambridge: The Belknap Press, 2004.

MARTIN, Eloy. **Los Ojos del Águila Blanca**: Robert Adolfo Chodasiewicz. Amazon, 2010.

McMURRY, Richard M. **Atlanta 1864**: last chance for the Confederacy. Lincoln and London: University of Nebraska Press, 2000.

McPHERSON, James M.. **Battle Cry of Freedom**: the American Civil War. London: Penguin Books, 1990.

_____. COOPER Jr., William J. **Writing the Civil War** : The Quest to Understand. Columbia: University of South Carolina Press, 1998.

McWHINEY, Grady. JAMIESON, Perry D. **Attack and Die**: Civil War military tactics and southern heritage. Tuscaloosa: The University of Alabama Press, 1982.

McWHINEY, Grady. **Battle in the Wilderness**: Grant Meets Lee. Abilene: McWhiney Foundation Press, 1998.

MOTEN, Matthew. **The Delafield Commission and the American Military Profession**. Texas A&M University, 2000.

National Defense Panel, **Transforming Defense: National Security in the 21st Century**. Washington: U. S. government Printing Office, 1997.

NOSWORTHY, Brent. **The bloody crucible of courage: fighting methods and combat experience of the Civil War**. Carroll & Graf Publishers, New York, 2003.

PARET, Peter. **Construtores da Estratégia Moderna**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.

PARKER, Geoffrey. **La Revolución Militar: innovación military y apogee de Occidente, 1500-1800**. Madrid: Alianza Editorial, 2002.

PEGLER, Martin. **Out of Nowhere: a history of the military sniper**. Oxford: Osprey Publishing, 2004.

PERRY, Milton F. **Infernal Machines: the story of confederate submarine and mine warfare**. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1993.

PULLEN, John J. **The Twentieth Maine**. Mechanicsburg: Stackpole Books, 2008.

RAMSDELL, Charles. General Robert E. Lee Horse Supply, 1862-1865. In: **The American Historical Review**, Vol. 35 (Jul. 1930).

REARDON, Carol. **With a Sword in one hand and Jomini in other**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2012.

REID, Brian Holden. **The American Civil War and the Wars of the Industrial Revolution**. London: Cassell, 1999.

ROGERS, Clifford J. **The Military Revolution Debate: readings on the Military Transformation of Early Modern Europe**. Boulder: Westview Press, 1995.

ROLLINS, Richard. **Pickett's Charge: eyewitness accounts at the battle of Gettysburg**. Mechanicsburg: Stackpole Books, 2005.

ROSS, Steven T. **From Flintlock to Rifle: infantry tactics, 1740-1866**. London: Frank Cass, 2006.

SAUNDERS, Anthony. **Trench Warfare, 1850-1950**. Barnsley: Pen & Sword Military, 2010.

SCHULTEN, Susan. Sherman's Maps. **The New York Times**. November 20, 2014. Disponível em: http://opinionator.blogs.nytimes.com/2014/11/20/shermans-maps/?_r=0.

SEARS, Stephen W. **George B. McClellan: the young Napoleon**. New York: Da Capo Press, 1999.

_____. **Chancellorsville**. Boston: Mariner Books, 1996.

SKELTON, William B. **An American Profession of Arms: the army officer corps, 1784-1861**. Lawrence: University Press of Kansas, 1992.

SMITH, Adam. **Inquérito sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

STOKER, Donald. **The Grand Design: strategy and the U. S. Civil War**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

SUTHERLAND, Daniel E. **The Emergence of Total War**. Abilene: McWhiney Foundation Press, 1998.

TUCKER, Spencer C. **Handbook of 19th Century Naval Warfare**. Annapolis: Naval Institute Press, 2000.

TURNER, Edgar. **Victory Road Rails: the strategic place of the railroads in the Civil War**. Lincoln: University of Nebraska Press, 1992.

WARNER, Philip. **The Crimean War: a reappraisal**. Hertfordshire: Wordsworth Editions, 2001.

WEBER, Thomas. **The Northern Railroads in the Civil War, 1861-1865**. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1999.

WEIGLEY, Russell F. **Novas Dimensões da História Militar**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, vol. 2, 1982.

_____. **The American Way of War: a history of United States military strategy and policy**. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 1960.